



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E CULTURAS MIDIÁTICAS**

**ROSTAND DE ALBUQUERQUE MELO**

**TELEJORNALISMO E COTIDIANO:  
A CONSTRUÇÃO DE ENQUADRAMENTOS SOBRE A  
VIDA URBANA NO JPB 1ª EDIÇÃO.**

**JOÃO PESSOA, PB.  
2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ROSTAND DE ALBUQUERQUE MELO

**TELEJORNALISMO E COTIDIANO:  
A CONSTRUÇÃO DE ENQUADRAMENTOS SOBRE  
A VIDA URBANA DO JPB 1ª EDIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Mídia e Cotidiano.

Orientador:

Prof. Dr. Derval Gomes Golzio

JOÃO PESSOA, PB.  
2010

M528t Melo, Rostand de Albuquerque.  
Telejornalismo e Cotidiano: a construção de enquadramentos sobre a vida urbana  
no JPB 1ª edição/ Rostand de Albuquerque Melo. - - João Pessoa: [s.n], 2010.  
273f.:il

Orientador: Derval Gomes Golzio.  
Dissertação (Mestrado) – UFPB /CCHLA.

1.Telejornalismo. 2.Mídia e Cotidiano. 3.Produção de Notícias.

UFPB/BC

CDU: 070:654.197 (043)

ROSTAND DE ALBUQUERQUE MELO

**TELEJORNALISMO E COTIDIANO:  
A CONSTRUÇÃO DE ENQUADRAMENTOS SOBRE  
A VIDA URBANA NO JPB 1ª EDIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovação em: 16 de Abril de 2010.  
Conceito: Aprovado com distinção.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Derval Gomes Golzio (Orientador)  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof. Dr. Wellington José de Oliveira Pereira (Examinador)  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof. Dra. Josimey Costa da Silva (Examinadora Externa)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus pais, Rostand e Neves, pela confiança, carinho e incentivo. Sou grato não apenas por terem proporcionado as oportunidades necessárias a minha formação, mas principalmente por terem me preparado para a vida. A todos meus familiares pela mais sincera torcida.

A Tatiana Pinheiro, namorada e amiga, pelo carinho e paciência. Obrigado pelo estímulo constante e a salutar cobrança. Sei que não foi tarefa fácil acalantar tantas dúvidas e inquietações, como também compreender os momentos de ausência.

Ao meu tio Rosivan e sua esposa Margareth pela acolhida sem a qual não seria possível a permanência no mestrado e a conclusão desta pesquisa. Sentir-se “em casa” foi fundamental.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, em especial ao meu orientador Derval Gomes Golzio e aos professores Wellington Pereira e Marcos Nicolau. Aos funcionários do PPGC, Lenir Lima e João Pedro.

Aos amigos da turma pioneira do PPGC/UFPB, que faço questão de citar a todos. Às companheiras da linha de pesquisa “Mídia e Cotidiano”: Ana Regina Teixeira, Joelma Oliveira, Lucy Regina Costa e Patrícia Monteiro. Aos co-irmãos da linha “Culturas Midiáticas Audiovisuais”: Ana Priscila Clemente, Cândida Nobre, Igor Ramady, Lívია Cirne e Lucas Milhomens.

A todos os amigos que em algum momento contribuíram com “reflexões informais” sobre este trabalho: Glaydson Pereira, Washington Farias, Catarina Buriti, Márcia Pinheiro, Fabiana Fernandes, Moysés Barbosa e ao casal Fernando Firmino e Adriana Alves.

Aos professores da graduação em jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, em especial a Iolanda Barbosa e Luiz Custódio pelo fomento à pesquisa na iniciação científica e a Rômulo Azevedo por despertar o interesse pelo jornalismo de televisão.

A todos os jornalistas da TV Cabo Branco e TV Paraíba que colaboraram com esta pesquisa, aqui representados pela Editora Regional Ana Viana.

Ao projeto *Globo Universidade* pelo apoio institucional à realização da pesquisa, garantindo o acesso aos dados solicitados e intermediando os contatos entre o pesquisador e as emissoras onde a pesquisa foi realizada.

Ao CNPq pelo financiamento da pesquisa.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono. Meu papel no mundo não é só o de quem *constata* o que ocorre, mas também o de quem *intervém* como sujeito das ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito.

Paulo Freire, educador pernambucano.

## RESUMO

Considerando o jornalismo enquanto um modo de conhecimento específico com uma lógica própria de percepção do cotidiano, esta dissertação busca compreender as relações entre o conhecimento do senso comum e as formas de apreensão da realidade social adotadas no processo de produção de notícias. Para tanto, adota-se a perspectiva teórica da fenomenologia de Alfred Schutz aplicada à observação do comportamento dos jornalistas no ambiente de trabalho: a redação. O objetivo é descrever e compreender os mecanismos de funcionamento do sistema de relevâncias intrínseco ao campo jornalístico. Para compreender a constituição do que podemos chamar de um “senso comum” da redação e a construção de visões “apriorísticas” sobre o cotidiano da cidade, optou-se por uma abordagem etno-construcionista, fundamentada na noção de construção social da realidade. Direcionando o foco de análise ao telejornalismo local, propõe-se como escolha metodológica a aplicação da *Etnometodologia*. O propósito é compreender como os jornalistas de TV vêem (percebem) a vida urbana e de que maneira esse enquadramento peculiar é re-construído em uma narrativa marcada pelas técnicas e procedimentos de apuração jornalística e da linguagem audiovisual. Delimitou-se como objeto de estudo as rotinas de produção do telejornal *JPB 1ª Edição*, exibido diariamente pela TV Cabo Branco e TV Paraíba, emissoras afiliadas à Rede Globo no Estado da Paraíba. Foi realizada uma pesquisa de campo sistematizada em dois estágios: a observação participante e a aplicação de entrevistas semi-estruturadas com os jornalistas responsáveis pela produção e edição do telejornal analisado. As informações e inferências obtidas foram divididas em duas perspectivas distintas. Primeiro serão analisadas as “regularidades” das rotinas produtivas e modo de organização de trabalho na redação, bem como a estrutura hierárquica e organizacional no qual a produção do telejornal está inserida. Num segundo momento, serão apresentadas narrativas analíticas sobre episódios e circunstâncias observadas durante a pesquisa de campo. São situações particulares que revelam o complexo encadeamento de relações que se estabelece no processo de produção de notícias, bem como os aspectos subjetivos e simbólicos que permeiam as escolhas editoriais.

**Palavras-chave:** Telejornalismo. Mídia e Cotidiano. Produção de Notícias. Etnometodologia. Construção Social da Realidade.



## ABSTRACT

Considering the journalism while a way of specific knowledge with an own logic of perception about the everyday life, this dissertation purpose is understand the relationships between the common sense knowledge and the apprehension forms of the social reality adopted in the news production process. For so much, the theoretical perspective of Alfred Schutz's phenomenology is adopted to observe the journalists' behavior in the work place. The objective is to describe and to understand the operation mechanisms of the intrinsic relevance's system to the journalistic field. To understand the constitution of what we can call a journalistic "common sense" and the construction of established visions about the everyday life on the city, is opted for an *etno-construcionist* approach, based in the notion of social construction of the reality. Addressing the analysis focus to the TV local journalism, the methodological choice is the application of the *Etnomethodology*. The purpose is to understand as the journalists of TV see (perceive) the urban life and that it sorts out that peculiar framing is reverse-built in a narrative marked by the techniques and procedures of journalistic counting and of the audiovisual language. It was delimited as studies object the routines of production of the television news *JPB 1st Edition*, exhibited daily by Cabo Branco TV and Paraíba TV, affiliated stations to the Globo Broadcasting Network in the State of Paraíba. A field research was accomplished systematized in two apprenticeships: the participant observation and the application of interviews semi-structured with the responsible journalists by the production and edition of the analyzed television news. The information and obtained inferences were divided in two different perspectives. First the "regularities" of the productive routines and way of work organization will be analyzed, as well as the hierarchical and organizational structure in which the production of the television news is inserted. In a second moment, analytical narratives will be presented on episodes and circumstances observed during the field research. They are peculiar situations that reveal the compound linkage of relationships that settles down in the news production process and how the editorial choices are permeate from subjective and symbolic aspects.

**Keywords:** TV Journalism. Media and Everyday Life. Newsmaking. Etnomethodology. Social Construction of Reality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Apresentadores do <i>JPB 1ª Edição</i> . . . . .	77
Figura 02 – Exemplos de Entradas “Ao Vivo” no telejornal analisado. . . . .	79
Figura 03 – Redação da TV Paraíba e apresentadora do JPB-1 em Campina Grande. . . . .	80
Figura 04 – Imagens do Quadro “Emprego à vista”. . . . .	85
Figura 05 – Imagens do Quadro “Saúde”. . . . .	87
Figura 06 – Reestréia do Quadro “Fala Aí!” em João Pessoa, 18 de março de 2009 . . . . .	89
Figura 07 – Reestréia do Quadro “Fala Aí!” em Campina Grande, 01 de abril de 2009. . . . .	90
Figura 08 – Imagens do Quadro “Eu Quero Justiça!”. . . . .	91
Figura 09 – Imagens do Quadro “Desaparecidos”. . . . .	94
Figura 10 – Imagens do Quadro “Direito do Cidadão”. . . . .	95
Figura 11 – Imagens do Quadro “É da Família”. . . . .	96
Figura 12 – Imagens do Quadro “Charge na TV” . . . . .	97
Figura 13 – Imagens do Quadro “Culinária”. . . . .	98
Figura 14 – Imagens do Quadro “Moda e Design”. . . . .	98
Figura 15 – Imagens do Quadro “Som da Paraíba”. . . . .	99
Figura 16 – Espelho do JPB-1 antes da paginação (26/03/2009). . . . .	116
Figura 17 – Espelho do JPB-1 (CG) no início da paginação (26/03/2009) . . . . .	116
Figura 18 – Espelho do JPB-1, definição do primeiro bloco (23/03/2009). . . . .	117
Figura 19 – Gravação de chamadas para o <i>JPB-1</i> na redação da TV Paraíba . . . . .	123

Figura 20 – Detalhe do software usado para a elaboração do telejornal. . . . .	125
Figura 21 – Switcher das TV's Cabo Branco e Paraíba. . . . .	126
Figura 22 – Organograma Hierárquico do Jornalismo das TV's Cabo Branco e Paraíba. . .	134
Figura 23 – Detalhe espaço comunicação interna em mensagens instantâneas pelo sistema informatizado da redação. . . . .	143
Figura 24 – Audiência do <i>JPB-1</i> no Período de 11 a 17 de setembro de 2009. . . . .	175
Figura 25 – Imagens da reportagem de reestréia do Quadro Fala Aí em Campina Grande. . . . .	192
Figura 26 – Cenas das entrevistas da reportagem de reestréia do Fala Aí em Campina Grande. . . . .	195
Figura 27 – Audiência das TV's Cabo Branco e Paraíba - Jornal da Paraíba (01/11/2009). . . . .	237
Figura 28 – Mapa de Cobertura - TV Cabo Branco e TV Paraíba . . . . .	239
Figura 29 – Quadro Societário da TV Cabo Branco. . . . .	248
Figura 30 – Quadro Societário da TV Paraíba. . . . .	248

## LISTA DE IMAGENS

### REPRODUÇÃO DOS ESPELHOS DOS TELEJORNALIS ANALISADOS

Espelho 01: <i>JPB 1ª Edição</i> de 09/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	250
Espelho 02: <i>JPB 1ª Edição</i> de 09/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	250
Espelho 03: <i>JPB 1ª Edição</i> de 10/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	251
Espelho 04: <i>JPB 1ª Edição</i> de 10/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	251
Espelho 05: <i>JPB 1ª Edição</i> de 11/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	252
Espelho 06: <i>JPB 1ª Edição</i> de 11/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	252
Espelho 07: <i>JPB 1ª Edição</i> de 12/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	253
Espelho 08: <i>JPB 1ª Edição</i> de 12/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	253
Espelho 09: <i>JPB 1ª Edição</i> de 13/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	254
Espelho 10: <i>JPB 1ª Edição</i> de 13/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	254
Espelho 11: <i>JPB 1ª Edição</i> de 14/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	255
Espelho 12: <i>JPB 1ª Edição</i> de 14/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	255
Espelho 13: <i>JPB 1ª Edição</i> de 16/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	256
Espelho 14: <i>JPB 1ª Edição</i> de 16/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	256
Espelho 15: <i>JPB 1ª Edição</i> de 17/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	257
Espelho 16: <i>JPB 1ª Edição</i> de 17/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	257

Espelho 17: <i>JPB 1ª Edição</i> de 18/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	258
Espelho 18: <i>JPB 1ª Edição</i> de 18/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	258
Espelho 19: <i>JPB 1ª Edição</i> de 19/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	259
Espelho 20: <i>JPB 1ª Edição</i> de 19/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	259
Espelho 21: <i>JPB 1ª Edição</i> de 20/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	260
Espelho 22: <i>JPB 1ª Edição</i> de 20/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	260
Espelho 23: <i>JPB 1ª Edição</i> de 21/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	261
Espelho 24: <i>JPB 1ª Edição</i> de 21/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	261
Espelho 25: <i>JPB 1ª Edição</i> de 23/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	262
Espelho 26: <i>JPB 1ª Edição</i> de 23/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	262
Espelho 27: <i>JPB 1ª Edição</i> de 24/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	263
Espelho 28: <i>JPB 1ª Edição</i> de 24/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	263
Espelho 29: <i>JPB 1ª Edição</i> de 25/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	264
Espelho 30: <i>JPB 1ª Edição</i> de 25/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	264
Espelho 31: <i>JPB 1ª Edição</i> de 26/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	265
Espelho 32: <i>JPB 1ª Edição</i> de 26/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	265
Espelho 33: <i>JPB 1ª Edição</i> de 27/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	266
Espelho 34: <i>JPB 1ª Edição</i> de 27/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	266
Espelho 35: <i>JPB 1ª Edição</i> de 28/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	267
Espelho 36: <i>JPB 1ª Edição</i> de 28/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	267
Espelho 37: <i>JPB 1ª Edição</i> de 30/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	268
Espelho 38: <i>JPB 1ª Edição</i> de 30/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	268

Espelho 39: <i>JPB 1ª Edição</i> de 31/03/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	269
Espelho 40: <i>JPB 1ª Edição</i> de 31/03/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	269
Espelho 41: <i>JPB 1ª Edição</i> de 01/04/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	270
Espelho 42: <i>JPB 1ª Edição</i> de 01/04/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	270
Espelho 43: <i>JPB 1ª Edição</i> de 02/04/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	271
Espelho 44: <i>JPB 1ª Edição</i> de 02/04/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	271
Espelho 45: <i>JPB 1ª Edição</i> de 03/04/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	272
Espelho 46: <i>JPB 1ª Edição</i> de 03/04/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	272
Espelho 47: <i>JPB 1ª Edição</i> de 04/04/2009 (TV Cabo Branco - João Pessoa). . . . .	273
Espelho 48: <i>JPB 1ª Edição</i> de 04/04/2009 (TV Paraíba - Campina Grande). . . . .	273

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Área de Cobertura da TV Cabo Branco. ....	241
Tabela 02 – Área de Cobertura da TV Paraíba. ....	243
Tabela 03 – Área de Cobertura da TV Paraíba. ....	244
Tabela 04 – Lista de retransmissoras do sinal da Rede Globo na Paraíba. ....	246

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>1 – PERCURSO METODOLÓGICO DE OBSERVAÇÃO, ANÁLISE E ESCRITA</b> .....	<b>22</b>
1.1 – Trabalho de Campo e Etnometodologia: Entrevistas e Observação Participante. ....	23
1.2 – Metodologia de Escrita. ....	28
<b>2. O JORNALISMO E A REALIDADE SOCIAL</b> .....	<b>30</b>
2.1 – Uma Abordagem <i>Etno-construcionista</i> do Telejornalismo ....	35
2.2 – O Campo Jornalístico sob a ótica do <i>Newsmaking</i> . ....	37
2.3 – Noticiabilidade: As Operações de Definição das Notícias. ....	39
<b>3 – COTIDIANO: CONJUNÇÃO E COMUNICAÇÃO</b> .....	<b>42</b>
3.1 – Olhares sobre o Cotidiano: Sensibilidade enquanto Método ....	45
3.2 – Em busca de “Noções” acerca do Cotidiano ....	47
3.3 – O Espaço e o Tempo do Cotidiano ....	50
3.4 – A Comunicação no Cotidiano: Significando O Mundo da Vida. ....	54
3.5 – A Mídia e o Conhecimento do Cotidiano ....	55
3.6 – Senso Comum e Jornalismo: Diálogos e Aproximações ....	58
3.7 – A Intersubjetividade na Construção do Real. ....	63
3.8 – A Tipificação do Inesperado: A Atitude Natural na Produção de Notícias. ....	65
3.9 – Os Paradigmas do Cotidiano em uma Reflexão sobre o Telejornalismo. ....	67
<b>4 – O JPB E O JORNALISMO DAS AFILIADAS GLOBO NA PARAÍBA</b> .....	<b>74</b>
4.1 – Formato e Características do <i>JPB 1ª Edição</i> . ....	81
4.2 – Seções Fixas do <i>JPB 1ª Edição</i> : Recortes e Abordagens. ....	82
4.2.1 – Quadro Emprego à Vista ....	84
4.2.2 – Coluna Saúde. ....	87
4.2.3 – Quadro Fala Aí! ....	88
4.2.4 – Quadro Eu Quero Justiça! ....	91
4.2.5 – Quadro Desaparecidos. ....	93
4.2.6 – Coluna Direito do Cidadão. ....	95
4.2.7 – Quadro É da Família. ....	96



4.2.8 – Coluna Papo de Mãe. . . . .	97
4.2.9 – Coluna Charge na TV. . . . .	97
4.2.10 – Quadro de Culinária. . . . .	98
4.2.11 – Quadro Moda e Design. . . . .	98
4.2.12 – Quadro Som da Paraíba. . . . .	99
<b>5 – A CONSTRUÇÃO DO JPB 1ª EDIÇÃO: PROCESSO E SUJEITOS DA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS. . . . .</b>	<b>100</b>
5.1 – As etapas do Processo de Produção: perspectiva teórica. . . . .	102
5.1.1 – A coleta de Informações e a Rede de Notícias. . . . .	103
5.1.2 – A Seleção e o Tratamento de informações noticiáveis. . . . .	107
5.1.3 – A Apresentação das Notícias. . . . .	108
5.2 – O Processo de Produção do JPB 1ª Edição. . . . .	109
5.3 – Os Construtores da Notícia: A Equipe do <i>JPB 1ª Edição</i> . . . . .	128
5.4 – A Hierarquia da Redação: aspectos organizacionais da Produção de Notícias. . . . .	131
5.5 – Lugares e Funções na Linha de Produção: “Cada um no seu Quadrado”. . . . .	140
5.6 – “Cadeira Elétrica”: A Coordenação de Produção no Centro das Tensões. . . . .	143
<b>6 – NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO: INTERAÇÕES E ENQUADRAMENTOS . . . . .</b>	<b>148</b>
6.1 – Uma (in)definição elementar: O que é Notícia . . . . .	149
6.2 – A Ênfase na Ruptura. . . . .	168
6.3 – O Telejornalismo e o Discurso dos Especialistas. . . . .	177
6.4 – Fontes “Amigas”: onde a captação de notícias não envolve o cotidiano. . . . .	182
6.5 – Alternativas possíveis: a adoção de uma postura dialógica. . . . .	187
6.6 – Protesto Urbanos: A Interferência do “Olhar” da Câmera ou Lógica de <i>Timisoara</i> . . . . .	198
6.7 – Os Filtros Organizacionais: a definição de abordagens em casos polêmicos. . . . .	209
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . .</b>	<b>221</b>
<b>REFERÊNCIAS. . . . .</b>	<b>230</b>
<b>ANEXOS. . . . .</b>	<b>236</b>

## INTRODUÇÃO

O telejornalismo configura-se como um estilo de linguagem midiática de fácil e ampla inserção nos espaços da vida cotidiana. O uso da linguagem coloquial, o apelo emocional das imagens e o modo de organização da grade de programação são estratégias de aproximação com o senso comum, aqui entendido enquanto modo de conhecimento fluído e assistemático que organiza a trama de relações da vida em sociedade. Saberes e expressões do senso comum circulam nos conteúdos jornalísticos, sendo ressignificados em um processo institucionalizado de produção de sentidos. Assim sendo, torna-se pertinente discutir o modo como se estrutura o processo de produção de notícias na construção de um tipo de conhecimento específico do campo jornalístico.

No processo de interpretação da realidade social, o jornalismo se caracteriza como uma forma de conhecimento que busca sistematizar o senso comum por meio das técnicas narrativas do campo midiático. Utiliza-se das estruturas de sentido da vida cotidiana, mas a partir de regras próprias ao campo jornalístico. Surge daí a contradição entre as formas de conhecimento aplicadas pelo jornalismo na produção de notícias, que se configura como uma *técnica* ou um *método* de trabalho paradoxalmente fundamentado na lógica *não-sistematizada* do senso comum. Neste sentido, os jornalistas se apropriam de valores, crenças e até mesmo estereótipos pré-existentes, seja questionando-os ou reforçando-os. Estes significados, já partilhados socialmente nas interações cotidianas, são então difundidos em maior amplitude e ressignificados a partir dos enquadramentos jornalísticos, construídos institucionalmente nas rotinas produtivas das redações.

Nos contextos regionais, o telejornal atua de forma mais incisiva na rotina da cidade, de onde recolhe as informações utilizadas para a construção de uma pauta diária, ou seja, um recorte seletivo fundamentado em critérios de relevância específicos do jornalismo. Hábitos e práticas são reproduzidos no telejornalismo, principalmente no que se refere à produção local ou regional onde se dá o compartilhamento de um universo simbólico comum. Partindo-se deste pressuposto, esta pesquisa se propõe a analisar a relação entre o telejornalismo local e o cotidiano, buscando compreender os mecanismos de construção de enquadramentos sobre a vida urbana na produção de notícias.

Como recorte de análise, o foco da pesquisa foi direcionado à investigação das rotinas de produção das notícias e suas relações com as diferentes esferas do cotidiano. Para tanto, delimitou-se como objeto de estudo o processo de produção do “*JPB 1ª Edição*”, telejornal regional produzido em conjunto pela TV Cabo Branco em João Pessoa e pela TV Paraíba em Campina Grande. O *JPB 1ª Edição* é exibido no horário vespertino, por volta do meio-dia, pelas afiliadas à Rede Globo na Paraíba, seguindo a linha editorial adotada em todo o país.

Dessa forma, busca-se compreender o processo de produção de sentidos sobre a vida cotidiana no jornalismo por meio da reflexão sobre as injunções que formatam o ponto de vista adotado pelos jornalistas na captação, seleção e tratamento dos fatos a serem transformados em notícia. O caminho aqui proposto possui o propósito de buscar novos apontamentos sobre o tema partindo-se da adoção de um “olhar compreensivo”<sup>1</sup> aplicado à observação participante. Esta perspectiva de análise se fundamenta na interrelação entre a discussão sobre os paradigmas da sociologia do cotidiano e as hipóteses etno-construcionistas sobre o jornalismo.

A construção de significados sobre a realidade social não está centrada na influência do telejornalismo perante o público, mas nas relações intersubjetivas entre jornalistas, fontes e públicos, triangulação que forma o alicerce do campo de forças do jornalismo. Neste complexo emaranhado de vínculos, pressões e rivalidades atuam não apenas as forças político-econômicas, mas principalmente fatores simbólicos já que a produção de notícias é um fenômeno do campo da comunicação, e como tal, sócio-cultural.

O eixo principal desta pesquisa consiste na ideia de que ao descrever a realidade por meio da linguagem, os sujeitos sociais contribuem ativamente para construí-la. Trata-se de um dos pressupostos fundamentais das teorias construtivistas e da *etnometodologia*, que aponta para a centralidade da comunicação na constituição da teia social sobre o qual o mundo da vida é dotado de sentido.

O telejornal pode ser compreendido como uma forma de apreensão da realidade, enquanto mediador entre sujeitos e contextos distintos. Para melhor compreender esta hipótese, recorreremos a um exemplo empírico. Imaginemos, pois, a figura de um indivíduo comum, que desempenha atividades corriqueiras em uma cidade onde possui uma rede de interações tecida entre outros tantos homens e mulheres, também comuns, e que

---

<sup>1</sup> Sobre a adoção da compreensão enquanto método de análise social e a constituição epistemológica da sociologia compreensiva, ver Maffesoli (1988) e Watier (2009).

compartilham as mesmas práticas rotineiras. Não adotemos aqui as palavras “rotina”, “comum” e “corriqueira” como formas de expressão de um juízo de valor com força negativa, mas como formas de comportamento que contribuem para a compreensão dos modos de pensar e agir de uma determinada sociedade. Assim sendo, aqueles que habitam em um modo de vida urbana, similar a este descrito no exemplo, vivenciam e compartilham um mesmo espaço e uma mesma temporalidade e nesta mesma dimensão espaço-temporal constroem suas redes de relações sociais e suas “visões de mundo” com valores, idéias e sentidos partilhados coletivamente.

Entretanto o ambiente em que vivem, trabalham e interagem também é compartilhado por um número incontável de pessoas com quem nosso “homem comum” esbarra todos os dias. Neste espaço urbano partilhado no cotidiano os indivíduos interagem, de uma forma ou de outra, em uma teia de encontros e relações que se espalha e se entrelaça pela vida, como que organizando e permitindo a existência em sociedade. Ao chegar em casa, no intervalo do trabalho ou na hora da refeição, muitos desses “sujeitos comuns” compartilham uma mesma experiência simbólica construída em torno do lugar em que vivem: o telejornalismo.

Ao ligar a televisão, sempre na mesma hora, mesmo que nem sempre no mesmo canal, vemos as ruas por onde passamos e os problemas que vivenciamos sendo apresentados e representados na tela. Representação midiática, também presente no jornalismo impresso, radiofônico ou em rede. Mas a televisão se apresenta diante de nós como “experiência mediada”, espaço simbólico compartilhado, onde experimentamos sensações e sentimentos que outros também vivenciam, cada um ao seu modo e de acordo com valores particulares, acionados para a interpretação e recontextualização das mensagens midiáticas.

O ambiente físico que divido com aqueles que encontro em meio a minha rotina, é agora convertido em espaço simbólico construído por meio de uma “cartografia de representações” sobre este lugar comum. Esta “cartografia” traçada pelo jornalismo de televisão que relaciona os espaços físicos da cidade com os significados e sentidos que já habitam o imaginário do senso comum sobre estes lugares, resignificando-os e transformando-os em lugares simbólicos. As ações e fatos que acontecem nestes espaços urbanos no dia-dia são mostrados de tal forma pelo telejornalismo que atribui usos e valores ao espaço urbano, construindo assim uma forma de narrativa que se insere incisivamente na percepção que os telespectadores constroem sobre a cidade em que vivem. Há os lugares do

consumo, da diversão, das expressões culturais. Mas existem também os espaços marcados pela miséria, pela violência e por desigualdades sociais.

Nas edições diárias dos telejornais locais, o banal e a ruptura dessa banalidade são aspectos contraditórios que ganham ênfase nos enquadramentos midiáticos. Os conflitos e contradições que marcam a vida em sociedade no espaço urbano aparecem no discurso jornalístico como base de sua forma de perceber e representar a realidade, enfatizando ao mesmo tempo o cotidiano e sua ruptura, o excepcional e o ordinário.

Ao se indagar sobre os significados e sentidos em jogo nos enquadramentos sobre a vida urbana adotados pelo telejornalismo local, a preocupação é dupla: descrever como a mídia atua enquanto mediadora de representações e por meio disto compreender como o homem comum percebe a cidade em que vive por meio da narrativa telejornalística. A idéia é que o jornalismo televisual, assim como qualquer outro tipo de produção midiática, não “constrói”, por si só, representações do social, mas que trabalha, opera, “manuseia” formas de percepção do mundo já presentes nas interações sociais, para a partir daí, ressignificar e redimensionar esses aspectos ao compartilhá-los com um contingente enorme de indivíduos.

No caso específico desta pesquisa, direciona-se o olhar para os jornalistas enquanto sujeitos interpretantes, buscando-se apreender o sistema de relevâncias adotado por este grupo no processo de seleção e tratamento das informações passíveis de serem noticiadas. O diferencial é que as abordagens construídas pelos jornalistas possuem dimensão pública, constituindo a percepção que outros grupos sociais constroem sobre a realidade social. Dito de outra forma, os enquadramentos jornalísticos são passíveis de serem apropriados pelo público ao servirem de referência para percepção dos fatos cotidianos.

Ao considerarmos os jornalistas envolvidos neste processo como agentes sociais, se torna pertinente a adoção de pressupostos metodológicos que se baseiam em uma atitude compreensiva sobre a ação e a subjetividade dos membros da organização social estudada. O objetivo é identificar e compreender as injunções que formatam as “lentes”, tal qual discute Bordieu(1997), pelas quais os jornalistas percebem e interpretam a realidade social no processo elaboração do noticiário e na operação de escolhas editoriais. Para tanto, é preciso descrever e compreender como se estrutura e como é organizado processo de produção institucionalizada de notícias no contexto do telejornalismo regional paraibano, estabelecendo aqui como parâmetro o caso particular das emissoras afiliadas à Rede Globo no estado.

Neste sentido, o foco é refletir sobre a ação e não o apenas sobre o produto em si. Trata-se de um estudo que valoriza o empírico para a produção de um conhecimento sistemático sobre o fazer jornalístico. Por isso a escolha pela adoção de uma perspectiva fenomenológica, “que procura interpretar dinâmica e sistematicamente a essência do fenômeno observado, compreender as diversas camadas significativas do objeto empírico como objeto intencional de nossa percepção.” (MOTTA, 2007. P. 147).

Ao se analisar, por meio de uma abordagem fenomenológica, o processo de produção de notícias na linguagem televisual, busca-se compreender a construção de uma forma específica de percepção da realidade. Uma percepção peculiar e inerente ao telejornalismo. A imagem, o tom coloquial, a oralidade, a imediatez, a velocidade, a fragmentação e a espetacularização são características desse espaço de construção simbólica. Tais aspectos constituem intrinsecamente o ponto de vista por meio do qual o jornalista de TV percebe o “mundo sensível” que o cerca, transformando-o em espaço de significação em um processo institucionalizado de produção de discursos e representações sobre o cotidiano. Trata-se de um enquadramento sobre o mundo da vida cotidiana que se estrutura por meio da aplicação de mecanismos peculiares de apreensão do real pela mídia televisual<sup>2</sup>. Os critérios e procedimentos de seleção, formatados pelas regras internas do campo jornalístico e da gramática televisual, são então naturalizados pelos agentes sociais envolvidos no processo.

Sistematiza-se assim uma forma de conhecimento sobre a realidade construída intersubjetivamente, mas regulada pela técnica e pelos padrões estéticos da mídia televisual. Nesta análise, parte-se do pressuposto de que o jornalismo atua como uma forma de conhecimento do cotidiano. Esta hipótese fundamenta-se nas idéias propostas por Vizeu (2005b), de que os telespectadores podem ter acesso aos fatos da realidade social por meio da mediação do telejornalismo, e das discussões apresentadas por Meditsch (1997) sobre as características e efeitos do jornalismo enquanto forma de conhecimento, retomando os estudos de Genro Filho (1987).

---

<sup>2</sup> Adotamos nesta pesquisa o termo “televisual”, tal qual proposto por Pignatari. Sobre o uso do termo, em oposição ao neologismo “televisivo” que se tornou de uso comum, o autor argumenta: “televisivo é um italianismo dispensável, ainda mais que nasce de um erro de tradução. Foram de Umberto Eco os primeiros ensaios sobre televisão traduzidos para a nossa língua. Em italiano, assim como se fala em *arti visive* (em português: artes visuais), fala-se em *linguaggio televisivo*. Ora, se temos “artes visuais”, se nos referimos a “recursos audiovisuais” – e não “artes visivas” ou “recursos audiovisivos” – por que diabo haveríamos de falar e escrever “linguagem televisiva”? Televisual é o adjetivo certo. “Visivo(a)” não existe em português. Veio da ignorância do tradutor. E pegou...” (PIGNATARI, 1984. p. 37).

A relevância desse estudo reside na possibilidade de compreender e explicar os mecanismos de funcionamento de uma cadeia de negociações inerentes ao processo de produção da notícia, levando-se em consideração os aspectos sócio culturais do contexto paraibano.

Outro aspecto importante é a proposta de uma abordagem com viés antropológico sobre o comportamento dos jornalistas na mídia local, contribuindo para a elucidação de questões referentes aos valores e práticas presentes no campo jornalístico e sua relação com outros campos sociais. A pesquisa se propõe a levantar novos apontamentos sobre os enquadramentos construídos e difundidos pela mídia televisual, bem como a formação de estereótipos em torno dessa realidade. Ao investigar o papel de mediação atribuído ao telejornalismo, pretende-se revelar como este modo de produção de sentidos atua enquanto ponto de referencialidade, interferindo na percepção que os cidadãos possuem sobre o cotidiano. Desse modo, a análise é motivada por um instigante questionamento sobre as particularidades do jornalismo de TV enquanto elaboração simbólica, relevante para reflexão de profissionais e pesquisadores sobre o fazer jornalístico.

Quanto à estrutura da dissertação, o primeiro capítulo traz uma breve explicação sobre os procedimentos metodológicos adotados na análise, demonstrando o percurso percorrido durante a pesquisa de campo e o tratamento dos dados obtidos. São expostos neste espaço os objetivos das escolhas metodológicas e a adaptação destes instrumentos às metas da pesquisa e ao objeto de estudo.

No segundo capítulo, “O Jornalismo e a Realidade Social”, aprofunda-se a discussão sobre o processo de produção de notícias. Partindo do pressuposto de que a realidade social é construída nas interações entre os indivíduos, apresentam-se as contribuições das hipóteses que oferecem subsídios para a análise da estrutura organizacional do campo jornalístico e as relações entre os agentes que o compõe. A hipótese do *newsmaking*, ou produção de notícias, é aqui aplicada na perspectiva de trazer respostas pertinentes sobre as rotinas produtivas do trabalho jornalístico e a constituição de um modo de fazer que é legitimado na repetição de procedimentos cotidianos de captação, seleção e tratamento das informações.

O capítulo seguinte apresenta algumas noções que norteiam a análise da vida cotidiana e propõe a adoção de coordenadas espaço-temporais que contribuam para o estabelecimento de um recorte que possibilite a distinção entre quais os fenômenos que devem ser considerados na análise do cotidiano. Em seguida, discute-se o funcionamento do

conhecimento do senso de comum e a importância da comunicação no processo de significação do mundo da vida, a partir da fenomenologia de Alfred Schutz. A aplicação de determinados conceitos propostos por Schutz como *intersubjetividade*, *atitude natural* e *tipificação* é direcionada ao processo de produção de notícias na tentativa de se compreender a atuação do jornalismo na construção e compartilhamento de significados em torno da realidade social.

O quarto capítulo caracteriza-se por uma abordagem descritiva, oferecendo informações sobre a linha editorial e o formato atual do telejornal analisado, bem dos segmentos fixos que o compõe. Apresenta-se também uma breve síntese histórica do jornalismo nas afiliadas à Rede Globo na Paraíba, enfatizando-se as produções informativas que já ocuparam a faixa horária do meio-dia na grade de programação regional.

O quinto capítulo apresenta a análise das rotinas produtivas e da estrutura organizacional das redações visitadas na pesquisa de campo. A discussão é introduzida pela definição das fases de processo de produção de notícias, de acordo com a perspectiva teórica da hipótese de *newsmaking*. Em seguida, a categorização dos estágios da linha de produção são aplicados à descrição interpretativa das recorrências observadas durante a observação participante. A estrutura organizacional da redação é relacionada ao perfil individual dos jornalistas que compõem a equipe de redação do *JPB 1ª Edição*, observando-se as relações entre a instituição midiática e os sujeitos que dela fazem parte, aqui considerados em suas particularidades. O objetivo é demonstrar como apesar da relativa rigidez do processo produtivo, traços específicos de cada “operador da notícia” envolvido também interferem na construção das abordagens no noticiário. A noção de “operadores da notícia” será discutida no decorrer do texto.

O último capítulo apresenta e discute as inferências proporcionadas pela pesquisa de campo, relatando situações do cotidiano da redação consideradas relevantes para a compreensão do modo de agir dos jornalistas. Tópicos temáticos apresentam situações particulares que revelam o processo de construção coletiva de significados. Os diálogos e discussão sobre as decisões editoriais, sempre contextuais e relativas, desvendam aspectos significativos sobre o sistema de relevância próprio dos membros do campo jornalístico. O funcionamento do complexo “tear cotidiano” é desvelado na observação atenta e compreensiva do comportamento dos “operadores da notícia” na aplicação particular e subjetiva das regras que estruturam o mundo das notícias.



## 1 – PERCURSO METODOLÓGICO DE OBSERVAÇÃO, ANÁLISE E ESCRITA

A escolha dos instrumentos metodológicos se relaciona diretamente com os objetivos a que se propõe a pesquisa. Assim sendo, para que possam ser consideradas válidas, as escolhas metodológicas devem demonstrar potencial de responder às questões propostas. Ao se tentar compreender como os jornalistas de TV percebem o cotidiano do lugar onde estão inseridos e como constroem enquadramentos que vão interferir na percepção do público sobre a realidade social, trabalha-se com questões relacionadas aos significados culturalmente atribuídos ao comportamento de um determinado grupo social. Neste caso, o grupo social analisado é a “tribo jornalística” (TRAQUINA, 2005), com os valores, comportamentos e modos de interpretação da realidade construídos e compartilhados pelos jornalistas no exercício cotidiano da profissão.

Por outro lado, apontam-se questionamentos sobre o produto final do processo de construção de significados: as notícias veiculadas no telejornal local. Por isso o percurso de análise se torna mais complexo ao trabalhar com dois aspectos distintos: os aspectos subjetivos do processo de produção de notícias e a análise objetiva do material exibido.

Para a análise do cotidiano da redação e do processo de produção de notícias, foi adotada a abordagem etnográfica aplicada à análise das rotinas produtivas do jornalismo a partir dos pressupostos da hipótese de *newsmaking* (produção de notícias), por meio da pesquisa de campo realizada por meio da observação participante e da aplicação de entrevistas semi-estruturadas com os jornalistas.

A pesquisa de campo foi realizada de 9 de março a 4 de abril de 2009 com visitas diárias às redações e gravação em DVD-R das edições diárias do telejornal *JPB 1ª Edição* referentes a este período. Nas primeiras duas semanas, de 9 a 21 de março, as visitas foram na TV Cabo Branco em João Pessoa. Já as visitas a TV Paraíba em Campina Grande aconteceram de 23 de março a 4 de abril. Esse recorte foi definido por ser uma fase sem feriados ou eventos que pudessem modificar de forma acentuada a rotina de cobertura jornalística. Além disso, tratava-se de uma fase de relativa reformulação no formato do *JPB*, com a estréia de novos quadros. As impressões e observações foram registradas e descritas no Diário de Campo, utilizado enquanto instrumento de coleta de dados (LAGO, 2000).

## 1.1 – Trabalho de Campo e *Etnometodologia*: Entrevistas e Observação Participante

*Há uma certa interação que se estabelece entre o observador e seu objeto de estudo. Há convivência; às vezes, cumplicidade; diríamos mesmo que se trata de empatia. É isto mesmo que talvez constitua a especificidade de nossa disciplina. A compreensão envolve a generosidade de espírito, a aproximação, a “correspondência”.*  
(MAFFESOLI, 1988. p. 43)

Para compreender as variáveis inerentes a construção de significados sobre o modo de vida urbano pelo telejornalismo, optou-se como método de análise a observação participante caracterizada como uma pesquisa de campo e exploratória, baseada nos instrumentos metodológicos típicos das abordagens etnográficas. De acordo com Velho (1978, p.41) este enfoque configura-se como “uma tentativa de identificar mecanismos conscientes e inconscientes que sustentam e dão continuidade a determinadas relações e situações”. Trata-se de um processo eminentemente interpretativo que busca a compreensão do comportamento dos indivíduos pertencentes a um determinado grupo, no caso os jornalistas de TV, a partir da presença do pesquisador no cotidiano destes indivíduos. Uma das características deste tipo de enfoque, de acordo com Travancas (2005) é a preservação da identidade da fonte, evitando-se a quebra da confiança construída durante o contato na pesquisa de campo

Esta abordagem etnográfica está relacionada à teoria do *newsmaking*, tal qual proposta por Vizeu (2005, 2007) que denomina essa abordagem metodológica de “*etnojornalismo*”. Assim sendo, esta pesquisa consiste em uma observação participante da rotina das redações no período de um mês com visitas alternadas às duas emissoras.

Já as entrevistas ocorreram durante o período da pesquisa de campo, geralmente e no ambiente de trabalho dos informantes como a redação, as ilhas de edição e o estúdio. Ao todo catorze jornalistas das TV's Cabo Branco e Paraíba participaram desta fase da pesquisa, formando um universo composto por produtores, editores, repórteres, chefes de redação e direção de jornalismo. Com estes profissionais foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas, de acordo com a classificação proposta por Duarte (2005, p. 66) que as define como “modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa”.

Neste tipo de entrevista o pesquisador parte de um roteiro construído de acordo com os objetivos da pesquisa com questões abertas que buscam captar a forma como o informado percebe o fato analisado. Dessa forma deixa-se o entrevistado relativamente à vontade para apresentar suas impressões sem se perder o foco sobre os aspectos analisados.

A escolha metodológica é um dos fatores que aproximam o estudo proposto da perspectiva adotada pelos interacionistas. Trata-se de uma forma de observação fundamentada em uma abordagem com viés antropológico e nos estudos já desenvolvidos no campo do jornalismo por meio da hipótese de *newsmaking*, optando-se aqui pela adoção da *etnometodologia*. Dessa forma, o foco da análise será a rede de relações e negociações presentes no processo de produção da notícia, onde participam tanto jornalistas, telespectadores, fontes e outros sujeitos envolvidos no processo.

A relação estabelecida entre os pressupostos da produção de notícias (*newsmaking*) e a aplicação da *etnometodologia*, constitui-se como uma adequação ao objeto de estudo das rotinas produtivas. Evidentemente, o instrumento de coleta e interpretação dos dados será a *etnometodologia*. Entretanto aspectos como a divisão das fases das rotinas produtivas categorizadas pelas pesquisas em *newsmaking* contribuíram para a compreensão do espaço organizacional onde se dão as relações intersubjetivas que constituem o objeto de análise. O peso dos critérios de noticiabilidade, compartilhados institucionalmente, também foram considerados na compreensão do funcionamento do sistema de relevâncias típico da comunidade jornalística. É importante deixar claro que não se trata de uma miscelânea metodológica, mas sim a consideração aos resultados de pesquisas anteriores sobre as rotinas produtivas, fundamentadas no *newsmaking*, que aqui contribuíram para a compreensão do contexto da pesquisa de campo proposta sob uma perspectiva metodológica mais específica, a *etnometodologia*.

Assim sendo, cabe fazer outra distinção epistemológica entre etnografia e *etnometodologia*. Trata-se aqui de uma metodologia mais específica. Como aponta Mattelart e Mattelart (2008. p. 135), o objetivo da etnometodologia é “o estudo do raciocínio prático do senso comum em situações comuns de ação.” Etnometodologia significa “estudo dos etnométodos”, ou seja, ou como definem Silva e Votre (1998) é o estudo dos métodos que todo indivíduo usa para descrever, interpretar e assim construir o mundo social. A proposta dessa abordagem é valorizar os aspectos microssociais dos fenômenos, conferindo maior

importância às interpretações provenientes dos próprios sujeitos da ação social. Inverte-se a perspectiva, importando-se mais com a “compreensão” do que com a explicação.

De acordo com Guesser (2003) A etnometodologia surgiu nos Estados Unidos a partir da publicação, em 1967, do trabalho de Harold Garfinkel, com o livro *Studies in Ethnomethodology* (Estudos em Etnometodologia, ainda sem tradução para o português). A nova perspectiva epistemológica nascia sob a influência de três correntes distintas. A primeira delas foi à teoria da ação social de Talcot Parsons. Garfinkel faz uma releitura das proposições de Parsons ao propor que os indivíduos não se submetem completamente às normas sociais, mas que na verdade interagem com estas normas pré-estabelecidas, interpretando-as e modificando-as nas interações. Ao contrário do que apresentava Parsons, que via nas normas sociais uma maneira de coerção e terminação externa ao comportamento dos indivíduos, a etnometodologia percebe a ação dos sujeitos na constituição e reformulação contínua das normas sociais, bem como de suas motivações:

Um de seus pressupostos centrais é a concepção de que os fatos e as organizações sociais são construções e realizações contínuas dos atores, buscando a Etnometodologia investigar como através dos inúmeros tipos de atividades, circunstâncias e raciocínios - corriqueiros, cotidianos, práticos - a ordem social é construída. (RATTON JR., S/D)

Essa releitura já se relacionava com a segunda grande influência na constituição da etnometodologia: a fenomenologia de Schutz. A partir deste paradigma, o etnometodologia valoriza as interações sociais ao entender que as ações dos sujeitos só tem sentido em relação à ação dos outros. (GUESSER, 2003. p. 156). Mesmo que cada ator perceba a realidade de maneira específica, evidencia-se a possibilidade de “troca de percepções” por meio da comunicação. Da fenomenologia do mundo da vida, proposta por Schutz, a etnometodologia vai tomar por empréstimo a noção de *background*, ou “estoques de conhecimento”. São saberes que se encontram disponíveis na vida cotidiana e distribuídos de forma diferencial, proporcionando assim uma “diversidade de conhecimento na ação e na interação”.

Por fim, a etnometodologia também recebeu fortes influências do interacionismo simbólico da Escola de Chicago, adotando assim instrumentos metodológicos qualitativos, direcionados a pesquisa de campo e a observação direta das situações de interação entre os agentes sociais. Na tentativa de superação da dicotomia clássica entre indivíduo e sistema, as

correntes sociológicas de interpretação das interações proporcionaram um “retorno reflexivo ao próprio trabalho teórico”, já que os pressupostos teóricos passam a estar “inscritos nas redes concretas de interação. Neste sentido, a *etnometodologia* adota a empatia como instrumento epistemológico, pois ao pesquisador é imposto o desafio de “colocar-se no lugar do outro”, tal qual propõe o interacionismo simbólico ao adotar “o método da observação participante como forma de obter conhecimento” (MATTELART e MATTELART, 2008).

Os aspectos das interações cotidianas constituem o foco da análise na *etnometodologia*: a linguagem, os gestos e os ritos sociais. Estes seriam os “implícitos sociais”, expressões do conhecimento social produzido implicitamente na interação verbal. “Daí, a atenção específica que os etnometodólogos prestam a linguagem para terem acesso ao saber implícito” dos agentes sociais (MIÈGE, 2000. p. 75).

Assim sendo, a linguagem possui um papel preponderante na etnometodologia, que adota a análise das conversações como modo eficiente de coletar informações sobre as percepções dos sujeitos sociais. Neste contexto, esta perspectiva metodológica rompe com a ideia de “ator social”, já que a realidade é construída coletivamente pelos indivíduos no ato de descrevê-la e dotada de sentido a partir da fala ou dos símbolos que permeiam as relações da vida cotidiana. Assim sendo, os sujeitos são “autores sociais”, construtores ativos dos contextos sociais onde habitam.

Em tese, os princípios da etnometodologia, assim como do interacionismo simbólico, poderiam ser adotados para a análise de qualquer tipo de interação social. Entretanto, o que se tem observado a partir de estudos anteriores é que a pertinência da aplicação da etnometodologia varia de acordo com os espaços sociais onde é aplicada. É o que argumenta Miège (2000, p. 76) ao enfatizar que os pressupostos etnometodológicos “se mostram mais à vontade para encarar situações de comunicação nas pequenas organizações e nas atividades profissionais de que para tratar das comunicações interpessoais ou as relações que os meios de comunicação de massa estabelecem com seus públicos.”.

No caso específico da proposta de estudo das rotinas de produção de notícias, a etnometodologia se mostra um caminho fecundo ao adotar como campo de análise o espaço da redação e as interações estabelecidas entre profissionais das notícias, suas fontes e até mesmo o público, quando este participa ou interfere na cadeia de negociações inerentes ao processo de elaboração do noticiário. Se o foco fosse o estudo das relações entre jornalistas e

público por meio apenas da mediação técnica da radiodifusão, essa metodologia se mostraria inócua ou pelo menos pouco elucidativa.

O objetivo é identificar os significados que os agentes sociais atribuem às próprias ações, identificando caracteres simbólicos comuns que legitimam a forma peculiar de comportamento de um grupo específico. Isso é possível, de acordo com Travancas (2005) a partir da identificação de “recorrências”, ou seja, atitudes ou respostas praticamente similares que se repetem na ação cotidiana.

Por exemplo, ao se aplicar uma entrevista semi-estruturada com um determinado grupo social, será possível identificar respostas e explicações que se repetem, sendo proferidas e defendidas por diferentes membros da comunidade observada. Quando isso ocorre, apresenta-se diante do pesquisador um sinal indicativo de que aquele aspecto ressaltado pelos entrevistados é compartilhado pelo grupo, podendo ser considerado como um traço definidor dos modos de pensar que organizam a prática cotidiana destes indivíduos na comunidade específica onde estão inseridos. Valores, crenças, estereótipos e ideais legitimadores podem ser identificados, trazendo à tona pistas sobre o arcabouço simbólico por trás da ação aparentemente “natural” e “alógica” dos sujeitos.

As interações construídas nas redações e por meio das quais flui um conjunto de representações sobre a vida cotidiana urbana constituem o fio condutor da análise. Esta abordagem metodológica caracteriza-se pelo estudo de campo e a observação direta e participante nos espaços de análise, neste caso a redação da emissora de João Pessoa a ser analisada na pesquisa, a TV Cabo Branco (Afiliada Rede Globo). O objetivo é compreender como estes profissionais, e demais sujeitos envolvidos no processo, lidam com as diversas negociações intrínsecas ao processo de produção de material jornalístico e como constroem um modelo representativo do cotidiano da vida urbana por meio do discurso dos telejornais locais que produzem.

## 1.2 – Metodologia de Escrita

Consideramos que a metodologia não se refere apenas ao tipo de instrumento da coleta de dados usados durante a pesquisa. Vai além. É uma metodologia de escrita. Dito de outra forma, ao escolher determinado tipo de tratamento e enfoque a ser direcionado ao objeto de estudo, o pesquisador também define os caminhos que ele irá percorrer para a elaboração do texto final de análise. O formato e linguagem adotados no processo de escrita estão relacionados com os procedimentos de captação e tratamento dos dados. São etapas intrinsecamente relacionadas e que não podem ser dissociadas. A escolha dos procedimentos metodológicos impõe um modo de escrita específico. É o que acontece, por exemplo, quando se adota o método etnográfico. O texto final de uma pesquisa antropológica é uma etnografia, aqui entendida, conforme Geertz (1997), como uma descrição densa.

Como o objetivo da análise é mais específico, serão descritos e analisados apenas os aspectos comportamentais que interferem na interpretação que os jornalistas de TV constroem sobre cotidiano urbano. Aqui a etnografia surge como caminho a ser adotado e não como ponto de chegada. Não podemos considerar o produto final desta pesquisa uma etnografia, uma descrição densa como seria o ideal. Isso porque variáveis como tempo e contexto não permitiriam o aprofundamento necessário para a construção de uma etnografia do trabalho jornalístico. Isso apesar do olhar compreensivo lançado sobre as rotinas de produção de notícia ser fundamentado em pressupostos etnográficos. Esse modo de olhar, no entanto, influencia e formata o texto, limitando algumas formas de abordagem, mas ampliando outras possibilidades.

Como o olhar do pesquisador sobre o objeto faz parte do modelo etnográfico de interpretação (seja no trabalho do antropólogo ou na observação participante do *newsmaking*), a explicitação de seus pontos de vista, motivações e do contexto específico de sua observação fazem parte do arcabouço epistemológico da observação participante. São fatores que contribuem para a compreensão dos resultados e conclusões apontados pelo pesquisador.

Assim sendo, não se poderia usar um texto totalmente “seco” e objetivo que apagasse as marcas da presença ou das interferências do olhar e da subjetividade de quem observou e construiu uma descrição do que viu, sentiu e presenciou. As marcas da presença do

pesquisador, neste tipo de abordagem, não prejudicam a cientificidade da análise, mas, ao contrário, fazem parte do método. São as pistas para o leitor identificar o ponto de vista da observação, sob quais ângulos e enquadramentos o pesquisador se posicionou e “assistiu” as atitudes que ele busca descrever e compreender. E como todo método, deve ser usado com rigor e por meio de critérios de pertinência e bom senso.

Nossa escolha é a elaboração de uma “narrativa da rotina jornalística”, fundamentada na coleta, tratamento e análise dos dados de forma rigorosa. E quais são nossos “dados”? São os diálogos, as conversas internas, as brincadeiras, as discussões, as reuniões, enfim, as relações e negociações das quais os jornalistas de TV participam durante a elaboração de um telejornal. A relação entre pesquisador e informantes do contexto pesquisado também são dados importantes. Dados objetivos pedem um texto objetivo. Não é o nosso caso na descrição dos contextos de produção de notícias. Dados “relacionais” exigem uma explicitação das injunções que formam a interpretação do pesquisador.

Esse formato abre algumas possibilidades. Permite-nos usar, quando for estritamente necessário, verbos em 1ª pessoa nos capítulos que tratam da descrição das rotinas de produção. Isso porque consideramos que o ponto de vista do pesquisador aqui é relevante para a compreensão do ato descrito além de ser esclarecedor quanto à forma como a informação foi obtida. Pode-se ilustrar com um exemplo. Ao perceber algum novo comportamento ou atitude de um jornalista, o pesquisador pode fazer uma pergunta que não estava no “script” da análise. Esse dado nasceu da observação, tanto da atitude que chamou a atenção do pesquisador, quanto da atitude do pesquisador de prestar mais atenção àquele fato do que a outros. Essa particularidade deve ser exposta ao leitor quando indicar informações reveladoras sobre o objeto de pesquisa e for esclarecedora quanto ao ponto de vista e recortes adotados pelo observador em campo.

Expressões do senso comum também serão usadas quando pertinentes, quando forem reveladoras de atitudes, procedimentos e formas de pensar e agir dos jornalistas em seu trabalho cotidiano. Ora, se nosso objetivo é decifrar o senso comum da redação, por que deixar de lado a forma como esse conhecimento se expressa em linguagem? Por isso, algumas expressões usadas pelos jornalistas informalmente na rotina de trabalho serão não apenas descritas, mas também devem servir de mote para a análise quando indicarem aspectos que contribuam para a compreensão do contexto onde se dá a produção de notícias e os valores e práticas presentes neste processo.



## 2. O JORNALISMO E A REALIDADE SOCIAL

Uma questão aparentemente simples, porém contraditória, pode ser considerada central nos estudos sobre o jornalismo: O que são as notícias? Reflexos perfeitos da realidade social ou dissimulações criadas para esconder a realidade dos fatos? Ambas as alternativas induzem ao erro ao se fundamentarem na crença de que o real é algo puro, que existe por si só, sem a interferência da subjetividade dos indivíduos. Esse real seria então algo passível de ser apreendido por homens com um saber específico para tratá-lo e transmiti-lo sem modificá-lo? Quem seriam estes privilegiados? Os jornalistas?

Noções como verdade, objetividade e imparcialidade são os pilares de uma ideologia do jornalismo que nos fez crer que a complexidade do real poderia nos ser fornecida nas manchetes dos jornais ou nas mensagens difundidas no rádio e na TV. O rigor da técnica trazia a promessa de que seu uso correto poderia evitar distorções e manipulações. Questionamentos em torno da fidelidade das notícias foram utilizados para legitimar a função social do jornalismo e, por outro lado, contribuíram para contestá-la.

Entretanto, é importante observar que a tentativa de desenvolvimento de uma técnica capaz de processar a realidade para transformá-la no produto notícia já se configura, por si só, em uma forma de manipulação. Para melhor compreender esta afirmação, é importante buscar os significados que a palavra “manipular” possui. Segundo o sentido etimológico do termo, manipular quer dizer “preparar com a mão, fazer funcionar”. Este é o significado denotativo da expressão, ou seja, seu sentido mais objetivo.

O mesmo verbete também possui outros significados, considerados como figurados ou figurativos: “dominar, controlar, levar alguém a pensar e agir como nos convém”. A manipulação que geralmente é atribuída à imprensa por seus principais críticos é a manipulação em sentido figurado. É a manipulação do controle. Esquece-se que antes de qualquer coisa o jornalismo se configura como uma técnica criada para “manusear” informações e interpretações sobre o real, processando-as para preparar uma forma singular de apresentação: a notícia.

Estes sentidos aparentemente divergentes estão interconectados. Para se exercer tal controle, necessita-se do domínio sobre os modos de fazer, sobre as formas de preparo e funcionamento. Quando se diz que o jornalismo manipula a realidade, não se está dizendo que cabe a este campo social “controlar” a forma como a realidade é percebida, mas que opera com estratégias específicas para “manusear”, “manejar” as informações sobre os acontecimentos e as ideias que já circulam na sociedade onde está inserido.

O jornalismo não “transmite” o real, mas contribui para construí-lo em sociedade. Este é um papel ativo e não de mero observador. O ofício do jornalista já foi comparado metaforicamente ao de um caçador, aquele que tem a função de “farejar” a notícia. Acreditava ser um garimpeiro da realidade, quando de fato se trata de um ourives. É um produtor, um construtor de notícias, baseadas em fatos e acontecimentos da vida cotidiana.

Como o jornalista poderia “farejar” algo que não existe? Sim, pois o que entendemos por realidade não poderia existir sem a interferência da interpretação dos indivíduos. Notícias não existem sem a atuação dos jornalistas. Os fatos da realidade social precedem a notícia, que só existe enquanto construção promovida pelo campo jornalístico e seus agentes. Assim como discutimos no capítulo anterior, a realidade não está alheia às relações sociais. O real é construído e partilhado pela intersubjetividade. Se considerarmos o jornalismo um “espelho” da realidade ou um lugar de conspirações para dissimulá-la, em ambos os casos estamos sendo induzidos ao erro por fundamentar estas afirmações em um argumento falso, o de que é possível apreender a realidade de forma objetiva.

Assim como argumenta Mendes Pereira (2007, p. 163) “Se é impossível – e sabemos disso desde Kant – a apreensão objetiva da realidade, toda e qualquer notícia, por mais objetiva que pareça, passa pela subjetividade da escolha”. Assim sendo, a técnica jornalística não é capaz de capturar a realidade e protegê-la da manipulação. Esta promessa não é possível cumprir. A função da técnica é criar estratégias de “processamento” da realidade (ou de informações sobre ela), criando ferramentas e procedimentos que atribuam uma lógica própria ao ato de percebê-la e interpretá-la. Criam-se assim regras específicas que indicam como “manusear” a realidade no campo jornalístico. Este é o sentido que atribuímos à “manipulação jornalística”.

Todos os indivíduos “manipulam” a realidade de algum modo. A diferença é que no senso comum essa manipulação é “artesanal”, ou seja, não é sistematizada, não segue um padrão pré-definido e rígido. Já a técnica jornalística, sistematizada no século XIX, coloca o

“manuseio da realidade” na era da manufatura. É a técnica que impõe diretrizes e hierarquiza a relação entre os indivíduos interpretantes, além de concentrar seus esforços em objetivos específicos. Trata-se de um modo de percepção da realidade que é institucionalizado, onde os profissionais que constroem as narrativas sobre a realidade devem observá-la pelas “lentes” construídas pelo campo em que atuam, tal qual demonstrou Bordieu (1997) ao discutir a relação da imprensa televisiva com a sociedade.

Mas então qual é a relação do jornalismo com o que convencionamos chamar de realidade? Em primeiro lugar, a ideia de que é possível perceber a “vida como ela é” por meio do jornalismo é uma de suas principais promessas. Estabelece-se um contrato.

Adquirimos jornais ou assistimos ao noticiário com o objetivo de ter acesso a fatos da realidade que não podemos vivenciar de outra forma, seja por limitações espaço-temporais ou por se tratarem de fatos que ocorrem em esferas da vida pública das quais só participamos pela mediação da imprensa. Esse é o principal produto que nos é oferecido pela mídia informativa: experimentar de forma mediada aspectos da realidade social. Acreditar que não deve haver interferências neste processo é uma das bases da ideologia que determinam um lugar social ao jornalismo. Assim como aponta Traquina (2005. p. 19):

Existe um acordo tácito entre os que escolhem essa profissão de jornalista e o leitor/ouvinte/telespectador que torna possível dar credibilidade ao jornalismo: o principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção do jornalista.

Desse modo, a ideia de que as notícias são construídas por operações específicas de seleção e enquadramentos ainda encontra certa resistência entre alguns profissionais do meio, apesar da ampla difusão na academia de pesquisas que apontam para o caráter construcionista da produção de notícias. Há a sensação de que isto poderia ferir a legitimidade do exercício da profissão. Quando, pelo contrário, tal forma de abordagem contribui para que a relação entre público e jornalista seja ainda mais franca. Afinal o fato de o público conhecer, mesmo que parcialmente e de forma superficial, as estratégias de produção de sentido no jornalismo, não acarretariam desinteresse, mas em contrapartida pode aproximar emissores e público.

Um exemplo disso é o sucesso de programas como o “*Profissão Repórter*”, exibido semanalmente pela Rede Globo. O grande atrativo deste informativo é justamente a

possibilidade dos espectadores acompanharem as dúvidas, inquietações e até erros de jovens repórteres na construção das reportagens e as discussões editoriais destes “focas”<sup>3</sup> com um jornalista experiente que tem a função de conduzi-los nos “caminhos da reportagem”. Está reproduzida e exposta ali a estrutura tradicional de uma redação.

Até mesmo o telejornal de maior audiência do país expôs recentemente às estruturas e rotinas do processo de produção das notícias. O livro comemorativo aos 40 anos de existência do *Jornal Nacional* dedicou várias páginas à exposição dos critérios de escolha adotados e suas justificativas (BONNER, 2009). O título não poderia ser mais sugestivo quanto à definição clara do jornalismo enquanto construção: “*Jornal Nacional: modo de fazer*”.

Em um tom leve e descritivo, o editor-chefe apresenta dados e relatos sobre o trabalho na redação em uma sistematização relativamente parecida com os trabalhos acadêmicos norteados pela hipótese do *newsmaking*. A comparação é possível apesar de não haver discussão teórica, objetivo ao qual a obra obviamente não se propõe. Mas a principal diferença é o método. Ao invés da observação de um pesquisador alheio ao processo, o principal narrador era o sujeito responsável pela definição de prioridades e operacionalização das escolhas. Ou não seria um narrador-personagem?

A exposição das “ferramentas” de produção surge como fator de vínculo. Novas relações entre público e instância de produção estão sendo estabelecidas. E isto não está ocorrendo apenas na televisão, mas nos diversos suportes e linguagens que compõem o campo jornalístico na contemporaneidade. Estratégias similares de exposição das rotinas produtivas já estão sendo analisadas por pesquisadores como Antônio Fausto Neto, que em trabalhos recentes observou a forma como o jornalismo impresso tem construído narrativas sobre si próprio, expondo aos leitores as engrenagens do campo onde atua. O *Ombudsman*, por exemplo, atua neste sentido.

A “aura de mistério” que sempre cercou os ambientes das redações despertou o interesse do público pelos seus mecanismos de funcionamento, derrubando aos poucos os muros que distanciava e impossibilitava o estabelecimento de uma relação. Ao invés do isolamento, percebe-se atualmente uma relativa “vitrinização” das redações, alimentada também pelas novas ferramentas de interatividade. Os jornalistas não apenas expõem os critérios de escolhas, mas são bombardeados por questionamentos do público sobre as decisões. Público mais ativo e indagador que conhece o modo como os jornalistas operam e

---

<sup>3</sup> Foca: gíria bastante difundida entre os jornalistas. É a forma como são chamados os iniciantes na profissão.

possuem a noção de que a cobertura poderia ter sido diferente caso houvesse uma mudança no modo de atuação dos sujeitos que a constroem.

O fato de os jornalistas “manusearem” aspectos da realidade segundo operações próprias para construir narrativas, não significa dizer que necessariamente haja “manipulação”, no sentido de uma distorção arbitrária e consciente sobre os fatos. As narrativas jornalísticas não são ficcionais, pois adotam como referência aspectos da realidade social. Assim como argumenta Traquina (2005, p. 169): “O paradigma das notícias como construção não implica que as notícias sejam ficção”. O autor português fundamenta tal afirmação na noção defendida por Tuchman de que a notícia, como outros tipos de documentos públicos, é uma realidade construída possuidora de sua própria validade interna. A distinção fica assim evidenciada: as notícias não são o real, mas remetem-se a uma realidade exterior ao campo jornalístico. A realidade social é o referencial sobre o qual se fundamenta a “construção” das notícias.

Ao discutir o papel do jornalismo no processo de cognição social, Meditsch (1997. p. 03) contesta a hipótese de que as notícias exercem a função de “transmitir conhecimento” e defende que os jornalistas produzem ativamente um tipo de conhecimento peculiar ao seu lugar social e reproduzem o conhecimento produzido em outros campos sociais. A noção de “reprodução” aqui se tona muito mais complexa do que a simples ideia de “transmissão”, pois os métodos usados pelos jornalistas para realizá-las são diferenciados e específicos do jornalismo. Moretzsohn (2007. p. 124) avança nesta perspectiva ao ressaltar que a ideia de transmissão de conhecimento seria “falseadora por sugerir implicitamente a possibilidade de uma mediação sem a interferência do mediador”. Partindo-se desse pressuposto, percebe-se que o jornalismo não apenas dissemina discursos de outros campos sociais, como a ciência, a política ou a religião, mas se apropria desses discursos para produzir um tipo de conhecimento peculiar.

Como forma de produção institucionalizada de significados, o jornalismo elabora regras com fins específicos. A ideia de objetividade possui a função ao contribuir para a constituição de certo rigor ao modo de ação dos jornalistas. Como aponta Vizeu e Correia (2008, p. 16) “os textos tem que buscar uma objetividade possível, tomando-se cuidado em não alterar textos e documentos”. Neste sentido, a “verdade” objetiva pode ser substituída pela noção de exatidão. As regras do campo jornalístico devem, portanto contribuir para diminuir a possibilidade de erro e garantir ao público o acesso a informações que permitam a

compreensão do fato narrado. Para tanto, o rigor no processamento das informações surge para, em tese, garantir confiabilidade ao que é transmitido.

Outro empecilho a ser eliminado pela padronização dos modos de operação é a ambigüidade. Evitá-la é uma das tarefas centrais do rigor do método (op. cit.). A forma de apresentação das notícias se configura assim como um modo de garantir que estas não se percam em imprecisões e dúvidas, garantindo assim fácil assimilação. Na TV, esta meta é ainda mais necessária devido ao contexto específico da recepção televisiva. Busca-se o que Rezende (2000) chama de “compreensão imediata”. A existência de ambigüidades não apenas dificultaria a compreensão, mas poderia provocar certa rejeição ao conteúdo apresentado na TV, impossibilitando o público de se manter atento ao que lhe é exibido.

Apesar de a técnica servir para conferir objetividade ao processo, fatores subjetivos continuam presentes. As lentes usadas para observar a realidade não são fixas e os critérios de escolha são relativos. Se por um lado os jornalistas tem seu comportamento profissional formatado por regras, de outro promovem mudanças contínuas e significativas nas relações que constroem no cotidiano do jornalismo.

## **2.1 – Uma Abordagem *Etno-construcionista* do Telejornalismo**

Um dos caminhos para se compreender a complexidade do processo de produção de notícias é a adoção de uma abordagem *etno-construcionista*. Esta perspectiva fundamenta-se no pressuposto de que a realidade social é construída pela percepção que os indivíduos compartilham sobre os fatos da vida cotidiana.

Quanto ao jornalismo, esse caminho possibilita compreender a maneira como os profissionais envolvidos operam com tipificações inerentes ao campo onde atuam. Os jornalistas criam e aplicam tais tipificações para construir uma descrição da realidade social que seja verossímil e passível de ser facilmente compreendida. Mais do que isso, essa

narrativa deve ser dotada de sentido, deve ressoar valores e saberes já existentes no mundo da vida cotidiana para se tornar significativa para o público ao qual se destina.

Traquina (2005) pontua que a década de 1970 se constituiu como um momento de virada para as teorias do jornalismo. Foi neste período que novos paradigmas emergiram, passando a afirmar a notícia como construção. Esse novo modelo se opunha a idéia que de informação jornalística era o “espelho” da realidade e, por outro lado, desconsiderava a hipótese das notícias como formas de “maquiar” ou “falsificar” a realidade. Esses modelos já demonstravam não dar conta da complexidade dos fenômenos sociais inerentes ao jornalismo.

O que ocorre, de acordo com a abordagem construcionista, é uma “distorção involuntária” do real. Os fatos são extraídos de seus contextos originais para serem recontextualizados no campo jornalístico, que apresenta versões sobre o real. A notícia não é nem a “verdade absoluta” ou uma mentira

As pesquisas que deram origem a este novo paradigma se organizaram inicialmente em dois pólos: as teorias estruturalistas e as teorias interacionistas. Ambas contribuíram para a formação de um pensamento voltado para a discussão da dimensão cultural das notícias e de uma lógica interna da instância de emissão.

A pesquisa que propomos nesta dissertação se relaciona de forma mais específica às abordagens interacionistas, que demonstraram ser mais férteis e aplicáveis aos contextos do jornalismo contemporâneo. Por isso o recorte adotado enfatiza esta perspectiva teórica.

Consideramos que a contribuição de aspectos conceituais e metodológicos da Antropologia e da Etnometodologia foi fundamental para a consolidação de hipóteses construcionistas sobre as notícias. Sem este aporte epistemológico não seria possível sistematizar um modo de compreensão dos fenômenos a serem estudados. Por este motivo, acreditamos que estes pressupostos estão intimamente ligados a sistematização da idéia do jornalismo enquanto construção. Assim sendo, adotamos o termo “*etno-construcionista*” para designar de forma clara a abordagem que norteia as discussões aqui apresentadas.

## 2.2 – O Campo Jornalístico sob a ótica do *Newsmaking*

No campo de estudo da comunicação, a vertente teórica que sistematiza esta abordagem *etno-construcionista*, adotando métodos de pesquisa específicos para a análise do jornalismo, é a hipótese do *newsmaking*, ou seja, a análise do processo de produção de notícias. Esta hipótese de trabalho está diretamente vinculada à tradição da pesquisa norte-americana em comunicação de massa e caracteriza-se pelos “estudos sobre os emissores e os processos produtivos nas comunicações de massa” (WOLF, 1987. p. 157). O foco neste tipo de abordagem está direcionado para um dos pólos do processo de comunicação na mídia de massa: a instância de emissão.

Wolf destaca que estes estudos se configuram pela adoção de uma perspectiva sociológica, constituída pela análise da “lógica dos processos pelos quais a comunicação de massa é produzida e o tipo de organização do trabalho dentro do qual se efetua a construção das mensagens” (op.cit. p. 159). O objeto de análise em *newsmaking* não é constituído pelas notícias em si, mas principalmente pelo modo como são construídas.

Este “jeito jornalístico” de enxergar o mundo é culturalmente determinado. Por conseguinte se faz necessário compreender a maneira como essa cultura profissional é construída coletivamente e como se expressa na linguagem e nas ações usadas no dia-dia do ambiente de trabalho: a redação.

Ao considerar a forma como se estrutura a produção de notícias, a hipótese de *newsmaking* se relaciona com uma sociologia das profissões aplicada ao ofício dos jornalistas. O comportamento destes profissionais é observado diante das injunções institucionais do campo onde atuam. Questiona-se a produção de notícias enquanto processo em constante reconfiguração, mas num contexto organizacional pré-estruturado.

Por isso a metáfora usada por Traquina (2005) para designar este processo como um “xadrez jornalístico”. O tabuleiro do campo jornalístico se encontra configurado de forma rígida, as peças possuem uma função pré-estabelecida e um espaço de movimentação limitado. Contudo, são as estratégias dos jogadores (jornalistas, fontes, público e demais agentes envolvidos) que definem o resultado do jogo.



Percebe-se assim, que esta hipótese de trabalho promove uma articulação de perspectivas, analisando a cultura profissional dos jornalistas e os processos produtivos. De acordo com Wolf (1987), as conexões e relações entre estes dois “limites” constituem o eixo central deste tipo de estudo. A complexidade do fenômeno a ser analisado exige que se evite abordar estes fatores isoladamente, tornando possível perceber a forma como se influenciam mutuamente. São aspectos complementares e indissociáveis nesta abordagem.

Discutem-se assim aspectos organizacionais e estruturais no planejamento do trabalho jornalístico, mas também os aspectos simbólicos e culturais que compõem o ambiente de atuação de repórteres, editores, “pauteiros<sup>4</sup>” e demais operários da informação. Decifrar e compreender o modo de ação destes indivíduos (perspectiva micro-sociológica) e como a estrutura de produção a qual pertencem formata sua atuação na sociedade (perspectiva macro-sociológica) contribui para identificar hábitos e procedimentos que se constituem como regras implícitas de inserção no campo.

Constrói-se assim uma “Cultura Profissional” que é partilhada pelos jornalistas, independente da empresa onde trabalhem. É um conjunto de práticas e valores disseminados no fazer cotidiano da profissão. A cultura profissional pode então ser entendida como “um emaranhado de retóricas e táticas, códigos, estereótipos e símbolos relativos aos meios de comunicação de massa, que criam e mantêm paradigmas profissionais e auto-imagem” (HOHLFELDT, 2002. p. 207).

Essa forma de conhecimento faz com que os jornalistas utilizem os mesmos métodos para perceber e interpretar a realidade. São valores que fundamentam a noção de pertencimento ao grupo, como também o distingue de outros campos sociais. É a cultura profissional que define o lugar do jornalismo na sociedade por meio da formatação das estratégias de atuação da profissão. Compreender a expressão dessa “cultura profissional” no contexto específico do telejornalismo na Paraíba constitui o nosso objeto de estudo.

---

<sup>4</sup> Expressão utilizada para designar o profissional responsável por elaborar uma pauta diária de cobertura, definindo quais assuntos devem ser tratados e encaminhando-os para os repórteres que vão ficar encarregados de cada tema específico. Apesar de ser mais usado no jornalismo impresso, o sentido do termo pode ser relacionado com funções similares em outros suportes. Na produção em telejornalismo, este papel é desempenhado pela “Chefia de Reportagem” ou “Coordenação de Produção”.

### 2.3 - Noticiabilidade: As Operações de Definição das Notícias

Existem duas noções fundamentais para o entendimento e aplicação da hipótese de *newsmaking*: a noticiabilidade e os valores-notícia. É importante distingui-los e relacioná-los, traçando-se assim uma definição clara do que significam para evitar equívocos conceituais. À primeira vista, noticiabilidade e valores-notícia podem parecer sinônimos, quando de fato são conceitos complementares.

Entendemos por “noticiabilidade”, o “conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gera a quantidade e o tipo de acontecimentos, dentre os quais há de selecionar as notícias” (WOLF, 1987. P. 173). Relaciona-se com a necessidade de impor uma ordem ao processo por meio da aplicação de práticas produtivas com certa estabilidade. Dentre os elementos que contribuem para a ordenação da produção de notícias, destaca-se a organização do trabalho jornalístico e a constituição de uma cultura profissional.

Assim sendo, o potencial de um fato se tornar notícia não se baseia apenas nas características inerentes ao acontecimento, mas se relaciona com a forma como estas informações poderão ser processadas no interior do campo jornalístico. Restrições organizacionais e convenções profissionais, amplamente difundidas e partilhadas entre os jornalistas, contribuem para que os fatos do cotidiano sejam transformados em notícia em um fluxo contínuo e relativamente estável. O jornalismo interpreta a realidade a partir de um ponto de vista específico, construído pelas injunções da rotina de trabalho e de valores próprios do campo. São valores de referência usados para conduzir e legitimar as ações dos profissionais da notícia e suas escolhas editoriais.

Nesta perspectiva, os valores-notícia são um dos componentes da noticiabilidade, afinal são construídos e adotados com a função de defini-la nas rotinas produtivas. Os valores-notícias são critérios de relevância usados para avaliar os acontecimentos e definir quais podem se tornar notícia. Como demonstra Wolf (1987), encontram-se espalhados ao longo de todo o processo de produção e servem para rotinizar a tarefa de seleção e escolha, conferindo-lhe lógica e coesão aos procedimentos adotados. Sem o uso destes “valores”, não seria viável gerenciar a produção no jornalismo. Com a adoção destes critérios, é possível garantir um

volume fixo de notícias suficiente não apenas para abastecer cada edição, mas também para permitir a administração dos momentos de escassez de conteúdos noticiáveis.

Como o jornalismo opera com aspectos subjetivos, não seria possível considerar todos os valores-notícia em cada momento de escolha. Estes critérios são relativos e contextuais. Garantem “certa” estabilidade ao processo, mas não o torna um inventário de qualidades atribuídas a cada acontecimento. “São contextualizados no processo produtivo onde adquirem o seu significado, desempenham a sua função e se revestem daquela aparência que os torna elementos dados como certo. É o chamado senso comum da redação” (VIZEU, 2000. p. 83).

São tantos aspectos que podem conferir noticiabilidade a um fato, que a decisão só pode se efetivar pela combinação de diversos fatores. Os valores-notícia servem como “sistema de medidas” do campo jornalístico, mas não como fórmula de exatidão. Cada critério tem seu peso, seu valor. A combinação destes “pesos” e os contextos de cada escolha vão definir se as informações obtidas são passíveis de “render” algo noticiável.

A adoção destes critérios pode ser comparada, metaforicamente, como o uso das antigas balanças de equilíbrio. Para ilustrar a forma de operação dos valores-notícia, consideremos que cada um destes critérios possui um peso distinto. Cabe então ao jornalista avaliar qual destes pesos terá a força suficiente para alçar um fato do cotidiano à condição de notícia. Exemplo: um fato ocorrido com uma figura expressiva, como o Presidente da República, pode ter por si só o “peso” suficiente para se impor enquanto notícia, mesmo que se trate de um fato corriqueiro ou desprovido de outros atrativos.

Entretanto, um fato pode agregar vários “pesos menores” que ao serem combinados conseguem “equilibrar a balança” do jornalismo e assim adquirir espaço de divulgação. Um exemplo hipotético pode ajudar na compreensão desse argumento. Imaginemos um acidente de carro comum e sem vítimas, ocorrido em uma capital brasileira. Este acidente pode ser noticiado em um telejornal local se:

- 1) tiver ocorrido em uma das principais vias da cidade;
- 2) tiver provocado um grande congestionamento ou outros prejuízos;
- 3) tiver sido registrado por câmeras de TV ou por cinegrafistas amadores;
- 4) por não ter provocado maiores danos devido a um ato considerado “heróico”;
- 5) por ter acontecido de forma inusitada ou
- 6) tiver sido provocado por uma transgressão grave às normas do trânsito.

Apenas um destes aspectos do fato pode não ter o “peso” suficiente para transformá-lo em um acontecimento jornalístico. Mas a reunião de todos estes fatores, ou pelo menos alguns, pode despertar o interesse de um jornalista que o definirá como notícia. Somemos a estes fatores alguns aspectos referentes ao contexto interno da produção de notícias. Mesmo que reúna todos esses valores, tal acontecimento pode ser desprezado se a cobertura já estiver concentrada em temas considerados de maior relevância, como uma tragédia desproporcional ou um escândalo político de grande repercussão. Assim não haverá espaço ou tempo para divulgação e nem equipamentos e profissionais disponíveis para realizar a cobertura.

Mas se o fato tiver ocorrido, por exemplo, numa monótona tarde de sábado, haverá grandes possibilidades de que se torne a manchete de abertura do noticiário local das 19 horas. Principalmente se este “flagrante” tiver sido captado com exclusividade ou se naquele dia específico estiver “faltando” uma notícia factual para conferir ação e ritmo à edição do telejornal.

Os interesses produtivos do jornalismo entram em jogo e constroem os cenários que podem inviabilizar a divulgação de um fato ou torná-la imprescindível. A maneira como os fatos são processados na cadeia produtiva do jornalismo vai definir a sua transformação ou não em notícia e, por conseguinte, sua visibilidade social. Visibilidade enquanto aspecto que, contemporaneamente, tem a capacidade de conferir importância social, atribuir status e promover distinções. Transformar um fato em notícia significa “dar existência pública” a esse acontecimento (TRAQUINA, 2005. p. 185).

Desse modo, os valores-notícia atuam na ordem do diagnóstico. São os “sintomas” de que algo pode ser noticiado. Ao jornalista é atribuída a função e responsabilidade de identificar estes “sintomas” e definir a melhor maneira de viabilizar a produção da notícia. Ele é o profissional que possui não apenas o saber técnico para identificar e elaborar a notícia, mas é o agente social que possui a legitimidade para executar essas operações de construção de sentido na mídia de massa.

O objetivo neste capítulo não é listar os valores-notícia mais utilizados no jornalismo, até por que isto já foi feito por outros autores, mas compreender como funcionam e de que forma são construídos e aplicados de acordo com as demandas produtivas. Trataremos de alguns dos valores-notícias no capítulo de análise, quando estiverem relacionados com as situações descritas pela pesquisa de campo.

### 3 – COTIDIANO: CONJUNÇÃO E COMUNICAÇÃO

Cotidiano. É comum relacionarmos este termo ao que é repetitivo e monótono. À rotina do trabalho ou do ócio. De fato o cotidiano também é lugar de repetição. Há a rotina massacrante das longas jornadas de trabalho, dos congestionamentos, das labirínticas trajetórias dos transportes públicos ou da espera em filas que enfrentamos por vários motivos e necessidades. Vemos o tempo se esvaír diante de nós enquanto aguardamos pelo dinheiro no banco, pela comida no supermercado, pelo atendimento de saúde (público ou privado) ou até mesmo para reclamar da espera que já havíamos enfrentado em outro lugar. É o cotidiano das senhas, cadastros e pagamentos. Com o objetivo de racionalizar o uso do tempo concordamos em ser representados por números consecutivos estabelecidos pela ordem de chegada, ordem que mistura acaso e controle. O número nos substitui. O tempo passa e é a vez do próximo.

Essa associação tão comumente difundida não considera a complexidade dos fenômenos que compõe o cotidiano. É uma visão redutora que não percebe a multiplicidade de características que fazem do cotidiano o cenário da ação social, constituído entre repetições e rupturas. Assim como argumenta Pais (2003, p. 74) “contrariamente às posições que reduzem o cotidiano ao rotineiro, ao repetitivo e ao a-histórico, ele é o cruzamento de múltiplas dialéticas entre o “rotineiro” e o “acontecimento”.” Nestes termos, para compreender o cotidiano é preciso adotar uma postura compreensiva, ou metaforicamente, ler o cotidiano em suas entrelinhas.

Para explicitar esta ideia, recorremos a um exemplo simples extraído das cenas cotidianas citadas anteriormente. Ao refletir sobre os longos tempos de espera enfrentados cotidianamente pelos indivíduos nos contextos urbanos, pode-se perceber que há “algo” que vai além, que escapa à racionalidade dos números e ao suposto controle do tempo. Há expressões de subjetividade que afloram no simples momento do encontro, mesmo quando efêmero e aparentemente banal.

A opressiva espera das filas e pontos de ônibus parece se tornar mais “amena” e até relativamente “prazerosa” quando enfeitada por ironias, piadas, reclamações espirituosas ou conversas fugazes. Opiniões banais aparentemente sem sentido sobre assuntos triviais.

Diálogos entre desconhecidos que buscam uma aproximação efêmera enquanto compartilham o mesmo tempo e lugar.

Comenta-se sobre a chuva que não para, sobre o sol que insiste em incomodar ou sobre as últimas emoções do capítulo de ontem da novela das oito. Não importa. Nesse contexto o conteúdo não precisa ser “significante” ou “significativo”. Sob esse ponto de vista, não interessa se o assunto é o resultado do futebol, um escândalo do jogo político ou um escândalo do mundo das celebridades. O que importa é o contato.

Sobre essa abordagem, Maffesoli (2005, p. 57) explica que “não se trata de focalizar o conteúdo, mas de perceber como a palavra vazia de sentido, por se inserir no jogo do concreto, é, antes de tudo, fator de agregação”. Justamente por serem consideradas “insignificantes”, essas práticas escapam do controle e da punição, constituindo-se enquanto expressão de uma atração exercida e sentida pelos indivíduos, movendo-os para a comunicação e conjunção.

São ações lúdicas que se realizam em si mesmas, sem necessidade de explicação ou reflexão. São movidas pelo que Maffesoli chama de “o desejo de estar-junto”, significado maior de ações aparentemente sem sentido ou razão. São expressões de subjetividade que não possuem “finalidade” prática ou utilitarista, mas, implicitamente, mantêm como única função assentar as relações sobre as quais se constrói a socialidade. Dessas relações se ocupa o formismo sociológico proposto por Maffesoli, uma das possibilidades de abordagem sobre o cotidiano. Nesta perspectiva, a vida cotidiana surge como o palco ou arena onde as relações sociais se alimentam a partir do jogo, do lúdico.

Daí a complexidade (ou seria impossibilidade?) de definir o cotidiano em conceitos ou axiomas. Em um espaço marcado pelo relativismo, não haveria lugar para a segurança das verdades absolutas. Se nos deparamos com o fato de que a lógica do cotidiano se fundamenta no ilógico, logo percebemos que o uso da razão científica não dá conta da complexa tarefa de explicá-la. O conceito restringe, limita, determina a compreensão. Mais do que isso, julga, prescreve. Neste sentido, o cotidiano não é um conceito, mas um estilo:

O cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos, utilizar na arena intelectual. É um estilo, isto é, algo de abrangente, de ambiente, que é a causa e efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto. (MAFFESOLI, 1995. p. 64).

Maffesoli considera o cotidiano como um “estilo de vida que enfatiza os jogos da aparência e os aspectos imateriais da existência”. De fato, ao não considerar o cotidiano como um objeto, mas como uma forma ou estilo, possibilita-se a observação do jogo das interações sociais em seus contextos particulares e sem perder a lógica de suas especificidades. Essa abordagem considera que a vida cotidiana aparece como uma “realidade carregada de simbolismo” (op. cit). Assim como nos aponta Pais (2003, p. 90) “a investigação não deve estar determinada por aquilo que um objeto social é, mas pela forma como se dá a conhecer”.

O estilo cotidiano é da ordem da ação e do aleatório, abarcando os aspectos estéticos, lúdicos, míticos e sensoriais da experiência social. Refere-se não às estruturas sociais, mas ao “jeito” como os indivíduos se relacionam com o coletivo, tecendo uma intrincada e complexa teia de relações.

Como alternativa à rigidez do conceito, Maffesoli (1988) propõe uma “atitude nocional”, ou seja, observar o cotidiano sob diversos ângulos sem limitar as possibilidades de abordagem, identificando noções que contribuam para a construção de um quadro heterogêneo e fragmentado e por isso mesmo mais próximo da diversidade constitutiva do cotidiano. A noção, flexível e polissêmica, nos aproxima da pluralidade da experiência ao fornecer esclarecimentos diversos, indicando que nosso objeto de “è a um só tempo isto e aquilo” (op. cit. p. 60). Abrem-se os campos de possibilidades ao abandonarmos os conceitos excludentes e aplicarmos noções complementares que dialoguem entre si.

Não seria possível dissecar a lógica do cotidiano apenas pelo rigor do método. Pelo menos não pelo método cartesiano, aplicado de forma mecânica, isolado perante a totalidade da experiência. Afinal, se “a concretude da existência escapa ao “sentido” e à verdade lógica”. (op. cit. p. 49) não há como transformar a experiência do dia-dia em abstrações concebidas para se tornarem explicações com status de “leis” definitivas. É preciso entender o cotidiano enquanto processo em constante movimento, buscando apreender as especificidades de seu fluxo, as particularidades de seu percurso.

### 3.1 - Olhares sobre o Cotidiano: Sensibilidade enquanto Método

Se as luzes do racionalismo lógico não nos possibilitam enxergar as estruturas do cotidiano em sua diversidade, um caminho possível seria “tatear” os aspectos da vida cotidiana para assim sentir suas nuances, aguçando nossa sensibilidade para os pequenos fatos que considerávamos imperceptíveis. Sensibilidade enquanto método. Dito de outro modo, um caminho possível para se compreender o cotidiano é a tentativa de interpretação do modo como o senso comum constrói um conhecimento próprio sobre a realidade vivida. Perceber quais os sentidos da ação social para os indivíduos que a constroem de forma empírica, assim como propõe a *etnometodologia* e o *interacionismo simbólico*.

A distância entre a abordagem racionalista e o cotidiano é demarcada pela fronteira entre o conhecimento científico e o conhecimento comum. Fronteira aqui entendida não como divisória ou “trincheira”, mas como lugar de encontro. Ou como delinea Duarte (2003) a fronteira é a superfície comum de troca ou zona de encontro de percepções. Racionalidade e sensibilidade são pontos de vista distintos, saberes que funcionam e se organizam de modo característico.

Entretanto não devem ser considerados em oposição ou rivalidade. Não se trata de descobrir em qual dos prismas encontra-se a “verdade”, mas apenas em perceber que operam como estratégias de interpretação próprias, sendo ambas válidas e coerentes. Este relativismo ressalta que nossa definição do mundo é construída tanto pela razão como pelas crenças, emoções e sensibilidades. Ao descrever a vida social como “uma mistura inextricável de inteligível e de sensível”, Maffesoli (1988, p. 90) nos lembra que “nosso conhecimento de mundo é uma mistura de rigor e poesias, da razão e paixão, de lógica e mitologia”.

Subjetivo e objetivo não sofrem ruptura, mas se interligam. Para compreender a pluralidade de percepções que emerge com o encontro controverso entre razão e senso comum, tracemos algumas diferenciações. Sobre o conhecimento intelectual, como distinguem Berger e Luckmann (1987), o filósofo está obrigado pelo ofício a não considerar nada como verdadeiro, questionando constantemente o mundo em sua volta na busca por definições que possam ser consideradas válidas sobre a “realidade” e o “conhecimento”. Por



outro lado, o “homem da rua habitualmente não se preocupa com o que é “real” para ele e com o que “conhece”, a não ser que esbarre com alguma espécie de problema” (op. cit).

O homem comum simplesmente habita um mundo por ele considerado como real sem a necessidade de questionamentos sobre a validade desse mundo. É o mundo da verdade aparente. Ele simplesmente “conhece” e considera “real” aquilo que experimenta. Vale salientar que a distinção entre “homem comum” e “filósofo” é relativa e contextual, afinal todos os indivíduos são homens comuns que experimentam o mundo na vida cotidiana e, portanto, operam com os saberes do senso comum.

Faz-se necessário apresentar uma ressalva. Não se trata aqui de estabelecer uma hierarquia entre formas de conhecimento. Isso seria inócua e impertinente. Com o objetivo de evidenciar esta advertência, torna-se pertinente trazer para o debate uma ponderação de Lefebvre, pertencente à corrente marxista de análise do cotidiano e que se distancia do ponto de vista adotado pela fenomenologia e sociologia compreensiva. Para Lefebvre (1991, p. 18) “diante da vida cotidiana, a vida filosófica pretende ser superior, e descobre que é vida abstrata e ausente, distanciada, separada”. A defesa de uma suposta superioridade dos saberes científicos e filósofos sobre o senso comum é fundamentada no esquecimento de um princípio óbvio, mas importante: toda vida humana é cotidiana. Mesmo os indivíduos que dedicam seus esforços às ciências e ao saber filosófico organizam a forma como se inserem no mundo a partir das relações estabelecidas na vida cotidiana, seja em grupos familiares ou no dia-dia do lazer, do trabalho e dos afazeres mais banais, porém indispensáveis.

Assim como aponta Pais (2005, p. 74), “o cotidiano pode e deve ser tomado como fio condutor do conhecimento na sociedade”. Isso significa dizer que é na experiência do dia-dia que os demais aspectos da vida em sociedade ganham corpo e são sentidos e experimentados de forma evidente pelos indivíduos. Dessa forma, não há como isolar a vida cotidiana do social, pois é no cotidiano que “experimentam-se tensões, conflitos, posições ideológicas, mudanças, crises, que a sociologia geral e as diversas sociologias parciais tomam ordinariamente como seus objetos.” (op. cit). É no cotidiano que a vida em sociedade de fato ocorre, ganha sentido na experiência construída e re-significada todos os dias.

Na busca por aproximações que contribuam para a compreensão dos fenômenos cotidianos, optou-se por atacar o problema em duas frentes. Primeiro definir coordenadas de identificação dos aspectos que compõe o cotidiano, para então buscar respostas sobre a forma como opera o conhecimento do senso comum.

### 3.2 - Em busca de “Noções” acerca do Cotidiano

Ao compreender o cotidiano em um exercício interpretativo que negue a adoção de uma postura conceitual para explicá-lo, enfatiza-se uma de suas principais características: a multiplicidade. Não há como dar conta de um objeto tão múltiplo e polissêmico, como o cotidiano, limitando-o a um conceito abstrato, que buscasse uma explicação universal para um conjunto de fenômenos marcado por expressões de singularidade. Assim sendo, ao abandonar a “esperança” de que conseguiremos apreender a totalidade do cotidiano em um conceito rígido, evitamos a frustração de não atingi-lo. Indo mais além, evita-se assim a inutilidade de um pressuposto inerte que não se demonstraria eficaz diante da fluidez daquilo que buscamos entender.

Ao invés de estruturar o pensamento em torno de um conceito rígido sobre o cotidiano, preferiu-se aqui apresentar “noções”, teoricamente fundamentadas, que contribuam para o entendimento das formas de organização social expressas na vida de todos os dias. Como nos propõe Maffesoli (1988), adotou-se uma “atitude nocional”, que dê conta da heterogeneidade do cotidiano e forneça “esclarecimentos diversos” sobre um mesmo objeto.

Ao indicar essa postura, Maffesoli defende que “é preferível opôr a moleza (flexibilidade e suavidade) da noção à rigidez do conceito” (idem, p. 59). Busca-se assim sistematizar um conjunto de idéias sobre o cotidiano que nos apresente um mosaico fragmentado de noções que contribuam para a percepção dos fenômenos que o constitui. Esta forma de abordagem colabora para a compreensão do senso comum por não negligenciar a intrínseca fragmentação do cotidiano.

Nessa perspectiva, Pereira (2007), propõe uma discussão em torno do cotidiano a partir de três elementos que lhe são constitutivos, seriam eles: o *mundo da vida*, a *vida cotidiana* e a *cotidianidade*. Trata-se de uma sistematização que contribui para a percepção das nuances do cotidiano.

É importante ressaltar que a construção de uma classificação sobre questões relativas ao senso comum é uma tentativa de compreendê-lo por meio de uma reflexão racional e sistematizada. A constituição de uma sociologia do cotidiano busca compreender o

conhecimento do senso comum por meio de outra forma de conhecimento, lógico, científico e com métodos específicos.

Pode-se definir o mundo da vida como um mundo anterior ao sujeito, um mundo intersubjetivo construído por diversas relações sócio-culturais que já encontramos prontas quando nascemos e com as quais teremos de lidar para nos inserir neste mundo que nos é ofertado como “pronto”. Dito de outra forma, o mundo da vida possui um caráter “*apriorístico*”, tendo sido construído pela ação dos sujeitos que nos antecederam. É um mundo que, potencialmente, está disponível a todos nós e que somos inseridos assim que nascemos.

A idéia de Mundo da Vida (*Lebenswelt*<sup>5</sup>) é proposta por Husserl como “o mundo em que vivemos intuitivamente, com suas realidades como são de fato”. (HUSSERL apud CRESPI e FORNARI, 2006, p. 141). Assim sendo, este é o mundo que experimentamos por meio de uma postura intuitiva, pela “simples experiência vivencial, pré-categorial e pré-científica” (op. cit.). É o mundo do senso comum. Dessa forma, o mundo da vida pode ser compreendido como o mundo que “simplesmente está aí”. Essa noção é trabalhada pela fenomenologia de Alfred Schutz fundamenta a idéia de “atitude natural”, que busca entender como o indivíduo percebe esta realidade que lhe é apresentada.

Esta “realidade”, assim como ocorre no mundo da vida, é construída socialmente, entretanto não é questionada pelo indivíduo no momento em que vivencia sua própria experiência, pois ele simplesmente vive esta realidade da forma que lhe é apresentada. Apesar de surgir diante do indivíduo como algo “pronto”, a realidade do mundo da vida foi construída pelos sujeitos que o antecederam e continuará a ser modificada pelas relações sociais construídas por este indivíduo e seus contemporâneos, assim como por aqueles que estão por vir.

Por isso, esta postura não questionadora dos sujeitos diante do mundo da vida não pode ser confundida com passividade. Afinal, se o mundo da vida é construído e partilhado coletivamente pelas relações sociais, ao sermos integrados à trama que o compõem também nos tornamos agentes capazes de reconstruí-lo e modificá-lo continuamente na experiência cotidiana.

---

<sup>5</sup> Termo usado pela filosofia alemã para designar o que entendemos como “Mundo da Vida”.

Mas ao modificar a realidade do mundo da vida, o indivíduo não “planeja” suas ações com este objetivo, apenas vive a realidade em que está inserido, adotando uma atitude natural expressa pela suspensão da dúvida sobre os fenômenos do dia-dia.

Ao atingirmos a idéia de atitude natural surge à necessidade de pensar como o indivíduo se insere na realidade do mundo da vida. Chega-se assim ao segundo elemento dessa discussão, a *vida cotidiana*.

A *vida cotidiana* pode então ser definida como espaço de inserção do indivíduo no mundo da vida (PEREIRA, 2007). É o lugar de atuação do sujeito, que re-significa a realidade em sua volta e lhe atribui novos sentidos. É o momento onde o sujeito participa desse mundo intersubjetivo e o redefine, tanto individualmente como de forma compartilhada.

Isso porque, assim como nos aponta Schutz (2003, p. 17), “O indivíduo, como ator no mundo social, define, pois, a realidade que encontra”, todavia essa realidade se constitui na ação de outros tantos sujeitos e suas subjetividades, que se encontram e se modificam mutuamente no movimento contínuo do viver em sociedade. Esse espaço de modificação da realidade social não se dá por rupturas bruscas ou revoluções totalizantes, mas por movimentos sutis e por vezes imperceptíveis. Como argumenta Maffesoli (2005, p.48):

O que se chama de vida cotidiana é feito de microatitudes, de criações minúsculas, de situações pontuais e totalmente efêmeras. É *stricto sensu* uma trama feita de minúsculos fios estreitamente tecidos e, separados, completamente insignificantes.

Percebidos desta maneira, o mundo da vida e a vida cotidiana são elementos indissociáveis e que mantêm uma relação contínua de mútua influência. O homem comum situa suas ações a partir da realidade que lhe é apresentada como “verdadeira” pelo mundo da vida, mas redefine constantemente esta realidade na vida cotidiana, junto com seus contemporâneos. Os sujeitos se relacionam e atuam na transformação gradual do mundo da vida apesar de não fazerem isto de forma planejada, pois uma das características centrais do mundo da vida é a “inconsciência de seus membros” (op. cit. P. 24).

A noção de *cotidianidade*<sup>6</sup> pode então ser definida, para Pereira (2007) como a adjetivação da vida cotidiana, expressão de seus aspectos qualitativos. Pode-se então perceber que esta *cotidianidade* é composta por aquilo que emerge da experiência do homem na vida cotidiana, o produto de sua interferência no mundo da vida. Partindo daí, pode-se definir a noção de *cotidianidade* como o produto da ação dos sujeitos, aquilo que é construído pelos sujeitos no fazer cotidiano, o produto dessa ação no cotidiano, aquilo que lhe pertence.

Ao se estabelecer relações entre noções como mundo da vida, vida cotidiana e *cotidianidade*, coloca-se no centro da discussão a forma como o homem organiza a própria existência nas relações sociais do dia-dia, transformando-as por meio de vínculos, mesmo que efêmeros, estabelecidos no exercício diário de compreender e significar o mundo e estabelecer parâmetros de realidade que tornem a vida possível, ou para ser mais preciso, que tornem possível o ato de viver em sociedade. É preciso tornar o mundo legível, compreensível, interpretável. E isso ocorre por meio da linguagem, das interações e da comunicação.

### 3.3 - O Espaço e o Tempo do Cotidiano

A constituição de uma forma de observação atenta sobre a lógica cotidiana pressupõe uma demarcação. É preciso impor ao pesquisador limites para o próprio campo de observação. Ao se debruçar pelo fluxo das banalidades, uma sociologia da vida cotidiana poderia correr os riscos de se perder naquilo que Balandier chamou de uma “abundância de detalhes”<sup>7</sup>, o que impossibilitaria o percurso antes mesmo do primeiro passo. Apesar da multiplicidade inerente ao cotidiano, é preciso estabelecer critérios.

No entanto, essa definição se constitui como um processo arbitrário. É o que alerta Balandier (1983) ao empreender a construção de um “modelo de identificação do cotidiano”. Na tentativa de identificar coordenadas confiáveis que possibilitem distinguir o que interessa

---

<sup>6</sup> *Alltäglichkeit*, *cotidianidade* no termo original usado pela filosofia alemã.

<sup>7</sup> Do francês: “*le détail foisonne*”. (Balandier, 1983. p. 11).

ou não ao estudo da vida cotidiana, o sociólogo francês estabeleceu critérios fundamentados em dois aspectos essenciais: o indivíduo e suas práticas sociais.

Sobre a adoção deste ponto de vista, Pais (2005, p. 85) comenta que “o indivíduo aparece, nesta perspectiva, como a origem do sistema de coordenadas a partir das quais as dimensões de orientação acabam por ficar determinadas no campo que o rodeia” (p. 85) . Por um lado, isso direciona os estudos do cotidiano para uma abordagem predominantemente micro-sociológica. Em contrapartida, determina as coordenadas espaço-temporais adotadas para a delimitação preliminar da abrangência do foco de observação.

Se o indivíduo e suas práticas formam o que podemos chamar de “epicentro do cotidiano”, a delimitação da perspectiva de análise se organizará em torno dele e da percepção por ele adotada nas relações sociais. O campo de atuação dos sujeitos na vida cotidiana é demarcado pelos limites de acesso de seus próprios sentidos, pelo alcance de instrumentos sensoriais. Interpreta-se como “real” aquilo que pode ser percebido e identificado de alguma forma. Por este motivo, “o indivíduo interessa-se sobretudo pelo setor do mundo cotidiano que está ao seu alcance e que, do seu ponto de vista, se ordena espacial e temporalmente em volta de si, como centro.” (op. cit. p. 84)

Ainda nesta perspectiva, Berger e Luckmann (1987. p. 39) apontam que “a realidade da vida cotidiana está organizada em torno do “aqui” de meu corpo e do “agora” de meu presente. Este “aqui e agora” é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana”. Em síntese, a zona da vida cotidiana é o mundo ao meu alcance.

O eixo central do cotidiano pode ser então considerado como sendo o “mundo de alcance efetivo”, como designou Schutz ao tratar da “zona de operação” onde atuam os indivíduos a partir dos limites da presença corpórea. Essa zona de operação é o centro de minhas referências no cotidiano, mas não sua fronteira. O cotidiano não se limita ao que posso tocar e sentir no tempo presente, pois fatores externos e muitas vezes alheios a mim fazem parte de minha experiência na vida cotidiana.

O cotidiano refere-se ao ambiente imediato, mas não se esgota nas presenças imediatas. É aí que, por exemplo, atuam as mídias. A mediação da comunicação, em suas diversas linguagens e suportes, transcendem os limites do aqui e agora limitado pelos sistemas sensoriais da percepção humana e trazem para perto da realidade vivida, e em tempo presente, atos distantes espacial ou temporalmente.

Devido a esta imbricação de referenciais, Balandier (1983) propõe uma categorização dos espaços e temporalidades que compõem a trama da vida cotidiana. Com relação às coordenadas espaciais e de acordo com esta “cartografia da experiência individual”, a cotidianidade poderia ser entendida por meio de uma divisão entre “o centro e a periferia do cotidiano”. A atenção dos indivíduos se dispersaria ou seria distribuída pela vida cotidiana a partir dos ambientes privados (casa), passando pelos ambientes eletivos e por fim até os locais públicos (locais onde se realizam atividades públicas regulares). Quanto maior a proximidade com o indivíduo mais significativo seria o espaço referencial para a definição dos modos de pensar e agir na vida cotidiana.

O centro pode ser definido como o lugar das relações mais intensas, vividas diariamente ou de forma mais frequente. São relações que possuem um caráter particular e eletivo, referindo às ao espaço das escolhas dos sujeitos por dependerem, em maior ou menor grau, da adesão dos sujeitos. Estabelecem-se como relações próximas, tais como a vida doméstica, os laços familiares, a vizinhança, amizade, camaradagem ou uma filiação institucional ou profissional. São relações construídas nas interações pessoais e se constituem por um ambiente marcado por expressões da sensibilidade, afeto ou sexualidade. Sobre as temporalidades da vida cotidiana, Balandier observa três aspectos característicos. Seriam eles:

1. A repetição contra o acontecimento
2. A ruptura contra a repetição
3. Cotidiano contra o tempo

O primeiro seria a repetição contra o acontecimento. A vida cotidiana seria organizada a partir “do ritmo das regularidades, dos ciclos e das repetições” (op. cit. p. 13). Dessa forma, o tempo da repetição poderia ser considerado um fator de segurança, agindo contra os acontecimentos do acaso. A rotina é uma forma de proteção contra o inesperado.

O segundo aspecto diz respeito à ruptura contra a repetição. Para que a monotonia da ordem seja suportável é preciso quebrá-la. Trata-se da quebra ou ruptura do ciclo repetitivo que possui a função de reforçar a própria rotina. Como compara Balandier “assim como a desordem que permite gerar a ordem”<sup>8</sup>. Atuam neste sentido as festividades, banquetes, férias, viagens. São ações que abrem espaço para o excesso e transgressão e que por isso

---

<sup>8</sup> “tout comme Le désordre permet de régénérer l’ordre” (BALANDIER, 1983. p. 14)

acrescentam algo de diferente ao cotidiano, mudando o ritmo, as relações e os modos de consumo. Causam certa “desorientação” com relação às coordenadas habituais da experiência, promovendo a oportunidade de se viver de outra maneira, para contraditoriamente, reforçar o ciclo da repetição.

O terceiro aspecto seria a relação do cotidiano contra o tempo. Trata das iniciativas que possuem o objetivo de gestão e controle do tempo no cotidiano. É o domínio do tempo necessário para o estabelecimento de rotinas. A imposição da rotina impede que o acaso irrompa e desorganize a ordem da repetição. Ao tratarem da noção de rotina, Balandier e Maffesoli apresentam pontos de vista distintos mas não divergentes. Enquanto para Balandier a rotina é um instrumento de estruturação do cotidiano e fator de segurança, Maffesoli percebe a rotina na ordem do ritual, da confirmação do cotidiano pela repetição de ações que se teatralizam pelo modo como são encenados e executados seus ritos. Relaciona-se com a aparência. São os ritos que tornam aparentes os mitos e símbolos do imaginário social, estruturando o sentido do cotidiano por meio de sua estetização.

Entretanto, as coordenadas espaço-temporais propostas por Balandier serão adotadas aqui devido à aplicabilidade à análise da forma como o telejornalismo regional se insere no cotidiano do lugar onde atua, bem como quanto ao estabelecimento de relações entre as temporalidades dos fatos cotidianos e conceitos definidores das notícias. Articulado estas coordenadas com alguns dos paradigmas propostos pela hipótese do *newsmaking*, é possível obter respostas reveladoras sobre as estruturas institucionais de produção de sentidos usadas pelos jornalistas.

Quanto ao espaço questiona-se em que “lugares” a rede de captação de notícias do jornalismo está capilarizada, ou seja, a estrutura de coleta das informações está predominantemente “enraizada” nos espaços do “centro” ou à “periferia” do cotidiano? Onde estão os jornalistas e suas fontes e como se dá essa relação? Já que a ação dos jornalistas orbita em torno da noção de periodicidade e tempo, como as noções de rotina e repetição influenciam na constituição de um modo específico de agir? Qual a relação entre o jornalismo e as noções de “inesperado” e “ruptura”? Há de fato uma tentativa de gerir e controlar o inesperado? Estas questões estarão presentes na análise das interações observadas no ambiente da redação e nortearam a interpretação das intencionalidades dos sujeitos que habitam o campo do jornalismo.



### 3.4 - A Comunicação no Cotidiano: Significando o Mundo da Vida

*Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte de tédio  
Que vai de mim, para o outro  
(Mário de Sá-Carneiro)<sup>9</sup>*

Defino o meu lugar no mundo a partir das experiências que vivi e senti. Entretanto não faço isso sozinho. Experimento e interpreto o mundo por meio também das relações sociais que estabeleço no lugar onde habito e por onde passo, círculo e me desloco. Compartilho com meus contemporâneos não apenas uma mesma temporalidade, mas também um contexto sócio-cultural que estabelece os parâmetros que definem a perspectiva pela qual percebemos a realidade social. Ao me expressar e estabelecer vínculos, interfiro no processo de construção de significados de meus interlocutores, assim como sou influenciado por eles. O diálogo deixa marcas em ambos. É no momento do “encontro” que se produz e dissemina significados no cotidiano.

Partindo-se do pressuposto de que o mundo da vida Schutziano é o “mundo dos significados intersubjetivamente partilhados”, logo se percebe que este não poderia se constituir como tal sem um processo de comunicação. Afinal, os significados são construídos e partilhados em ações comunicativas. A comunicação realizada a partir das interações face a face se situa como um dos pilares fundadores da intersubjetividade no mundo da vida.

É por meio da linguagem, enquanto sistema tipificador, que podemos exteriorizar nossas experiências subjetivas, tornando possível objetivá-las na constituição das relações sociais. Estabelece-se assim um momento de troca, de encontro. Nossas subjetividades são objetivadas no uso da linguagem e assim se interrelacionam, se influenciam e se modificam mutuamente, produzindo novos significados e dotando de sentido as relações sociais. Através da linguagem re-significamos o mundo da vida na experiência cotidiana. É pelas linguagens, em suas diversas formas de expressão, que tornamos nossas subjetividades perceptíveis ao outro e, por outro lado, temos acesso e podemos “sentir” ou interpretar as subjetividades daqueles que nos rodeiam e que permeiam a trama social onde o encontro acontece.

---

<sup>9</sup> Poema “O Outro”. Extraído de: CALCANHOTO, A. **Público**. São Paulo: BMG, 2000. CD (52min.).

Nossas experiências se tornam então acessíveis ao outro, assim como o outro, objetivado em signos, se torna acessível a cada um de nós. A relação se torna possível e vínculos podem assim ser construídos. A compreensão do papel indispensável desempenhado pela linguagem na construção de vínculos e na formação de uma percepção de mundo por um grupo social que partilha um contexto determinado fundamenta a escolha metodológica da pesquisa proposta a partir da discussão entre as relações da mídia com o cotidiano.

### **3.5 - A Mídia e o Conhecimento do Cotidiano**

É no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e manutenção do senso comum. (SILVERTONE, 2002, p. 20)

O senso comum é uma forma de conhecimento que não precisa de nenhum tipo de institucionalização para existir. Trata-se de uma forma de conhecimento que organiza a vida diária a partir da experiência, do fazer cotidiano, dos valores e percepções que circulam intersubjetivamente pelo mundo da vida. Os sujeitos explicitam estes valores e percepções por meio da linguagem, reveladora da lógica não sistematizada do senso comum. Pode-se considerá-lo um conhecimento empírico, mas como tal não menos complexo.

A relação entre o campo midiático e o senso comum pode ser considerada como uma relação de certa proximidade, mas não de dependência, pelo menos no que se refere ao senso comum. Esta forma de conhecimento não depende da mídia para existir, por outro lado, as linguagens midiáticas têm de se adaptar à linguagem e ao imaginário do senso comum para poder disseminar seus discursos pela sociedade.

A suposta relação de dependência aqui se inverte. Considerar que a mídia depende do senso comum para existir não significa dizer que esta forma de conhecimento regula ou controla as práticas midiáticas. Não se pode esquecer de que se trata de uma linguagem

técnica e, como tal, possui regras próprias produzidas de forma sistematizada por um saber racionalizado. Ao invés de falar de “manutenção do senso comum” por meio das ações da mídia, como aponta Silverstone, prefere-se aqui tratar de uma inserção da mídia no mundo do senso comum. Pode-se tentar compreender isso a partir da noção de mundo da vida.

Um indivíduo que tenha nascido no século XX carrega em sua memória experiências com as quais ele não teve acesso direto, fatos que aconteceram distante do seu campo de atuação física e de suas experiências próximas. Se considerarmos a vida cotidiana como o lugar do “aqui e agora”, apenas os eventos que estivessem ao alcance dos nossos aparatos de percepção poderiam influenciar a nossa vida cotidiana. Fatos distantes aos quais não sentimos diretamente seriam percebidos apenas enquanto relato daqueles que lá estiveram e nos transmitiram suas impressões pessoais. Todo fato faz parte do cotidiano, mas num sentido relativo. Os fatos fazem parte do cotidiano apenas daqueles que o sentiram e presenciaram. Como as experiências individuais são o “núcleo” do cotidiano, a versão contada pelo outro surge diante de nossa subjetividade enquanto abstração, memória sobre a qual refletimos, mas não partilhamos as mesmas experiências.

Entretanto, tais acontecimentos “invadem” o espaço cotidiano dos indivíduos pela mediação tecnológica dos meios de informação. Para Thompson (1998) a conexão entre a percepção direta de um evento e o ato de torná-lo público foi alterada com a atuação das mídias. O evento não precisa mais ser presenciado fisicamente pelos indivíduos para adquirir significado público e a experiência se dissocia dos contextos locais para se tornar “experiência mediada”.

Ilustrando com um exemplo já desgastado, mas ainda expressivo pela significância em nossa memória recente, não era necessário estar em Nova York na manhã do dia 11 de setembro de 2001 para “testemunhar” e sentir o impacto de um ataque de extrema violência. Ao narrarmos o atentado em nossas conversas triviais, trocávamos impressões a partir das imagens que vimos e das emoções que elas nos despertaram. Descrevemos o desenrolar das ações como se lá estivéssemos e mais do que isso, partilhávamos as mesmas impressões de forma como se estivéssemos lá simultaneamente. E de fato estávamos, conectados. Para usar uma expressão comum em época de relações virtuais, estávamos “on”, conectados “na” e “pela” experiência mediada.

Assim como nos propõe Silverstone (2005. p. 24): “ligar a TV ou abrir um jornal na privacidade de nossa sala é envolver-se num ato de transcendência espacial”. Agora o homem

pode perceber em seu cotidiano experiências que jamais teria acesso sem a presença da atuação das mídias. O relato de fatos distantes é substituído pela sensação de presença, de testemunho. A inserção da mídia na organização do lar é um indício disto. Organizamos nossas atividades diárias e até mesmo a disposição dos móveis e objetos mais banais nos cômodos de nossas casas pela presença de uma tela, seja de TV ou computador. A tela enquanto “totem” por meio do qual se tem acesso a algo que é distante, onde tenho a impressão de transcender as limitações do meu alcance corporal e perceptivo aos fatos do cotidiano. É a tela enquanto lugar de transcendência, nossa janela para o mundo:

Agora temos novas portas, marcadas pela soleira da televisão ou da tela do computador. Portas e janelas que nos permitem ver e transpor os limites do espaço físico da casa; transpor, de fato, a imaginação. Ligar, conectar-se é transcender o espaço físico, é claro. (...) Mas é adentrar um território marcado, que oferece um vislumbre de algo sagrado; ordinário mas ultramundano; poderoso em sua capacidade de nos dar a ilusão e às vezes a realidade do controle adquirido e exercido; poderoso, também, naquilo que amiúde se crê que ele é capaz de fazer para nós. Com efeito, onde no mundo o poder pessoal não é de dois gumes? Alcançar é também ser alcançado. (SILVERSTONE, op.cit. p. 170)

Mantendo o olhar neste indivíduo nascido na era das mídias, compreende-se que este já encontrou um modo de vida onde a mediação tecnológica desempenha um papel preponderante. A tela como ferramenta de cognição, usada pelos sujeitos no mundo da vida. Este indivíduo típico aprendeu a perceber a realidade não apenas por meio de seus sentidos, mas através de telas, páginas e ondas de radiodifusão. Os artefatos tecnológicos fazem parte de seu repertório de formas de percepção. Estão inseridos na experiência da vida cotidiana.

As percepções que este sujeito irá construir sobre a realidade que o cerca serão então influenciadas também pelas experiências construídas em torno das mídias, não em um sentido de determinação, mas de apropriação mútua. O sujeito se apropria dos sentidos disseminados pelos veículos de comunicação e os re-significa no mundo empírico do cotidiano. Assim como a linguagem midiática vai utilizar aspectos lingüísticos e simbólicos constitutivos da banalidade da rotina diária para construir seus discursos e produtos. Se estivessem distantes da vida cotidiana, estes produtos não possuiriam sentido.

Mas essa apropriação midiática do conhecimento cotidiano pode causar distorções. Os valores e crenças do senso comum refratam-se ao passar pelas lentes do enquadramento

jornalístico. São “encaixados” ou “adaptados” a lógica interna dos sistemas das mídias. Dito de outra forma, o jornalismo ao enquadrar o senso comum em uma linguagem intrínseca aos interesses do campo midiático produz efeitos na forma como seus interlocutores percebem a realidade que lhes é mostrada pela mediação informacional. Não se trata de um discurso do cotidiano, mas um discurso midiático sobre o cotidiano e para o homem comum.

Neste processo, as mídias constroem um enquadramento peculiar da realidade social. Trata-se de outra forma de conhecimento, produzido institucionalmente. Para compreender a distinção entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento operacionalizado pelas mídias na produção de conteúdos, pode-se comparar a forma como o homem se situa e percebe a vida cotidiana e como o jornalista percebe o social para transformá-lo em narrativa.

### 3.6 – Senso Comum e Jornalismo: Diálogos e Aproximações

*O único mistério do Universo é o mais e não o menos.  
Percebemos demais as cousas - eis o erro, a dúvida.  
O que existe, transcende para mim o que julgo que existe.  
A Realidade é apenas real e não pensada.  
(Alberto Caeiro [Fernando Pessoa]).<sup>10</sup>*

O homem comum, em suas ações e interações corriqueiras, operacionaliza um tipo de conhecimento intuitivo. Intuitivo, pois não precisa de conceitos teóricos, abstrações filosóficas, rigor técnico ou teste de veracidade para organizar a realidade onde está inserido. Trata-se de um saber fluido, movente, que se adapta aos caminhos que busca trilhar.

É uma forma de conhecimento do “aqui e agora”, um saber que carrega consigo uma constante influência de valores e visões de mundo construídos e partilhados intersubjetivamente, mas que o indivíduo coloca em prática sem saber de onde vem, sem determinar sua origem histórica e, nem tampouco, sem pretensões de indicar-lhe um futuro. O sujeito simplesmente aplica este saber na experiência cotidiana. É um saber empírico.

---

<sup>10</sup>Poema “O Único Mistério do Mundo”, disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/fp282.html>>.

Desta forma, é na vida cotidiana que o indivíduo constrói a sua realidade. Ao utilizar o termo realidade, adotamos outro pressuposto construído com base nas idéias de Schutz:

A realidade da vida cotidiana é admitida como sendo a realidade. Não requer maior verificação, que se estenda além de sua simples presença. Está simplesmente aí, com facticidade evidente por si mesma e compulsória. Sei que é real. Embora seja capaz de emprenhar-me em dúvida a respeito da realidade dela, sou obrigado a suspender esta dúvida ao existir rotineiramente na vida cotidiana. (BERGER e LUCKMANN, 1987, p. 41)

Entretanto, a “realidade das mídias” é construída por meio de outras operações. Operações que de fato se relacionam com o conhecimento do senso comum, mas que funcionam a partir de outra perspectiva. As rotinas produtivas do jornalismo tendem a promover certo apagamento dos sujeitos que a produzem. Ao discutir a hipótese do *newsmaking*, Pena (2006, p. 129), aponta que “embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional”. O olhar por ele utilizado para perceber a realidade não é só seu, mas é institucionalmente construído. A notícia aparece como um produto praticamente “sem autor”, ou produzida por vários autores que interferem coletivamente em sua construção, mas que têm suas marcas pessoais apagadas no decorrer do processo.

Isso pode ser observado também no telejornalismo. As impressões pessoais e a subjetividade dos jornalistas envolvidos na construção da notícia se diluem na rotina da redação. A notícia passa por várias “mãos”, tal qual em uma linha de produção. Cada jornalista deixa as marcas de seu trabalho ao processar as informações, mas estas marcas se apagam mutuamente no decorrer do processo de elaboração do material jornalístico.

A sugestão de pauta, independente da fonte, já surge e é avaliada de acordo com critérios de noticiabilidade. Caso o fato em questão não se enquadre em noções como atualidade, universalidade, importância, impacto, brevidade e até mesmo um caráter inusitado ou excepcional, será então descartado logo no início do processo de apuração. Pode-se afirmar que o fato é então considerado como notícia em potencial. Ao entrar nas engrenagens da redação, as informações serão aí tratadas de formas distintas por produtores, repórteres, cinegrafistas, editores de texto e apresentadores.

Mesmo após a finalização da matéria, esta ainda passa pelo crivo do editor-chefe do telejornal para qual foi destinada e em última instância das chefias de redação e diretorias gerais de jornalismo, que supervisionam todo o processo. A participação subjetiva de todos intervém no resultado final, mas resulta em uma narrativa que produz um olhar formatado midiaticamente sobre a realidade. São vários olhares que se cruzam, mas que tentam observar o cotidiano por um mesmo prisma, da linguagem jornalística. Levante-se aqui a hipótese de que esta seja uma das causas da uniformidade nas narrativas midiáticas.

Constitui-se assim a figura de um “narrador institucional”, onde os vários sujeitos que integram o mesmo campo de forças utilizam os mesmo parâmetros para perceber a realidade e torná-la inteligível aos outros. O sistema de organização em rede nas emissoras de televisão brasileiras é um exemplo disso devido à forte concentração da produção. Várias emissoras regionais espalhadas por todo o país e que sejam afiliadas a uma mesma rede tendem a tratar dos mesmos temas e com abordagens e estratégias narrativas semelhantes.

O narrador cede espaço ao enquadramento de uma linha editorial que molda uma visão institucional e racional sobre o cotidiano. Isso pode ser percebido mais notadamente no caso das afiliadas à Rede Globo, mas ocorre como as demais redes brasileiras. Um telespectador mais atento pode observar isso ao viajar pelo país. Se não lhe fosse dito o lugar aonde se encontra, talvez pensasse ainda estar em sua terra natal ao assistir ao noticiário noturno. A propagação de abordagens padronizadas resulta em certa supressão das particularidades regionais, camufladas entre fórmulas narrativas pré-estabelecidas e normas editoriais estáveis.

Essa visão peculiar do telejornalismo não apenas cria uma versão sobre o cotidiano urbano, mas o constitui de forma intrínseca. Trata-se de uma visão que é naturalizada no processo de produção de notícias, no qual o jornalista adota uma “atitude natural” com relação aos procedimentos do dia-dia na redação. Discutir as operações acionadas pelos sujeitos-jornalistas em sua inserção no cotidiano da cidade contribui para apreender a forma como essa percepção é construída.

Para compreender este processo no jornalismo, pode-se discutir um dos pressupostos das teorias construtivistas e da *etnometodologia*: de que ao descrever uma realidade, o agente social também a constitui, a constrói por meio da sua expressão em linguagem, em signos. A realidade da vida urbana, onde o telejornalismo se insere de forma mais incisiva, é percebida no noticiário televisivo como espaço de ruptura, fragmentação, velocidade e descontinuidade. Aspectos que a constituem por meio da descrição dos agentes sociais e do jornalismo.

Ao se deparar com a necessidade imperiosa de lidar com os fatos na medida em que estes supostamente acontecem, o jornalismo, sobretudo o noticiário televisual, adota mecanismos de apreensão da realidade com características similares ao conhecimento do senso comum, sem deixar de ser um conhecimento técnico e regulado. A adoção desse modo de agir é motivada pela lógica da imediatez, do tempo real e da transmissão ao vivo, e pela necessidade de “dar antes a notícia” proporcionada pela concorrência. A lógica industrial que estrutura o trabalho no jornalismo também contribui para a velocidade e o tempo sejam fatores determinantes no comportamento sujeitos que produzem o noticiário.

Assim como aponta Meditsch (1997, p. 06) “ao se fixar na imediatez do real, o jornalismo opera no campo lógico do senso comum, e esta característica definidora é fundamental”. Ao ter de compreender, ou pelo menos descrever, as notícias na imediatez do transcorrer dos fatos, os profissionais do jornalismo precisam criar e aplicar tipificações para tornar o cotidiano compreensível, num exercício rotineiro que possui certa similaridade aos mecanismos de apreensão do real no senso comum e da noção de atitude natural.

Esse exercício de apreensão do real possui uma dupla funcionalidade inerente aos objetivos da produção jornalística. Afinal, um repórter, produtor ou editor necessita não apenas tornar a complexidade do cotidiano compreensível para si, algo imprescindível para o êxito de seu trabalho na execução das rotinas produtivas. Precisa, principalmente, tornar este conhecimento compreensível para o público ao qual se destinam as notícias ou reportagens resultantes desse processo. É o que comprova Moretzsohn (p. 133) ao discutir a lógica de construção das questões que norteiam as pautas de entrevistas no jornalismo: “as perguntas são feitas visando não o auto-conhecimento, mas o esclarecimento de um outro (o público)”.

Entretanto não se trata de um conhecimento do senso comum, mas um conhecimento institucionalizado. Quando se busca aproximações entre a forma de perceber o cotidiano no senso comum e no jornalismo, é importante destacar que a percepção jornalística é moldada pelas regras internas do campo, pelas injunções do mercado e pela linguagem midiática adotada. No caso do objeto de estudo desde trabalho, a linguagem audiovisual em um gênero televisual específico: o telejornalismo.

Assim como o senso comum, o telejornalismo se apresenta como um conhecimento conjugado em tempo presente, um conhecimento do “aqui e agora”. No mundo do senso comum, a percepção que cada indivíduo constrói sobre a realidade exterior é orientada pelas coordenadas da experiência pessoal, pois, assim como demonstra Schutz(2003, p. 19) “o lugar



que meu corpo ocupa no mundo, meu aqui e agora é o ponto de partida a partir do qual me oriento no espaço”.

Na apuração jornalística, o tempo presente se impõe pela imediatez exigida como uma das “razões de ser” da notícia, uma de suas características fundamentais. Um exemplo disto pode ser percebido em reportagens televisivas onde os repórteres constroem suas narrativas adotando a perspectiva do que ocorre no presente, mesmo quando se busca uma contextualização em fatos passados ou se tenta traçar perspectivas para o futuro. Baseiam-se não apenas em fatos recentes, mas em situações ainda em andamento, em processo. Este é o desafio enfrentado pelos jornalistas: interpretar e produzir significados sobre um fato enquanto este ainda está ocorrendo. Assim como no mundo do cotidiano, não há tempo para executar uma reflexão que tenha a densidade exigida em outras formas de conhecimento, como o saber científico. É preciso interpretar e comunicar os fatos no “aqui e agora”.

Uma forma de se criar a sensação de acesso imediato a um acontecimento é o recurso das entradas “Ao vivo”. Isso porque a transmissão direta simula ou proporciona a sensação no telespectador de presenciar tal acontecimento no espaço do “Aqui e agora” da vida cotidiana. Por meio da linguagem audiovisual e das transmissões “Ao Vivo” e em “tempo real”, a TV proporciona uma sensação de contato testemunhal entre os telespectadores e o fato narrado. Cria-se uma sensação de “experiência vivida” sobre o fato assistido na tela, como se tal fato também estivesse sendo “compartilhado” à distância pelo público em suas salas de estar.

Além de direcionar à atenção nesta análise aos efeitos das rotinas produtivas na produção de uma abordagem simplificadora sobre o cotidiano e a realidade social, pretende-se tentar perceber as brechas possíveis neste processo de produção industrial de significados. Brechas capazes de abrir possibilidades de surgimento de novos pontos de vista e novas abordagens que possam dar conta (de forma simples, porém não simplificadora) da complexidade do cotidiano e das relações sociais que o compõem.

Entretanto, pode-se perceber na análise e no acompanhamento das coberturas jornalísticas uma tendência que aponta para a disposição da mídia em rapidamente absorver essas novas abordagens, pasteurizando enquadramentos nas engrenagens das rotinas produtivas. O que em um primeiro momento surge como alternativa, pode se tornar modelo ao se repetir nas esteiras da linha de produção de sentidos do jornalismo. O que de início pode significar ruptura pode ser metabolizado pela mídia e se transformar em fórmula pré-estabelecida, em clichê.

### 3.7 – A Intersubjetividade na Construção do Real

Ao se estabelecer uma relação entre a forma de conhecimento característica do senso comum e o saber técnico-institucional de uma redação jornalística, se faz necessário a adoção de pressupostos teóricos e metodológicos que dêem conta da compreensão das formas de percepção utilizadas pelo homem comum em seu cotidiano. Sem esta fundamentação, não seria viável a compreensão dos mecanismos da percepção da realidade do senso comum apropriados pela linguagem do telejornalismo. Afinal, trata-se de um objeto de estudo relacionado intrinsecamente com a subjetividade dos sujeitos envolvidos e suas interrelações.

Para empreender este investida reflexiva, foram adotados os pressupostos da fenomenologia de Schtuz adaptada à discussão sobre as interações que compõem o processo de negociações inerente as rotinas jornalísticas. Esta escolha epistemológica se deve a capacidade da fenomenologia de contribuir para a compreensão da estrutura e significação do mundo do senso comum, aqui entendido enquanto “mundo intersubjetivamente partilhado pelo homem na atitude natural” (SCHUTZ, 2003. P. 16).

Para Schutz, o mundo do senso comum se caracteriza por ser o espaço de resistência e ação, sendo assim lugar da cena da ação social. A noção de intersubjetividade é inerente ao conceito de mundo da vida, pois este só é possível por meio do encontro de homens que mantém uma relação de mútuo entendimento. A dicotomia clássica da sociologia entre indivíduo e coletividade é aqui entendida não como oposição, mas como complementaridade.

O mundo da ação social é construído no encontro da experiência única e subjetiva de um agente social com as percepções construídas e compartilhadas por outros tantos atores sociais que habitam numa mesma esfera da vida cotidiana. Neste contexto de “encontro simbólico” a comunicação exerce um papel constitutivo, pois é por meio da linguagem que os indivíduos podem objetivar suas subjetividades, ou seja, é por meio da linguagem que o homem torna o seu mundo interior acessível aos outros indivíduos, tornando a relação possível.

O senso comum pode então ser compreendido como um saber não formalizado, sem regras fixas ou instrumental definido. Assim como nos aponta Schtuz (idem, ibdem), “as

estruturas da vida cotidiana não são apreendidas formalmente pelo senso comum. Ao invés disso, o senso comum vê o mundo, atua nele e o interpreta por meio de tipificações implícitas”. Este mundo da vida cotidiana se caracteriza por ser apresentado como pressuposto, como “apriorístico”. É um mundo que existe antes de nascermos e onde somos inseridos sem termos de, necessariamente, questioná-lo. É um mundo que apreendemos como real partindo da premissa de que o mundo simplesmente “está aí”, ou seja, cremos que é aquilo que aparenta ser. Partindo-se desse pressuposto, podemos compreender dois conceitos fundamentais na fenomenologia de Schtuz e que estão intrinsecamente relacionados: realidade eminente e atitude natural.

A realidade eminente é o mundo da ação, do executar e da linguagem na vida diária. Esta é a “realidade que o indivíduo pressupõe e na qual vive credulamente dentro da atitude natural.” (op. cit. P. 29). Dessa forma, a atitude natural é a postura não questionadora que o indivíduo adota em suas atividades mais corriqueiras e que organiza sua forma de vida e suas percepções de mundo na vida cotidiana. Baseia-se em tipificações que tornam o mundo compreensível por meio de estruturas pré-existentes, que já conhecemos de forma implícita, mas que são utilizadas de acordo com as situações que surgem no decorrer da vida diária. Estas tipificações são “receitas que (os indivíduos) utilizam como técnicas para compreender, e ao mesmo tempo controlar, aspectos de sua experiência” (op. cit. P. 18).

As situações do cotidiano são enfrentadas por meio de estruturas que tornam familiar aquilo que se busca conhecer. A cada nova situação, os homens não precisam criar imediatamente novas formas de agir, pois se utilizam do que Schutz chama de “acervo de conhecimento à mão”, ou seja, estruturas pré-estabelecidas que tornam a ação possível no aqui e agora da vida cotidiana.

Para que isso ocorra, não é necessário que se tenha consciência disto, simplesmente se age assim na atitude natural. Assim sendo, “a realidade eminente se baseia na verdade aparente da atitude natural” (op. cit. P. 29).

Em linhas gerais, pode-se aplicar esta noção de realidade eminente e atitude natural a análise de qualquer grupo humano ou organização específica. Na rotinização do mundo do trabalho, por exemplo, seria possível compreender a naturalização de ações corriqueiras, que depois de serem aprendidas pelos membros de um determinado grupo não são mais questionadas pelos seus realizadores, apenas aplicadas às demandas cotidianas.

Entretanto, quando se trata das rotinas de produção jornalística essa reflexão sobre as tipificações e a atitude natural se torna ainda mais complexa, pois se tratam de operações institucionalizadas de interpretação da realidade que são disseminadas socialmente. O jornalista tipifica o mundo ao seu redor não apenas para si, mas também para o seu público. Tais tipificações além de se basearem em experiências anteriores e dessa forma se tornam elementares a tal ponto que possam ser compreendidas por um público relativamente indeterminado e heterogêneo.

### **3.8 - A Tipificação do Inesperado: A atitude natural na produção de notícias**

Partindo-se da aproximação entre as estratégias implícitas de compreensão do real no senso comum e os mecanismos de apreensão do real no telejornalismo, busca-se compreender o estabelecimento de ações, tipificações e representações que se repetem e se legitimam no processo de apuração, produção e edição de notícias na TV.

Dentre as “estratégias” de conhecimento do senso comum, podemos citar as metáforas, as analogias, o jogo, o lúdico. São os axiomas de cunho moral mas poético dos provérbios ou a perspicácia sagaz dos trocadilhos. Mas todas estas “astúcias” tem como principal pilar a experiência. São expressões de um discernimento prático, direcionado a resolução dos problemas na proporção em que eles surgem. Ou como avalia Geertz (1997. p. 115), trata-se de “uma sabedoria coloquial, com pés no chão, que julga ou avalia a realidade”.

Opõe-se, neste sentido, a ciência e a filosofia que se baseiam na construção constante de formas problemáticas e muitas delas sem a obrigação de possuir relação com finalidades práticas. Na lógica do senso comum não há espaço para problemas abstratos. Uma vez resolvido o problema, o bom senso cotidiano “tipifica” essa resposta ou solução e a repete de forma mais ou menos automática ou naturalizada na próxima que um obstáculo ou enigma similar surgir.

Ao estabelecer uma relação entre as tipificações do senso comum e o modo peculiar de conhecer o mundo na comunidade jornalística, busca-se assim compreender como é tecida a “atitude natural” de um jornalista em situação típica, relacionada com as regras e injunções do campo midiático. Relacionando esta afirmação com exemplos práticos extraídos de situações corriqueiras, pode-se dizer que assim como ao apertarmos o interruptor esperamos que a luz acenda, o jornalista ao receber uma pauta espera que o fato a ser narrado possua determinadas características para que se torne notícia e conteúdo midiático. Naturaliza-se a ação e seus efeitos ou conseqüências. Neste contexto o jornalista opera tipificações, formas de organizar a realidade para torná-la compreensível por meio da adoção de formas pré-estabelecidas de percepção da realidade social. Assim como discute Moretzsohn (2007. p. 137):

Os sempre apressados repórteres “moldam o inesperado” em cânones simplificadores não apenas – ou não necessariamente – porque raciocinam dessa maneira, mas porque é dessa maneira que interessa atender à expectativa do público por esse inesperado passível de enquadramento, isto é, traduzível nos termos do senso comum. O caráter de novidade, portanto se expressa no malabarismo que procura conferir ineditismo a situações corriqueiras.

A própria noção de ineditismo surge aqui como uma tipificação. Os acontecimentos supostamente “inesperados” só se tornam notícia se forem passíveis de serem encaixados em uma série de classificações pré-estabelecidas possíveis de serem absorvidas pela estrutura de apuração das redações jornalísticas. Dito de outra forma, o inesperado é previsível em um processo de produção contínua de conteúdo e que para conseguir funcionar depende de um intenso processo de rotinização. Essa estratégia de ação gera o que a autora identifica como um “processo de simplificação do mundo operado diariamente pelo jornalismo, que, assim, a pretexto de trazer o novo, acaba trazendo o mesmo” (op. cit.).

Para tornar compreensível a complexidade da realidade sensível e assim poder “digeri-la” nas engrenagens da mídia, os jornalistas se utilizam de outro recurso apontado por Schtuz como uma forma de conhecimento do cotidiano: o estabelecimento de sistemas de relevâncias. Só assim, os jornalistas podem guiar e fundamentar suas ações e sistematizar os critérios que irão definir o que se torna notícia ou não, o que vai ao ar ou não e com qual abordagem. Esse sistema de relevâncias é construído e compartilhado coletivamente de acordo com os interesses, necessidades e valores dos membros do grupo que o criou.

Em uma abordagem fenomenológica da produção de notícias na TV para compreender a maneira como os jornalistas percebem a realidade se faz necessário adotar o que Husserl chamou de “redução fenomenológica”, ou seja, a “suspensão de todos os hábitos naturais do pensamento” (SCHUTZ, 2003. P. 116). Essa forma de abordagem se caracteriza pela suspensão da crença nas ações que naturalizamos na atitude não-questionadora da vida cotidiana.

Nós, enquanto sujeitos da ação na vida cotidiana, não questionamos os hábitos que já consideramos naturais. Mas para compreendê-los em uma atitude fenomenológica é experimentar a suspensão do juízo comum e refletir sobre aquilo que normalmente fazemos sem reflexão. É indagar e investigar aquilo que lhe parece óbvio, como não o fosse. Em uma comparação jocosa com uma típica situação cotidiana, é como se reagíssemos diante da pureza da resposta das crianças com o provocativo desafio “por que sim não é resposta”.

Trata-se de buscar suspender a atitude natural, questionando-a para compreendê-la. Esse exercício filosófico de “por o mundo entre parêntesis”, torna possível a descoberta do “caráter intencional de todo nosso pensar” (op. cit. P. 114). E como nos mostra Schtuz, o âmbito da intencionalidade é fundamental para a investigação fenomenológica. Dessa forma, busca apreender a essência das formas de pensar e agir que são naturalizadas na prática cotidiana, bem como nas motivações que se encontram diluídas em nossas escolhas mecanizadas pela rotina e camufladas pela atitude natural não questionadora.

### **3.9 - Os Paradigmas do Cotidiano em uma Reflexão sobre o Telejornalismo**

Ao tratarmos de televisão, obviamente não falamos sobre interações face a face, mas sim de uma forma de relação que poderíamos compreender como um “encontro mediado”. Ao se metaforizar a relação do homem comum com a TV por meio desta definição não se busca defender que se trata de uma relação de proximidade e diálogo. Existem distâncias e limitações que não podem ser desconsideradas.

Entretanto, existe um tipo de interação que ocorre neste processo em uma circunstância peculiar, onde sujeitos produzem significados sobre si e o mundo em sua volta para outros sujeitos que re-significam essas representações em suas vidas cotidianas. Há uma troca de sentidos que permite aos sujeitos produzir significados perante valores e idéias que são considerados na construção de uma interpretação sobre o lugar em que vivem.

Os noticiários televisuais ao apresentarem as notícias diariamente de uma forma sistematizada e hierarquizada, constituem-se em um referente importante na construção desse mundo do cotidiano ou de percepções simbólicas em torno dele. Ao assistirem um telejornal, os expectadores também procuram sentidos para a realidade que os cerca. Eles aprendem ativamente e atribuem significados, ressignificam o mundo do telejornalismo na experiência do dia-a-dia. (VIZEU, 2005).

Os jornalistas são aqui considerados como sujeitos que elaboram e reelaboram narrativas sobre o cotidiano por meio de uma linguagem técnica e institucionalizada, mas que nem por isso deixa de lado o papel da subjetividade e da cultura na construção das notícias, vista aqui como produto de uma complexa cadeia de relações. Esta abordagem pode ser relacionada com os paradigmas do interacionismo simbólico ao colocar em evidência “o ponto de vista dos atores, ou seja, o modo como eles formam seu mundo no social” (TEDESCO, 2003). Partindo-se desse pressuposto, empreende-se a tentativa de construir uma ponte teórica entre os paradigmas do cotidiano e uma abordagem etno-construcionista sobre o telejornalismo, analisando as tipificações e enquadramentos adotados pelos jornalistas nas rotinas de produção das notícias.

O foco desta análise está voltado para a rede de relações que se estabelece no processo de produção e edição nos noticiários televisivos, considerando assim os jornalistas envolvidos na elaboração dos telejornais como atores sociais inseridos em uma instituição midiática que está presente no imaginário de indivíduos pertencentes a diversas camadas da população.

Ao adotar a etnometodologia e os pressupostos do interacionismo simbólico na compreensão do comportamento dos jornalistas enquanto atores sociais, busca-se refletir sobre a trama de negociações e sentidos que permeia a construção de representações em torno da vida urbana no telejornalismo local. Pretende-se identificar e entender como operam os significados e valores que estão em jogo neste processo complexo e expressivo.

Noções importantes nos estudos interacionistas como “ritualização”, “estratégias e circunstâncias de interação” podem ser aplicados a análise da produção jornalística quando consideradas enquanto relações entre sujeitos, entre atores sociais. A noção conceitual de “imponderáveis do cotidiano” (TEDESCO, 2003. p. 67) se faz relevante para a análise, ao observar e descrever como os profissionais da notícia procuram ordenar a realidade confusa da vida cotidiana por meio de regras de comportamento, na tentativa de prever ou até mesmo evitar a impertinência do “outro” nas interações.

Mas é por meio da perspectiva metodológica que a proposta de pesquisa se aproxima com mais ênfase do interacionismo. Ao optar pela etnometodologia, adota-se o que poderíamos chamar, de acordo com Pais (2003), de um “paradigma interpretativo” onde se pretende apreender a realidade social “atrás dos olhos do ator”. Entretanto, ao enfatizar a interação como ponto determinante da ação social, o interacionismo coloca em segundo plano as grandes estruturas que constituem o foco das atenções da sociologia clássica, assim como das organizações sociais. Para os interacionistas:

As estruturas e organizações sociais influenciariam apenas a ação social na medida em que configurariam situações de interação entre indivíduos e na medida em que proporcionariam conjuntos de símbolos que aqueles utilizariam para interpretar mundos de intersubjetividade. (op. cit. p. 93)

Dito de outra forma, ao privilegiar a subjetividade dos atores sociais, o interacionismo secundariza as variáveis sociais mais estruturais ou estruturalizantes. Se considerarmos a mídia apenas como uma instituição social, os atores que a compõem poderiam exercer um papel secundário na análise. Mas, ao percebê-la como espaço simbólico de produção de sentidos e representações, adota-se uma perspectiva subjetiva sem a qual não seria possível compreender a interação dos sujeitos inseridos no processo. Negar as variáveis subjetivas da linguagem midiática impossibilitaria a compreensão dos mecanismos constantes de significação que operam as representações sociais no interior do discurso jornalístico.

Por outro lado, ao adotar a idéia de representação, a análise também pode ser relacionada ao formismo sociológico proposto por Maffesoli que considera o cotidiano como um “estilo de vida que enfatiza os jogos da aparência e os aspectos imateriais da existência” (1995). De fato, ao não considerar o cotidiano como um objeto, mas como uma forma ou estilo, possibilita-se a observação do jogo das formas sociais.



Assim como nos aponta Pais (2003, p. 90) “para os formistas, a investigação não deve estar determinada por aquilo que um objeto social é, mas pela forma como se dá a conhecer”. Essa abordagem considera que a vida cotidiana aparece como uma “realidade carregada de simbolismo” (op. cit). Essa noção pode de fato dialogar com o sentido de vida cotidiana presente na análise proposta sobre as representações da vida urbana no telejornalismo. Entretanto, por questões de método, impõe-se uma delimitação que aproxima a pesquisa dos caminhos de observação propostos pela etnometodologia e pelo interacionismo simbólico, sem esquecer outros paradigmas que contribuem para a compreensão desse emaranhado de complexos e efêmeros fenômenos que constituem o cotidiano.

Adota-se assim a perspectiva de que a notícia é o produto de uma intrincada cadeia de interações onde atuam várias forças no interior do campo jornalístico. Este será um dos pressupostos da análise, considerando-se as limitações impostas pelo próprio objeto de estudo. Assim sendo, torna-se necessário ponderar que não há como determinar com exatidão (e nem este é o objetivo desta discussão) como os telespectadores percebem e resignificam as representações sociais difundidas pela televisão.

Ao considerar a produção de notícias de televisão como o produto de uma série de rotinas produtivas, assim como nos aponta os estudos fundamentados na teoria do *newsmaking*, pode-se considerar também alguns dos paradigmas do cotidiano presentes no interacionismo. A idéia de que existe “uma estrutura de interação previamente socializada que ordena princípios de ação” (TEDESCO, 2003. p. 67), presente no interacionismo simbólico, também pode ser aplicada ao estudo das rotinas de produção da notícia. Existem normas que regulam o comportamento dos indivíduos que estão inseridos neste processo.

Não apenas normas “técnicas”, mas também crenças e comportamentos regulados e exercidos no campo da subjetividade. As normas técnicas da profissão estão expressas de forma clara em manuais de estilo e redação, mas as “regras do jogo” que atuam no campo da subjetividade não aparecem de forma sistematizada. Tais regras regulam o comportamento dos indivíduos atuando como um código implícito conhecido e construído coletivamente por quem pertence ao circuito de interações inerentes ao jornalismo. Dessa forma, pode-se afirmar que existe uma ritualização da produção da notícia.

As práticas cotidianas do fazer jornalístico, apontadas pela teoria do *newsmaking*, definem critérios que serão utilizados cotidianamente pelos profissionais da área como filtros que determinam quais os fatos podem, ou não, se tornar noticiáveis.

Pode-se afirmar que esse conjunto de práticas busca objetivar um processo que na verdade é intrinsecamente subjetivo, pois trata de uma interpretação e representação da realidade. Os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia são conceitos fundamentais para a compreensão do cotidiano dos jornalistas, pois segundo Vizeu (2005), tais fatores exercem um papel fundamental naquilo que o autor chama de “rotinização do trabalho” jornalístico.

Nessa perspectiva, os procedimentos adotados na produção diária de material jornalístico são “naturalizados” e incorporados na forma de agir e pensar dos jornalistas e em suas decisões editoriais. Tornam-se, por meio da repetição, ações ritualísticas. A definição dos valores-notícia se dá em um processo de constante negociação, ou seja, a adoção de cada critério de noticiabilidade é relativa a um contexto específico, a um fato socioculturalmente determinado, além de uma série de aspectos subjetivos que influenciam este processo, apesar da tentativa constante de objetivá-lo por meio da “rotinização”.

A seleção, apuração e posterior tratamento das notícias se configuram como etapas regulares de um processo intrinsecamente formatado por uma perspectiva peculiar que os jornalistas adotam para observar e perceber o mundo sensível que os cerca, transformando-o em informação e produto midiático. Várias injunções atuam neste processo de resignificação do cotidiano, como os valores intrínsecos ao campo jornalístico, interesses profissionais, fatores ideológicos, além de injunções econômicas, sociais, culturais e de mercado (concorrência). As relações interpessoais estabelecidas na rotina da redação e a hierarquização entre os profissionais são aspectos que também atuam nesse processo, assim como as relações que se estabelecem entre os jornalistas e suas mais diversas fontes. Constrói-se, desse modo, um enquadramento jornalístico sobre a realidade social.

Como efeito da aplicação dos enquadramentos do jornalismo está a criação e reprodução de estereótipos. Mas por outro lado o estereótipo possui uma função e faz parte do repertório de percepção do cotidiano. No senso comum nada é “à toa”. “O estereótipo só é aceito por facilitar o pensamento sobre a multiplicidade de sentidos.” (MAFFESOLI, p. 57). Neste sentido o clichê, o lugar comum atua no processo de reconhecimento e identificação. O jornalismo não apenas cria e adota estereótipos forjados no interior do processo de produção de notícias, mas se apropria dos lugares-comuns presentes em determinado contexto social para nele se inserir e produzir discursos passíveis de serem reconhecidos pelos indivíduos no cotidiano.

Os estereótipos atuam como fatores de vínculo, argumenta Silverstone (1999. p. 71), pois “os lugares-comuns são os símbolos compartilhados de uma comunidade. Compartilhados, embora não necessariamente incontroversos. Controversos, mas reconhecíveis.” Os estereótipos relacionam-se com os hábitos e costumes, mesmo quando estes são discutidos, os lugares-comuns são adotados como referencial. É a base familiar sobre a qual é possível tecer novos significados, criativamente construídos ou simplesmente retoricamente reproduzidos e disseminados. Nos estereótipos, estão contidas as características que acreditamos ter e compartilhar com nossos interlocutores.

Esse processo provoca a impressão de que telejornais de emissoras concorrentes e linhas editoriais distintas estão tratando dos mesmos assuntos e utilizando as mesmas abordagens. Dito de outra forma, percebem e representam a realidade pelo mesmo ponto de vista. É o produto de um olhar “domado” pelas técnicas e regras da notícia. Isso se deve a naturalização de procedimentos que são considerados como o padrão estabelecido e que, como tal, devem ser seguidos, regulando assim o processo de produção de sentido no jornalismo contemporâneo. Tais critérios parecem “incontestáveis”, conferindo aos profissionais a certeza de que o “faro jornalístico” a eles atribuído aponta para o caminho correto, que por diversas vezes aparenta ser o único possível:

Os jornalistas estão convencidos que detêm um conhecimento preciso do que interessa ao público, assim como as melhores formas que devem ser adotadas para contar uma história. Na contrapartida, quanto mais julgam que sabem, mais parecem que, na busca de adequação às demandas das rotinas produtivas, da cultura profissional e da linguagem do veículo, produzem o mesmo, condicionam suas visões de mundo.  
(PICCININ, 2006, p.143).

Para a pesquisadora e jornalista, os telejornais tornam-se vozes de versões estereotipadas dos acontecimentos. A avaliação editorial é feita a partir de um julgamento de importância baseada no gosto de uma “audiência presumida” (VIZEU, 2005), uma idealização de um público que possui um comportamento imprevisível, mas que os jornalistas seguem na tentativa de encontrar um modelo que agrade e seduza a este público heterogêneo. Assim sendo, essa idealização do público e do seu gosto será seguida pelos jornalistas como regra estabelecida e roteiro de trabalho.

Como aponta Piccinin (2006. p. 144), os diversos telejornais utilizam critérios parecidos para presumir o que a audiência quer, resultando em produtos semelhantes, isso, pois “os jornalistas padronizam seus comportamentos editoriais”. Já sobre a adoção massificada de uma fórmula padrão, afirma que “não são formatos originais utilizados nas diferentes histórias, mas histórias originais tratadas conforme padrões, através dos quais se perdem as nuances e os vieses mais particulares e enriquecedores dos acontecimentos.” (idem. op. cit, p. 145).

Essa forma padrão de agir interfere visivelmente no conteúdo daquilo que vai ao ar. “Um dos efeitos da busca do telejornalismo por soluções e modelos narrativos foi o surgimento de uma estrutura estandardizada e homogeneizadora da notícia na televisão.” (SALOMÃO apud PICCININ, 2006, p. 144). É o que se pode chamar de “Pasteurização do real”. Por não dar conta da complexidade da realidade, o jornalismo de TV simplifica e reduz os acontecimentos a uma narrativa elementar, seguindo uma receita própria do veículo TV. Essa homogeneização se reflete no cotidiano, agora representado como algo coeso e uníssono, relativizando-se sua intrínseca diversidade e heterogeneidade.

#### 4 – O JPB E O JORNALISMO DAS AFILIADAS GLOBO NA PARAÍBA

O *JPB 1ª Edição* estreou em 21 de março de 1987. A TV Cabo Branco e TV Paraíba ainda não pertenciam integralmente ao mesmo grupo empresarial, mas já possuíam parcerias<sup>11</sup>. A TV Cabo Branco exibiu suas primeiras imagens pelo Canal 7 de João Pessoa ainda no final de 1986. Ainda em caráter experimental, exibia a programação da TV Bandeirantes. O primeiro telejornal da emissora foi o “Câmera 7”, em referência ao número do canal correspondente a sintonia do canal. No dia 1º de janeiro de 1987 a TV Cabo Branco passa a transmitir o sinal da Rede Globo. Esta é considerada a data oficial de inauguração da emissora. Antes da TV Cabo Branco, os pessoenses apenas podiam sintonizar a Globo Nordeste de Recife através de uma retransmissora pelo canal 10. Após a inauguração da TV Cabo Branco pelo canal 7, o espectro do canal 10 passou a ser ocupado por outra nova emissora regional: era a TV “O Norte”. Até então não havia produção local de TV na cidade. Pode-se considerar a TV Cabo Branco como a primeira emissora local de João Pessoa por ter iniciado antes as exibições regulares, mesmo que ainda em caráter experimental.

A inserção da TV Cabo Branco na Rede Globo ocorreu simultaneamente à inauguração da TV Paraíba em Campina Grande. A TV Paraíba já nascia como Afiliada Globo. Entrou no ar a 0h00 do dia 1º de Janeiro de 1987. Ao contrário da capital, Campina Grande já estava acostumada a se ver na televisão. Havia programação local desde os anos 1960. Antes da TV Paraíba, o sinal da Rede de Roberto Marinho chegava à cidade através da TV Borborema, emissora pertencente aos Diários Associados. Não há consenso quanto à data exata da inauguração da TV Borborema. Considera-se o dia 15 de setembro de 1966 (PINHEIRO, 1999) como a data oficial de inauguração, mas a emissora campinense de Assis Chateaubriand exibiu suas primeiras imagens em 15 de setembro de 1963 (SOARES 2005; BARROSO, 1988).

---

<sup>11</sup> No início, a TV Cabo Branco pertencia a um grupo formado por 3 sócios. Dois foram governadores da Paraíba na época da implantação da emissora: Wilson Braga (de 1983 a 1986) e o ex-senador Milton Cabral (1986 a 1987). O terceiro sócio era o empresário José Carlos da Silva Jr, dono do grupo São Braz e do Jornal da Paraíba, instalado em Campina Grande. Já a TV Paraíba sempre pertenceu as Indústrias Alimentícias São Braz. Em 1988, a TV Cabo Branco foi incorporada ao grupo, integrando definitivamente as duas emissoras e formando assim o Sistema Paraíba de Comunicação. Além das emissoras de TV e do Jornal da Paraíba, o sistema é composto atualmente por duas emissoras de rádio FM em João Pessoa e pelo portal de notícias “Paraíba 1”. Ver anexos na página 248 com o atual quadro societário das duas emissoras.

Apesar de ter sido a pioneira no interior do nordeste, a TV Borborema ainda operava de forma relativamente improvisada, não atendendo as exigências do Padrão Globo de Qualidade. Este seria um dos motivos apontados para o desligamento da emissora à Rede (SOARES, 2005).

O primeiro programa exibido pela TV Paraíba para a região de Campina foi o documentário “História de Bolso da Comunicação na Paraíba”, produzido e editado pelo jornalista Rômulo Azevêdo. Na noite do dia seguinte, 02 de janeiro, o primeiro telejornal da emissora entrava no ar. Era o CGTV, também editado por Rômulo e com apresentação de Adenildo Pedrosa. Era o telejornal noturno, exibido na faixa das 19 horas.

No mesmo ano estreava o *JPB 1ª Edição*. Para o jornalista Erialdo Pereira<sup>12</sup>, este era um telejornal que “já nascia com vocação comunitária”. Erialdo foi o primeiro editor regional das duas emissoras, ocupando o cargo de 1986 a 2004. No início os telejornais locais na Paraíba não eram exibidos em rede. O primeiro a ser transmitido em Rede Estadual foi o *Bom Dia Paraíba*, apresentado dos estúdios da TV Cabo Branco em João Pessoa. Assim, o *JPB 1ª Edição* surgiu com uma edição para a cidade de João Pessoa e outra para a região de Campina Grande. A estréia foi no dia 21 de março de 1987. A edição de Campina Grande foi apresentada por Lúcio Rodrigues, com edição de Lévi Soares e reportagens de Lucas Sales e Sandra Nascimento.

Entretanto em 01 de Março de 1989, o *JPB 1ª Edição* passou a ser transmitido em Rede, a partir de João Pessoa. Um documento dos arquivos da emissora descreve assim a estréia do novo formato:

*JPB 1ª Edição* em rede Estadual

Às 12h20 do dia 01 de Março de 89, foi ao ar pela primeira vez o *JPB 1ª Edição* em Rede Estadual. A partir de agora o *JPB 1ª Edição* será gerado pela TV Cabo Branco e transmitido em rede para todo o Estado da Paraíba com um noticiário mais amplo, com matérias geradas pelas TV's Paraíba e Cabo Branco. A apresentação foi de Edilane Araújo.  
(apud SOARES, 2005)

---

<sup>12</sup> Em entrevista ao pesquisador.

A partir de então, A TV Paraíba deixava de produzir o telejornal do meio-dia. As matérias do interior eram então geradas para João Pessoa, de onde eram exibidas para todo o estado de acordo com a avaliação editorial da redação da TV Cabo Branco. Mas esta faixa de horário não era ocupada apenas pelo *JPB 1ª Edição*. O telejornal era antecedido por uma revista eletrônica chamada “*Paraíba Meio-dia*”.

O programa era produzido pela TV Cabo Branco e exibido em rede para todo o estado. Segundo Erialdo Pereira, a atração entrou no ar como um programa de entrevistas. No decorrer da década de 1990 foi se transformando em um programa de pauta diversificada e mais leve, constituída de matérias sobre comportamento, culinária, moda, cultura, dentre outros temas. O noticiário factual ficava reservado ao *JPB* que vinha logo em seguida. Após o telejornal, era exibido o *Globo Esporte Local*. Nesta fase o *JPB 1ª Edição* possuía uma duração média de 15 minutos, tempo similar ao destinado ao telejornal das 19 horas.

Esse formato de programação local só foi alterado em 2004. O criador do *Paraíba Meio-Dia*, Erialdo Pereira, deixou a direção de jornalismo das emissoras. O cargo de editor-regional foi assumido pelo jornalista carioca Luiz Augusto Pires Batista, indicado pela Central Globo do Jornalismo. Luiz Augusto promoveu diversas mudanças no jornalismo das duas emissoras, principalmente na estrutura e na programação do horário vespertino. A relação entre as redações de João Pessoa e Campina Grande também foi sensivelmente alterada. Em agosto de 2004 o Programa *Paraíba Meio-Dia* saiu do ar. O *JPB-1* foi totalmente reformulado e passou a ocupar praticamente todo o espaço de tempo destinado pela Rede à produção local a partir do meio-dia. O *Globo Esporte* permanecia na grade, sendo exibido em rede estadual após o telejornal, como ocorre até hoje.

Com tempo maior, o *JPB-1* passava a ter mais espaço para entrevistas e quadros diversos. O telejornal continuava sendo exibido em rede, mas agora com participação maior de Campina Grande. No modelo anterior, as matérias da área de cobertura da TV Paraíba eram geradas para João Pessoa e apresentadas nos estúdios da TV Cabo Branco. Luiz Augusto então ousou fazer uma operação até então considerada tecnicamente complicada: abrir “janelas”<sup>13</sup> para apresentação das matérias de Campina Grande direto dos estúdios da TV Paraíba.

---

<sup>13</sup> Assim são chamadas as entradas ao vivo regulares em um telejornal de matérias apresentadas de estúdios localizados em outra cidade. É o que acontece, por exemplo, com o *Bom Dia Brasil* da Rede Globo. O telejornal é apresentado dos estúdios da Central Globo de Jornalismo no Rio de Janeiro, mas com participações freqüentes de São Paulo e Brasília, direto dos estúdios destas praças.

Por meio de um *link* de micro-ondas, os apresentadores em João Pessoa chamariam a participação de outro apresentador nos estúdios da TV Paraíba, responsável por conduzir a exibição das matérias produzidas pela emissora na região. Segundo relatos de jornalistas que acompanharam este processo, havia o receio da equipe técnica de que esta seria uma operação arriscada. O *link* poderia “cair” durante a exibição do telejornal e provocar uma situação constrangedora e difícil de resolver.

Entretanto o projeto foi levado adiante. Os estúdios da TV Paraíba nem ao menos possuíam cenário. Havia apenas um fundo com a logomarca do telejornal noturno, único produzido e apresentado exclusivamente pela emissora de Campina. Um novo cenário foi construído, agora com uma bancada que possibilitaria a realização de entrevistas. Em torno do apresentador, o cenário passou a ser composto por diversas imagens de pontos conhecidos da cidade de Campina Grande e de outras regiões do interior do estado. Entre outros pontos, as ilustrações mostravam o Açude Velho, o Estádio “Amigão”, o Parque do Povo e a Catedral de Campina Grande. Até mesmo as pegadas do Parque dos Dinossauros, localizado na cidade sertaneja de Sousa, foram retratadas pelo novo cenário.

Além disso, a apresentação do telejornal passou a obedecer ao Padrão Globo, como um casal dividindo a bancada. Em João Pessoa Carla Visani, que já estava desde 2003 à frente do *JPB-1*, passou a dividir a função com o jornalista Hildebrando Neto. O jornalista Carlos Siqueira, até então repórter da TV Paraíba, saía das ruas para ocupar a bancada em Campina Grande. O número de equipes de reportagem nas duas cidades também passou a ser ampliado, mesmo que ainda gradativamente.



**Fig. 1:** Na primeira foto Hildebrando Neto e Carla Visani, apresentadores do *JPB 1ª Edição* desde agosto de 2004. A imagem é reprodução de TV. Ao lado, Carlos Siqueira, apresentador da janela do *JPB-1* em Campina Grande de agosto de 2004 a julho de 2006, quando assumiu a Chefia de Redação da TV Paraíba e a bancada do *JPB 2ª Edição* em Campina Grande. Imagem: pesquisador.



Com relação à linha editorial, o *JPB-1* sofreu mudanças significativas. Se por um lado passava a abranger algumas das temáticas que antes eram tratadas pelo extinto Paraíba Meio-Dia, por outro tinha de enfrentar a concorrência crescente dos telejornais policiais de outras emissoras. O caminho adotado foi à tentativa de aproximação ainda maior com temáticas de serviço e comunidade.

Mas Luiz Augusto ficou no cargo de editor regional por apenas um ano. Ao final de 2005 foi transferido para o Estado do Amazonas, onde assumiu a direção de jornalismo de outra afiliada. Assumiu o cargo na Paraíba o jornalista José Emanuel, mais uma vez indicação da Rede. O novo editor-regional implantou um quadro de “comunidade” que tentava inverter a lógica habitual de abordagem pela qual este tipo de informação é veiculada normalmente. Ao invés de enfatizar os problemas, a idéia era mostrar o que cada comunidade, cada bairro teria de melhor. É neste contexto que estreia no *JPB-1* o quadro “*Meu Bairro é Legal*” em janeiro de 2006, enfatizando projetos populares de educação e cultura. Entretanto ficou pouco tempo no ar, assim como José Emanuel ficou pouco tempo no cargo.

Em Junho de 2006 assumia a editoria regional a jornalista carioca Ana Viana. Ela estava anteriormente na direção de jornalismo da TV Panorama, afiliada Globo na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais. Já havia trabalhado em várias funções na TV Globo do Rio de Janeiro, desde produtora a editora de telejornais locais, até atuar como uma editora de texto do *Jornal Nacional*. Novas mudanças no *JPB-1* estavam por vir.

Várias mudanças internas na hierarquia da redação também estavam ocorrendo. Os jornalistas que ocupavam as chefias de redação das duas emissoras foram desligados das funções. O primeiro foi Rômulo Azevedo na TV Paraíba e posteriormente Silvio Osias na TV Cabo Branco. O jornalista Carlos Siqueira, até então apresentador do *JPB 1ª Edição*, assumiu a Chefia de Redação da TV Paraíba. Repórter na emissora desde 1988, Siqueira assumia também a função de editor-chefe e apresentador do *JPB 2ª Edição*. Na TV Cabo Branco, a redação passou a ser chefiada pelo gaúcho Sérgio Pavanello. Depois de atuar desde a década de 1980 em emissoras do grupo RBS, no Rio Grande do Sul, Sérgio havia trabalhado com Ana Viana na TV Panorama e foi chamado por ela para assumir a redação em João Pessoa.

A nova editora regional passou a enfatizar ainda mais as entradas ao vivo, que já estavam aos poucos ganhando maior espaço desde 2004. Em entrevista ao pesquisador, a editora-regional relata que havia certa resistência ao uso cotidiano do recurso das entradas ao vivo:

Muito se dizia do vivo aqui, e aqui na Paraíba tinha umas coisas meio esquisitas assim, é de você tá banalizando. Banalizando nada! (enfática) Então eu acho que é isso, eu acho que o vivo é a facilidade de você atualizar. Por que a gente bota muito vivo em matérias comuns do dia-dia? É pra você ter uma atualização, pra você ter a última notícia, que é a informação que interessa.<sup>14</sup>

Nesta perspectiva, o *JPB 1ª Edição* começou a destinar um espaço cada vez maior às entradas ao vivo, com a inserção de quadros semanais que utilizam frequentemente este tipo de recurso.



**Fig. 2:** O *JPB-1* utilizou as entradas ao vivo em praticamente todas as edições no período analisado, seja em notícias factuais, entrevistas ou em diversos quadros do telejornal. Nas primeiras imagens, o cenário é o Parque Solón de Lucena no centro de João Pessoa. As duas imagens seguintes mostram um link no Busto de Tamandaré, na praia de Tambaú em João Pessoa. Abaixo, um link na Praça da Bandeira e outro no Presídio do Serrotão, ambos em Campina Grande. Imagens: Reprodução de TV.

<sup>14</sup> Entrevista realizada em dezembro de 2008, com gravação de áudio.

Neste contexto de mudanças, o formato do *JPB 1ª Edição* também foi sendo alterado. Afinal, este é o telejornal que enfrenta uma concorrência mais acirrada, em comparação com os outros telejornais da casa. A audiência continuava sendo disputada por programas policiais. Além do *Correio Verdade*, outros programas do gênero também são exibidos pela concorrência. Atualmente, a TV Tambaú (SBT) exibe o “*Casos de Polícia*”, enquanto a TV Arapuan (Rede TV) segue o modelo com o programa “*Cidade em Ação*”.

Entretanto, a disputa pela audiência na Paraíba ainda se encontra polarizada entre o Padrão Globo de Jornalismo e o modelo de informação policial popular difundido entre as afiliadas à TV Record, seguindo o formato de programas como o já extinto *Cidade Alerta* e o “*Balanço Geral*”, programa popular exibido regionalmente por várias emissoras próprias ou afiliadas do grupo Record/IURD, ocupando o espaço do meio-dia destinado ao jornalismo local em vários estados.

Em Campina Grande, o *JPB-1* não enfrentava as mesmas dificuldades sentidas em João Pessoa. A concorrência na cidade era menos acirrada. Até hoje o *Correio Verdade* é exibido em rede, não possuindo uma programação específica para o interior do estado, apesar de manter equipes de reportagem em várias cidades.



**Fig. 3:** A redação da TV Paraíba em Campina Grande durante as gravações das chamadas do *JPB 1ª Edição*. Ao lado, a jornalista Sandra Paula Amorim, que apresenta o telejornal em Campina Grande desde julho de 2006. Fotos: Pesquisador.

Contudo, entre os jornalistas da TV Paraíba havia o interesse em uma maior autonomia editorial com relação ao *JPB 1ª Edição*. Em agosto de 2006 a divisão parcial foi concretizada. Implantou-se o formato que está no ar até hoje, constituído por um bloco estadual seguido pela divisão da rede. A partir daí, TV Cabo Branco e TV Paraíba passam a exibir versões distintas de um mesmo telejornal. A jornalista Sandra Paula Amorim assumiu a bancada em Campina. Com a divisão, novos quadros foram sendo implantados.

#### 4.1 –FORMATO E CARACTERÍSTICAS DO *JPB 1ª EDIÇÃO*

O *JPB 1ª Edição* é o telejornal vespertino das afiliadas à Rede Globo na Paraíba. É exibido de segunda à sábado e ocupa na grade de programação o horário do meio-dia. Possui atualmente uma duração média de 35 a 40 minutos de produção. Este programa segue a linha editorial e o formato padrão da Globo, que orienta as afiliadas para direcionar o jornalismo local nesta faixa de horário a temas considerados de “comunidade” e “serviço”. Compete a cada emissora regional adaptar esse formato ao contexto específico onde está inserida.

Atualmente o *JPB-1* é produzido e exibido em conjunto pela TV Cabo Branco e TV Paraíba. Divide-se em quatro blocos. O primeiro bloco é exibido em rede, com uma abordagem mais estadualizada e com a predominância de temas considerados “factuais”. Nesta primeira parte, o telejornal é apresentado da TV Cabo Branco em João Pessoa, mas sempre com a participação da TV Paraíba a partir dos estúdios em Campina Grande de onde são apresentados os temas relacionados ao interior do estado, principalmente das regiões do brejo, agreste e sertão, além das notícias da própria cidade. Entretanto a decisão editorial deste bloco estadual está centralizada na TV Cabo Branco. O Editor-Chefe do telejornal é responsável pelo fechamento do bloco e pela definição sobre quais temas oferecidos pela TV Paraíba serão utilizados neste segmento do telejornal, além dos espaços e da posição que este material irá ocupar no espelho<sup>15</sup>.

Já a partir do fim do primeiro bloco, a rede é dividida. Os 48 municípios<sup>16</sup> da região litorânea que pertencem à área de cobertura da TV Cabo Branco passam a assistir uma versão do telejornal produzida pela emissora da capital do estado. Os 81 municípios<sup>17</sup> que compõem a área de cobertura da TV Paraíba passam a acompanhar as notícias da região pela versão do *JPB-1* exibida a partir de Campina Grande. A área de cobertura conjunta das duas emissoras atinge 129 dos 223 municípios do estado (TV PARAÍBA, 2007).<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Espelho: “é a relação e a ordem de entrada das matérias no telejornal, sua divisão por blocos, a previsão (do espaço) dos comerciais, chamadas e encerramento. Como a própria palavra indica, reflete o telejornal. (PATERNOSTRO, 1999. p. 142). Ver exemplos de espelhos nos anexos a partir da página 250.

<sup>16</sup> Na página 241, lista dos municípios da área coberta da TV Cabo Branco, com número de telespectadores.

<sup>17</sup> Nas páginas 243 e 244, lista dos municípios da área coberta da TV Paraíba, com número de telespectadores.

<sup>18</sup> Ver anexos: Mapa de Cobertura das afiliadas à Rede Globo na Paraíba na página 239 e lista de retransmissoras na página 246. A maioria das retransmissoras pertence a prefeituras.

Apesar da divisão, o *JPB-1* mantém uma coesão de formato e conteúdo. Dependendo dos temas e dos critérios adotados pelos editores de cada cidade, as duas emissoras trocam matérias para exibição simultânea nas duas versões do telejornal. Os VT's são gerados via link de micro-ondas<sup>19</sup>. No início do processo de produção, é comum a conversa entre editores para definir o material que cada um vai usar e acertar a paginação do primeiro bloco. A divisão não impede que VT's produzidos pela emissora de uma cidade sejam exibidas na outra. Vai depender sempre da avaliação editorial. Essa divisão é recente, mas retoma parcialmente o formato original do telejornal.

#### **4.2 – Seções Fixas do *JPB 1ª Edição*: Recortes e Abordagens**

Os quadros de um telejornal são seções temáticas e com periodicidade definida que possuem um formato estabelecido e regular. Caracterizam-se pela adoção de estratégias particulares de abordagem e narrativa, promovendo assim a distinção entre a linguagem adotada nestes segmentos e o tratamento conferido aos assuntos da pauta factual no restante do programa. Muitas vezes se relacionam diretamente com um público específico, contribuindo para a identificação do telejornal com determinados grupos sociais como homens, mulheres, jovens, estudantes, trabalhadores ou até mesmo diferentes classes sociais.

Geralmente são exibidos sempre em um mesmo dia da semana, o que contribui para que o público crie o hábito de acompanhar um quadro específico sempre no mesmo dia e horário. Além disso, essa tática atende as demandas das rotinas produtivas. A escolha dos dias de exibição dos quadros se relaciona com as temáticas abordadas e com as características dos “dias noticiosos”. Um exemplo disso é a exibição aos sábados de quadros com temáticas leves, mostradas em reportagens com duração maior do que a habitual. Isso se deve ao fato de que o volume de notícias nos fins de semana e feriados é menor, fazendo com que seja

---

<sup>19</sup> VT: O termo refere-se ao sistema eletrônico de gravação em *Videotape*, em fita magnética. Mas como aponta Bistane e Bacellar (2005, p. 137): “O termo VT também é comumente empregado para se referir à matéria editada”. Neste caso, o termo refere-se a reportagem pré-gravada.

Geração: “Termo que designa o ato de receber ou enviar sinais de áudio e vídeo via satélite ou via link de uma estação para outra” (MACIEL, 1995, p. 109).

necessário ocupar o espaço destinado ao telejornal com matérias pré-elaboradas, além da crença de que o sábado é um “dia de descanso e lazer” onde não caberia tratar de problemas e questões extremamente sérias ou preocupantes.

Dessa forma, a análise dos quadros de um telejornal se torna reveladora para a compreensão da linha editorial e dos enquadramentos adotados na produção de notícias. Os critérios adotados na seleção e construção das reportagens apresentadas nestes segmentos demonstram qual o ponto de vista adotado nos noticiários televisivos, revelando os valores e procedimentos que os compõem. A implantação de seções temáticas e regulares possui uma influência direta na definição do que pode ou não ser noticiado, como discute Traquina (2005b. p. 93):

A criação de espaços regulares, como suplementos e rubricas/seções, tem consequências diretas sobre o produto jornalístico de uma empresa por que a existência de espaços específicos sobre certos assuntos ou temas estimula mais notícias sobre esses assuntos ou temas, por que tais espaços precisam ser preenchidos.

Ao estabelecer um quadro fixo sobre um determinado tema, o noticiário televisivo terá de estabelecer rotinas de produção direcionadas para a permanência desta seção no ar. Torna-se necessário construir e estabelecer uma cadeia de fontes e adotar uma série de procedimentos que viabilizem a organização de uma cobertura sistemática. Estabelece-se um método de trabalho específico para a produção dos quadros, garantindo-se que não faltará material informativo que atenda às exigências estéticas e de conteúdo.

Para tanto, adota-se a divisão de tarefas entre os jornalistas, a definição de prazos específicos de fechamento para cada quadro e a adequação das rotinas da redação aos horários e necessidades de produção. Usando-se a conceito proposto por Tuchman, a “rede noticiosa” da emissora deve se adequar às demandas do telejornal, espalhando-se por fontes e setores da sociedade relacionados aos temas tratados em cada quadro ou coluna.

A pesquisa de campo foi realizada em um período de modificações no formato do *JPB 1ª Edição*. Novos quadros estavam em fase de implantação ou de pré-produção. Quadros que estavam no ar anteriormente e obtiveram sucesso em outras fases estavam sendo reformulados para voltar ao ar, como era o caso do “*Fala Aí*” e do “*Eu Quero Justiça*”. Algumas das seções do *JPB* exibidas em 2008 estavam dando lugar a novos segmentos, enquanto os quadros que

permaneciam no telejornal estavam sendo repaginados. No mercado brasileiro de televisão, a época habitual de modificações na grade de programação ocorre entre os meses de março e abril. Seja nas emissoras ligadas à Rede Globo ou a grupos concorrentes. Isso pode ser percebido também no telejornal analisado.

A partir do dia 9 de Março de 2009, o *JPB 1ª Edição* passava a contar com 12 quadros fixos. Cada um destes segmentos possui formato, periodicidade e dia de exibição específicos. A implantação do novo formato do telejornal foi gradativa. Segundo a editora-chefe, a idéia era estreitar um novo quadro por semana, apresentando-se também as reformulações nos quadros que permaneciam em exibição. A seguir, uma breve apresentação de cada um dos quadros atuais do *JPB 1ª Edição*, obedecendo-se a sequência com que são exibidos no decorrer da semana.

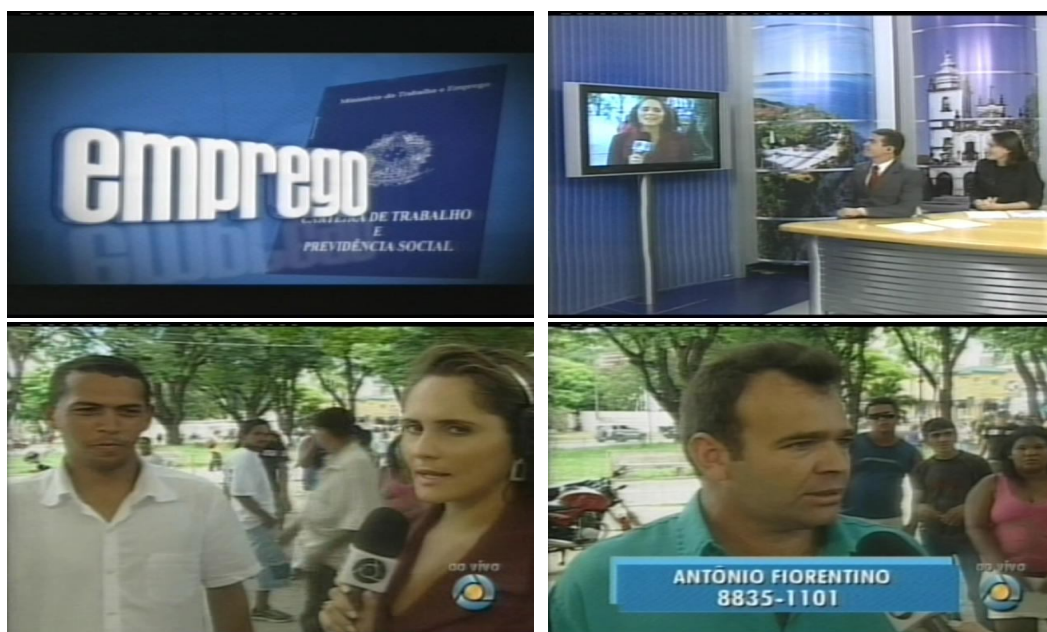
#### **4.2.1 - Quadro “Emprego à Vista”**

Nas segundas o *JPB* exibe o quadro *Emprego*. Trata-se de um espaço onde pessoas que estão desempregadas podem falar sobre experiências anteriores e divulgar dados para contato. No ar desde 2006, o quadro funciona como uma espécie de versão eletrônica para os classificados de empregos. A partir de fevereiro de 2008, as entradas ao vivo passarão a ser antecedidas por reportagens sobre mercado de trabalho, mostrando projetos de capacitação, cursos profissionalizantes e dicas de comportamento em processos seletivos. A primeira reportagem apresentava a elaboração correta do currículo.

A idéia não é nova. Um dos primeiros programas informativos da TV Globo já apresentava um quadro com formato semelhante. Era o “*Show da Cidade*”, atração que estreou no dia 08 de agosto de 1966 e ficou no ar até 31 de dezembro de 1968. O programa misturava elementos de jornalismo e shows de variedades, sendo exibido de segunda a sexta ao meio-dia, com duas horas de duração.

O “*Show da Cidade*” entrou no ar ocupando o espaço na grade de programação que antes pertencia à edição diurna do *Tele Globo*, o primeiro telejornal da TV Globo. Segundo informações disponíveis no portal Memória Globo, o *Show da Cidade* era “um boletim informativo sobre os problemas urbanos, dividido em vários quadros temáticos entremeados por vinhetas musicais”<sup>20</sup>. Um dos quadros temáticos era o “*Eu preciso trabalhar*”, um balcão de empregos apresentado ao vivo por Raul Lontras.

O contexto era outro. Nos primeiros anos de atuação a TV Globo adotava uma linha mais popular, estratégia que foi abandonada com a constituição do Padrão Globo de Qualidade. Quadros como este não mais se adequariam ao padrão estabelecido, que tinha como foco o público consumidor com alto poder aquisitivo.



**Fig. 4:** Exibição do quadro *Emprego* no dia 09 de março de 2009. Ao vivo do Parque Solón de Lucena, em João Pessoa, a repórter Rejane Negreiros entrevistou candidatos a vagas de trabalho. Nesta edição o quadro exibiu um VT sobre um curso de *sommelier*. Imagens: Reprodução de TV.

Atualmente, a disputa pela audiência do meio-dia com programas policiais, e muitas vezes considerados apelativos, se constitui como um dos fatores que colabora para uma tentativa de reaproximação do jornalismo global com outros segmentos sociais. A preocupação constante da população com o desemprego no país, principalmente desde a década de 1990, faz com que a temática não perca a atualidade.

<sup>20</sup> Os dados sobre o Programa “*Show da Cidade*” e seus quadros foram extraídos do portal Memória Globo; Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237366,00.html>



A temática do mercado de trabalho está presente na linha editorial dos telejornais regionais da Rede Globo, principalmente os exibidos no horário vespertino. Entretanto a forma como são implantados depende das realidades regionais. De acordo com Sérgio Pavanello, chefe de redação da TV Cabo Branco, o formato em que desempregados usam a TV para pedir emprego não possui o menos impacto em outras regiões do país:

O quadro Emprego, ou Há Vagas, (...) é um daqueles exemplos que funciona em alguns lugares e em outros não. Por exemplo, a TV Bahia trabalha bem com isso, outros lugares, é, São Paulo, Rio, Minas, né, que eu tenho experiência, no Sul, isso não tem apelo nenhum.<sup>21</sup>

Mas a inspiração para o “Emprego à Vista” vem de mais perto e é mais recente. O quadro do *JPB* segue o modelo implantado pela TV Bahia, afiliada Globo em Salvador. Na Bahia o nome do quadro é mais direto, chama-se “Desempregados”. Lá o telejornal “Bahia Meio-dia” realiza entradas ao vivo direto da Praça do Campo Grande, também sempre às segundas-feiras. A praça chega a ficar lotada nos dias em que a TV promove a exibição do quadro, fenômeno que ainda não pode ser percebido na versão paraibana.

O *JPB* divulga um número de telefone para que os interessados liguem e se inscrevam. A produção organiza uma agenda com os contatos dos candidatos, que são chamados a cada edição e em um número limitado de participantes. Em algumas edições as entradas ao vivo são acompanhadas de reportagens sobre mercado de trabalho.

---

<sup>21</sup> Entrevista realizada em 18 de Março de 2009, com gravação de áudio.

#### 4.2.2 - Coluna Saúde:

A coluna sobre Saúde é exibida semanalmente às terças-feiras. Este segmento do *JPB 1ª Edição* aborda principalmente assuntos relacionados à prevenção ou tratamento de doenças diversas. É apresentado em edições temáticas, abordando problemas de saúde. Na maioria das vezes, a Coluna Saúde discute uma doença em cada edição, mas outros tipos de problemas também são apresentados. Um exemplo é a automedicação, que foi o tema do quadro exibido em João Pessoa no dia 10 de março de 2009.



**Fig. 5:** Quadro Saúde exibido em 10 de março de 2009. Uma farmacêutica respondeu a questões sobre automedicação. Ao fim da entrevista a apresentadora convoca o público a participar de um chat com a convidada no site da emissora, após o telejornal. Imagens: Reprodução de TV.

O quadro Saúde possui um formato simples. Uma reportagem mostra e explica o problema tratado na semana. Casos de pacientes em tratamento ou que conseguiram resolver o problema são apresentados na matéria, que geralmente utiliza o exemplo destes “personagens” para demonstrar as causas ou consequências da doença abordada.

Após a exibição do VT, um especialista é entrevistado no estúdio e responde os questionamentos dos telespectadores, encaminhados à produção por e-mail ou telefone. Desde o primeiro bloco do telejornal, os apresentadores anunciam o número de telefone da redação

para que o público possa enviar perguntas. Os apresentadores identificam o autor de cada pergunta, citando o nome e o lugar onde reside. Em João Pessoa ainda há outro diferencial: ao final do telejornal o entrevistado participa de um chat sobre o tema do dia, por meio do site do programa. Esse recurso não é utilizado pela edição do *JPB* em Campina Grande.

#### 4.2.3 - Quadro “Fala Aí”

Considerado o quadro “comunitário” do *JPB 1ª Edição*, é exibido quinzenalmente às quartas-feiras. Em 2009 ficou decidido que a exibição neste dia da semana seria intercalada com outro quadro que está sendo readaptado, o “Eu quero Justiça”. O objetivo do “Fala Aí” é mostrar as reclamações de moradores que enfrentam problemas nos bairros onde vivem. Em cada edição, um bairro diferente é escolhido pela equipe de produção.

A primeira versão do *Fala Aí* estreou em 13 de dezembro de 2006, mostrando problemas de saneamento básico no bairro de José Américo em João Pessoa. O quadro ficou no ar até fevereiro de 2009, quando no mês seguinte foi substituído pelo quadro “*Vida Real*”. O novo formato seguia o modelo implantado pela TV Globo Nordeste na capital pernambucana.

A principal diferença era que além de mostrar os problemas de cada bairro, o *Vida Real* buscava histórias com enfoques positivos, apresentando projetos sociais, artistas da comunidade ou aspectos interessantes da história dos bairros e seus personagens. A TV Cabo Branco trouxe um jornalista com experiência no rádio para ser o repórter do *Vida Real*. O objetivo, segundo a direção de jornalismo, era implantar uma abordagem ainda mais próxima da linguagem popular.

O quadro ficou no ar até o final de abril de 2008, sendo retirado do ar devido à proximidade com as eleições municipais. Como o quadro é ao vivo, havia o risco de uso político do espaço destinado às reivindicações. Desde então o *JPB 1ª edição* estava sem

apresentar quadros com enfoque comunitário, tratando de temas de prestação de serviço apenas na pauta factual.

A reestreia do “*Fala Aí*” em 2009 aconteceu em datas distintas na TV Cabo Branco e na TV Paraíba. Em João Pessoa o quadro voltou ao ar no dia 18 de março, mostrando os problemas dos moradores do bairro de Cruz das Armas. A determinação para que o quadro fosse implantado em Campina Grande só ocorreu na semana seguinte, com a orientação de seguir o novo formato já adotado em João Pessoa. Por este motivo o quadro só estreou em Campina Grande no dia 01 de abril de 2009, quando mostrou os problemas enfrentados pelos moradores do Bairro das Malvinas, o mais populoso da cidade.



**Fig. 6:** Estreia do *Fala Aí* em 18 de Março de 2009, no Bairro de Cruz das Armas em João Pessoa. O repórter Hildebrando Neto entrevista representantes da prefeitura e moradores do bairro. Fotos cedidas pela assessoria de imprensa das Faculdades FACENE/FAMENE, parceira do quadro.

O novo formato é formado principalmente por reportagens e entradas ao vivo, tendo sempre como cenário o bairro abordado. O repórter do quadro produz uma matéria sobre um problema específico ou sobre o conjunto de dificuldades enfrentadas pela comunidade. De acordo com os editores, o formato do quadro exige que a matéria tenha muitas sonoras, enfatizando a participação popular. Esta matéria explica os problemas e mostra a situação vivida pela comunidade, com um tom reivindicatório.

No dia da apresentação do quadro, o VT é exibido e serve como mote para que outras reclamações sejam feitas ao vivo. Os apresentadores e repórteres convocam a participação das pessoas que estão próximas ao lugar onde a estrutura da TV está montada. Um espaço do telejornal ao vivo é aberto para as solicitações e reivindicações.

Ao final do quadro, as autoridades responsáveis pelos problemas mostrados participam do link. Este é o espaço destinado aos representantes dos órgãos públicos para que se justifiquem e proponham possíveis soluções. Neste momento o quadro geralmente adota um tom de cobrança, exigindo dessas autoridades um prazo para a resolução dos problemas. Como costuma dizer um dos repórteres, esta é a hora de “firmar um compromisso com a comunidade”. Assumindo um papel de intermediação, o quadro é encerrado com a reação dos moradores às promessas apresentadas.



**Fig. 7:** Estreia do *Fala Aí* em Campina Grande na edição de 01 de abril de 2009. Ao final do quadro, os moradores do bairro das Malvinas cercam o repórter Marcos Vasconcelos para fazer reivindicações. Imagens: reprodução de TV (estúdio) e pesquisador (link ao vivo).

Na versão 2009 o *Fala Aí* veio com uma novidade: o oferecimento de serviços gratuitos à população da área visitada. O departamento de jornalismo das emissoras buscou parcerias com universidades públicas e particulares para montar uma estrutura de prestação de serviços, principalmente na área de saúde e assessoria jurídica. Professores e estudantes oferecem gratuitamente serviços de aferição de pressão, checagem de glicose, fisioterapia, odontologia e psicologia, entre outros. Em troca, o telejornal abre um espaço para que um

representante fale sobre os projetos sociais desenvolvidos pela instituição de ensino. Segundo os editores do telejornal, não há nenhum envolvimento do departamento comercial da emissora no estabelecimento destas parcerias. As universidades oferecem gratuitamente os serviços em troca apenas da visibilidade proporcionada pelo quadro.

#### 4.2.4 - Quadro “Eu Quero Justiça”

O “Eu Quero Justiça” É o quadro policial do *JPB 1ª Edição*. Revezas com o quadro “Fala Aí” a exibição nas quartas-feiras. O Eu Quero Justiça voltou ao ar no dia 01 de abril, após alguns meses fora do ar. Anteriormente, João Pessoa e Campina Grande produziam matérias distintas sobre casos específicos de cada região. Em 2009 a produção do quadro ficou concentrada na TV Cabo Branco. A reestréia não foi exibida em Campina Grande, por que coincidiu com a estréia do Fala Aí nesta cidade. O Quadro Eu Quero Justiça mostra casos de crimes ainda não resolvidos, onde os acusados já foram condenados e mesmo assim continuam em liberdade, foragidos ou sem punição.



**Fig. 8:** Estreia do *Eu Quero Justiça* em 01 de Abril de 2009, mostrando a caso do desaparecimento de um agricultor em Itabaiana, ameaçado em conflitos de terra. As reportagens são realizadas pelo repórter Laerte Cerqueira e o produtor Renilson Freitas. Imagens: Reprodução de TV.

De acordo com Sérgio Pavanello, chefe de redação da TV Cabo Branco, a inspiração para a criação do quadro foi o programa policial “*Linha Direta*”, que durante anos foi exibido no horário nobre da Rede Globo:

O “Eu Quero Justiça”, por exemplo, já foi uma criação nossa, baseada em uma experiência muito maior que é o *Linha Direta*. Só que ele pegava um caso muito grande, fazia uma novelinha em cima daquele caso, né? Era um programa de uma dimensão muito grande. Mas a gente achava interessante esse modelo, mas como transportar um programa inteiro para dentro de um programa? Então como a gente fez? A gente começou a pegar casos, locais, que são importantes e fazer um mini *Linha Direta*.

Além das evidentes diferenças estruturais, outro fator de distinção entre o programa *Linha Direta* e o quadro *Eu Quero Justiça* é relativo ao critério de escolha dos casos a serem mostrados. Enquanto o programa global mostrava foragidos que nunca foram julgados ou não apresentaram defesa a justiça, a versão paraibana prefere tratar de casos que já foram julgados e onde já houve condenação. Assim, o quadro não promove uma “caçada” a um acusado, mas mostra casos de impunidade mesmo após a comprovação da autoria do crime. O foco, neste caso, não é a atuação policial, mas sim do poder judiciário. Como aponta a Chefia de redação:

São casos que o cara tá lá há dois ou três anos numa mesa da justiça, tá mais do que provado, já foi até júri e a situação não anda, ou o cara tá solto e ainda não foi preso. Por que não foi preso? Entendeu? Então a gente questiona o andamento da justiça nisso.

Quanto à apresentação estética do quadro, a produção segue alguns dos recursos adotados pelo *Linha Direta*. Apesar de não contar com um núcleo de teledramaturgia, como ocorria no hoje extinto programa global, a equipe do *JPB* também recorre a dramatizações. Como se trata geralmente de casos antigos, muitas vezes são usadas imagens de arquivo mostrando cenas de reportagens feitas pela TV na cobertura do caso. Mas nem sempre isto está disponível. Alguns dos casos mostrados são de cidades do interior ou são sugeridos por pessoas ligadas a vítimas de crimes e que procuram na TV a possibilidade de que investigações esquecidas ou arquivadas possam ser retomadas.

Mantendo-se a linha editorial da TV Globo que propõe a não exibição de imagens consideradas chocantes ou de violência explícita, as dramatizações apresentadas geralmente apenas insinuam o contexto em que o crime teria acontecido, fundamentadas nas fontes oficiais e nos relatos de familiares e amigos das vítimas. O diferencial das matérias factuais sobre violência é o tipo de abordagem e o tratamento diferenciado das reportagens, de acordo com Pavanello “segundo nessa linha, nessa mesma proposta, com uma edição arrojada, com simulação, com atores, é, uma trilha sonora envolvente, quer dizer, dando outra característica, diferente.”

Com esta linguagem, o quadro se caracteriza por um forte apelo emocional ao apresentar denúncias de impunidade sob o ponto de vista dos indivíduos mais afetados pelo caso e reconstituindo as ações das vítimas que antecederam o crime. O tom reivindicatório existente em outros quadros do telejornal é mantido no “Eu Quero Justiça” que se apresenta para o público como um espaço midiático para que façam apelos e contem seus dramas pessoais. O jornalismo, neste caso, busca assumir um papel de intermediador entre a população e as instituições públicas, como governos e órgãos policiais e jurídicos.

#### **4.2.5 - Quadro “Desaparecidos”**

No ar desde 2006, o quadro Desaparecidos mostra o apelo de pessoas que procuram por parentes ou amigos. É exibido regularmente as quintas-feiras com entradas ao vivo. É o único quadro de abrangência estadual e por isso é geralmente exibido no primeiro bloco. Os participantes relatam suas histórias e mostram fotografias das pessoas que desejam encontrar, além de fornecer números de telefone para contato.

As entrevistas são ao vivo, nos mesmos cenários utilizados no quadro de Emprego: O Parque Sólon de Lucena em João Pessoa e a Praça da Bandeira em Campina Grande. São locais adotados como referência nas duas cidades, além de oferecerem condições técnicas para que o sinal do *link* chegue à emissora sem maiores dificuldades ou interferências.





**Fig. 9:** Quadro *Desaparecidos* em 12 de Março de 2009, com o repórter Antônio Vieira no Parque Solón de Lucena em João Pessoa e a repórter Manuella Soares na Praça da Bandeira em Campina Grande. As entradas ao vivo são exibidas no bloco estadual. Imagens: Reprodução de TV.

A referência para a adoção desse formato foi mais uma vez as experiências adotadas no *Bahia Meio-dia*, telejornal da TV Bahia. A emissora afiliada à Rede Globo em Salvador implantou o quadro em agosto de 2001. As entradas ao vivo acontecem todas as quartas na Praça da Piedade. Para a realização do quadro, a emissora baiana estabeleceu uma parceria com a Polinter, delegacia responsável pela investigação de desaparecidos. Segundo informações do site da emissora<sup>22</sup>, o quadro teria recebido premiações da Unicef, Rotary Club e organizações não-governamentais ligadas a busca de pessoas desaparecidas.

O modelo foi seguido por outras afiliadas à Globo no Nordeste, como em Sergipe e Paraíba. Na Bahia, o jornalista Casemiro Neto afirma publicamente ser o criador do quadro, apesar deste tipo de formato não ser uma novidade em programas populares de outras emissoras, como o SBT. Casemiro foi apresentador do *Bahia Meio-dia* no período da implantação do quadro que o tornou uma figura popular no estado. Ele saía da bancada do telejornal para apresentar as entradas ao vivo. Hoje o jornalista apresenta um programa chamado “*Que venha o Povo*” na TV Aratu, emissora vinculada ao SBT em Salvador.

É interessante observar o contexto da concorrência entre as emissoras locais em Salvador, pois demonstra como programas policiais e apelativos tem forçado uma readequação do formato do telejornalismo local de afiliadas Globo, em uma tentativa de

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://ibahia.globo.com/bahiameiodia/desaparecidos.asp>> Acesso em 15 de abril de 2009.

reaproximação com segmentos populares. Isso sem abandonar o modelo estabelecido como padrão de qualidade segundo os critérios da emissora. Programas como o “*Balanço Geral*” e “*Se Liga Bocão*”, ambos da TV Itapoan (Record-BA) acirram a concorrência local ao mesmo tempo em que despertam preocupação de instituições como o ministério público por abusos de cenas de erotismo e violência em pleno horário do almoço<sup>23</sup>.

#### 4.2.6 - Coluna “Direito do Cidadão”

Exibida semanalmente às quintas-feiras, a coluna “Direito do Cidadão” trata de questões relacionadas principalmente aos direitos do consumidor, mas também de temas relativos a serviços públicos ou benefícios previstos em lei. Novidades na legislação ou problemas que geram muitas reclamações em entidades de defesa ao consumidor são algumas das temáticas mais frequentes.



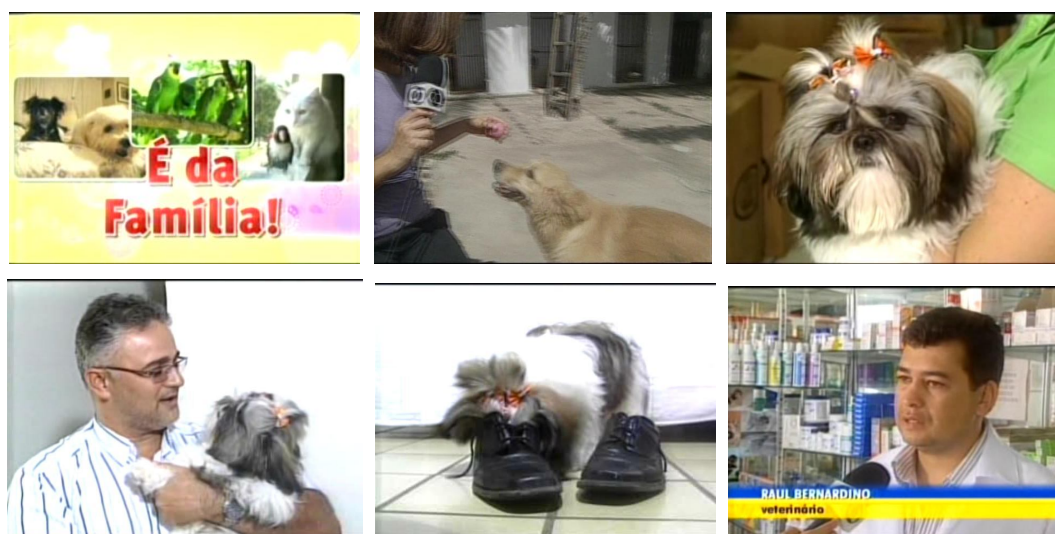
**Fig. 10:** No dia 19 de março de 2009, o quadro “Direito do Cidadão” tratou da dificuldade que alguns deficientes físicos enfrentam para conseguir emprego pelas cotas destinadas por lei, por não conseguirem provar oficialmente a limitação que possuem. Em Campina Grande, as reportagens do quadro foram feitas no período pela repórter Michele Wadja. Imagens: Reprodução de TV.

Esta coluna segue o mesmo padrão adotado no quadro Saúde, como uma matéria explicativa demonstrando o problema e uma entrevista ao vivo com um especialista. Dúvidas dos telespectadores são apresentadas durante a entrevista em estúdio. Em João Pessoa, a emissora realiza ainda chats com os entrevistados. Este recurso não é adotado na versão campinense do *JPB 1ª Edição*.

<sup>23</sup> Sobre o caso da ação do Ministério Público da Bahia contra os programas citados, ver a reportagem “Involução Televisada”, publicada na Revista Imprensa de abril de 2009, ano 22, nº 244.

#### 4.2.7 - Quadro “É da Família”

Ao contrário do que o nome poderia sugerir, o quadro “*É da Família*” não trata questões familiares, crises conjugais ou educação dos filhos. O “*É da Família*” é dedicado aos animais de estimação. É exibido quinzenalmente às sextas-feiras em revezamento com o quadro “*Papo de Mãe*”. *É da Família* estreou no dia 27 de março de 2009, durante a pesquisa de campo e faz parte das mudanças implantadas nesse período. Reportagens trazem dicas sobre os cuidados que se deve ter com animais, mostrando casos de proprietários e a avaliação de especialistas como veterinários e donos de pet shops. Os VT’s são produzidos apenas pela TV Cabo Branco, enquanto que a TV Paraíba exibe o material na versão campinense do *JPB 1ª Edição*.



**Fig. 11:** Repórter Rejane Negreiros brinca com um cachorro na passagem exibida na estreia do quadro “*É da Família*”, no dia 27 de março de 2009. A reportagem mostrava dicas para quem deseja comprar um animal de estimação. Além de mostrar cenas do cotidiano doméstico de donos de animais, o quadro apresenta a avaliação de especialistas. Imagens: Reprodução de TV.

O quadro segue a tendência de tornar o telejornal mais leve e ameno à medida que se aproxima o fim de semana, tendo como característica uma abordagem com toques de humor, com ênfase em reportagens sobre comportamento. Além das reportagens, os apresentadores pedem a colaboração do público, que é estimulado a enviar fotos e vídeos para serem exibidos no telejornal. A idéia é mostrar imagens dos animais de estimação em ambientes domésticos e com os respectivos donos.

#### 4.2.8 - Coluna “Papo de Mãe”

A estréia do quadro *Papo de Mãe* só aconteceu no dia 17 de abril, mas durante a pesquisa de campo foi possível observar as primeiras discussões sobre a implantação do novo segmento. É importante apresentar este quadro, pois faz parte da reformulação ocorrida em 2009 no formato do telejornal. O *Papo Mãe* trata de questões familiares, principalmente de temas vinculados à relação entre pais e filhos. As reportagens são realizadas pela apresentadora Carla Visani, produzidas e finalizadas por uma das editoras assistentes do *JPB*. Campina Grande apenas exhibe as matérias produzidas na TV Cabo Branco. São reportagens em tom coloquial, onde a repórter conduz as entrevistas de maneira informal e “descontraída”.

#### 4.2.9 - Coluna “Charge na TV”

Exibido nas sextas-feiras, o segmento “*Charge na TV*” é uma adaptação das animações feitas para a internet no site Charges PB. O enredo, as animações e a locução são realizadas pelo humorista paraibano Cristovão Tadeu. A charges exibidas no *JPB* também são destaque no portal Paraíba 1, pertencente ao mesmo grupo da emissora. A equipe de jornalismo não se envolve diretamente na produção das animações virtuais, cabendo apenas exibir a charge no telejornal. Enquanto no site as charges tratam de temas diversos, no *JPB 1ª Edição* o quadro aborda predominantemente os assuntos polêmicos da política paraibana.



**Fig. 12:** Charge animada exibida em 03 de abril de 2009, satirizando personagens da política paraibana, o governador José Maranhão (PMDB) e o prefeito de João Pessoa, Ricardo Coutinho (PSB). Imagens: Reprodução de TV.

#### 4.2.10 – Quadro de “Culinária”

O *JPB 1ª Edição* exibe todos os sábados um quadro com receitas de Culinária. Na perspectiva de que o público nesta faixa de horário é composto em sua maioria por mulheres donas de casa, o quadro de Culinária é usado para conferir um tom mais leve ao telejornal nos finais de semana. Trata-se de um VT com duração média de três a quatro minutos. Recentemente o quadro mudou de nome e passou a se chamar “*Gourmetidos*”, adotando o título da página de culinária do Portal Paraíba 1, pertencente ao mesmo grupo da TV Cabo Branco e TV Paraíba. *Gourmetidos* exibe receitas feitas por personalidades conhecidas no estado. A mudança ocorreu após o período de realização da pesquisa.



Fig. 13: Quadro de Culinária do *JPB 1ª Edição*, exibido aos sábados. Imagens: Reprodução de TV.

#### 4.2.11 - Quadro “Moda e Design”

Exibido aos sábados, o *Moda e Design* segue o estilo mais leve adotado pelo telejornal nos finais de semana. No ar desde agosto de 2007, apresenta orientações sobre decoração, moda e estilo. A presença de um especialista nestes assuntos é uma constante neste segmento do telejornal. O quadro é apresentado por é Edilane Araújo, âncora do *JPB-2ª Edição* em João Pessoa, e produzido e finalizado pelo editor do telejornal noturno da TV Cabo Branco.



Fig. 14: Quadro Moda e Design do dia 14 de março de 2009, onde um arquiteto convidado modificou a cozinha de uma telespectadora. Imagens: Reprodução de TV.

A escolha dos temas e das abordagens, assim como a finalização das matérias fica sob a responsabilidade de jornalistas que pertencem a equipe de outro telejornal da TV Cabo Branco, o *JPB 2ª Edição*. Campina Grande não produz material para este quadro, limitando-se a exibir o material oferecido pela TV Cabo Branco.

#### 4.2.12 - Quadro “Som da Paraíba”

Exibido aos sábados, o Som da Paraíba é o quadro musical do *JPB 1ª Edição* em Campina Grande. A TV Cabo Branco não produz esse quadro, como também não o exibe para a região de João Pessoa. Músicos e cantores são convidados para se apresentar no telejornal em entradas ao vivo. Antes de executar as músicas, eles são entrevistados por um dos repórteres da emissora.



**Fig. 15:** Músicos da região se apresentam no quadro “O Som da Paraíba”, produzido e exibido aos sábados no *JPB 1ª Edição*, apenas para a região de Campina Grande. Imagens: reprodução de TV.

O cenário habitual das apresentações é o rol de entrada da sede da TV Paraíba em Campina Grande. Além do quadro musical, o *JPB 1ª Edição* exibe às sextas um espaço chamado “*Agenda Cultural*”, uma arte<sup>24</sup> com os principais eventos culturais do fim de semana em João Pessoa e Campina Grande.

<sup>24</sup> Arte: “Ilustração visual gráfica, computadorizada, inserida na reportagem para facilitar a compreensão e assimilação de uma informação. São muito usadas para localizar locais (mapas) e podem ser animadas ou não” (PATERNOSTRO, 1999. p. 136).

## 5 - A CONSTRUÇÃO DO *JPB-1*: PROCESSOS E SUJEITOS DA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS

Na tentativa de compreender as injunções ao olhar do sujeito jornalista, adotamos dois caminhos distintos. O primeiro consiste em analisar a estrutura institucionalizada do campo jornalístico, aqui expressa nos modelos organizacionais das redações visitadas. É a descrição não apenas no “ambiente de trabalho”, mas dos rituais da “linha de produção” de sentidos no telejornalismo regional, expressa em sua hierarquia, hábitos e valores editoriais. Rituais sacramentados nas rotinas de produção e no estabelecimento de relações com os demais sujeitos envolvidos no mundo das notícias.

São as relações entre os jornalistas na redação, entre os jornalistas da redação, entre jornalistas e assessorias de imprensa e fontes, sejam elas oficiais ou não. As gratificações e constrangimentos comuns a toda hierarquia, aqui também expressa como fator de influência no modo de ação dos indivíduos. São as relações entre os sujeitos, mas também entre eles o tempo, a concorrência e a organização da qual fazem parte. É a teia de negociações tecida de forma coerente nas rotinas produtivas, aqui descritas em três fases distintas. Por este motivo, a discussão começa com um viés teórico apresentando as definições e características de cada uma das etapas usuais das rotinas produtivas, tal qual descritas pela hipótese do *newsmaking*. Essa escolha tem um objetivo: apresentar ao leitor as noções que fundamentam a análise das rotinas produtivas sem ter de forçá-lo a interromper a leitura para retomá-las.

Por fim, a perspectiva de análise direciona-se para as particularidades dos sujeitos envolvidos no processo de produção de notícias para estabelecer conexões entre as ações estruturantes e a forma como cada indivíduo apreende e adota os valores, regras e normas não instituídas, mas partilhadas pelo grupo. Fatores como o perfil individual, a posição específica de cada sujeito na hierarquia e até mesmo as experiências anteriores na própria profissão serão consideradas enquanto pistas reveladoras sobre o comportamento dos membros da tribo jornalística.

Isso ficará mais evidente, por exemplo, nas discussões de pauta ou nas divergências sobre o que é ou não passível de ser noticiável. Como toda interpretação, fundamenta-se na subjetividade, mesmo que seja na forma peculiar como cada sujeito aplica a mesma regra ou

analisa um mesmo fato sob o prisma de diferentes critérios de escolha. É neste sentido que atua nesta análise a descrição de diálogos reveladores ou a apresentação nos relatos de experiências contadas pelos jornalistas, protagonistas desta narrativa.

Este olhar para o particular, o indivíduo, se reflete na adoção do termo “operadores da notícia”, usado para nomear os jornalistas no decorrer do texto. Não se trata apenas de um recurso estilístico para evitar repetições. Trata-se da ideia de que a existência de regras explícitas e de normas simbólicas partilhadas intersubjetivamente pela comunidade jornalística não impede que os sujeitos operem escolhas subjetivas e se expressem de alguma forma, interferindo ativamente na construção do conteúdo e das abordagens. Apesar das normas, mais ou menos fixas, há espaços de manobra, brechas para a atuação dos sujeitos.

O termo “operador” é uma adaptação de uma expressão bastante comum entre juristas e advogados, que costumam nomear os membros de sistema jurídico de “operadores do direito”. A crença desses profissionais é de que apesar de não possuírem controle sobre a lei, fixa e rígida, o “modo de agir” pode interferir, positiva ou negativamente nos resultados dos processos judiciais. Encontram-se brechas, espaços de manobra e ação. Até no rigor do campo jurídico, a astúcia típica do senso comum costuma interferir.

A forma como interpretam os contextos e os relacionam na aplicação as normas pré-estabelecidas produz novos significados, abre possibilidades, cria novos precedentes e interpretações. A subjetividade, é bem sabido, interfere nas escolhas e decisões, até mesmo nos juízes pretensamente mais objetivos. Algo parecido acontece no jornalismo. Apesar de se tratar de um discurso sem autor construído institucionalmente, traços da interpretação de cada sujeito estão presentes nas notícias. O modo como “operam” os critérios de noticiabilidade e o jeito como lidam com os “hábitos” da profissão, compõem o intrincado cenário onde se dá a construção de sentido no jornalismo.



### **5.1 – As Etapas do Processo de Produção: perspectiva teórica**

Os valores-notícia encontram-se distribuídos por todas as etapas das rotinas produtivas e atuam na constituição das práticas que as compõem. Estão “profundamente enraizados em todo o processo produtivo” (WOLF, 1987. p. 1963). Isso ocorre por que expressam uma estratégia de percepção específica sobre a realidade social, conferindo uma lógica própria ao processo de elaboração do noticiário.

São valores e práticas que organizam as demandas e orientam as decisões dos profissionais envolvidos, mantendo-se a coesão das ações em torno de um objetivo comum: a execução dos prazos de fechamento e a apresentação de um conteúdo informativo correspondente às normas editoriais.

A todo o momento, os jornalistas são instigados a tomar decisões. Tais escolhas não se referem apenas à definição do que serve ou não como notícia. Esta é a fase inicial. Toda a estrutura de tratamento das informações depende de decisões rápidas e coerentes. Apesar da rapidez exigida pelo exercício do jornalismo, estas decisões devem possuir uma harmonia lógica, mesmo que muitas vezes obedeçam apenas com às regras internas do campo jornalístico. Desde a definição da equipe de cobertura à fonte a ser consultada, passando-se pela abordagem a ser realizada, os locais de gravação, os melhores horários e condições de execução da pauta e o formato de veiculação. Cada uma destas questões necessita de critérios coesos que possam ser compreendidos, aceitos e reproduzidos em toda a cadeia produtiva.

As estruturas de produção de notícias possuem, de acordo com Wolf, três fases básicas: a coleta, a seleção e a apresentação. São etapas comuns a todos os tipos de mídia que se propõem a elaboração de conteúdo informativo. Podem ser percebidas no jornalismo impresso, radiofônico, televisual ou “on-line”. Obviamente, se adaptam às demandas produtivas e às características específicas da linguagem de cada suporte. Aqui trataremos de como as fases do processo de produção de notícias se expressa no contexto do telejornalismo regional.

### 5.1.1 – A Coleta de Informações e a Rede de Notícias

É a primeira fase do processo de produção de notícias e caracteriza-se pela “captação das matérias necessárias para se dar forma a um noticiário ou jornal” (VIZEU, 2002.p. 83). Relaciona-se com a estrutura montada para capturar as informações e fazer com que não falem subsídios para a produção noticiosa. A estrutura de coleta de informações possui três componentes fundamentais: as fontes, as agências de notícias e a agenda de serviço (ou pauta de produção).

A organização da fase de coleta atua na racionalização do processo ao garantir um fluxo constante de informações que chegam à redação. Inverte-se a noção de que o jornalista “vai à caça” das notícias, quando na verdade ele está no centro de uma estrutura de captação, denominada por Tuchman (apud TRAQUINA, 2005) de “rede noticiosa” (*news net*).

Os órgãos informativos tentam se organizar de tal forma que possam impor uma ordem no tempo e no espaço. Estendem uma “rede” para capturar os acontecimentos da realidade social, espalhando estrategicamente suas estruturas produtivas em pontos considerados cruciais para o fornecimento de informações noticiáveis. A cobertura espacial das empresas jornalísticas é estruturada a partir de três estratégias principais: A territorialidade geográfica, a especialização organizacional e a especialização temática.

Dito de forma mais clara, dividem e classificam as áreas onde vão atuar na busca por notícias. Dividem-se as regiões que devem ficar sob a responsabilidade de cada parte da equipe de reportagem, garantindo que o órgão de comunicação possa ter uma maior abrangência da cobertura. Um exemplo evidente é a atuação dos correspondentes, responsáveis por áreas específicas.

As emissoras afiliadas à Globo na Paraíba possuem áreas distintas de cobertura. O litoral e zona da mata são regiões de responsabilidade da TV Cabo Branco, enquanto a TV Paraíba se encarrega do trabalho no agreste e sertão do estado. Há um “mapa de cobertura”<sup>25</sup>, que discutiremos na análise do trabalho de campo, pois configuram-se como contextos de produção distintos e cenários sociais específicos para a atuação dos jornalistas.

---

<sup>25</sup> Ver anexos com a tabela do atlas de cobertura da TV Cabo Branco, que atinge 47 municípios e da TV Paraíba, com cobertura de 81 municípios.

Quanto à especialização organizacional, concentram os esforços produtivos em organizações sociais consideradas relevantes e produtoras de um bom volume informações noticiáveis. Esse é um dos motivos pelos quais o jornalismo ainda se encontra relativamente dependente das fontes oficiais.

Por fim na especialização temática, dividem-se em editoriais, setorizando as equipes que se especializam em uma cobertura de temas pré-definidos. Há os jornalistas de política, economia, esportes entre outros assuntos. Estas estratégias são complementares. O jornalista especializado em política se habitua a cobrir as organizações consideradas mais significativas, assim como ocorre em outras editoriais. São os lugares da notícia.

Na organização destas estratégias da “rede noticiosa”, percebe-se a existência de fontes e instituições que fornecem regularmente o material que alimenta a “fábrica de notícias”. A consequência disso é que boa parte do conteúdo que chega à redação já foi pré-elaborado institucionalmente. Isso se deve à atuação dos “definidores primários” e do processo de “profissionalização das fontes”. Para Neveu (2006. P. 95) as fontes profissionais desenvolveram a “capacidade de desenvolver uma racionalidade estratégica baseada na antecipação das rotinas e das práticas dos jornalistas para abastecê-los com material pronto para publicar ou veicular”.

São representantes de outros campos sociais, mas que estão inseridos no campo jornalístico e conhecem o funcionamento de suas regras. Conseguem atrair a atenção da imprensa por conhecer à lógica das rotinas produtivas. Com isso se tornam aptos a oferecer o que os jornalistas mais procuram: fatos noticiáveis. Muitas das vezes, oferecem não apenas os “acontecimentos” que sirvam de “gancho” para matérias, mas notícias previamente elaboradas de acordo com as abordagens narrativas usuais do jornalismo.

Neste cenário, cabe ao jornalista à função de (re) organizar este fluxo de informações, selecionar o que será noticiado e aplicar os enquadramentos necessários para a construção de um material informativo que atenda às demandas da redação. A atuação das equipes oficiais de assessoria de imprensa e relações públicas é um exemplo notável do aparelhamento de estruturas organizadas com o objetivo de fazer com que determinados fatos sejam oferecidos à imprensa como noticiáveis.

O jornalista opera os recursos disponíveis na organização onde está inserido de tal forma que não dependa de uma “procura aos fatos”, mas espera que os fatos “candidatos à

notícia” cheguem à redação ou pelo menos estejam facilmente acessíveis à estrutura da rede noticiosa. Os canais de fornecimento de informações estão estruturados em função dos critérios de relevância adotados pelo campo jornalístico, reforçando-os.

Como o interesse do estabelecimento de rotinas é obter resultados produtivos, os jornalistas envolvidos no processo tendem a priorizar os canais de fornecimento de informação que possam melhor satisfazer às exigências de produção. Dessa forma, os canais que possuem uma “produtividade constante” são privilegiados: as fontes institucionais e as agências de notícias. Pressões econômicas e organizacionais podem também contribuir para que esse privilégio ocorra e seja reforçado. Wolf (1987, p. 195) aponta as principais motivações da predominância deste tipo de fontes:

A fase de recolha dos materiais noticiáveis é influenciada pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias, de modo a conseguir sempre executar o produto exigido. Isso leva, naturalmente, a que se privilegiem os canais de recolha e as fontes que melhor satisfazem essa exigência.

Isso se deve ao fato de que para serem eficientes, as rotinas produtivas necessitam de planejamento para organizar a cobertura de forma programada. Mesmo que nada “novo” ou “extraordinário” aconteça, é necessário preencher o tempo ou espaço disponível com informação de interesse jornalístico. É a consolidação de uma rede estável de fontes que garante esta regularidade.

A rede noticiosa se expressa de forma prática nas ações rotineiras que os jornalistas realizam para a captura de informações potencialmente noticiáveis. A “ronda” telefônica é uma das práticas mais comuns nas redações e ocorre de forma cíclica e habitual. Trata-se da consulta telefônica para averiguação sobre o que está acontecendo em locais considerados cruciais, como delegacias, hospitais, postos de controle policial, unidades de medicina legal, entre outros. Todos são fontes oficiais e que concentram tensões ou ocorrências de ruptura, como crimes, mortes e acidentes. Discutiremos mais adiante a ronda quando tratarmos da pesquisa de campo sobre as rotinas produtivas.

Quanto às agências de notícias, percebe-se que no telejornalismo regional a influência destas organizações informativas não é sentida de forma proeminente. É o que ocorre no contexto paraibano. A rede noticiosa destas emissoras está voltada prioritariamente a temas de

interesse local, ou temas locais que possam se tornar assunto nacional. Assim sendo, não costuma utilizar material produzido externamente, a não ser que tenha sido elaborado e encaminhado por outra emissora afiliada ou pertencente à mesma rede de TV a qual está vinculada. Como no contexto do telejornalismo paraibano não há agências de notícias que realizem uma cobertura específica para essa região, a utilização de material proveniente de agências se torna praticamente desnecessária. Afinal, a cobertura nacional e internacional já é feita pelos telejornais de rede.

Os mesmos fatores que diminuem a importância das agências de notícias no telejornalismo local contribuem para a valorização da pauta ou agenda de serviço. Esta é uma ferramenta fundamental para o planejamento das atividades na redação e organização da produção de notícias. A agenda de serviço é o levantamento diário dos acontecimentos previstos para a cobertura. Nas redações observadas nesta pesquisa esta agenda é organizada na capa de pauta, esquema que relaciona as escalas e horários das equipes de reportagem com os temas pautados. A capa de pauta é o instrumento de distribuição de tarefas e racionalização da cobertura.

Geralmente a agenda de serviços é composta principalmente por fatos previsíveis e agendados antecipadamente e que são considerados noticiáveis. Mais uma vez as fontes oficiais predominam por fornecerem regularmente e com certa antecedência as previsões de suas atividades potencialmente noticiáveis. Trata-se de uma produção de notícias antecipada, composta por acontecimentos programados. Na ocorrência de fatos não previstos, mas considerados jornalisticamente relevantes, a capa de pauta é adequada à demanda. Essa adaptação é constante.

A pauta de cobertura é uma ferramenta fundamental para o planejamento e racionalização do processo de produção de notícias. No telejornalismo se torna ainda mais eficaz devido à necessidade de controle e organização do uso dos equipamentos de TV. A importância da capa de pauta será discutida mais adiante na análise das rotinas produtivas do *JPB 1ª Edição*, telejornal regional objeto de estudo desta pesquisa.

### 5.1.2 - A Seleção e o Tratamento das Informações Noticiáveis

O estágio de seleção é a fase de triagem das informações coletadas. Dentre os materiais disponíveis são selecionados os fatos que serão noticiados. Por conseguinte, definem-se quais serão descartados ou ainda os que poderão ser usados posteriormente. Uma metáfora bastante conhecida no jornalismo, principalmente televisivo, demonstra a dimensão do desafio que esta fase de seleção representa: “É a hora de colocar o elefante na casinha de cachorro”. Dentre os fatos “capturados” pela rede informativa, cabe aos jornalistas selecioná-los e transformá-los em notícia, atendendo as exigências internas da redação e às demandas inerentes ao formato a ser veiculado. Definidos os fatos noticiados, é o momento de processá-los na “linha de produção” da redação, dotando-os de sentido a partir da adoção de abordagens particulares. As fases de captação e seleção encontram-se intrinsecamente relacionadas. Já nas primeiras etapas da produção de notícias, os jornalistas realizam escolhas e continuam a fazê-las durante todo o processo. Para Vizeu (2002, p. 84) a seleção de notícias é “um processo complexo que se desenvolve ao longo de todo o ciclo de trabalho, realizado em diferentes etapas, desde a fonte até o editor.” À medida que o processo avança, espaço e tempo se tornam cada vez mais escassos á medida que novas escolhas se tornam necessárias para cumprir os horários de fechamento.

Cabe ressaltar que não se trata de escolhas pessoais ou autônomas. Os jornalistas atuam em um campo de manobra delimitado pelos enquadramentos predominantes na produção de notícias e por fatores organizacionais. Há um condicionamento que formata as opções de escolhas. Entretanto, para tornarem possível o exercício da profissão dentro das exigências de tempo e produtividade exigidos, os jornalistas, acabam absorvendo as regras implícitas do campo e operando tais escolhas como se fossem espontâneas e naturais. Neste “jeito” reside a possibilidade de expressão de singularidades. Ao se naturalizar as próprias limitações, adota-se uma atitude não questionadora que possibilita a disseminação ainda mais eficaz dos fatores condicionantes impostos pelas rotinas produtivas. Dessa forma, as regras implícitas que condicionam as escolhas dos jornalistas se reproduzem por meio das rotinas produtivas e são legitimadas pela repetição, acentuada pela ênfase do campo em obter resultados rápidos e práticos.

### 5.1.3 – A Apresentação das Notícias

É a fase de elaboração das notícias nos formatos em que serão apresentadas ao público. É o momento onde as informações que foram extraídas da realidade social e descontextualizadas pelo jornalismo, serão recontextualizadas e enquadradas no formato do noticiário. Estabelecem-se prioridades dentro de uma sequência própria de apresentação. Isso proporciona uma visão fragmentada dos fatos do cotidiano, apesar de organizadas em um equilíbrio aparente. A ideologia de que o jornalismo seria o “espelho da realidade” e a noção de objetividade regulam esta fase. Assim como aponta Wolf, o objetivo desta operação é dissimular todo o trabalho de seleção feito previamente, apagando as marcas das escolhas e posicionamentos adotados durante o processo de produção. As notícias são “vendidas” ao público como simples relatos do que aconteceu na sociedade, escondendo-se o fato de que se constituem como um produto construído institucionalmente.

Os fatos são encaixados à rigidez dos formatos de apresentação das notícias, com duração pré-estabelecida e estável, ordem de apresentação pré-determinada na estrutura narrativa usual do jornalismo. Cada fato é contado como uma pequena história com começo, meio e fim. Esse é um dos fatores que fazem com que as notícias atribuam mais ênfase aos acontecimentos do que às problemáticas, pois estas últimas são mais difíceis de serem localizadas no espaço e no tempo (TRAQUINA, 2005a). Enquanto os acontecimentos podem facilmente preencher as questões tradicionais do jornalismo: *o que, quem, quando, onde como e por quê*. É o mantra do *lead*, repetido ritualisticamente no cotidiano das redações. Encaixar os fatos nas estruturas narrativas pré-estabelecidas do jornalismo é a função dos editores. Cabe a eles a finalização do material informativo a ser exibido. Aqui não se trata apenas da narrativa isolada de cada notícia, mas do telejornal como um todo, do encadeamento lógico dos fatos relacionados entre si pela sequência em que são exibidos. O objetivo desta fase é “fornecer uma representação sintética, necessariamente breve, visualmente coerente e possivelmente significativa do objeto da notícia” (op. cit. P. 218). Para tanto, são enfatizados os aspectos mais evidentes de um acontecimento ou suas características mais dramáticas e atrativas. A distorção involuntária de que trata os estudos em *newsmaking* se expressa na forma como as notícias são “manuseadas” até tomarem a forma estabelecida pela rigidez dos formatos de apresentação.

## 5.2 – O Processo de Produção do *JPB 1ª Edição*

O trabalho no jornalismo da TV Cabo Branco e da TV Paraíba começa bem cedo. Às cinco horas da manhã chegam à redação os jornalistas que abrem a linha de produção de notícias. É a equipe do *Bom Dia Paraíba*, telejornal que vai ao ar logo às seis e meia da manhã. Apesar de estarem focados no objetivo de finalizar o primeiro telejornal do dia, os produtores e editores que abrem a redação desempenham um papel fundamental no andamento da produção do *JPB-1*. Isso se deve ao fato de serem os responsáveis pelo primeiro contato com as fontes. São os jornalistas da equipe do *Bom Dia* que possuem a responsabilidade de apurar as informações sobre os fatos ocorridos durante o fim da noite e madrugada, principalmente no âmbito das ocorrências policiais. Essa relação é assim relatada pela produtora do *Bom Dia* em João Pessoa, na TV Cabo Branco<sup>26</sup>:

O primeiro compromisso do dia é com o primeiro jornal que é o *Bom Dia*, então a gente começa às cinco e meia da manhã, fazendo a apuração, a ronda<sup>27</sup> nas delegacias. E aí a gente *peneira* então essas notícias e o mais importante já entra no *Bom Dia*. De acordo com a visão do editor do *Praça 1*, que é o *JPB1*, a gente já vai também trabalhando as pautas para o Primeira Edição. E aí é quando começa o ritmo do segundo jornal do dia. (Itálico Nosso).

Neste contexto, é interessante observar que o fluxo de trabalho na redação é demarcado pelo ritmo da grade de programação. Enquanto o trabalho dos editores e repórteres no jornalismo impresso é orientado pela pressão do fechamento, geralmente ao final da noite, os jornalistas de TV se vêem envolvidos em uma engrenagem contínua, marcada por vários *deadlines*<sup>28</sup> distintos, impostos pelo fluxo da grade de programação. Para ilustrar com o exemplo das rotinas produtivas observadas nesta pesquisa de campo, a TV Cabo Branco e TV

<sup>26</sup> Entrevistada realizada em 16 de março de 2009, gravada na ilha de edição da TV Cabo Branco.

<sup>27</sup> É a chamada “Ronda Telefônica”. Consiste na consulta a várias fontes fixas consideradas pelos jornalistas como produtores de informações potencialmente noticiáveis. Geralmente estão ligadas a órgãos públicos e que tratam de ocorrências policiais e emergenciais, como delegacias, hospitais, bombeiros, dentre outros.

<sup>28</sup> Deadline: expressão em língua inglesa que significa “prazo final”. No jornalismo o termo é usado para designar o prazo de fechamento, finalização de uma edição.



Paraíba exibem três telejornais diários, distribuídos do decorrer do dia entre os três turnos. Soma-se a isto a inserção de boletins informativos na programação, como o *Paraíba Agora* e o *Paraíba Notícias*, além das chamadas que são veiculadas antes de cada edição dos telejornais. Excluindo-se do cálculo as chamadas e considerando-se apenas os telejornais e os boletins, são seis *deadlines* seguidos que proporcionam uma sensação de pressão constante. Logo após o encerramento de uma edição, já se sente a aproximação da próxima “linha fatal” dos apertados prazos de fechamento das produções do telejornalismo. O processo de produção do telejornal do meio-dia começa antes mesmo do noticiário matutino ir ao ar.

Como a maior parte do material a ser exibido no *Bom Dia Paraíba* já está produzido desde o dia anterior, as informações factuais são geralmente noticiadas em formato de nota simples, ou seja, sem imagens. Não há tempo de produzir o material necessário logo pela manhã e em tempo hábil pra ser exibido tão cedo. Caberá então ao *JPB 1ª Edição* trazer a cobertura completa dos fatos considerados “quentes”, seja com reportagens ou até mesmo em entradas ao vivo. Assim sendo, a previsão de produção do *JPB-1* já começa a ser alterada antes mesmo da chegada dos editores específicos deste jornal, o que ocorre por volta das sete e trinta da manhã.

A previsão de pauta para os repórteres da manhã já deve estar definida desde o dia anterior. A equipe de produção prepara e marca pautas que atendam à linha editorial e ao formato do telejornal e que sejam consideradas relevantes ou que possuam algum tipo de impacto ou apelo perante o público. Esse tipo de planejamento possui o objetivo de manter a regularidade de produção, garantindo um fluxo de material suficiente para preencher o espaço destinado à apresentação de notícias, cumprindo-se os prazos de fechamento.

Apesar se estarem previamente agendadas, é previsível que as primeiras pautas do dia sejam mais suscetíveis à alterações. Isso se deve à ênfase em temas considerados factuais, como acidentes, casos policiais e acontecimentos que fujam à ordem, como protestos, greves ou denúncias. O início da manhã se constitui, assim, como o primeiro momento de tensão. Isso faz com que mesmo alguns dos jornalistas que estão ainda a caminho da redação, principalmente à equipe responsável diretamente pelo *JPB1*, já estejam conectados de alguma forma às questões relativas à definição de pauta. Isso pode ser percebido no relato da jornalista que exerce a função de coordenadora de produção na TV Cabo Branco<sup>29</sup>:

---

<sup>29</sup> Entrevista realizada em 14 de março de 2009 no corredor de acesso a saída das UPJ's da TV Cabo Branco, numa tarde de sábado em meio ao plantão de final de semana.

Na verdade meu trabalho não começa nem na redação, começa em casa, por que logo cedo, cinco e meia, eu tô escutando rádio, escuto rádio e leio o jornal, e aí eu vou assim até umas oito, oito e quinze, que é a hora que eu saio de casa. É então nessa história de desde as cinco horas da manhã, eu já vou tendo uma noção do que as rádios estão divulgando e já vou entrando em contato com a redação pra saber se a gente tem aquela notícia. E se a gente não tem, como é que a gente pode correr atrás e já vou fazendo o encaminhamento das coisas. É a nossa arrancada. A arrancada, eu dou de casa, aí eu vou mudando.

Duas inferências importantes podem ser discutidas a partir deste relato. A primeira é sobre a forma como se organiza o processo de produção de notícias. Trata-se de um planejamento que precisa ser flexível, ser adaptável a eventos não-programados. São fatos que apesar de não serem possíveis de programar, são relativamente previsíveis. Previsíveis por que a estrutura de captação de notícias atua no sentido de permitir que estes acontecimentos possam ser percebidos e processados o mais rápido possível. Metaforizando com a linguagem técnica da própria televisão, as “antenas” de captação de informações do campo jornalístico estão direcionadas para predominantemente para este tipo de fatos, buscando sintonizá-los assim que ocorrem. Isso se dá por meio da adoção de estratégias de recolhimento de informações capazes de manter e impor certa ordem de ação diante do transcorrer dos fatos.

A busca pelo “inesperado” ocorre por meio da definição de pontos que são considerados bons fornecedores de informação e da manutenção de uma relação constante com estas fontes. Além da definição do tipo de fato que se procura enquanto notícia, o que direciona o trabalho para determinadas fontes de informações, como os órgãos policiais, por exemplo. Estas fontes consideradas “produtivas” pelos jornalistas são geralmente fontes oficiais, procuradas pelos jornalistas de maneira cíclica nas rondas telefônicas.

Assim sendo os fatos considerados “quentes” não são necessariamente uma surpresa, apesar do habitual tom de urgência com que são apresentados. Mas pelo contrário, estes fatos são noticiáveis pela facilidade de serem percebidos e apurados pela rede noticiosa. Dito de outra forma são fatos não só previsíveis, mas esperados e até mesmo desejados pelos produtores de notícias. Enquadram-se na “tipificação do inesperado”, tal qual discute Moretzsohn (2007). Isso porque a falta de temáticas consideradas quentes proporciona nos jornalistas a sensação de que ficou uma lacuna no noticiário do dia, que nestas circunstâncias é considerado “fraco” ou “morno”, na linguagem típica dos nativos das redações. É como se

os fatos do dia são tivessem rendido um bom material noticioso por não fornecerem a matéria-prima desejada para construir uma edição impactante e capaz de proporcionar no público um sentimento de urgência.

Outro fator que contribui para esta ênfase na ruptura é o fato de que tais fatos inspiram agilidade. São ocorrências repentinas e de fácil percepção e desfecho. Para ilustrar com um exemplo empírico, basta imaginar a notícia sobre um acidente que tenha ocorrido a menos de uma hora do fechamento da edição. Apesar da forma repentina como ocorre, este tipo de fato já pode ser narrado em uma história fechada com começo, meio e fim. Mesmo que para tanto sejam apagados ou minimizados os desdobramentos do fato.

Ocorrências repentinas são transformadas em enredos fechados por meio da adoção de enquadramentos usuais já naturalizados pelo fazer jornalístico. Tomemos aqui a ideia de enquadramento enquanto estrutura interpretativa de construção de narrativas. Para fechar o enredo, basta informar o saldo de mortos e o estado de saúde dos feridos, ou no máximo o prazo de encerramento dos resgates ou a liberação da pista de uma grande avenida. Pronto, está dado um desfecho simples e até certo ponto satisfatório quanto às curiosidades do público. Assim também ocorre com crimes como assaltos ou homicídios, histórias que terminam ou com a prisão do acusado ou com sua fuga. São assim reproduzindo estruturas clichê como os da “prisão exemplar” ou da “indignação pela impunidade”.

Diferentemente do que ocorre, por exemplo, com uma informação sobre um projeto de lei, uma pesquisa médica, uma aliança política, uma crise econômica ou até mesmo uma investigação federal contra o crime organizado. Apesar de serem temas considerados relevantes e com peso suficiente para se tornarem notícia, estes fatos carregam em sua essência alguns aspectos que dificultam o processo de construção enquanto notícia.

Por se ocorrerem enquanto processo, são caracterizados pela necessidade de uma apuração constante ou de uma espera e acompanhamento até que se alcance um desfecho, devido a complexidade dos desdobramentos destes fatos, como uma temporalidade mais longa do que os usuais incidentes e contravenções urbanas. Em contextos onde a estrutura de captação noticiosa é precária ou insuficiente, tais obstáculos podem se tornar empecilhos para a divulgação destes atos, apesar de possuírem os clássicos valor-notícia.

Tal como afirma Traquina (2005, p. 74) “o que tem valor-notícia não é o novo, mas aquilo que cabe num enquadramento familiar”. Este seria o critério de consonância, por meio

do qual é potencialmente noticiável aquilo está de acordo com as expectativas dos produtores de notícias sobre a forma como os fatos vão ocorrer e seus desdobramentos. Assim sendo, possui maior probabilidade de se tornar notícia aquilo que é facilmente identificado com formas de narrativas pré-existentes e já usadas pelos jornalistas.

Neste contexto, os crimes e infrações são facilmente relacionados com as expectativas daquilo que se pretende noticiar. Como aponta Traquina, (op. cit. p. 85) “o crime é percebido como um fenômeno permanente e recorrente, e assim grande parte dele é observado pelos *media* noticiosos de uma forma igualmente rotinizada.” É comum observar jornalistas chegarem à redação questionando: “quais crimes ocorreram hoje?” Eles buscam os crimes, a infração. O que é considerado da “ordem natural” das coisas é excluído, ou seja, costuma não ser considerado tão relevante enquanto notícia.

É interessante observar que a coordenadora de produção afirma que o trabalho começa ainda em casa, no momento em que ela acorda e liga o rádio pra saber das novidades. A partir das informações preliminares coletadas ainda fora do expediente, a jornalista afirma sentir a necessidade de entrar em contato com a redação para ficar ciente das ações que estão sendo desenvolvidas, assim como participar das decisões desde o início.

Isso faz com que o jornalista ao ter de coletar fatos do dia-dia da cidade para transformá-los em notícias, observe o seu próprio cotidiano enquanto potencial fonte de sugestões de pauta. Essa sensação de vínculo constante com a cadeia de produção de informações também pode ser percebida pelo relato da então editora-chefe do *JPB 1ª Edição*:

Quem faz televisão, quem faz jornalismo não se desliga, né? É vinte e quatro horas. Você tem que tá ligado nas informações, buscando pauta, pensando pauta e atento a tudo que acontece na sua vida porque o jornalista tem essa história, *ele tem obrigação de não ver as coisas da mesma forma que qualquer outra pessoa vê*, por que a gente tá sempre buscando pauta. Então, uma conversa no consultório, dependendo do que seja o assunto, pode render uma matéria. Então ele tem que ter essa obrigação de tá atento. (sic, itálico nosso)

Por outro lado, este estado de “alerta constante” provoca alguns efeitos na relação dos jornalistas com a própria profissão. Cria-se assim um espaço onde os lugares da vida privada se confundem com a atuação profissional dos indivíduos-jornalistas. Isso se evidencia em

frases tão naturalizadas e repetidas por jornalistas em seu cotidiano, como “sou jornalista vinte e quatro horas por dia” ou “jornalista não para nunca”.

Esse tipo de visão sobre a própria profissão acaba por legitimar uma imbricação entre a vida profissional e a vida privada, em detrimento desta última. As preocupações do jornalista sobre a produção de notícias, processo de fluxo constante, faz com que as atividades referentes ao trabalho na redação estejam presentes em outras esferas do cotidiano do profissional. Assim como em outros momentos, a vida privada se torna um referencial adotado para a coleta de sugestões de pauta.

É o que acontece, por exemplo, quando parentes e amigos de jornalistas se tornam personagens recorrentes de matérias sobre comportamento ou a respeito de temas domésticos. Como estes aspectos do cotidiano mais íntimo escapam a rede noticiosa de captação de informações, os jornalistas recorrem as suas redes de relações inter-pessoais, ou seja, ao próprio ambiente da vida particular, ao mundo ao qual ele tem acesso direto.

É comum ver um jornalista perguntar aos colegas se eles conhecem “alguém” que se encaixe em um determinado perfil ou situação que retratem o contexto exigido por uma sugestão de pauta. Busca-se no cotidiano próximo, ou no que Balandier (1983) denominou de centro do cotidiano, um tipo ideal de “personagem” que encaixe nos enquadramentos narrativos do telejornalismo. A rede de relações próximas aos jornalistas, no tempo e no espaço, supre uma lacuna que a rede noticiosa não consegue dar conta: identificar fontes para reportagens sobre assuntos particulares e relativos ao comportamento cotidiano.

Tratando novamente das rotinas produtivas, é após a exibição do *Bom Dia Paraíba* que as atenções passam a ser direcionadas prioritariamente ao *JPB 1ª Edição*. A editora-chefe chega à redação por volta das sete e meia da manhã. Repórteres, produtores e a coordenação de produção chegam à emissora nesta mesma faixa de horário. É o momento de tomar as primeiras decisões, fazer ajustes na produção e resolver qualquer problema referente às primeiras pautas do dia.

Às oito horas da manhã a maioria das equipes de reportagem já deve estar na rua para a execução das primeiras matérias. Apenas os repórteres que atuaram na apresentação do *Bom Dia Paraíba* saem da redação um pouco mais tarde. Após o *Bom Dia Brasil*, apresentam o mini-telejornal “*Paraíba Notícias*”, com duração média de 3 a 5 minutos. Enquanto as redações de João Pessoa e Campina Grande se transformam no cenário para a exibição do

*Paraíba Notícias*, a movimentação no departamento de jornalismo vai se tornando cada vez mais intensa. A equipe de produção encaminha as pautas aos repórteres e repassa as últimas orientações sobre a abordagem desejada para cada matéria.

Os editores começam a montar uma primeira versão do espelho do *JPB 1ª Edição*. Essa previsão é construída a partir do levantamento sobre os VT's que já estão prontos e à disposição para serem exibidos e dos VT's que já estão na casa, mas que ainda necessitam ser editados. Como boa parte das reportagens produzidas à noite já foi exibida no *Bom Dia Paraíba*, o número de VT's brutos no início da manhã ainda é pequeno.

Além disso, também são acrescentadas à primeira versão do espelho as pautas que ainda estão sendo produzidas pelos repórteres na rua. Isso possibilita a formatação de uma estrutura prévia da sequência de exibição das matérias no telejornal. A paginação<sup>30</sup> do jornal fica sob a responsabilidade exclusiva da jornalista que ocupa a função de editor-chefe. Os editores assistentes dividem as tarefas e logo cedo se direcionam as ilhas de edição<sup>31</sup> para adiantar a finalização das reportagens que já estão na casa.

Por volta das oito e meia da manhã, a editora-chefe do *JPB 1ª edição* tem o primeiro contato com a redação de Campina Grande para discutir a previsão de pauta com o editor de texto responsável pelas matérias daquela região. Geralmente a partir desse horário os rumos da produção já devem estar definidos. Diante dos novos acontecimentos, a previsão de pauta das duas redações já deve ter sido alterada e definida. Os assuntos considerados prioritários na cobertura já estão determinados e substituem as pautas previstas desde o dia anterior. Já com a nova previsão de produção em mãos, os editores discutem quais temas devem entrar na edição do telejornal e qual forma de abordagem deve ser adotada. A seguir, apresentamos duas figuras que contribuem para a percepção da forma como os espelhos dos telejornais são formatados pelos editores. A primeira imagem é a reprodução de um espelho impresso às oito horas da manhã, ainda sem a definição da sequência de exibição das matérias. A imagem seguinte refere-se à primeira previsão, estipulada pelo editor-chefe no início da manhã.

---

<sup>30</sup> Paginar: “Espécie de diagramação eletrônica. O editor-chefe prevê o que abre e fecha o jornal e separa as matérias por blocos”. (BISTANE E BACELLAR, 2005. p. 135).

<sup>31</sup> “Sala onde estão os equipamentos para edição de uma reportagem em VT”. (PATERNOSTRO, 1999. p. 144).

TV Cabo Branco - EASYNEWS										Pág: 1
ESPELHO JPB1										26/03/2009
										00:00:20
ORD	TIPO	RETRANCA	MUN	REP	CAB	VT	MAT	FITA	OBS	
*****1° BLOCO*****						====> 00:00		<=====		
ESTUD	CHAMADA	JPB 1ª EDIÇÃO	JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
ESCAL	ESCALADA		JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
ESTUD	ABERTURA	BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
ESTUD	ENCERRAMENTO	BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
A DEF	PASSAGEM	1	JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
*****2° BLOCO*****						====> 00:00		<=====		
A DEF	PASSAGEM	2	JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
*****3° BLOCO*****						====> 00:00		<=====		
*****3° BLOCO*****						====> 00:00		<=====		
A DEF	PASSAGEM	3	JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
*****4° BLOCO*****						====> 00:20		<=====		
A DEF	ENCERRAMENTO		JPA	ZDAV	00:00	00:20	00:20	00:20		
<b>MATÉRIAS NÃO EXIBIDAS</b>										
VT	MORTE/MULUNGU	= VIEIRA	JPA	viei	00:00	00:00	00:00	00:00		
VT	GOLFE/LOJA/CONVENIÊNCIA	= REJANE	JPA	Rneg	00:00	00:00	00:00	00:00		
VT	COMBATE/CRIMES	= NERISSA	JPA	nev	00:00	00:00	00:00	00:00		
VIVO	LINK/DESAPARECIDOS	= NERISSA	JPA	nev	00:00	00:00	00:00	00:00		
NOTA	NOTA/MÃE QUE MATOU FILHO		JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
NOTA	NOTA/ORQUESTRA SINFÔNICA		JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
VT	GIRO NE COMÉRCIO PRAIAS	= SALVADOR	SDR	ADEF	00:30	03:12	03:42			
NOTA	DENÚNCIA MP/MORTE ADVOGADO		JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
NOTA	SAÚDE/BEBÊ CARDIOPATA		JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
VT	DIREITO/CIDADÃO		CGE	ADEF	00:15	02:50	03:05			
						00:00		00:00		00:00

**Fig. 16:** Espelho do JPB-1 às 8h30 de 26/03/2009, antes das primeiras alterações o editor-chefe. Na divisão do blocos, o formato automático programado no sistema, já prevendo os blocos de Campina Grande como parte obrigatória. As matérias já prontas ou previstas para a edição do dia ficam registradas na “gaveta”, parte abaixo do espelho com a lista de “matérias não exibidas”, mas à disposição do editor para uso.

TV Cabo Branco - EASYNEWS										Pág: 1
ESPELHO JPB1CG										26/03/2009
										00:17:40
ORD	TIPO	RETRANCA	MUN	REP	CAB	VT	MAT	FITA	OBS	
***** 1° Bloco *****						====> 02:11		<=====		
ESTUD	CHAMADA	JPB 1ª EDIÇÃO - ANTES DO JO	CGE	ZDAV	00:00	00:00	00:00	00:00		
ESCAL	ESCALADA		CGE	ZDAV	00:00	00:00	00:00	00:00		
ESTUD	ABERTURA	BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
VT	CHEFE PEQUIM/MORTE	= MONIKE (INÉDIT)	CGE	wand	00:17	01:54	02:11			
ESTUD	ENCERRAMENTO	BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	00:00	00:00	00:00	00:00		
NOTA	PASSAGEM	1	CGE	ZDAV	00:00	00:00	00:00	00:00		
***** 2° Bloco *****						====> 00:00		<=====		
VT	ATROPELAMENTO/ BR	- em prod	CGE	SAmo	00:00	00:00	00:00	00:00		
VT	GANGUE/ MOTO PRETA	- em prod	CGE	agar	00:00	00:00	00:00	00:00		
NOTA	PASSAGEM	2	CGE	ZDAV	00:00	00:00	00:00	00:00		
***** 3° Bloco *****						====> 12:20		<=====		
VT	GIRO NE COMÉRCIO PRAIAS	= SALVADOR	SDR	ADEF	00:30	03:12	03:42			
VT	DIREITO/CIDADÃO		CGE	ADEF	00:15	02:50	03:05			
VT	BALCONISTA/OPORTUNIDADES	= NERISSA	JPA	nev	00:10	02:05	02:15			
ENTRE	ENTREVISTA/ CIEE		CGE	ADEF	00:18	03:00	03:18			
NOTA	PASSAGEM	3	CGE	ZDAV	00:00	00:00	00:00	00:00		
***** 4° Bloco *****						====> 03:09		<=====		
VIVO	VIVO / TEATRO SESC		CGE	ADEF	00:21	00:00	00:21			
VT	CAPTAÇÃO/ÁGUA		CGE	ADEF	00:16	02:32	02:48			
NOTA	ENCERRAMENTO		CGE	ZDAV	00:00	00:00	00:00	00:00		
<b>MATÉRIAS NÃO EXIBIDAS</b>										

**Fig. 17:** Espelho do JPB-1 (CG) às 8h45 de 26/03/2009. As matérias que estavam na “gaveta das matérias não exibidas” foram posicionadas e ordenadas no espelho. Aquelas previstas para exibição, mas que ainda estão sendo feitas pelos repórteres são indicadas pela sigla “EM PROD”, ou seja, em produção. As matérias que já estão editadas são inseridas com o tempo correto do VT e cabeça da matéria. Acima, o cálculo do tempo total.

No período de realização da pesquisa, o telejornal adotava um formato onde o primeiro bloco deveria ser o maior, retardando a entrada do primeiro intervalo comercial. De acordo com os editores, o objetivo era prender a atenção do espectador no início do programa e assim enfrentar a concorrência dos programas policiais. Foi possível observar edições onde o primeiro bloco chegou a ter 16 minutos, ocupando mais da metade do telejornal que teve ao todo 30 minutos. É o que mostra a figura abaixo com o espelho do JPB 1ª Edição do dia 23 de março de 2009. Só para se ter uma idéia, o tempo de produção do JPB 2ª Edição oscila entre 12 e 15 minutos de produção.

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:48	00:00	00:48		avia			✓	✓	
002	VT	TENTATIVA HOMICÍDIO/ CACIQUE = REJANE	RIT	Rneg	Cvis	00:15	00:52	01:07		Dcri			✓	✓	
003	VT	VIOLÊNCIA/CRIANÇA = CARLA	CBD	nev	Cvis	00:19	01:15	01:34		Eara			✓	✓	☹
004	NOTA	NOTA PÉ/VIOLÊNCIA/CRIANÇA	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		avia			✓	✓	
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		spau			✓	✓	
006	VT	PERSEGUIÇÃO/ASSALTANTES	CGE	ADEF	Cvis	00:22	02:29	02:51		Dcri			✓	✓	☹
007	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:26	00:00	00:26		Dcri			✓	✓	
008	VT	ALHANDRA/PRISÕES = NERISSA	ALH	nev	Cvis	00:10	00:37	00:47		avia			✓	✓	
009	VT	ACIDENTE/REPERCUSSÃO = CARLA	JPA	ADEF	Cvis	00:18	01:30	01:48		gros			✓	✓	
010	NOTAP	NOTA PÉ	JPA	ADEF	Cvis	00:46	00:00	00:46		rjun			✓	✓	
011	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 2 CG	CGE	ADEF	Cvis	00:07	00:00	00:07		Dcri			✓	✓	☹
012	VT	ACIDENTE/TEXEIRA - INÉDITO	CGE	ADEF	spau	00:09	00:40	00:49		Dcri			✓	✓	☹
013	VT	ACIDENTE/GURJÃO/MORTE = CG	CGE	SAmo	spau	00:11	00:46	00:57		Rneg			✓	✓	☹
014	ESTUD	ENCERRAMENTO/BOLO 2 CG	CGE	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12		spau			✓	✓	☹
015	VT	CUIDADOS/CARRO/VIAGEM = HILD	JPA	Hld	Cvis	00:36	00:59	01:35		Dcri			✓	✓	
016	NOTA	CUIDADOS/CARROS/NOTA PÉ	JPA	ZDAV	Cvis	00:07	00:00	00:07		spau			✓	✓	
017	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	Emad	Cvis	00:16	02:00	02:16		kmar			✓	✓	
018	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:15	00:00	00:15		Dcri			✓	✓	
*****2º BLOCO*****															
019	VIVO	LINK/EMPREGO 1	JPA	nev	Cvis	00:15	01:30	01:45		Dcri			✓	✓	☹
020	VT	EMPREGO/BALCONISTA = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:10	02:05	02:15		nev			✓	✓	☹
021	VIVO	LINK/EMPREGO 2	JPA	ADEF	Cvis	00:26	01:00	01:26		avia			✓	✓	☹
022	ARTE	CONCURSOS UFCG - CARLA	CGE	ADEF	Cvis	00:09	00:39	00:48		Dcri			✓	✓	☹
024	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		Cvis			✓	✓	
*****3º BLOCO*****															
026	VT	RUA/CALÇAMENTO = CARLA	JPA	SREP	Cvis	00:16	00:41	00:57		avia			✓	✓	☹
027	NOTA	NOTA PÉ/CALÇAMENTO	JPA	ADEF	Cvis	00:29	00:00	00:29		Dcri			✓	✓	
023	NOTA	NOTA/CONCURSO DA CAGEPA	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:30	00:30		Dcri			✓	✓	
		ESTUD CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:00	00:00		Cvis			✓	✓	

Fig. 18: Espelho do JPB-1 de 23/03/2009. Em destaque, o tempo de duração de cada bloco.

Em Campina Grande as funções editoriais do JPB-1 estão concentradas em um único editor de texto. Entretanto, este editor encontra-se entre dois pólos de decisão: o editor-chefe do JPB-1 em João Pessoa e a chefia de redação de Campina Grande. Isso por que o primeiro bloco do telejornal é fechado pela equipe de João Pessoa, por ser exibido em rede estadual. Mas há um espaço neste bloco reservado para informações de Campina Grande. O que vai ser exibido neste segmento do telejornal é produto de uma constante negociação entre os editores das duas cidades.



O editor de Campina Grande apenas oferece as matérias da região para o primeiro bloco do jornal, mas não tem autonomia total na definição da pauta deste espaço do telejornal. A decisão editorial está concentrada na TV Cabo Branco que pode decidir por não utilizar determinada matéria ou até sugerir uma nova pauta. Entretanto o espaço de Campina Grande é permanente e não pode ser excluído pela editora-chefe. Independente do que ocorra, deve haver uma participação da TV Paraíba no bloco estadual com notícias da região de Campina Grande ou das cidades do sertão do estado. Tal negociação se configura assim em um momento de tensão ao colocar em choque interesses por vezes divergentes e contextos de produção bastante distintos. A possibilidade que o editor de Campina possui para interferir nas decisões é argumentar e geralmente o faz tentando “vender<sup>32</sup>” as matérias enfatizando os aspectos considerados mais relevantes de acordo com determinados critérios de noticiabilidade.

Esse é um dos momentos, além das reuniões de pauta, onde os critérios de escolha são explicitados, verbalizados e materializados nos argumentos dos jornalistas. Em entrevista ao pesquisador, o editor de texto do *JPB-1* em Campina Grande apontou quais temas são preferencialmente escolhidos para o primeiro bloco do telejornal<sup>33</sup>:

No primeiro bloco do jornal, por ser um jornal em rede e por *uma seqüência quase lógica e padrão do telejornalismo atual*, a gente traz sempre aquelas matérias policiais e aquelas matérias fortes, como é o acidente, é o homicídio, é o assalto, é o roubo. São essas histórias mais chamadas quentes no telejornalismo. A partir do segundo bloco a gente tem, dentro desse padrão jornalístico, de mostrar serviço, de mostrar comunidade. (Itálico nosso).

Neste contexto, as escolhas editoriais sobre a formatação do telejornal correspondem à adoção destes critérios, além de se relacionarem com o tipo de produto que se pretende colocar no ar. Uma frase recorrente no cotidiano do trabalho de alguns editores demonstra isso: “Preciso de algo quente pra abrir o jornal”. A ênfase em temas relacionados à ruptura, como a morte, a violência e o crime, são consideradas mais relevantes por corresponderem a valores internos do campo jornalístico. De acordo com estes valores, aquilo que emociona e provoca comoção, medo ou instabilidade, possuiria uma capacidade maior de atração perante

---

<sup>32</sup> No jargão do telejornalismo vender significa oferecer uma matéria, argumentar a favor de sua exibição.

<sup>33</sup> Entrevista realizada em 30 de março de 2009, na sala de espera da redação da TV Paraíba.

o público. Por isso, acredita-se que deveriam ser apresentados logo no início, atraindo os espectadores para o programa noticioso. Ao afirmar que tal escolha corresponde a uma “uma sequência lógica do telejornalismo atual”, o editor contribui para a percepção de que a adoção deste tipo de parâmetro não é questionada em suas implicações por ser naturalizada no fazer cotidiano da profissão.

Após o momento onde as primeiras decisões da manhã devem ser tomadas com certa urgência, a redação passa a viver alguns minutos de calma. Durante a observação participante foi possível perceber que há um período de relativa tranquilidade que começa geralmente às nove horas e vai até as dez horas da manhã. Com todas as equipes de reportagem na rua, resta aos produtores monitorar a ação dos repórteres e ajudá-los a resolver possíveis problemas que ocorram durante o processo de apuração.

Em muitos casos, a produção fica dependente do desenrolar do trabalho das equipes de reportagem para poder dar continuidade ao planejamento do processo produtivo. É o que evidenciou a coordenadora de produção da TV Cabo Branco ao afirmar que nestes casos fica “de mãos atadas”, pois suas decisões ficam condicionadas ao resultado do trabalho dos repórteres. Enquanto isso, a equipe de produção adianta a coleta de informações com o intuito de montar a agenda de cobertura para os dias seguintes.

Aos editores cabe finalizar as matérias de gaveta<sup>34</sup> ou que já estavam na casa, além de eventualmente ter de reeditar alguns VT's que tenham sido exibidos no *Bom Dia Paraíba* e que estão na previsão para o *JPB*, onde podem ser exibidos mais uma vez, mas geralmente no formato de nota coberta. Os editores aproveitam esse momento mais tranquilo para redigir algumas das notas simples que serão lidas pelos apresentadores durante o telejornal. A observação desse processo de redação das notas possibilitou a percepção do modo como os editores buscam adotar um tom “didático” ou explicativo para garantir a compreensão dos temas abordados.

Um exemplo disso pode ser observado na redação da TV Cabo Branco no dia 10 de março. Por volta das nove e meia da manhã a então editora assistente redigia uma nota baseada num *release* do governo do estado e que estava com uma linguagem bastante técnica. Ao reler o texto, a jornalista percebe que usou um desses termos poucos conhecidos. Tratava-

---

<sup>34</sup> Assim costumam ser chamadas as reportagens sobre temas atemporais e que podem ser exibidas em qualquer dia sem perder a atualidade. Geralmente são produzidas com antecedência e guardadas para exibição no momento mais oportuno, por isso a expressão “matéria de gaveta”.

se da expressão “sub-notificados”. A jornalista então pergunta a si mesma: “Mãe lá em casa vai entender o que são sub-notificados?”. Ao notar que o pesquisador estava ao seu lado observando a situação, a editora ri e espontaneamente explica o significado da frase. Ela relata que sentiu dificuldades para se adaptar ao estilo do texto em televisão, pois sua primeira experiência profissional tinha sido no jornalismo impresso onde a linguagem é bem diferente e tais expressões são usadas com certa frequência.

Segundo ela, a forma como escrevia foi modificada a partir da convivência com o chefe de redação de uma outra emissora de João Pessoa, responsável por convidá-la para a primeira experiência em telejornalismo. Este editor costumava aconselhá-la dizendo que ao redigir um texto sempre se perguntava: “Mãe lá Esperança vai entender isso? Acho que não, então muda”. O então chefe de redação da TV Tambaú, afiliada ao SBT em João Pessoa, fazia referência ao lugar onde nasceu, o município de Esperança no interior do estado da Paraíba.

A editora assistente do *JPB* afirma que considera essa expressão marcante em sua carreira, pois modificou a forma como redigia os textos pra TV, sempre se preocupando com a linguagem adotada e se o público irá compreender. Esse relato demonstra a preocupação que os editores apresentam ao produzirem material informativo para um público heterogêneo e indefinido. O objetivo é que pessoas que possuam diferentes níveis de formação cultural consigam compreender a informação. Para tanto é preciso ser simples, mas não simplório. O que não é tarefa fácil.

Neste mesmo intervalo onde editores redigem notas e editam as reportagens de gaveta, a equipe de redação aproveita para discutir e fechar os temas das entradas ao vivo e já pensar na previsão de produção para o dia seguinte. Quando não há imprevistos, esse momento possibilita inclusive a existência alguns momentos de descontração no ambiente de trabalho, quando é possível discutir as edições anteriores dos telejornais da casa ou comentar o que foi veiculado pela concorrência. É o momento onde a pausa para o “cafezinho” é possível e se torna até produtiva por se constituir como um espaço de diálogo. A equipe pode, enfim, desfrutar de um momento de socialidade, onde uma breve interação descontraída proporciona que a integração necessária para a realização do trabalho. Os principais temas da pauta da imprensa nacional também são discutidos. É recorrente a citação aos telejornais de rede veiculados pela TV Globo, geralmente apontados como padrão de referência com o qual os telejornais locais são comparados. Sempre numa perspectiva que adota a postura da Rede como exemplar, como modelo a ser seguido localmente.

Os chefes de redação das praças de João Pessoa e Campina Grande também costumam chegar a TV nesta faixa de horário, geralmente por volta das nove e meia da manhã. Mas isto não significa que os chefes de redação estejam alheios ao processo de produção e às alterações realizadas na capa de pauta. Conversas telefônicas garantem que as chefias estejam cientes do que ocorre na redação desde o início da manhã. Mas do que isso. Participam ativamente das decisões, seja apontando procedimentos ou exercendo o poder de “voto de minerva” em questões consideradas mais delicadas. Em ambas as redações, foi possível perceber que a equipe de produção constantemente aguarda a posição adotada pela chefia para agir quando considerada o tema delicado ou quando gera algum tipo de custo ou possua algum entrave operacional.

A Editoria Regional ou Direção Geral de Jornalismo não costuma ser consultada nestes casos. Pelo menos não pela “linha de frente”, pela equipe do “batente” da redação. A intervenção da direção geral se dá geralmente por intermédio das chefias de redação.

Ao chegar à emissora, o chefe de redação é informado pela coordenação de produção sobre o que está sendo produzido pelos repórteres, se existe algum problema a ser solucionado ou alguma demanda que precise ser resolvida. Essa conversa atualiza às informações geralmente repassadas por telefone no início da manhã. A partir destas informações cada chefe de redação fundamenta as decisões que terá de tomar no decorrer do dia. Logo após, às dez horas, chegam os apresentadores do *JPB 1ª Edição*.

A partir das dez e meia da manhã esse cenário de tranquilidade começa a ser alterado. Trata-se do horário de entrada e saída de repórteres na emissora. A redação enche. Repórteres chegam da rua enquanto os editores que estavam nas ilhas também voltam à redação, que passa do silêncio ao barulho predominante. Os produtores são os únicos que estão sempre na redação, pois todas as atividades destes profissionais são desenvolvidas ali. É um momento de fluxo, onde os repórteres estão trazendo a primeira pauta e logo em seguida saem novamente para cumprir as marcações previstas para o segundo horário da manhã. É nessa faixa de tempo que “o pique da redação esquenta” e o stress aumenta. A redação lota e esvazia novamente. O diálogo entre editores e repórteres nesse instante é fundamental, mas deve ser rápido. Afinal, assim como os repórteres devem voltar logo às ruas, os editores devem se apressar para editar o material que acabou de chegar às ilhas de edição.

São interesses conflitantes entre os diversos setores da redação. Os repórteres precisam fechar os textos com agilidade para encaminhar a tempo aos editores sem prejudicar o prazo

de fechamento do telejornal e nem se atrasar para a segunda pauta do dia que já está marcada. Antes de gravá-lo, os repórteres precisam ainda passar o texto com os editores que costumam fazer algumas alterações com o objetivo de manter a reportagem dentro dos padrões estéticos e editoriais da emissora, além de ter a tarefa de corrigir eventuais erros.

Esta conversa rápida em torno do texto da reportagem contribui também na elaboração da cabeça da matéria, ou seja, do pequeno texto lido pelo apresentador do telejornal para chamar a matéria e introduzir o tema ao espectador. Os editores buscam identificar o aspecto mais interessante sobre cada fato e que deverá ser realçado na apresentação da reportagem. Para tanto, os editores costumam sondar os repórteres com o objetivo de identificar aspectos relevantes que não tenham sido citados no texto.

Enquanto isso, a coordenação de produção depende da agilidade do processo para encaminhar os repórteres e assim dar continuidade à previsão de produção da capa de pauta. Enquanto a equipe de edição mantém o foco na finalização do próximo telejornal, a coordenação de produção se preocupa com o andamento do trabalho na redação e com a produção dos outros telejornais da casa. Para tanto precisa adotar uma visão estratégica, equilibrando e mediando os interesses para garantir o bom andamento do processo de produção.

A tensão registrada com a chegada dos repórteres continua a aumentar à medida que se aproxima o horário de exibição do telejornal. Às onze horas da manhã toda a equipe está mobilizada. As principais manchetes do dia já devem estar definidas para a elaboração da escalada<sup>35</sup> e das chamadas que vão ao ar no decorrer da programação. O espelho do telejornal está sendo finalizado de acordo como a avaliação feita pelos editores sobre o material que foi produzido pela manhã.

Neste horário, a coordenadora de produção da TV Cabo Branco costumava alertar ao pesquisador que não seria possível colaborar durante a fase de finalização do telejornal. No primeiro dia de visitas, a jornalista alertou: “Agora não vou poder dar atenção pra você”. Mesmo quando outro jornalista da emissora ocupava esta função, o mesmo alerta se repetia. Pode-se considerar esse comportamento um indicativo de que se trata de um horário crítico para os profissionais envolvidos em todas as etapas da elaboração telejornal.

---

<sup>35</sup> Escalada: abertura composta por “frases de impacto sobre os assuntos do telejornal. O mesmo que manchetes. (PATERNOSTRO, 1999. p. 142).

A equipe de edição de texto se ocupa do fechamento do telejornal, da paginação e revisão das cabeças<sup>36</sup> de cada matéria. Os editores de imagens estão nas ilhas cobrindo<sup>37</sup> e finalizando reportagens realizadas pela manhã. A equipe de produção continua checando notas para a edição do dia e “amarrando”<sup>38</sup> os vivos, enquanto coordena e planeja a produção de material para os outros telejornais. Os repórteres continuam envolvidos diretamente, seja voltando pra rua onde devem cumprir a pauta do dia, seja fechando o texto de uma reportagem que será exibida ao meio-dia ou se preparando para entrar ao vivo no telejornal.

Tanto na TV Cabo Branco, como na TV Paraíba, este é o horário em que a estrutura de gravação das chamadas começa a ser montada na redação. Durante a gravação o ambiente de trabalho fica praticamente em silêncio, destacando-se apenas o barulho das teclas dos computadores. Logo em seguida os apresentadores já devem se direcionar ao estúdio para gravar a escalada, momento inicial do telejornal que elenca as principais manchetes do dia. Essa é a única parte gravada previamente.



**Fig. 19:** Gravação de chamadas do *JPB-1* na redação da TV Paraíba. O ambiente de trabalho dos jornalistas é o cenário das inserções de manchetes da grade programação. Imagem: pesquisador.

De agora em diante a pressão pelo fechamento do telejornal se torna mais evidente. É interessante observar que na redação de telejornalismo, o tempo também é marcado pela sequência da grade de programação da emissora. Foi possível observar isso de forma recorrente quando os jornalistas utilizavam como referência de orientação temporal a programação que estava sendo exibida nos monitores da redação.

<sup>36</sup> Cabeça: “texto lido pelo apresentador para chamar a matéria. Geralmente, contém as informações mais relevantes da reportagem que será mostrada a seguir”. (BISTANE E BACELLAR. 2005, p. 132).

<sup>37</sup> Cobrir a matéria: inserir imagens para ilustrar o texto narrado pelo repórter, gravado previamente.

<sup>38</sup> Termo bastante usado em tom coloquial pelos jornalistas para designar a ação de marcar e acertar previamente todos os detalhes referentes a uma gravação ou entrada ao vivo.

Logo no primeiro dia de observação, uma das repórteres que iria fazer as entradas ao vivo no *JPB 1ª Edição* apressava a coordenadora de produção para que lhe repassasse os temas e informações do link. Um dos argumentos usados pela repórter se referia à grade de programação: “já tá em *Homem-Aranha*, depois são os *Simpsons* e depois já é o jornal”. A repórter se referia aos títulos dos desenhos animados exibidos pela Rede Globo antes dos telejornais locais. A presença na tela dos personagens de Homem-Aranha e do Homer Simpson indicava que o *deadline* estava cada vez mais próximo. Aqui, a grade de programação é a medida de tempo reguladora. O fluxo da programação impõe o caráter de urgência ao sinalizar a aproximação do início da exibição do telejornal. Isso fica ainda mais evidente na redação da TV Cabo Branco onde não há relógios em lugar visível a todos. Nesse contexto, são os monitores marcam o tempo por meio da exibição da programação.


Sobre a inexistência de relógios na redação da TV Cabo Branco, um dos jornalistas da equipe de produção relatou que isto causa reclamações constantes na redação e opina: “deveríamos ter pelo menos dois relógios na redação, um normal e outro regressivo, mostrando quanto tempo falta para o próximo telejornal começar”. Essa sugestão demonstra como o trabalho da redação se organiza em torno da pressão constante dos horários de fechamento. Se este sistema fosse de fato implantado, evidenciaria que a jornada de trabalho no jornalismo nunca acaba definitivamente, pois sempre estaria direcionado para a próxima edição. Por exemplo, assim que o *Bom Dia Paraíba* saísse do ar por volta das sete horas da manhã, o relógio do *deadline* já marcaria a contagem regressiva do tempo relativo ao início da exibição do *JPB 1ª Edição* e assim sucessivamente com os demais telejornais factuais da casa. Trata-se de uma jornada que se alimenta de um ciclo constante e que exerce uma tensão sobre os profissionais da notícia como se fosse marcha ininterrupta.

Às onze e meia da manhã a redação volta a se esvaziar. Todos os repórteres estão novamente na rua. Em João Pessoa geralmente eles são divididos da seguinte maneira: dois para as entradas ao vivo e os outros dois produzindo VT's para o *JPB 2ª Edição*, o telejornal noturno da emissora. Os apresentadores já estão se preparando nos camarins e estúdios. Apenas os produtores (sempre eles) e alguns editores permanecem na redação. Os produtores são os “nativos” da redação. Os postos de trabalho dos produtores são fixos, enquanto editores circulam pelas ilhas de edição e os repórteres circulam pelas ruas. Neste mesmo horário chega à redação da TV Cabo Branco um dos estagiários que possui a função de fazer a escuta do principal concorrente no horário.

O relatório produzido pela “rádio-escuta”<sup>39</sup> é encaminhado por e-mail para a chefia de redação e toda a equipe de produção e edição. Este material traz o resumo das notícias e enfoques exibidos pelos concorrentes. Esse serviço, porém, não está disponível na redação em Campina Grande.

Ao meio-dia o *JPB* entra no ar. Poucos jornalistas permanecem na redação. A editora-chefe acompanha e coordena a exibição do jornal pelo *switcher*, a sala de controle da exibição. Os editores de texto circulam entre as ilhas de edição e a redação. É comum a finalização de VT's durante a exibição do telejornal. A produção continua mantendo contatos telefônicos com as fontes, agora principalmente para a apuração de notas sem imagem ou para outro tipo de nota denominado de nota-pé. Recebe este nome as notas apresentadas logo após a exibição de um VT ou vivo, complementando alguma informação da matéria. Geralmente esse tipo de nota traz uma atualização sobre o assunto ou a resposta de um dos envolvidos no problema mostrado e que por algum motivo não foi ouvido na reportagem.

Antes de ir ao ar, todas as cabeças e notas são revisadas pelo chefe de redação, que marca no espelho as matérias que já foram revisadas. A editora regional costuma revisar e sugerir modificações em algumas partes do telejornal, mas frequentemente esta função é exercida pela chefia de redação, que possui atribuições mais operacionais e diretamente relacionadas ao andamento do trabalho na redação. Como afirma o chefe de redação da TV Cabo Branco, a editoria regional possui uma função mais administrativa e estratégica.



Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp/Dk	Id
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:56	00:00	00:56		pava			✓	
002	VT	MORTE/OVERDOSE = NERISSA	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:34	00:48		Dcri			✓	
003	VT	PRISÃO/GUERREIRO = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:11	01:23	01:34		avia			✓	
004	NOTA	NOTA PÉ/PRISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:08	00:00	00:08		Dcri			✓	
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		avia			✓	
006	VT	CAPTURA/FUGITIVO/SERROTÃO	CGE	SAmo	spau	00:15	01:03	01:18		avia			✓	😊
007	VT	HOMICÍDIO/PATOS	CGE	HRia	spau	00:05	00:23	00:28		avia			✓	😊
008	VT	INSEGURANÇA/SOUSA = MONIKE	CGE	ADEF	spau	00:10	01:40	01:50		avia			✓	😊

**Fig. 20:** Antes da exibição, a abertura das matérias e as notas são revisadas pela chefia de redação e pela direção de jornalismo. O programa de computador usado para a edição dos telejornais indica a sigla com o nome do último usuário que realizou alguma alteração e possui um espaço para marcar a aprovação do editor responsável. Na área destacada pelas setas, é possível ver as siglas referentes à editora do *JPB*, ao chefe de redação da TV Cabo Branco e a Editora Regional. Imagem: reprodução.

<sup>39</sup> Setor da redação responsável pelo monitoramento das emissoras de rádio ou TV para coletar informações sobre novas notícias e manter a “vigilância” sobre a concorrência.



No momento em que o telejornal está no ar, poucos jornalistas na redação conseguem assisti-lo. Em João Pessoa é o chefe de redação quem consegue ficar mais atento ao que está sendo exibido. Alguns produtores tentam assistir ao material que produziram, mas não conseguem, pois os telefones não deixam. Em uma das ocasiões a coordenadora de produção comentou com o pesquisador: “não consigo assistir ao jornal que produzo”. Neste caso, isso ocorre também porque a equipe já está preparando os telejornais seguintes. Os repórteres que estão na rua neste horário já estão produzindo matérias direcionadas ao *JPB 2ª Edição*, com exceção dos repórteres que estão envolvidos nas entradas ao vivo do telejornal vespertino.

Enquanto a redação aparenta estar tranquila, o *switcher* se transforma em um ambiente tenso durante a exibição. É de lá que o editor-chefe acompanha o andamento do telejornal e coordena o processo. Todo o controle técnico da apresentação do jornal também se concentra neste lugar, onde ficam os operadores de áudio, VT e do gerador de caracteres<sup>40</sup>. A equipe é coordenada pelo diretor de TV, responsável por operar a mesa de corte. O controle da exibição está nas mãos deste profissional. Todos seguem as marcações presentes nos *scripts*<sup>41</sup>.



**Fig. 21:** *Switcher*. Acima, as instalações da TV Cabo Branco (imagens: reprodução de TV). Abaixo, a estrutura da TV Paraíba, durante a exibição do *JPB-1* de 26/03/2009. Imagens: Pesquisador.

<sup>40</sup> GC ou Gerador de Caracteres: equipamento que permite “a inserção de letras e números no vídeo. É usado para a colocação de títulos, créditos, frases ou legendas sobre a imagem.” (MACIEL, 1995. p. 109.).

<sup>41</sup> *Script*: “O roteiro do telejornal formado pelo conjunto das laudas das matérias na ordem em que irão ao ar. Designa também a lauda com marcações especiais usada no telejornalismo”. (MACIEL, 1995. p. 112.).

O tempo disponível costuma ser alterado durante a exibição. Segundo a editora-chefe, o tempo do *JPB* costuma por que a rede geralmente aumenta um ou dois minutos. Por estes e outros motivos, o telejornal continua a ser modificado quando já está no ar. A ordem da paginação pode ser alterada ou até mesmo ter matérias “derrubadas”, ou seja, excluídas do programa. As entradas ao vivo e as entrevistas de estúdio garantem certa flexibilidade ao editor que pode afinar o tempo do telejornal, aumentando ou diminuindo o espaço destes segmentos de acordo com as demandas.

Por volta do meio-dia e quarenta minutos o *JPB 1ª Edição* sai do ar. A equipe consegue relaxar um pouco. Contudo, o processo de produção é contínuo e o planejamento da próxima edição já deve ser iniciado. Rotineiramente à uma hora da tarde começa a reunião de pauta. Em João Pessoa participam da reunião a editora-chefe e a coordenadora de produção.

O chefe de produção acompanha todo o processo e interfere constantemente. Os demais editores, produtores e repórteres participam apenas pontualmente, trazendo algumas sugestões e comentários. Na maioria dos casos, as sugestões ou questionamentos dos repórteres são trazidos pelas chefias de cada setor. Repórteres e produtores são geralmente representados pela coordenação de produção e o editor-chefe representa os demais editores do telejornal. Entretanto não há nenhum impedimento formal à participação dos demais membros da equipe. Mas geralmente a reunião fica centralizada em um eixo de decisões composto por editor-chefe e coordenação de produção. Enquanto isso o trabalho na redação continua.

Já em Campina Grande, como a redação é mais enxuta e as funções estão concentradas e relativamente indefinidas, não foi observada nenhuma reunião de pauta durante o período de observação participante. Ao final do período de visitas, um dos componentes da equipe foi questionado pelo pesquisador sobre as reuniões de pauta. A resposta afirmava que atualmente essas reuniões tem se tornado cada vez mais raras devido à falta de tempo e o configuração atual do espaço físico da redação, que não possui uma mesa ou um espaço destinado especificamente para reuniões. Segundo tal jornalista, a mesa, que existia antes da reforma na redação, “chamava a equipe pra reunião”. Outro jornalista concorda e relata que “hoje fica todo mundo de costas um para o outro o tempo inteiro”.

Como na TV Paraíba só há um jornalista responsável pela coordenação de produção e este profissional só trabalha a partir das duas horas da tarde, as reuniões produção só ocorrem neste turno. Pela manhã as pautas são discutidas com o chefe de redação, que por este e outros motivos, concentra várias funções e responsabilidades. Já na TV Cabo Branco, a ação de

delegar tarefas aparenta ser mais eficiente com as tensões e obrigações diluídas por vários estágios do processo produtivo. Neste contexto, apenas as questões “macro” ou consideradas polêmicas necessitam de deliberação direta da chefia de redação. Supervisor das operações da “fábrica de notícias” coordena a estrutura para que a “linha de produção” siga seu curso por si só a partir da divisão de tarefas na hierarquia da redação.

Apesar do fim do jornal o trabalho continua. Os editores possuem ainda a responsabilidade de atualizar o site do telejornal, inserindo as matérias exibidas na edição do dia. À produção caberá a função de seguir as diretrizes definidas da reunião e executar as solicitações dos editores. O trabalho da redação se organiza de forma cíclica, de tal forma que o fluxo da produção se organiza temporalmente, priorizando sempre a elaboração do próximo telejornal.

### **5.3 – Os Construtores da Notícia: A Equipe do JPB 1ª Edição**

A equipe do *JPB 1ª Edição* era formada no período da pesquisa por vinte a quatro jornalistas, além de estagiários, repórteres cinematográficos e técnicos. São treze jornalistas na redação da TV Cabo Branco no turno da manhã, quando o telejornal é finalizado. O grupo era formado por uma editora-chefe, duas editoras de texto, quatro repórteres, uma coordenadora de produção, dois produtores e dois apresentadores, além do chefe de redação que supervisiona todo o processo. Três estagiários auxiliam a equipe no turno da manhã.

Já na TV Paraíba são oito jornalistas envolvidos diretamente na elaboração neste telejornal: o chefe de redação, dois editores de texto, uma produtora, uma apresentadora e três repórteres em Campina Grande. Uma estagiária fica a disposição pela manhã, ajudando no processo. No período analisado, a redação da TV Paraíba só possuía coordenação de produção no turno da tarde, por este motivo não foi considerada na listagem da equipe do *JPB 1ª Edição*, apesar de contribuir no planejamento geral de todos os telejornais.

Agregam-se à equipe duas repórteres responsáveis pela cobertura do sertão do estado, uma deslocada para a cidade de Patos e outra na cidade de Cajazeiras. As repórteres do sertão respondem diretamente à redação de Campina Grande por isso são aqui consideradas como componentes da equipe do *JPB 1ª Edição* na TV Paraíba. As duas equipes do sertão produzem regularmente material para todos os telejornais da casa.

É importante ressaltar que foram contabilizados os profissionais diretamente envolvidos na produção do *JPB-1* e que trabalham geralmente no turno da manhã. Entretanto eventualmente também é aproveitado no *JPB-1* o material produzido pelos jornalistas dos outros turnos e responsáveis por outros telejornais. Apenas os editores e apresentadores estão diretamente vinculados a telejornais específicos. Repórteres e produtores atuam, potencialmente, na elaboração de material para todos os telejornais da emissora.

A editora-chefe responsável pelo telejornal atua na redação da TV Cabo Branco. Cabe a ela o fechamento do bloco estadual e da edição exibida para a região de João Pessoa pela emissora da capital. Apesar de não interferir diretamente na edição dos três blocos exibidos por Campina Grande, o nome dela também aparece nos créditos como editora-chefe deste telejornal. Afinal, os quadros, formato dos blocos, padrão estético e linha editorial deste telejornal são definidos pela equipe de João Pessoa. Alguns quadros, por exemplo, são produzidos só em João Pessoa e apenas exibidos em Campina Grande enquanto os quadros que são produzidos nas duas cidades também são definidos e planejados inicialmente na TV Cabo Branco, sob a coordenação da Editoria Regional sediada na capital do estado.

Em João Pessoa a editora-chefe é auxiliada por duas editoras assistentes. Elas dividem tarefas para maximizar o trabalho. Uma editora fica responsável por organizar e preparar as entradas ao vivo, que dependendo da demanda de cada edição, podem chegar a mais de quatro entradas com temas diversos. Enquanto isso, a outra editora assistente cuida das chamadas do *JPB-1* e do fechamento do “*Paraíba Agora*”, informativo que é inserido no decorrer da programação. Durante a pesquisa, esta jornalista também ocupava a função de editora responsável pelo “*Paraíba Comunidade*”, programa de reportagens exibido nas manhãs de domingo. Todas as editoras envolvidas editam VT's e redigem notas para o telejornal. Mas a paginação e organização do espelho são de responsabilidade exclusiva da editora-chefe. Normalmente, todo o telejornal é revisado pelo chefe de redação que pode também fazer alterações na paginação. Eventualmente a direção geral de jornalismo também participa deste processo.

Quando há necessidade, o editor-chefe do *Bom Dia Paraíba* também contribui com a edição, mas isso só ocorre em casos extremos, como na ausência de uma das editoras da equipe do *JPB 1ª Edição*. O editor do “*Bom Dia*” cuida especificamente da edição seguinte do telejornal matinal, com o auxílio de uma produtora. Além de pautar as entrevistas e reportagens para o *Bom Dia Paraíba*, está produtora também compõe a equipe do *JPB-1*, cuidando principalmente dos assuntos da área policial.

Pela manhã quatro equipes de reportagem estão à disposição do *JPB 1ª Edição* na capital, todas compostas por um repórter, um repórter cinematográfico e um assistente. Na bancada, o *JPB-1* conta com um casal de apresentadores, seguindo o padrão Globo adotado desde o final dos anos 1990.

Já na TV Paraíba, o *JPB-1* conta com um editor de texto responsável por todo o processo de edição. Ele é auxiliado por uma editora assistente, que fica responsável pelas chamadas do telejornal e pela versão do “*Paraíba Agora*” para Campina Grande. Esta editora assistente é produtora e editora de texto das janelas do *Bom Dia Paraíba* em Campina Grande. Além disso, a editora assistente contribui com a equipe de produção na marcação de pautas. Nota-se claramente, principalmente no caso da redação em Campina Grande, o acúmulo de tarefas pelos editores e produtores. Eventualmente, o editor responsável pela edição das matérias de Campina para o *Globo Esporte* também auxilia no *JPB 1ª Edição*.

Em Campina Grande são três equipes de reportagem no turno da manhã. A redação da TV Paraíba conta apenas com uma coordenadora de produção que trabalha no turno da tarde, não participando diretamente do processo de fechamento do telejornal. Por outro lado, ela concentra a responsabilidade pela organização de toda a previsão de produção da redação. Cabe a ela atender a demanda de todos os telejornais da casa e supervisionar as alterações necessárias.

O contato entre a coordenadora de produção e o editor do *JPB-1* na redação de Campina era, no período da pesquisa, realizado geralmente por telefone ou por meio dos relatórios de produção ou e-mails. Esses eram os canais usados pelo editor à época para informar a coordenação de produção sobre as demandas do telejornal. Isso por que eles não trabalhavam no mesmo turno, o que dificulta a comunicação direta entre eles. Já em João Pessoa, a coordenação de produção é dividida por turnos, mantendo sempre contato direto com cada um dos editores responsáveis pela finalização de cada telejornal.

#### 5.4 - A Hierarquia da redação: aspectos organizacionais da Produção de Notícias

O primeiro aspecto observado quanto à organização das rotinas produtivas foi o peso da estrutura hierárquica no comportamento dos jornalistas no ambiente de trabalho. Antes mesmo de entrar na redação já foi possível ao pesquisador observar a influência das relações de comando nas atitudes dos profissionais da notícia. O início das visitas à redação da TV Cabo Branco foi em 09 de março de 2009.

A entrada foi autorizada pela direção de jornalismo, ficando acertado o horário de entrada na emissora para as oito horas da manhã. Cheguei à sede da emissora às 7h55. Entretanto, como este era o primeiro dia de pesquisa era necessário que a entrada fosse ainda autorizada pela chefia de redação. O problema é que a equipe do jornalismo não foi avisada e ninguém se sentiu a vontade para autorizar minha entrada. O jornalista que atendeu a solicitação da recepcionista não se sentiu a vontade para fazê-lo sem a presença de seus superiores hierárquicos, e nem sequer se arriscou a consultá-los por telefone.

É importante ressaltar que estas constatações não buscam responsabilizar nenhum dos profissionais envolvidos, sejam chefes ou subordinados. Mas ao invés disso, o objetivo é refletir sobre as condições de trabalho destes profissionais. Isso porque durante a pesquisa alguns jornalistas demonstraram certa preocupação com o que poderia estar sendo coletado na observação participante e posteriormente divulgado. Isso ficou explícito, por exemplo, nos avisos constantes proferidos entre os produtores da TV Cabo Branco. Ou então pela tentativa de leitura das anotações feitas no diário de campo por parte de componentes da equipe de Campina Grande, aproveitando-se de uma breve saída do pesquisador.

A produtora que abriu o diário de campo perguntava em voz alta “o que ele (o pesquisador) tanto escreve nesse caderninho?”. A frase foi seguida da leitura em voz alta de trechos das observações considerados como críticas ao trabalho da equipe. O objetivo era fazer um aviso aos colegas, alertá-los para que tivessem cuidado com o que fazem e dizem diante do pesquisador, que ao voltar à redação teve a oportunidade de ouvir esses diálogos ao ver o diário de campo aberto nas mãos da jornalista.

Esse episódio, inevitavelmente, criou barreiras à observação participante, que possui como um de seus pilares a construção de uma “parceria” ou relação de confiança entre pesquisador e fonte, tal qual deve ocorrer em certo grau com o jornalista e suas fontes no processo de apuração do noticiário. Antropólogos e jornalistas conhecem bem a necessidade da manutenção da relação de colaboração com as fontes, apesar do cuidado constante com os limites aconselháveis nesta aproximação.

Este tipo de atitude não é apenas um indicativo dos receios e angústias provocados por um mercado altamente competitivo e relativamente restrito. Neste contexto, o medo da demissão é constante, afinal há a consciência de que a recolocação no mercado de trabalho talvez não seja uma tarefa fácil. Some-se a isso o desejo pela ascensão profissional, acirrado por uma conjuntura organizacional de “enxugamento” das redações, onde algumas funções tem sido suprimidas e o acúmulo de atribuições vem se tornando constante. Neste contexto, os organogramas das empresas jornalísticas oferecem poucos cargos decisórios a serem disputados, limitando-se assim o horizonte de aspirações profissionais. Existem poucos degraus a serem escalados. Atualmente este panorama é um cenário comum em redações dos mais diversos veículos, tanto televisivos e radiofônicos, como no jornalismo impresso.

A partir deste relato já é possível fazer algumas inferências. Assim como em qualquer ambiente profissional, a redação também se configura como um espaço organizado em torno de uma cadeia produtiva com funções pré-estabelecidas e instâncias de controle. A imagem estereotipada difundida pelo cinema, apenas para ilustrar com um exemplo, que mostra os jornalistas como indivíduos aventureiros e de rotina imprevisível cai por terra já no momento de se “bater o cartão” para marcar o ponto na entrada da redação.

Sim, os jornalistas também são operários, só que de um ofício de caráter intelectual e simbólico. Trata-se de um profissional que é produtor de sentidos e cuja função é interpretar e difundir fatos e informações. O produto deste trabalho, a notícia, não possui um autor. Pelo menos não no sentido clássico da atribuição individual de autonomia de criação. O discurso do jornalismo é uma mensagem sem autor, produzida de forma institucionalizada. Tanto que a responsabilidade jurídica recai sobre a direção de jornalismo da emissora, o que fica explícito nos créditos de encerramento dos telejornais como “editor responsável”.

Como qualquer estrutura de trabalho, toda redação está passível de sofrer influências internas e externas. São constrangimentos, pressões, concorrência interna, disputa por espaço ou visibilidade, instabilidade e outros desconfortos organizacionais.

Muitas destas disputas não ocorrem simplesmente por cargos com maior poder de influência ou uma melhor remuneração. Muitos desses “prêmios” são subjetivos e só possuem valor se observados internamente à cultural profissional dos jornalistas, sob a perspectiva dos valores compartilhados pelos seus membros.

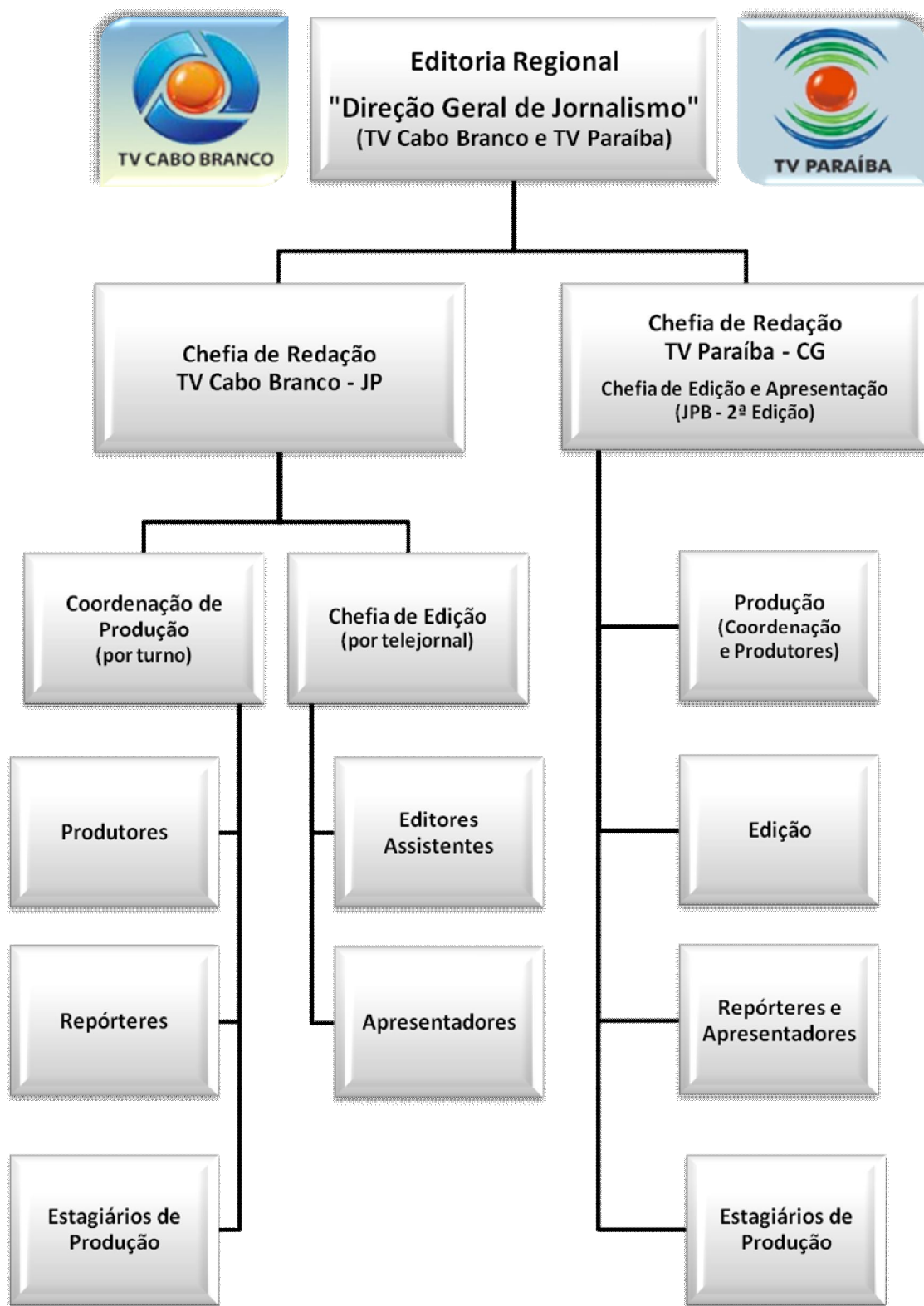
Trata-se muitas vezes da conquista do direito de aparecer em uma matéria de rede, editar um quadro especial ou simplesmente ter direito aos créditos por uma reportagem especial. Não apenas os créditos nos caracteres que acompanham o VT quando este é exibido, mas a exposição do reconhecimento de uma suposta autoria da ideia inicial ou de seu direcionamento, mesmo que o produto final tenha sido construído pela intervenção de três, quatro ou até mais jornalistas. Reconhecimento que possui ainda mais valor quando é atribuído pelas chefias ou diante dos profissionais que ocupam estes cargos.

Ao observar especificamente os casos das TV's Cabo Branco e Paraíba é possível identificar e distinguir dois contextos distintos de organização hierárquica e, conseqüentemente, dois contextos distintos de trabalho e produção. A emissora da capital possui uma estrutura hierárquica mais complexa, com cargos bem definidos e uma divisão de atribuições mais clara e evidente. As ordens e obrigações são diluídas pelas ramificações do organograma hierárquico. É na TV Cabo Branco onde fica a sede da Editorial Regional, responsável pelo jornalismo das duas emissoras.

Por outro lado, a TV Paraíba possui uma estrutura mais simples e um fluxo menor de produção. Dos três telejornais locais exibidos diariamente, apenas o *JPB 2ª Edição* é completamente editado pela emissora. No caso do *Bom Dia Paraíba* e do *JPB 1ª Edição*, há uma relação de certa dependência quanto a TV Cabo Branco. É lá que estão as chefias de edição e conseqüentemente, a última palavra quanto às decisões operacionais, reforçando o atrelamento editorial. Desse modo, possui uma organização hierárquica mais simples e com uma concentração maior de funções entre os profissionais que integram a equipe.

Estes contextos distintos estão unidos por uma mesma direção regional de jornalismo e pela divisão de atribuições na co-produção de telejornais e outros projetos. Para tornar possível uma melhor visualização e análise destes contextos, apresenta-se a seguir um organograma com a estrutura hierárquica das afiliadas à Rede Globo no estado:





**Fig. 22** - Organograma da estrutura hierárquica do departamento de jornalismo da TV Cabo Branco e TV Paraíba. Gráfico produzido pelo pesquisador a partir dos dados coletados na observação participante e em entrevistas com a equipe.

Partindo-se da análise do gráfico, percebe-se que as emissoras analisadas compartilham uma mesma matriz hierárquica, mas com características opostas e ramificações distintas. Como ambas pertencem a um mesmo grupo, a gestão do jornalismo e alguns dos demais setores se encontra centralizada na capital João Pessoa. O mesmo também ocorre com outros departamentos, como o de marketing, operações técnicas e engenharia que possuem uma mesma direção para as duas emissoras. Já o departamento comercial é dividido em diretorias específicas para cada região, aplicando as mesmas estratégias comerciais difundidas pela Rede entre suas afiliadas, mas adotando tabelas de preços distintas e adaptadas para o contexto da audiência, abrangência em cada área de cobertura.

A editoria regional é responsável pela gestão do departamento de jornalismo que congrega as redações de João Pessoa e Campina Grande. Este posto possui a atribuição principal de organizar e gerir o setor, bem como definir a linha editorial da “casa”. Trata-se de uma função estrutural, desempenhada num contexto macro, ou seja, suas atribuições e prerrogativas são mais amplas do que os limites da redação. Ao definir a função que desempenha, o jornalista que ocupa a chefia de redação na TV Cabo Branco apresentou uma distinção clara das atribuições de cada posição de comando. Enquanto a editoria regional se ocupa de questões estratégicas, a chefia de redação cuida das questões operacionais<sup>42</sup>:

Tenho um relacionamento com os outros departamentos da TV também. O relacionamento da redação com os recursos humanos, com a direção, com o marketing. A própria relação da redação com a editoria regional, que tem uma função mais estratégica, digamos assim, enquanto eu fico com a parte mais operacional do dia-dia.

Neste sentido, as chefias de redação desempenham a função de mediadores hierárquicos. Isso ocorre não apenas entre a redação e os outros departamentos da emissora, mas principalmente com relação à própria Direção de Jornalismo. A influência da Editoria Regional no cotidiano da redação é exercida por meio das chefias de redação, que por sua vez fazem cumprir as deliberações e diretrizes oriundas da “gerência do departamento”. As chefias de redação recebem as orientações da direção e as repassam aos produtores, editores e repórteres, dividindo entre eles as tarefas e organizando o modo de operacionalização das ações, definindo horários, prazos e procedimentos.

---

<sup>42</sup> Entrevista realizada no dia 18 de março de 2009 em uma das ilhas de edição da TV Cabo Branco.

Em outras palavras, a Editoria Regional define e linha editorial da empresa e o chefe de redação tem a função fazer com que ela seja seguida. Independente da forma como se nomeie estas funções, esta divisão entre uma direção estrutural e uma chefia operacional é bastante comum nas redações. Seja em emissoras de televisão ou na mídia impressa<sup>43</sup>, esta é a estratégia predominante de gestão no jornalismo. Neste sentido, avançando na discussão sobre a delimitação destas funções, Neveu (2007. p. 77) faz uma análise deste tipo de divisão hierárquica na organização do trabalho jornalístico:

O diretor de redação exerce uma gerência que se pode qualificar de política, no sentido que ele define (sob o controle dos acionistas, de um diretor ou de uma sociedade de redatores) a linha editorial da publicação. Ela pode residir num posicionamento político no sentido amplo, na escolha do tipo de informação e do tratamento do fato que a publicação privilegiará. Ela se traduz em cada edição na escolha dos acontecimentos a ser valorizados ao ângulo sob o qual os cobrir.

Partindo-se do pressuposto de que a notícia é fruto de um processo institucionalizado (VIZEU, 2007), o sujeito que está no topo da pirâmide hierárquica de um órgão de imprensa tem o poder de delimitar os enquadramentos a serem adotados pelos jornalistas que compõem sua equipe, assumindo determinadas perspectivas e estabelecendo critérios de escolhas como normas. Aqui adotamos o termo “poder” não apenas no sentido de autoridade, mas de disponibilidade de recursos e ocasião. É a “capacidade de ação sobre a ação do outro” (REVEL, 2005). É o sujeito que a possui a legitimidade para exercer as escolhas editoriais, legitimidade essa que não é construída apenas por meio da função empresarial, mas que também é percebida de acordo com valores internos ao campo jornalístico.

Mas não é apenas por isso que a Direção de Jornalismo pode ser nomeada, tal qual propõe Neveu, de uma função política. Este profissional também é responsável por definir prioridades e até mesmo estabelecer proibições, especificar o que será considerado como notícia e assim destacado, bem como que tipo de assunto não deve “entrar” na pauta por ser considerado ofensivo, desinteressante ou por simplesmente não se adequar aos formatos e critérios estéticos de cada telejornal.

---

<sup>43</sup> O cargo de Editor Regional, como é chamado nas Afiladas Globo da Paraíba, também pode ser denominado de “chefe de jornalismo”, “diretor geral de jornalismo”, “gerente de jornalismo”, “editor responsável”, dentre outras possibilidades. A nomenclatura varia para cada órgão de imprensa. De acordo com Curado (2002. p. 28), “Não importa a designação desde que responda pelo jornalismo da emissora e pelo funcionamento do seu departamento. A chefia faz a ponte do jornalismo com os outros departamentos da empresa”.

Neste sentido, delimita o enquadramento que será adotado pelos demais membros da equipe na interpretação dos fatos cotidianos. Se o jornalismo observa a realidade social a partir de lentes próprias, tal qual aponta Bordieu (1997), cada órgão de imprensa reorganiza esses enquadramentos criando lentes específicas. Em contrapartida, o jornalista que dirige um departamento de jornalismo assume publicamente a responsabilidade por tudo o que é exibido ou publicado nos órgãos de imprensa que estão sob sua responsabilidade. Isso mesmo que muitas vezes não se envolva diretamente no processo de produção, mas sim na formatação de estratégias de gestão e organização deste processo. Daí surge à necessidade de se manter uma estreita relação com as chefias de redação, a quem delegam o “poder” de fazer cumprir a linha editorial defendida pela organização que representam.

Cabe ao chefe de redação garantir que cada telejornal vá ao ar corretamente, obedecendo aquilo que a emissora defende como “correto” em sua linha editorial e suas metas de resultados. Ele é o responsável por “azeitar a máquina” da redação e fazê-la funcionar, zelando pelo *deadline*<sup>44</sup> e pela qualidade do material a ser exibido. No caso de uma emissora Afiliada Globo, desempenha o papel de garantir que as determinações estéticas e editoriais, no caso específico propostas pela Rede Globo e pretendidas pela Editoria Regional, seja cumpridas. Neste contexto, o Chefe de Redação se responsabiliza pela garantia da realização e exibição de todos os produtos informativos da casa. Vejamos como o chefe de redação da TV Cabo Branco define esta obrigação de acompanhamento dos telejornais<sup>45</sup>:

Na minha função, especificamente, sou responsável por todos eles (os telejornais). Do *Bom Dia ao Praça 2*<sup>46</sup>, mais o Esporte, o *PBCOM*<sup>47</sup>, especiais, séries e matérias de rede. Acaba tudo isso passando de alguma maneira por um controle meu de tudo o que se tá fazendo. Controlo conteúdo também, isso aí é uma questão que eu divido com a Editora Regional. Mas assim, essencialmente é uma responsabilidade minha controlar conteúdo, linha editorial. Participo das reuniões de pauta de todos os jornais ou se não participo, pelo menos acompanho de fora as pautas que são discutidas e envio algumas pautas. Aí a gente monta os jornais dentro de suas linhas editoriais.

<sup>44</sup> Deadline: expressão em língua inglesa que significa “prazo final”. No jornalismo o termo é usado para designar o prazo de fechamento, finalização de uma edição.

<sup>45</sup> Entrevista realizada no dia 18 de março de 2009 em uma das ilhas de edição da TV Cabo Branco.

<sup>46</sup> *Praça TV 2*: nomenclatura genérica usada pela Globo para designar os telejornais locais que ocupam a faixa das 19h na grade de programação. Nas afiliadas da Paraíba este horário é ocupado pelo *JPB 2ª Edição*, veiculado em versões distintas entre João Pessoa e Campina Grande. Existem na grade da Globo três horários destinados ao jornalismo local, chamados respectivamente de *Bom Dia Praça*, *Praça TV 1* e *Praça TV 2*.

<sup>47</sup> Sigla do programa *Paraíba Comunidade*, exibido nas manhãs de domingo.

Usando como parâmetro a divisão das fases do processo de produção de notícias proposto pela hipótese do *newsmaking* entre coleta, seleção e apresentação, pode-se dizer que esse controle de conteúdo citado pelo jornalista na entrevista se concentra em momentos específicos de cada uma dessas fases. Primeiro na elaboração de uma “agenda” de cobertura, delimitando quais os fatos captados pela rede noticiosa vão merecer a atenção das equipes de reportagem.

Nesta fase preliminar, são definidos os formatos e encaminhamentos que serão conferidos a cada tema, bem como uma previsão usada para definir em qual telejornal a matéria será encaminhada para exibição. Aqui na fase de coleta ou captação a chefia de redação determina parâmetros de escolha e delega à coordenação de produção a função de montar a agenda com a previsão de cobertura, supervisionando todo o processo. A relação da Editoria Regional com a fase de captação de informações se dá apenas no sentido de que as ações de coleta de informações ocorrem a partir da estrutura da “rede noticiosa” que é formatada pela Direção de jornalismo em conjunto com as chefias de redação.

Após a produção das matérias, esse controle passa a ser exercido na seleção do que vai ser aproveitado e exibido e, conseqüentemente, do que será descartado ou aproveitado de forma diferente do previsto anteriormente. Por fim o modo de apresentação das informações é revisado rigorosamente tanto pela Chefia de Redação como pela Direção de Jornalismo. Principalmente no *JPB 1ª Edição* é comum perceber as chefias alterando a ordem de apresentação das notícias e revisando os textos das cabeças de cada matéria.

Para demarcar esta revisão, o sistema de computador utilizado na TV Cabo Branco e compartilhado pela TV Paraíba possui um comando onde os textos revisados são destacados com um sinal gráfico em vermelho. É a palavra final que demonstra para toda a equipe que aquele material está aprovado e não deve ser mais alterado, a menos que ocorram mudanças nos dados que necessite de atualização.

Uma das principais diferenças entre a estrutura da redação de João Pessoa e a de Capina Grande é a forma como esse poder de controle se encontra diluído nos demais níveis hierárquicos da redação. Como pode ser observado no gráfico anterior, a estrutura hierárquica da TV Cabo Branco possui duas instâncias de decisão que se encontram diretamente ligadas a chefia de redação: a coordenação de produção e a chefias de edição. São instâncias que mediam a relação entre a chefia e executores da linha de produção de notícias: os repórteres e produtores.

Enquanto a chefia de redação se responsabiliza por garantir o bom funcionamento do setor em todos os turnos e em todos os telejornais, estes cargos possuem uma divisão bastante clara de atribuições. A coordenação de produção é dividida em turnos, com um jornalista responsável pela produção pela manhã e outro à tarde. Repórteres, produtores e estagiários de produção respondem diretamente à coordenação. Enquanto cada telejornal possui um editor-chefe responsável por sua finalização e linha editorial, coordenando diretamente o trabalho dos editores assistentes e apresentadores. É importante ressaltar que alguns apresentadores, em ambas as emissoras, também exercem a função de repórter. Neste caso, a relação hierárquica não é fixa, mas se relaciona diretamente com a função exercida em cada contexto específico.

Já no caso da TV Paraíba em Campina Grande, é possível perceber uma maior concentração de funções. A chefia de redação se envolve diretamente nas questões do cotidiano da redação. Atualmente, o jornalista que ocupa este cargo acumula ainda as funções de editor-chefe e apresentador do único telejornal completamente feito em Campina Grande, o *JPB 2ª Edição*.

As chefias de edição dos outros telejornais estão sediadas em João Pessoa. Assim, os editores de texto da TV Paraíba exercem a função de editor-assistente e respondem diretamente à chefia de redação e aos editores dos telejornais aos quais estão vinculados. Há apenas uma coordenação de produção, responsável pelo turno da tarde. Isso faz com que esta função não desempenhe o mesmo papel percebido na TV Cabo Branco, afinal os produtores repórteres de todos os turnos também respondem diretamente à chefia. Não há instâncias de mediação e o controle sobre os rumos do setor de jornalismo estão concentrados em um único profissional.

Aí reside a principal diferença entre contextos de produção tão distintos: a concentração do comando na TV Paraíba, enquanto que a redação da TV Cabo Branco está claramente dividida em setores específicos. E esta divisão se expressa na forma como o espaço físico da redação é organizado em torno desta formatação peculiar.

### 5.5 – Lugares e Funções na Linha de Produção: “Cada um no seu Quadrado”

A organização espacial da redação é um dos primeiros indicativos sobre a forma como o trabalho de produção de notícias é estruturado e distribuído hierarquicamente. Essa foi a primeira percepção colhida durante a pesquisa de campo. No primeiro dia de observação, o chefe de redação designou a coordenadora de produção para que auxilie na realização de pesquisa, fornecendo as informações necessárias e intermediando a relação com os demais membros da redação. Após uma rápida apresentação, ela começou a descrever espontaneamente um pouco da rotina de trabalho.

A primeira observação da coordenadora foi sobre a organização espacial da redação, apresentando uma definição que demonstra uma divisão hierárquica e de funções no processo produtivo dos telejornais. A coordenadora de produção diz, “aqui como você pode ver é cada um no seu quadrado”, brinca a jornalista ao usar o refrão de uma letra de *funk* pra descrever a organização do espaço de trabalho onde atua cotidianamente. Esta brincadeira provoca risos e quebra as barreiras iniciais comuns ao primeiro contato. Mais adiante foi possível perceber que tal comparação já é uma brincadeira comum entre os jornalistas da TV Cabo Branco. Mas a comparação é reveladora.

O estabelecimento de lugares demarcados por funções demonstra as relações e as negociações que se estabelecem entre os sujeitos responsáveis pela produção do telejornal. Toda a redação é dividida em células de trabalho, cada uma com quatro computadores. A mesma forma de organização é usada na TV Paraíba, mas em uma redação um pouco menor. Na TV Cabo Branco, cada célula de trabalho é ocupada por um grupo de jornalistas que desempenha uma mesma função.

A coordenadora de produção explica: “aqui é o quadrado da produção”. No primeiro contato durante a pesquisa de campo ela continua apresentando o lugar mostrando que o espaço logo em frente é o dos estagiários da produção. Já os editores e apresentadores ficam noutro “quadrado”, ao lado do espaço destinado aos produtores. O espaço dos editores é o “quadrado” central da redação. Na ponta posterior ao espaço dos editores, ficam os computadores que são usados pelos repórteres, bem como o computador usado para a operação do TP na gravação de chamadas e programas na redação. Na realidade, os repórteres

são os únicos que não possuem lugar fixo na redação. Eles usam o primeiro computador que encontrem desocupado. O “lugar” dos repórteres é a rua, a redação é lugar de trânsito, ponto de referência.

É interessante observar como essa divisão é funcional e contribuiu para a comunicação não apenas entre os jornalistas, mas principalmente entre os jornalistas que podem ser aqui considerados como representantes dos diferentes níveis hierárquicos que compõem a redação, principalmente no que se refere à produção e edição. Com o tempo, foi possível perceber como essa divisão funciona na prática.

A coordenadora de produção fica em uma célula de trabalho usada apenas pelos produtores. Ela é a responsável por comandar e supervisionar tudo o que é realizado neste espaço. Ao lado da coordenadora, dividindo a mesma mesa, está uma produtora que foi repórter durante quinze anos. Pelos contatos estabelecidos na época da apuração “na rua”, esta produtora possui várias fontes, principalmente na área policial. Isso lhe rendeu o apelido de “delegada”. Essa produtora fica com um aparelho de rádio ligado o tempo todo e se ocupa prioritariamente pelos temas considerados factuais, além de produzir para o *Bom Dia Paraíba*. Outro produtor ocupa um lugar nesta célula de trabalho, na mesa por trás da coordenadora de produção. Apesar de trabalharem isoladamente em seus terminais de computador, a equipe de produção permanece em contato constante. É comum acontecerem pequenas reuniões para discutir os encaminhamentos das pautas, os horários e o planejamento da produção.

Os estagiários da produção ficam fora do “quadrado”, aliás são os únicos que estão excluídos de qualquer uma das células de trabalho, além do chefe de redação que possui uma mesa individual localizada ao lado da entrada e com visão privilegiada de toda a redação. Entretanto, os estagiários ficam em uma posição de onde podem ser observados pela coordenadora de produção que está ao tempo todo diante deles.

Ao lado da célula de trabalho da produção fica o lugar dos editores de texto. A fronteira entre a produção e a edição é apenas uma divisória na altura dos monitores. O computador usado pela editora-chefe do *JPB-1ª Edição* fica justamente de frente ao da coordenadora de produção, onde elas podem se comunicar apenas olhando por cima do monitor e da divisória ou até mesmo tocando a outra, como muitas vezes fizeram durante o período da observação. Ao lado da editora-chefe está a editora assistente, que trabalha em uma posição similar à produtora assistente. É como se a editora assistente e a produtora



especializada na área policial ocupassem lugares e funções similares na hierarquia de cada um dos “quadrados” da redação, ou seja, na área da produção e da edição.

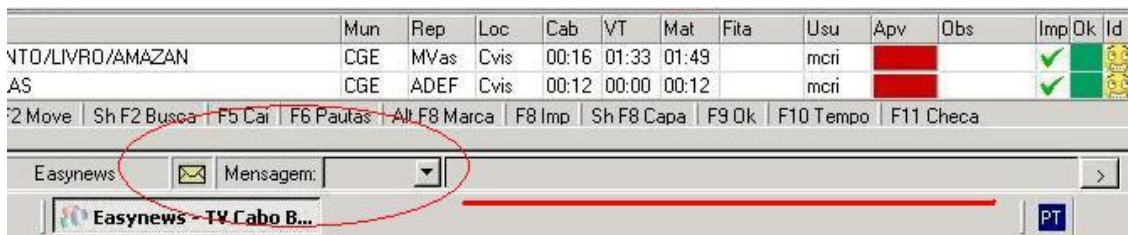
A “fronteira” entre a coordenadora de produção e a editora-chefe é um lugar de negociação e deliberação constantes. Ali são definidos os rumos da edição do dia. Este é o espaço do centro das decisões operacionais da redação. Isso por que enquanto a editora possui controle e autonomia sobre o espelho do jornal, a produtora possui controle e autonomia sobre a capa de pauta, ou seja, sobre a previsão e estabelecimento de prazos, horários e equipes para a cobertura diária na produção de matérias.

A relação entre essas duas esferas é constante e fundamental, pois existe uma dependência mútua. Se a editora tiver uma idéia de VT ou vivo, por exemplo, tem de perguntar para a coordenadora de produção algo como “*Como tá a previsão hoje?*”, “*O que é a gente tá fazendo hoje no fim da tarde*”, “*Tem como a equipe de tal repórter viajar amanhã?*” ou entre outros exemplos. Por outro lado, a coordenadora de produção só deve pautar um assunto que apresente a possibilidade de ser aproveitado em um dos telejornais da casa e por isso precisa passar a pauta de produção para os editores dos três telejornais diários: o *Bom Dia Paraíba* e as duas edições do *JPB*. Assim os editores ficam sabendo o que está na previsão de pauta, discutem, derrubam ou modificam o encaminhamento das pautas previstas ou sugerem e “encomendam” pautas que eles querem em suas edições. A coordenação se baseia nas demandas apresentadas pelos editores para tomar decisões e planejar a ação de repórteres e produtores. É habitual vê-la perguntar aos editores algumas questões como: “*Você vai querer usar esse VT no teu jornal de amanhã?*” ou “*Você vai repercutir esse assunto no teu jornal?*”.

Os integrantes da redação possuem ainda outra forma de comunicação interna disponibilizada pelo software usado na TV para elaboração dos telejornais. Este programa de computador oferece a possibilidade de que os jornalistas conectados na rede interna em um dado momento possam se comunicar entre si por meio de mensagens instantâneas, ao estilo de softwares como *MSN Messenger* entre outros<sup>48</sup>. Nesse contexto, produção e edição são duas instâncias ou esferas da redação que estão em constante negociação e suas decisões interferem diretamente uma terceira instância da produção do telejornal: a reportagem.

---

<sup>48</sup> Ver Anexos. O programa de computador usado nas TV's Cabo Branco e Paraíba é o *Easynews*, que pode ser definido como “Software para automação de redação de telejornalismo”.



**Fig. 23:** Detalhe da barra inferior do programa de computador usado no gerenciamento da produção em telejornalismo nas TV's Cabo Branco e Paraíba. Este espaço específico é destinado à comunicação interna entre os integrantes da redação, de forma análoga aos programas de mensagens instantâneas. No espaço destacado pelo círculo, o jornalista pode ver quais os usuários que estão conectados ao sistema naquele momento e escolher um deles para enviar a mensagem, que é escrita no espaço destacado pela linha vermelha. (grifo nosso).

Os repórteres respondem diretamente à coordenação de produção. Enquanto estão fora da redação produzindo as matérias do dia, são constantemente monitorados. Por telefone celular, a coordenação é informada dos problemas, empecilhos e atrasos enfrentados pelas equipes de reportagem e de posse destas informações pode fazer os ajustes necessários. Quando o editor-chefe de um telejornal precisa passar uma orientação a um repórter, o faz por meio da coordenação de produção que intermedeia o processo.

## 5.6 – “Cadeira Elétrica”: A Coordenação de Produção no Centro das Tensões

No segundo dia de visitas à redação da TV Cabo Branco foi revelada outra gíria usada comumente na redação: a “cadeira elétrica”. O termo é usado para designar a mesa ocupada pela coordenação de produção. Esta expressão foi revelada quando a jornalista que habitualmente ocupa o cargo estava doente e faltou ao trabalho, sendo substituída na função pela editora assistente do *JPB 1ª Edição*. Esse fato contribuiu para reforçar e confirmar a ideia de que as funções e níveis hierárquicos se encontram expressos na organização espacial da redação.

Os repórteres, cinegrafistas e demais jornalistas e técnicos comentavam ao vê-la neste lugar: “Hojé é você na cadeira elétrica?”. Em uma frase, a jornalista então explicou ao pesquisador o sentido da expressão: “Toda a pressão da redação se concentra aqui”. Isso ocorre por que a coordenação de produção fica responsável pela organização da parte

operacional do trabalho na redação. Ao jornalista que ocupa este posto cabe a tarefa de colocar a “máquina pra trabalhar” e garantir que as “engrenagens” funcionem.

Alguns dos mais importantes estudos sobre a produção de notícias, realizados sob o prisma das teorias construcionistas, observaram com ênfase especial o trabalho dos editores. Responsáveis pela decisão sobre o que será publicado e principalmente pelo tratamento conferido à informação, os editores de fato interferem em todo o processo produtivo com suas decisões. Se alguns temas ou formas de abordagem são excluídos por editores que não pretendem utilizá-los no noticiário, logo serão também descartados e não serão absorvidos pela rede noticiosa. Os jornalistas que atuam em funções como apuração e checagem deverão direcionar suas ações para temas que sejam potencialmente publicáveis, ou seja, que se encaixem às demandas da linha editorial e do formato do produto noticioso que está sendo elaborado.

Ao considerarmos a necessidade constante de efetuar escolhas, espalhadas e diluídas em todo o processo produtivo, percebemos que estas decisões não se encontram concentradas apenas na figura do editor. Se os jornalistas que ocupam esta função tivessem de gerenciar todo o processo, principalmente no contexto do telejornalismo, não haveria possibilidade de ordenar a apresentação das informações que vão ao ar. É preciso delegar tarefas. Cabe então ao coordenador de produção gerenciar e distribuir as responsabilidades entre os produtores e repórteres da equipe e cobrar resultados. Além de efetuar e discutir decisões com a editoria de cada telejornal, a coordenação de produção fica responsável por operacionalizar a execução dessas escolhas, organizando a estrutura da redação para obter os resultados esperados em um contexto de escassez de tempo e recursos.

A coordenação de produção ao atuar no planejamento da cobertura jornalística, torna-se responsável por estabelecer e manter uma ordem às rotinas produtivas. Ocupa-se da tarefa de racionalizar a operação da estrutura da rede noticiosa no dia-dia, estabelecendo uma agenda de cobertura e promovendo adequações constantes.

A noção de rede noticiosa, proposta por Tuchman, demonstra como o jornalismo se organiza espacialmente para fazer a cobertura dos fatos. O jornalismo estende sua “teia” de captação de informações a partir de três estratégias fundamentais: a territorialidade geográfica, a especialização organizacional e a especialização temática. Desse modo, a coordenação de produção atua no sentido de operar cotidianamente a estrutura de captação de informações já consolidada na redação onde atua. A emissora já possui uma estrutura prévia

construída sobre os fundamentos dos valores editoriais, dos contextos-regionais, da posição ocupada diante da concorrência no mercado das notícias e, obviamente, da estrutura técnica que está à disposição.

Mas para que esta estrutura funcione se faz necessária a atuação de um jornalista que aplique estes fatores na condução dos procedimentos de produção de notícias. É o que ocorre, por exemplo, com a questão da territorialidade geográfica. Tomando-se por base os fatores que compõem a teia da rede noticiosa, a tarefa de coordenar o processo de produção exige que se monitore o posicionamento das equipes de reportagem, distribuindo recursos e equipamentos aos lugares onde fatos com potencial noticioso estejam acontecendo. Assim como a ocorrência de fatos inesperados exigem que se decida de forma rápida pelo deslocamento ou não de equipes.

Neste sentido, coordenar o processo de produção é estabelecer prioridades não apenas de acordo com os critérios de noticiabilidade, mas na relação destes critérios com a estrutura disponível e cada contexto específico, com suas demandas e limitações. As estratégias de especialização temática e organizacional também se manifestam na redação pelas deliberações da coordenação de produção, responsável por delegar tarefas e definir quais produtores e repórteres serão responsáveis pela cobertura de cada pauta ou de temas específicos. Ao organizar a capa de pauta, os temas a serem tratados são frequentemente relacionados com o perfil de cada repórter, com o estilo de trabalho, formato de texto e até temperamento e humor. Isso fica evidente nas discussões entre editor-chefe e coordenação de produção.

Algumas vezes a editora do *JPB-I* não concordava com a destinação de uma pauta para determinado repórter e este tema provocava um debate antes da decisão relativa a escala. Em um dos casos observados, os argumentos de ambos os lados se baseava nas experiências relativas ao modo de agir do repórter, com julgamentos relativos a desempenho e rapidez. Alguns repórteres considerados mais “desenrolados”, de acordo com expressão comum nas redações paraibanas, são geralmente escalados para matérias factuais onde existem poucas informações e boa parte da apuração deverá ser feita na rua. Como também para matérias que exigem rapidez maior ou habilidade de convencimento com relação a fontes que apresentem resistência a colaborar. Obviamente, nem sempre é possível fazer essas adequações. Mas estes fatores são ainda assim considerados mesmo quando não é possível atender-los plenamente.

Quanto à divisão temática ocorre algo parecido. Um exemplo mais evidente é a setorização da cobertura política na TV Cabo Branco. Pela manhã uma repórter fica responsável pelos temas da agenda política, sendo deslocada frequentemente para as sessões da câmara de vereadores de João Pessoa e para os eventos no Palácio da Redenção, sede do governo estadual. Ela também apresenta a coluna de política do *Bom Dia Paraíba* acompanhada por um comentarista. À tarde, outro repórter assume a cobertura política, sendo escalado frequentemente para a Assembleia Legislativa. Já na TV Paraíba não há setorização.

Por estarem em contato quase que diário com as mesmas fontes, os repórteres setorizados na cobertura política sugerem temas para reportagens e em algumas circunstâncias não precisam sequer de marcações antecipadas por parte da produção. No caso da cobertura das atividades nas casas legislativas, algumas vezes a pauta traz apenas informações gerais sobre os temas do dia, cabendo ao repórter direcionar a matéria a partir do decorrer dos acontecimentos.

Outra temática que possui certa setorização é a cobertura esportiva. Por existir um telejornal específico sobre o assunto, o *Globo Esporte*, há a definição de equipe, recursos e horários específicos para os fatos esportivos. Mas mesmo assim, nas duas emissoras não há repórteres específicos para a cobertura esportiva, exceto quando apresentador do *GE* atua como repórter. O *Globo Esporte* é finalizado em João Pessoa por um editor-chefe específico deste programa, com a colaboração do apresentador que também só atua neste telejornal. Eles são auxiliados por um editor de texto em Campina Grande que fica responsável pelas pautas esportivas da região coberta pela TV Paraíba. Além do esporte, este editor ainda atua na equipe do *JPB 2ª Edição* em Campina Grande.

A coordenação de produção geralmente não apura nem produz as matérias esportivas, apenas reservando na capa de pauta os horários solicitados pelos editores esportivos para as reportagens. Os editores esportivos se responsabilizam pela produção e solicitam à coordenação os recursos necessários. Para definir os horários das pautas esportivas é necessário um acordo com a coordenação de produção que vai avaliar a viabilidade de acordo com as pautas já agendadas para outros telejornais.

Essa relação é de constante negociação, pois a avaliação dos jornalistas responsáveis por temas distintos se fundamenta em diferentes prioridades. Muitas vezes o que é “factual” para o esporte é considerado menos relevante pelos editores de outros telejornais. Essa divergência é comum não apenas em relação aos temas esportivos, mas entre os editores dos

diferentes telejornais da emissora. Cada telejornal possui prioridades específicas que são discutidas na coordenação de produção, onde cada editor expõe suas necessidades para a coordenadora que deverá equilibrar os interesses e tentar atender a todos os programas sem prejudicar a previsão de produção.

Cada telejornal possui horários reservados para produção de matérias específicas para este programa. Por exemplo, todas as primeiras matérias produzidas no início da manhã pelas quatro equipes de reportagem do turno devem ser direcionadas à exibição no *JPB 1ª Edição*. Ainda pela manhã, o segundo horário das equipes de reportagem está reservado para as entradas ao vivo no *JPB 1ª Edição* e a produção de matérias para o *JPB 2ª Edição*. À tarde o primeiro horário também fica completamente reservado ao telejornal noturno<sup>49</sup>.

Para o *Bom Dia Paraíba* estão destinadas as matérias noturnas e os horários do fim de tarde. As pautas que estão marcadas no horário das quatro da tarde são destinadas preferencialmente tanto ao *Bom Dia Paraíba*, quanto ao *Globo Esporte*. Esse horário é também considerado o melhor para a realização de matérias frias ou de gaveta por não afetar diretamente a produção das reportagens factuais dos telejornais da emissora. O programa *Paraíba Comunidade* não possui horário fixo estipulado, mas tenta-se equilibrar sua realização em dias e horários que não prejudiquem o noticiário diário da emissora. Entretanto, como o jornalismo atua em um contexto de certa imprevisibilidade não há como garantir que essa divisão de horários será completamente respeitada.

Neste ponto de tensão encontra-se a coordenação de produção que deve equilibrar interesses díspares e muitas vezes conflitantes. Por isso a comparação com o incômodo da “cadeira elétrica” reflete a pressão sentida por quem ocupa este lugar. Cada editor-chefe se preocupa com as demandas específicas do telejornal que está sob sua responsabilidade. Mas a coordenação de produção precisa ter uma visão global e gerenciar os conflitos buscando atender as necessidades de todos os produtos veiculados pelo jornalismo da emissora. Por ser a “tribuna” onde os demais jornalistas da redação expõem seus pontos de vista argumentam sobre as abordagens adotadas, a coordenação de produção se caracteriza por ser uma instância de negociação onde os enquadramentos e critérios adotados pelos jornalistas ficam mais evidentes, expondo a lógica interna que fundamenta a constituição de um modo específico de percepção da realidade social.

---

<sup>49</sup> A divisão dos horários encontra-se estipulada na capa de pauta, relatório diário com a escala das equipes de reportagens e os temas da pauta de cobertura.

## 6 - NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO: INTERAÇÕES E ENQUADRAMENTOS

Para compreender o olhar pelo qual os jornalistas de TV observam a realidade é preciso identificar quais as injunções que formatam a construção de um ponto de vista específico adotado nas narrativas noticiosas. A organização do trabalho, a estrutura hierárquica da redação, as relações interpessoais que ali se estabelecem, os conflitos e negociações e a relação dos jornalistas com o tempo são alguns dos fatores que contribuem para a percepção dos mecanismos de funcionamento dos critérios de escolha que orientam a produção de notícias na TV. Vale salientar que não se tratam de escolhas individuais, mas enquadramentos construídos e partilhados coletivamente no campo do jornalismo, de acordo com valores, objetivos e regras internas. Desvendar o senso comum da redação não é apenas identificar as ações que se repetem na linha de produção da informação, mas estabelecer relações e perceber as expressões de subjetividade que dão sentido ao uso persistente e repetitivo de determinados enquadramentos. É preciso não apenas identificar quais as abordagens predominam na cobertura jornalística, mas interpretá-las a partir da compreensão dos valores que fundamentam estas abordagens e lhe atribuem sentido. Existem crenças e visões de mundo próprios do jornalismo que legitimam o uso de narrativas tipificadoras sobre o cotidiano.

O modo como os jornalistas se expressam e dialogam entre si será considerado como dado para a análise a partir dos pressupostos da *etnometodologia* que apontam a linguagem como instrumento de apreensão e descrição das relações sociais, assim como fator de pertencimento a um determinado grupo ou comunidade. Chavões, gírias e jargões típicos da profissão fazem com que aqueles que dominam e compreendem essas formas de expressão possam sentir-se e identificar-se enquanto pertencentes ao grupo, onde partilham valores e regras. Isso não é diferente na comunidade jornalística. Portanto, aspectos que possam à primeira vista parecer banais serão tratados como indícios reveladores de um modo de agir no cotidiano da profissão. São pistas que contribuem para sistematizar um saber fluído voltado para a ação. As impressões colhidas durante a pesquisa de campo foram registradas em diários de campo. A partir da análise deste material, serão relatados a seguir aspectos estruturantes das rotinas produtivas, bem como alguns fatos considerados pertinentes para a compreensão dos comportamentos e atitudes dos jornalistas que atuam no telejornalismo local.

### 6.1 - Uma (in)definição elementar: O que é notícia?

Perguntar a um jornalista o que são as notícias pode parecer óbvio ou redundante. Entretanto, um fato que pode ser destacado na análise das entrevistas e que chama a atenção pela contradição explícita. É a indefinição demonstrada pelos jornalistas ao serem impelidos a explicar o que é notícia. Paradoxalmente, delimitar conceitualmente algo que é elaborado cotidianamente de forma empírica surge como um desafio quase intransponível aos membros da comunidade jornalística. Para enfrentá-lo na construção das respostas, os jornalistas seguiram predominantemente por dois caminhos distintos: a analogia ou a imprecisão.

O primeiro tipo de resposta se refere à estratégia comum de tentar explicar os critérios de definição das notícias a partir de exemplos sobre fatos comumente noticiados ou noticiáveis, da exposição de experiências vividas anteriormente ou em relatos de casos recentes na redação. Às amarras aos exemplos demonstram o modo de funcionamento de um tipo de saber atrelado à ação, onde parece ser impraticável a elaboração de um conceito sem o fundamento de fatos concretos ou a aplicação de metáforas.

Já a imprecisão se refere ao fato de que muitos membros da comunidade jornalística não conseguem fugir de definições vagas e muitas vezes já consideradas clichês, devido à excessiva repetição. São aforismos, que mesmo no contexto das rotinas das redações, não possuem utilidade prática e muito menos conseguem dar conta de explicar a complexidade dos fenômenos inerentes ao processo de construção do noticiário. Dizer que notícia é “algo que interessa a todo mundo” ou que se trata de um fato que “envolve muita gente” apenas ressalta a indefinição vivida por muitos profissionais que apesar de operacionalizarem diversas escolhas editoriais diariamente ainda enfrentam dúvidas e incertezas ao escolher quais temas serão noticiados e o modo de abordagem a ser adotado para cada assunto. Nos dois casos, ressalta-se o caráter contextual do processo de produção no jornalismo e a visão disseminada nas redações de que este processo seria predominantemente intuitivo.

Para discutir como ocorre a aplicação deste sistema de relevâncias na seleção das informações veiculadas no telejornalismo local, a fala dos sujeitos responsáveis por estas escolhas será relacionada com o relato breve de episódios observados na redação. O estabelecimento de relações entre conceitos e atitudes pode contribuir para elucidar a forma



como a ação dos jornalistas é orientada por um modo peculiar de observação e interpretação da realidade social. Aqui não serão expostas as respostas de todos os catorze jornalistas entrevistados, devido à repetição de algumas explicações. Por esse motivo, serão apresentadas e discutidas as falas que apresentem aspectos distintivos ou que sejam representativas sobre os valores e critérios compartilhados pelos jornalistas.

Ao ouvir a pergunta “O que é Notícia?”, que sempre encerrava a pauta dos questionários aplicados, o experiente jornalista que ocupa a função de chefe de redação da TV Cabo Branco, demonstrou surpresa e certa inquietude<sup>50</sup>. Mesmo exercendo o ofício desde 1982, o editor argumentou sobre as dificuldades de se estabelecer parâmetros precisos e de caráter universalista para distinguir o que pode ou não ser transformado em notícia na cadeia produtiva da televisão regional:

É. Esse, esse... Na realidade é uma coisa que a gente tá acostumado a saber o que é notícia sem, sem, sem expressar exatamente o termo o que, que é notícia. Eu acho que notícia é um fato novo, não quer dizer que ele não acontecesse antes, é novo pra quem você está se reportando. É uma informação, é um serviço, é um fato que acontece. É um assalto a banco ou é um novo plano de governo que vai mexer no IPTU. Entendeu? Então eu acho que é um fato novo que você está levando pra essa determinada comunidade. Aí já extrapola a comunidade, notícia pode ser no âmbito que for. Então pra mim é isso aí, eu vejo como um fato novo que você tá levando pra alguém. Esse fato novo pode ser uma infinidade de coisas, do serviço a informação mesmo.

No início da formulação da resposta o editor demonstra certa indefinição e até mesmo apresenta algumas contradições. O aspecto da novidade, por exemplo, é enfatizado e em seguida relativizado pelo jornalista. Afinal, determinados assuntos possuem relevância suficiente para serem pautados para cobertura mesmo que não se constituam necessariamente como algo novo ou extraordinário. Além de relatar as novidades, o jornalismo em contextos locais também se caracteriza por mostrar, ainda que de forma fragmentada, um panorama do cotidiano do lugar onde está inserido. Isso contribui, inclusive, para que o relato apresentado se torna mais verossímil, por retratar algo próximo e conhecido dos espectadores, além de produzir um vínculo com o modo como vivem e organizam suas agendas cotidianas.

---

<sup>50</sup> Entrevista realizada em 18 de março de 2009 em uma das ilhas de edição da TV Cabo Branco.

Sobre este ponto, o jornalista traça uma distinção entre as notícias pautadas pela informação factual e aquelas que apresentam informação de serviço ou que tratam de temas relacionados à comunidade:

Eu estou te informando que a partir de amanhã começam as inscrições, coisa bobeira, pra emprego na secretaria de não sei das quantas. Isso é uma informação. É uma notícia, é uma informação. Agora eu posso tá dizendo o seguinte, que nem a gente faz com a comunidade, olha sabia que você tem direito a pedir um seguro quando você é... faz determinada coisa? Você tem direito, se você bater o carro tem direito a receber do seguro obrigatório? Isso não é novo. Isso é velhíssimo, mas é uma notícia. À medida que eu estou dando é uma notícia, por que ele não sabia, então é informação e também e é notícia.

Aqui, a resposta apresenta certa conformidade com um dos aspectos centrais das teorias construcionistas que buscam compreender as notícias ao afirmar que “à medida que eu estou dando é uma notícia”. Em meio a esse panorama complexo de critérios relativos e contextuais, a simples veiculação surge como eixo central da definição do que será considerado enquanto notícia, ou seja, torna-se notícia aquilo que é veiculado e apresentado como tal. Enfatiza-se a construção da abordagem e, neste sentido, o núcleo da definição de noticiabilidade desloca-se do fato em si para o sujeito que produz a informação: o jornalista.

Mas apesar de entrar em consenso com uma definição teórica, o editor reafirma a postura prática do fazer jornalístico, voltado para a ação e onde o tempo para o aprofundamento da reflexão aparenta ser sempre insuficiente. Neste sentido, ao invés de responder a questão e definir um conceito para o fenômeno da notícia, o jornalista prefere negar essa tentativa de conceituação ao enfatizar a identificação da notícia enquanto um “ato intuitivo”. Dessa forma, mais uma vez aproxima o fazer jornalístico da lógica do senso comum:

É exatamente o que eu digo, você não conceitua. Eu não preciso conceituar todo dia diante de um fato pra saber se ele está se enquadrando ou não naquele meu conceito. Então, na realidade, você faz isso intuitivamente. O que faz a gente se questionar às vezes é que de repente eu posso tá achando que é notícia, mas pra grande população não, e é pra isso que funciona uma redação, dessa maneira com discussão.

A ênfase na intuição e a negação ao uso de critérios conceituais demonstram que o modo como os jornalistas identificam a relevância dos fatos a se tornarem públicos ocorre de forma naturalizada, onde a repetição de procedimentos e enquadramentos específicos garante o ritmo constante do circuito de produção e o cumprimento dos apertados prazos de fechamento. Adota-se um sistema de relevâncias fundamentado em valores relativamente fixos e que são reproduzidos e partilhados pelo grupo, mas com certa maleabilidade aplicada em contextos específicos a partir de reações rápidas às demandas conjunturais e a resolução de problemas que surgem no decorrer do processo. É um saber que é acionado no momento em que ocorre uma questão ou problema ao qual se destina.

Sobre o surgimento de questionamentos, o chefe de redação aponta a discussão em grupo como caminho para se chegar a um ponto de equilíbrio e definição. Apesar de ser o jornalista responsável pelas decisões operacionais e como tal é o sujeito que possui o “voto de minerva” sobre o que entra ou não na pauta de cobertura, o chefe de redação adota na entrevista uma postura que destaca o caráter coletivo do processo de construção de sentidos no jornalismo. É nesta negociação coletiva que as ponderações são exteriorizadas e onde os contextos específicos são analisados, relativizando-se os critérios de relevância e aplicando-os a cada situação onde a conjunção de fatores, favoráveis ou não, poderá confluir para uma decisão mais específica e equilibrada.

O caráter negociado e contextual é identificado quando o chefe de redação relata as dificuldades que sente por ainda não conhecer muito bem a cidade onde atua, tendo que recorrer aos jornalistas “nativos” da região para realizar ponderações e identificar o que de fato é novidade ou faz parte da rotina das pessoas e do lugar. Aquele que tem a função de comando, também busca orientações com os demais membros da redação a quem tem a atribuição de encaminhar:

Por exemplo, eu venho aqui de fora. Vim aqui com uma função determinada de orientar, de guiar, uma série de coisas. Obviamente a noção de notícia você tem, mas tem determinados detalhes da cidade que pô... esse negócio é muito... pô, isso acontece todo dia! Então tá, então não é (notícia). Pra mim era, mas não é. Mas a redação é daqui e sabe o dia-dia. Então quando se tem dúvida em relação a um fato ou outro, a própria redação se supre desse *feeling* pra saber se aquilo vale ou não vale. Fora isso é uma questão muito padrão, você tá sempre sabendo. É tudo que é novo. Eu não sabia, se eu não sabia, em tese pra mim é uma notícia, né? Pra mim é uma informação nova.

Ao destacar a necessidade de uma discussão coletiva sobre os temas do cotidiano, o chefe de redação apresenta um relato que aponta o caráter intersubjetivo da produção de notícias. E neste debate, os sujeitos articulam conhecimentos prévios sobre os temas e fatos discutidos. O sujeito que “vem de fora” ainda consegue sentir estranhamento diante de alguns fatos que os “nativos” da região consideram naturais e corriqueiros, sendo, portanto, descartados enquanto notícia. Isso por que se acredita que o público da cidade também não enxergará novidade nos fatos cotidianos aos quais já estaria acostumado.

Todavia, esses debates não se referem apenas a questões desconhecidas por um ou mais membros da redação. Determinados temas são considerados noticiáveis e relevantes apenas por parte da equipe, enquanto outros jornalistas observam o mesmo fato por meio de um ponto de vista distinto. Nestes casos, ambos os lados operacionalizam critérios de noticiabilidade inerentes ao campo jornalístico, mas aplicados de forma distinta.

A interpretação de cada sujeito interfere na construção da pauta de cobertura, porém essas contradições internas ficam encobertas pelo formato como o noticiário é apresentado ao público, de forma coesa e hierarquizada. Entretanto, as discordâncias entre os jornalistas são frequentes na definição de prioridades que forja a hierarquia dos fatos apresentados pela sequência de exibição das matérias no telejornal.

Para ilustrar esse apontamento, cabe trazer à tona um debate interno na redação sobre um fato que foi excluído da pauta de cobertura após uma intensa discussão entre produtores, editores e chefia, com opiniões expressas também por repórteres que interferiam rapidamente ao passar pela redação entre uma pauta e outra.

Na manhã da terça-feira dia 10 de março de 2009, a editora-chefe do *JPB 1ª Edição* vê na internet a informação de que a ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, estava determinando a suspensão da venda do “Kit Ressaca”. Tratava-se de um conjunto de medicamentos vendidos em farmácias para combater os sintomas provocados pelo consumo excessivo de bebida alcoólica. O objetivo da ANVISA seria combater a auto-medicação. Por coincidência, neste mesmo dia o *JPB* estava exibindo mais uma edição do quadro *Saúde* e o tema do dia era a auto-medicação, abordado numa entrevista em estúdio com uma farmacêutica.

Às 9 horas da manhã, ao ler um *release*<sup>51</sup> da ANVISA que informava sobre a suspensão da venda do Kit Ressaca, a editora demonstrou certo entusiasmo e pediu para a produção checar as informações sobre a proibição e fiscalização na Paraíba. A editora encomendou a produção que preparasse uma entrada ao vivo e adicionou a previsão de vivo no espelho do telejornal com a retransmissão “KIT/RESSACA”. Uma das estagiárias da produção ficou responsável por coletar as informações.

Mas por volta das 10h10 da manhã, a coordenadora de produção informava à chefia de redação, como de costume, quais os temas estavam previstos para as entradas ao vivo, bem como o relatório com as pautas previstas para serem realizadas durante todo o dia. Mas o chefe de redação não concordava com a entrada do tema “Kit ressaca” no telejornal e decide derrubá-lo<sup>52</sup>. Ao ouvir a decisão da chefia, a editora do *JPB-1* demonstra certo aborrecimento e tenta argumentar, no entanto acata a determinação dizendo “derrubei kit/ressaca, mas acho interessante”. Ao ouvir a reclamação, o chefe de redação então explica o motivo pelo qual baseou a decisão de excluir o tema: “Pô, se fosse remédio de necessidade, mas pra ressaca!”.

É interessante observar como a hierarquia da redação se expressa em momentos de indefinição sobre os critérios de seleção das notícias. A equipe de produção já estava realizando a apuração, ligando para os representantes da ANVISA no Estado. Em nenhum momento, a jornalista que recebeu a incumbência de produzir essa pauta questionou a determinação da editora, apenas executou o pedido. Já a chefia de redação derrubou sem maiores questionamentos ou espaço para argumentações, nem mesmo por parte da editora responsável pela finalização do telejornal e que propôs o tema.

Os questionamentos sobre a decisão da chefia de redação continuaram ocorrendo na redação, mas de forma implícita. Ora, se um órgão público de regulamentação como a ANVISA proibiu a venda, não seria porque esse tipo de medicamento representava algum tipo de risco aos usuários? Mesmo sabendo que não se tratava de um remédio de “necessidade” (nas palavras do editor), o fato é que se tratava de um tipo produto com uso disseminado por um número considerável de pessoas. Será que não a matéria não “renderia”<sup>53</sup> com este enfoque? Ou até mesmo se fosse acionado um dos critérios de noticiabilidade inerentes ao

---

<sup>51</sup> *Press-release*, do inglês: “boletim à imprensa”. Texto elaborado e distribuído por assessorias de imprensa.

<sup>52</sup> Derrubar a matéria: Termo usado pelos jornalistas para designar a decisão de excluir uma reportagem, matéria, entrada ao vivo ou nota do espelho do telejornal ou da previsão de produção.

<sup>53</sup> Render: termo usado comumente pelos jornalistas como forma de avaliação sobre os temas ou reportagens: Ex: “Esse tema rende VT” ou “Esse assunto não rende imagens” ou ainda “Só rende se tiver um personagem”. São frases comuns em reuniões de pauta ou durante processos de decisões editoriais

produto, quanto ao equilíbrio do noticiário, será que o fato de o telejornal já estar apresentando matérias sobre o tema da automedicação não contribuiria para compor um bloco temático? Mas estas hipóteses nem chegaram a ser discutidas abertamente. Mesmo que possam ter sido consideradas por membros da equipe ou pela própria editora-chefe, ninguém se arriscou a questionar a decisão proveniente de um nível hierárquico superior, mesmo que a decisão tenha causado visível insatisfação.

É interessante como, neste caso, não havia nenhum veto aos questionamentos da equipe. A apresentação de novos argumentos poderia ter modificado a decisão e reinserido o tema na pauta do dia. Isso porque, a equipe de redação se constitui como um filtro preliminar das informações que chegam às instâncias de decisão, seja a chefia de redação ou os responsáveis pela edição de cada telejornal. Assim sendo, o enquadramento sobre o qual uma determinada pauta é proposta, pode redirecionar a decisão de publicação ou não. É o que apresenta o relato, publicado em livro, do editor-chefe do Jornal Nacional, usado como parâmetro pelos jornalistas das afiliadas:

É muito comum o editor-chefe acabar aprovando uma ou outra pauta que ele mesmo havia rejeitado minutos antes. Seja porque a viu com outros olhos, seja porque um produtor teve a ideia de redirecioná-la, modificar sua abordagem. (...) Todo profissional de jornalismo em cargo de chefia sabe do que estou falando. Todos já passaram, ou passarão, pelo constrangimento de publicar algo que, em outro momento, rejeitaram com argumentos peremptórios. (BONNER, 2009. p. 120).

Deixando-se de lado os questionamentos sobre a decisão, o que fica evidente neste caso é que os jornalistas envolvidos nas decisões sobre esta entrada ao vivo que não foi ao ar operaram diferentes critérios de noticiabilidade. O mais interessante é que ambas as perspectivas estavam fundamentadas em regras do campo jornalístico, bem como no sistema de relevâncias adotado pelos profissionais da área para realizar as escolhas editoriais. Entretanto, como os critérios de noticiabilidade são relativos e contextuais, a interpretação realizada por cada sujeito se fundamentou em aspectos distintos do mesmo conjunto de regras do jornalismo. O ponto de vista específico de cada um dos “operadores da notícia” envolvidos neste episódio interferiu na interpretação e definição de prioridades, proporcionando discordâncias devido à execução de modos distintos de aplicação das mesmas regras.

Quando a editora trouxe o tema para a pauta, demonstrou uma reação de alegria, com risos e com uma expressão de que tinha achado algo diferente pra “temperar” o jornal do dia. Ela operou critérios de noticiabilidade referentes ao inusitado, divertido e até mesmo com potencial de entretenimento. Afinal, tratava-se de uma matéria com apelo popular num telejornal que busca a popularização. Entretanto, o chefe de redação não observou o tema com o mesmo enfoque, ou pelo menos o analisou sob outro ponto de vista. Ele utilizou os critérios substantivos de importância do tema, impacto sobre a população e amplitude, como ao estipular que poucas pessoas poderiam ser atingidas pelo fato. Como se tratava de um remédio segmentado e de uso restrito, voltado apenas para consumidores de bebida alcoólica e não por doentes, o chefe de redação julgou ter sido este um fato menor. Essa avaliação prevaleceu e a notícia em potencial foi descartada, apesar da amplitude potencial da decisão, já que os índices de consumo de bebida alcoólica são altos e este tipo de medicamento é de uso popular.

Todos estes aspectos e efeitos também envolvidos no fato foram, intuitivamente, descartados pro quem detinha o poder de veto. Já o “faro” de outros integrantes da redação discordava da decisão por considerar o fato noticiável ao avaliá-lo por outro prisma, também de forma intuitiva. Percebe-se que nesta negociação, venceu a hierarquia. Deste tipo de discordância é possível inferir que quando se adota a intuição e a subjetividade como fator de decisão perde-se, conseqüentemente, a referências de aspectos objetivos que fundamentam claramente os critérios de escolha ou o modo como são aplicados. A idéia da notícia enquanto algo curioso e inusitado muitas vezes se contrapõe aos critérios que avaliam a importância e abrangência dos fatos, como no caso da discussão sobre o Kit Ressaca. Entretanto o recurso ao inusitado, até mesmo ao excêntrico, é frequentemente enfatizado como fator com relevância suficiente para elevar um fato à condição de notícia. É o que ressalta a coordenadora de produção da TV Cabo Branco<sup>54</sup>:

Eu acho que notícia é aquilo que chama a atenção. Sabe, é o fato, é algo que existe e que chama a atenção das pessoas. A gente escuta isso, notícia não é o cachorro mordendo o cidadão, mas o cidadão mordendo o cachorro, né? Isso é bem clássico na universidade. Mas notícia é aquele fato que chama a atenção, aquele fato que precisa ser elucidado, aquele fato que atrai a curiosidade das pessoas e não só de uma pessoa, mas de muitas pessoas. Notícia é uma imagem, é uma experiência de vida, mas que sempre tá chamando a atenção. Por que foi muito agressivo, por que foi muito bonito, por que foi uma história realmente bonita de ser contada. É por que levou as pessoas às lágrimas, por que emocionou. Enfim, notícia é isso. Notícias são fatos, são reais, mas que chamam a atenção das pessoas. Eu tenho aprendido isso no dia-dia.

---

<sup>54</sup> Entrevista realizada em 14 de março de 2009 no corredor de acesso a saída das UPJ's da TV Cabo Branco

Um dos axiomas mais clássicos do jornalismo é citado pela coordenadora de produção para definir o que ela entende por notícia. A metáfora do “homem que morde o cão” não possui caráter objetivo ou de definição de parâmetros. Trata-se apenas de um “dito” constantemente reproduzido por vários membros da tribo jornalística, mas que ao ser usado para explicar o processo de funcionamento da profissão termina por ser adotado como conceito ou até mesmo preceito de conduta.

No jornalismo, campo institucional organizado em torno do empírico, as metáforas e aforismos surgem e são aceitos de tal forma que obtêm a capacidade de legitimar o modo como seus agentes agem e como o sistema se organiza. Tal qual no senso comum, o jornalismo adota aforismos como forma de conhecimento. Esse tipo de jogo de palavras funciona e se dissemina de tal forma que se institucionaliza por meio da própria universidade, campo clássico do saber científico. Apesar de não se constituir enquanto uma tese ou lei da profissão, a coordenadora de produção afirma que esta expressão já é um “clássico na universidade”, lugar onde possivelmente apreendeu esse aforismo e experimentou o primeiro contato com a ideologia do campo jornalístico.

Antes mesmo de entrar na arena da prática jornalística, a jornalista obteve o primeiro contato com o senso comum da profissão, paradoxalmente disseminado no espaço do saber objetivo e científico. Dentre outros motivos, isso ocorre porque muitos dos livros adotados como “leitura obrigatória” nos bancos universitários das escolas de jornalismo são fundamentados nos relatos de experiências de repórteres e editores experientes ou que se tornaram famosos e ganharam notabilidade pela participação em alguma cobertura de destaque ou por meio da atuação em um órgão de imprensa considerado influente<sup>55</sup>. Nestas obras, são reproduzidos e disseminados os mitos e aforismos que circundam a profissão. A adoção destas “cartilhas empíricas” geralmente ocorre em disciplinas de caráter prático. Mas muitas vezes são aplicadas até como referências para definições teóricas, além de serem usadas como fontes para o estabelecimento de regras e difusão dos valores intrínsecos ao jornalismo. São saberes distintos, empírico e científico, que se fundem contraditoriamente para fundamentar um modo peculiar de interpretação da realidade social e apropriação do cotidiano por um sistema midiático institucionalizado.

---

<sup>55</sup> Exemplos de livros com este perfil e que, não coincidentemente, destacam nos títulos a ideologia do jornalismo enquanto “fazer prático” ou “arte”: KOTSCHO, R. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Ática, 2003. NOBLAT, R. **A Arte de Fazer um Jornal Diário**. São Paulo: Contexto, 2006.



Outro aspecto interessante de ser destacado na fala da coordenadora de produção é a ênfase em aspectos sensoriais, emocionais e até mesmo lúdicos. Critérios pragmáticos ou objetivos não foram apresentados na resposta da jornalista, apenas parâmetros relacionados com estímulos aos sentidos e sentimentos. A reflexão e o pensamento crítico surgem em segundo plano e poderiam ter sido expressos pelos critérios de noticiabilidade relativos à relevância dos fatos.

Entretanto, o que é explicitado e sentido de forma prioritária é o apelo para a curiosidade e os desejos dos sentidos. Notícia é aqui definida pela jornalista com expressões e adjetivos como aquilo que é “curioso”, “bonito”, “agressivo” ou “emocionante”. É uma imagem ou experiência de vida. Uma boa história a ser contada, e que será ainda melhor se além nos chamar a atenção puder nos levar às lágrimas. São aspectos referentes também a própria linguagem televisual, construída em torno de uma gramática do visível, do explícito e palpável. Na TV sentimos os fatos antes de refletir sobre eles. Interpretamos o mundo de forma emocional e sensorial. O belo, chocante ou inusitado possui lugar de destaque. É a fruição estética proporcionada pelo espetáculo midiático.

Em determinados momentos, a ênfase no inusitado pode acarretar certa confusão quanto à distinção entre interesse público e interesse do público. É o que transparece na fala de uma das jornalistas que compõem a equipe de edição do *JPB 1ª Edição*<sup>56</sup>:

Às vezes o interesse público também surge no sentido da curiosidade. Às vezes não faz parte do meu mundo, não interessa na minha vida, mas eu tenho curiosidade de ver. Então a gente tem que sempre ir por essa linha. Interessa pra muita gente? Vai despertar curiosidade? Vai acrescentar alguma coisa? Aí pronto. Se a gente juntar tudo isso, realmente acaba virando notícia.

Para estabelecer uma distinção entre *interesse público* e *interesse do público* referente e aplicável ao jornalismo, um caminho possível é o estabelecimento de relações entre cada uma dessas noções e os critérios de noticiabilidade com os quais possuem afinidades. Partindo desse pressuposto, perceberemos que a idéia de interesse público está relacionada aos critérios relativos ao fato, também denominados de critérios substantivos (WOLF, 1988), principalmente ao que se refere ao impacto e abrangência.

---

<sup>56</sup> Entrevista realizada em 19 de março de 2009 em umas das ilhas de edição da TV Cabo Branco.

Quando a jornalista afirma que “o interesse público também surge da curiosidade”, na verdade está tratando do interesse que determinados temas podem despertar no público e não nas conseqüências que esses fatos terão para suas vidas. São as dimensões e efeitos sociais de um fato que determinam sua relevância quanto ao interesse público, de acordo com os critérios substantivos. Um exemplo disso pode ser extraído da fala da produtora do *JPB 1ª Edição* em Campina Grande<sup>57</sup>. A jornalista argumenta que fatos prejudiciais ou que causem efeitos indesejados despertam um tipo de interesse distinto daquele sentido diante de fatos considerados curiosos ou inusitados. O impacto dos danos ou benefícios de um fato é que pesam no contexto da avaliação de relevância e abrangência social a ser noticiado:

Notícia é tudo que interesse a população. Não é uma coisa que interessou só a mim ou a você. É uma coisa que tem um interesse geral. Interessou a população, com certeza é notícia. Seja qualquer segmento. Se não tiver interesse, se atingir duas pessoas não tem foco. Mas, se atingir uma grande parcela da população é notícia com certeza. É o que for de interesse, atingir a população. *Às vezes nem lhe interessa, mas lhe atinge.* Aumento de conta não me interessa não, mas me atinge, então vou querer saber, não é? Então o que atingir a população diretamente e interessar, a gente tá cobrindo. (Itálico nosso).

A noção de “interesse público” difere da ideia de “interesse do público” por se relacionar com os fatos que possuem utilidade prática na organização das rotinas cotidianas, contribuindo para a resolução de problemas ou para a disseminação de informações sobre mudanças no contexto social. Nessa perspectiva, a então editora-chefe do *JPB 1ª Edição* relaciona a relevância das notícias com a aplicabilidade destas informações no cotidiano do público<sup>58</sup>:

Eu acho que jornal tem que servir pra alguma coisa. Eu acho que informar é muito pouco. Informar todo mundo informa. Eu acho que é muito pouco. Eu acho que a gente tem de servir pra alguma coisa. Talvez por isso a nossa preocupação em informar bem, é, ter a certeza daquilo que você ta informando. Mas você tem que agregar serviço, você tem que ajudar as pessoas, entendeu? Orientar as pessoas na medida do que alguma coisa que esteja acontecendo. Daí a preocupação em pensar bem as pautas e não fazer por fazer, entendeu? Então eu gosto de ter a questão policial, obviamente, por que chama a atenção e também preocupa as pessoas com relação à segurança pública. Tem que ter segurança pública, tem que ter economia, tem que ter serviço, ta entendendo? Tem que ter tudo isso e tem que ter cultura também, lazer.

<sup>57</sup> Entrevista realizada em 04 de abril de 2009, na sala de espera da redação da TV Paraíba.

<sup>58</sup> Entrevista realizada em 14 de março de 2009, na redação da TV Cabo Branco.

Por outro lado, ao tratar de curiosidade, os jornalistas abrem espaço para a entrada de informações que mesmo não sendo socialmente relevantes, são noticiáveis por provocar sensações de espanto, emoção, apreensão, suspense ou êxtase. Neste contexto, são acionados alguns dos critérios referentes a duas tipologias de valores-notícia: os critérios relativos ao produto e os critérios relativos ao público. Quanto aos critérios relativos ao produto, Wolf (1988) distingue quatro tópicos distintos: Disponibilidade, Brevidade, Equilíbrio e Qualidade da história e do material informativo. Quanto à qualidade, os fatos potencialmente noticiáveis ainda podem ser classificados de acordo com os critérios de Ação, Ritmo, Caráter Exaustivo, Clareza da Linguagem e Padrões Técnicos exigidos para exibição.

Os dois primeiros critérios de qualidade podem ser relacionados à curiosidade e aos aspectos emocionais e até mesmo lúdicos que envolvem a narrativa informativa no noticiário televisual. Isso porque, além da função de informar, estes valores-notícia garantem que o telejornal também cumpra o papel de entretenimento e mantendo assim o fluxo sedutor da grade de programação, típico na linguagem da televisão.

Algo inusitado, caricato e até mesmo engraçado pode conferir ação e ritmo ao noticiário, além de tornar o produto final mais atrativo. Tal aspecto se relaciona ainda com o critério de equilíbrio do noticiário, também relativo à avaliação do produto. A diversidade de temas garantiria, em tese, a elaboração de um programa informativo mais atraente e capaz de agradar ou despertar o interesse de um público mais diverso. Neste sentido, os editores buscam um equilíbrio no noticiário que possa informar sobre assuntos diversos, incluindo temas leves e amenos.

De forma complementar, os critérios relativos ao público possuem a função de atender a determinadas expectativas da audiência e garantir a compreensão da informação veiculada, além de evitar que o produto jornalístico cause danos ou provoque sensações negativas em quem o consome. Wolf (1988) destaca cinco tipos de critérios relativos ao público: clareza, identificação, notícias de serviço, notícias ligeiras e proteção. Temas inusitados ou referentes a fatos e personagens particulares podem se tornar noticiáveis quando interpretados como condizentes aos critérios de identificação e notícias ligeiras.

Os critérios relativos ao público também possuem importante função informativa na formatação do conteúdo e se tornam ainda mais eficientes e visíveis no contexto do

telejornalismo regional, principalmente no que se refere aos critérios de “identificação” e as “notícias de serviço”. A aplicação destes dois tipos de valores de noticiabilidade é recorrente no *JPB 1ª Edição*, bem como são realçados na orientação da Rede Globo para a formatação dos telejornais das afiliadas que ocupam a faixa do meio-dia. O formato do *Praça TV 1* determinado pela rede se fundamenta, em tese, por dois eixos temáticos: serviço e comunidade. O apresentador do *JPB-1* no período pesquisado e que também exercia a função de repórter de rede<sup>59</sup> na Paraíba, salientou a importância da proximidade e da prestação de serviços ao expor a definição de notícia com a qual costuma trabalhar<sup>60</sup>:

Pra mim notícia é aquilo que o telespectador tá mais esperando pra escutar em casa, pra ouvir em casa. É informação de última hora. Mas, principalmente quando a gente trata de jornalismo local, pode parecer bobagem mas não é, as pessoas estão muito interessadas em saber o que acontece na vizinhança delas. Entendeu? É o que acontece com o vizinho, o que acontece no centro de cidade. É na verdade o que vai interferir no dia-dia dela. Por isso que o jornalismo local tem tanta audiência, por isso que a gente às vezes supera inclusive as audiências de jornais de rede nacional. Por que todo mundo tem essa curiosidade, todo mundo quer se orientar, quer saber. Então eu acho que a notícia é sempre aquilo que mais te interessa, que tá perto de você, que faz a diferença. É isso.

Nesta perspectiva, a pauta do telejornalismo local se basearia não apenas nos grandes temas da agenda social, mas também em assuntos relativos ao que Balandier (1983) chama de epicentro do cotidiano. A casa, o lar, o trabalho, a rua, também interessam e os fatos relacionados a estes ambientes passam a ser destacados. Mesmo que os fatos que ocorram neste âmbito não possuam uma abrangência ampla capaz de interferir diretamente em uma grande parcela da população, temas particulares são importantes por serem capazes de criar vínculos e proporcionar certa identificação entre o público e a instância de emissão.

São situações similares e análogas aquelas vividas no cotidiano por vários indivíduos que compõem a massa de telespectadores que apesar de saberem que aquele problema não irá afetá-los diretamente, “sentem” que o problema mostrado é análogo aqueles vividos por eles

---

<sup>59</sup> Repórter de Rede: É o repórter escalado para realizar reportagens direcionadas à exibição nos telejornais de cobertura nacional, representando à emissora e o estado em grandes coberturas. Refere-se também ao jornalista considerado gabaritado a aparecer no *Jornal Nacional*, por atender as características exigidas e ter participado de treinamento específico. Por ser o mais importante telejornal da TV Globo, o nível de exigência é maior. Ser “repórter de rede” atribui certo status na redação. Geralmente, o posto é motivo de disputa entre repórteres.

<sup>60</sup> Entrevista realizada em 18 de março de 2009 no camarim do estúdio da TV Cabo Branco.

ou por pessoas próximas. O público, neste sentido, se veria refletido na imagem do outro, signo de aproximação entre ambientes distantes.

Esta é uma vantagem da produção de telejornalismo em contextos locais sobre a produção para telejornais em rede, onde devido à maior amplitude, a identidade do público se torna ainda mais incerta e fragmentada. No telejornalismo regional há a possibilidade de se criar vínculos mais estreitos com o público, seja por intermédio de canais alternativos de comunicação e interação ou simplesmente tratando de temas mais próximos do cotidiano daquele que assiste ao programa informativo.

Evidentemente, essa identidade do público sempre será fragmentada. Afinal, esta é uma das características centrais da comunicação de massa. Assim como aponta Thompson (1998) a “massa” se constitui como um conjunto plural de destinatários que realizam a interpretação em vários contextos de recepção. Não só o contexto entre o “produtor-emissor” e os receptores é diferente, mas também o contexto em que cada receptor está inserido também é distinto. Neste contexto, o processo de comunicação é desigual, onde ainda que não seja completamente monológico, a participação e intervenção dos receptores encontra-se estritamente circunscrita. Assim sendo, o desafio de quem constrói a mensagem midiática na instância de emissão é interpelar um “outro”, o público, que lhe aparece indefinido e amorfo.

Para superar, mesmo que parcialmente, estas dificuldades intrínsecas à comunicação massiva, o telejornalismo local busca estimular uma sensação de identificação com o público ao qual se destina. Uma das estratégias adotadas para alcançar este objetivo é a ênfase em temas próximos ao espaço e ao tempo cotidiano dos indivíduos que compõem seu público preferencial.

Outro caminho é oferecer um noticiário que não apenas informe os sujeitos sobre algum fato relevante, mas que tenha utilidade prática em seu dia-dia. A busca pela informação útil e “funcional” faz com que o telejornal tenha uma brecha para se inserir na agenda dos seus telespectadores e possa se apresentar como um agente ativo na rotina de quem o acompanha. Aproxima-se assim a pauta do telejornal à função da prestação de serviços, como destacou uma das jornalistas da equipe do *JPB* em Campina Grande e que posteriormente assumiu a edição do telejornal na cidade<sup>61</sup>:

---

<sup>61</sup> Entrevista realizada em 30 de março de 2009 na sala de espera da redação da TV Paraíba.

Então notícia é aquilo que vai influenciar na sua vida, que quando você chegar em casa, de noite, você comente com sua esposa. Eu acho que notícia é muito do cotidiano, é muito da vida real das pessoas. É muito do que as pessoas vivem, como elas se comportam. Isso é notícia, sabe, que tenha uma importância no seu trabalho, na sua vida pessoal, como você educa seus filhos, em como lhe ataca de alguma forma. Eu acho que notícia é tudo aquilo de útil que você tem que levar pro telespectador. Acho que é isso.

Há aqui uma mudança de perspectiva, apresentada por esta jovem jornalista em relação às respostas dos veteranos. O conceito de notícia se distancia da “novidade” para se aproximar daquilo que faz parte da vida cotidiana das pessoas, do público que compõem a audiência do telejornal. A função da notícia se altera, já que não se trata apenas informar sobre o que é considerado importante em larga amplitude social, mas também falar sobre fatos que possuem ressonância na organização da rotina dos espectadores.

A editora cita aspectos particulares como a casa, a família, a educação dos filhos, o trabalho ou até mesmo a vida pessoal. Aquilo que é não apenas conhecido, mas pertencente ao cotidiano dos indivíduos é considerado relevante por ter uma “função” social. A dicotomia entre os contextos macro e micro assume um caráter de complementaridade e não de oposição. De fato, aspectos da vida privada fazem parte da linha editorial do *JPB-1* e são tratados não apenas como informação factual, mas em reportagens e entrevistas atemporais.

Mas como tratar de questões tão particulares em um produto massivo? Como promover este vínculo para um grupo difuso e heterogêneo de espectadores? Obviamente, não é possível falar em segmentação em um telejornal exibido em TV aberta e que se propõe a apresentar um resumo dos principais acontecimentos do estado. Entretanto, personagens individuais ilustram os grandes temas da agenda midiática e são usados como recursos narrativos para tornar as histórias mais interessantes. Dão ritmo e corporificam as notícias, tornando-as mais verossímeis e de fácil compreensão. As matérias “humanizadas”, como costumam ser denominadas no meio jornalístico, se fundamentam na analogia entre a vida cotidiana de um cidadão comum e o fato ou problema exposto pela notícia de maior abrangência social. A rotina de um cidadão comum pode ser apresentada não como algo “novo”, mas como exemplo ou recorte representativo de um padrão de comportamento mais geral. O sujeito, epicentro do cotidiano, é encaixado em uma narrativa mais universal.

Quando se estabelecem relações entre histórias particulares e fatos de abrangência social, fatos do cotidiano surgem enquanto notícia. É o que aponta a produtora do *Bom Dia Paraíba* e *JPB 1ª Edição*, que possui mais de 15 anos de experiência em reportagens de televisão<sup>62</sup>. Para a experiente jornalista, as histórias simples e corriqueiras quando vinculadas a um fato de interesse social pode facilitar a compreensão do noticiário e ao proporcionar interesse pela história pessoal de um indivíduo anônimo, criar vínculos com os espectadores que se identifiquem com o protagonista da notícia.

Eu sempre explico às pessoas. Tem gente que me liga pra pedir uma gravação do aniversário de noventa anos do avô. Eu sempre explico que a notícia que interessa ao jornalismo é uma notícia que é comum a todos, que vai chamar a atenção. Um senhor que vai fazer noventa anos, por si não vai repercutir nada. Mas se a gente tem uma pesquisa do IBGE que mostra que pessoas com noventa anos estão vivendo acima daquela média, aquela pauta pode se transformar em notícia, por que ela tem um gancho jornalístico por trás. Sempre eu tento orientar dessa forma, a notícia vira pauta quando existe um interesse de uma comunidade por trás. Não interessa mostrar uma notícia que pode ser bacana, pode ser importante para um grupo de pessoas bem resumido e pro resto da cidade não interessa. A notícia passa a ser de interesse quando ela tem esse caráter social, de alguma forma colabora, leva informação pra aquelas pessoas que ainda não sabem daquilo, da existência daquele fato.

No caso do telejornalismo, determinados temas só “rendem matéria” se houver um personagem que “encarne” a questão proposta e seja passível de ser usado como fio condutor do enredo jornalístico. Homens e mulheres comuns ou ações desenvolvidas de forma espontânea em pequenas comunidades também podem ser noticiáveis se forem passíveis de universalização. A dicotomia entre micro e macro, entre particular e universal, deixa de ser percebida como oposição e passa a exercer a função de complementaridade, possibilitando assim que histórias individuais sejam contadas como notícia quando passíveis de adequação a modelos exemplares ou exemplos ilustrativos de temas mais abrangentes.

A relação entre temas universais e contextos particulares é citada pelo jornalista que ocupava a função de editor responsável pelo *JPB 1ª Edição* em Campina Grande<sup>63</sup>, que considerou influência das notícias na forma de agir dos indivíduos que com ela se identificam.

---

<sup>62</sup> Entrevista realizada em 16 de março de 2009 em uma das ilhas de edição da TV Cabo Branco.

<sup>63</sup> Entrevista realizada em 30 de março de 2009 na sala de espera da redação da TV Paraíba.

Notícia é a informação que atinge o maior número de pessoas. É claro que algumas experiências individuais e particulares são interessantes, mas assim, elas servem de notícia por que partem de um particular, mas tem uma abrangência muito maior. Então aquele exemplo que é muito particular, que talvez pra muita gente não seja notícia, *colocado na televisão tem uma repercussão*, ele tem uma influência muito grande por que pode ser adaptado. Então, partindo do ponto do factual, a notícia é aquela informação que abrange o maior número de pessoas e que desperta nessas pessoas um determinado interesse. Notícia pra mim é aquela informação que vai, que chega com uma determinada função ao maior número de pessoas possíveis. (Itálico nosso).

A própria veiculação surge na fala do jornalista como fator que atribui relevância ao tema ou fato narrado como notícia. Interessante observar a idéia de que aquilo é exibido se torna relevante enquanto notícia pelo próprio fato de ter sido exibido. É notícia aquilo que vai ao ar, ou que é transformado em notícia para ir ao ar. A interferência do sujeito jornalista na produção realidade social fica evidenciada, já que não são apenas as características do fato em si que determinam sua publicação, mas a adoção de enquadramentos específicos que possibilitaram sua percepção enquanto tema relevante a ser noticiado.

O enfoque do jornalista teria a capacidade de transformar em notícia os fatos banais e já conhecidos pela população, principalmente quando há a possibilidade do estabelecimento de relações, um processo eminentemente interpretativo. Valoriza-se o olhar daquele que observa e consegue identificar aspectos interessantes e reveladores, seja pelo uso da intuição, sensibilidade, faro ou mera técnica e experiência. Assim sendo, definir uma notícia não seria apenas diagnosticar quando ela “brota” espontaneamente na realidade social, como sugeria a teoria do espelho. Trata-se de identificar e manejar as intrincadas peças de um quebra-cabeça fragmentado e incompleto, o que depende da perspicácia do “jogador” para tornar compreensível e verossímil a imagem a ser construída. Neste processo, o jornalista se vê confrontado permanentemente com a imperiosa necessidade de realizar escolhas, o que torna o processo mais complexo e conflituoso.

A simples aplicação das regras implícitas do campo jornalístico ou mesmo das teorias que explicam a produção de notícias, não garante que os jornalistas estejam imunes a dúvidas quanto às escolhas editoriais. A definição da pauta de cobertura e das abordagens de tratamento das informações também dependerá do modo como cada um dos “operadores da notícia” percebem, adotam e utilizam os valores e conceitos do jornalismo. Afinal, as regras



são compartilhadas pelos membros da “Comunidade Jornalística”, mas possuem aplicação contextual e específica. Por isso, as dúvidas persistem no cotidiano na seleção de notícias:

Eu acho que notícia... Na minha graduação eu tive uma discussão enorme sobre o que realmente era notícia. Notícia (fala devagar, pensativa), é complicado dizer (risos). Fiz 198 páginas falando do que era notícia, mas vamos lá. Eu lembro que a gente teve uma discussão sobre notícia é tudo aquilo que vai, que é levado ao ar. Eu acho que notícia é toda e qualquer informação que interesse, mas não que tenha coisas que não vão interessar. Pode até interessar, mas você tem a obrigação de dar uma roupagem diferente, entendeu?

Partindo-se desta indefinição, tem-se a impressão de que tudo é notícia, o que não ajuda muito no estabelecimento de um conceito aplicável e coerente. Vale ressaltar que esta imprecisão foi apresentada no início da resposta da jornalista, que aos poucos foi tomando forma e se tornando mais precisa no momento em que era construída. Mas o que fica claro a partir da fala da editora é que as ambiguidades inerentes à definição das notícias permanecem, apesar da experiência na redação ou até mesmo, como ocorre neste caso, da realização de uma pesquisa acadêmica sobre o tema. Os questionamentos são constantes, sejam internamente na redação ou mesmo provenientes do público, da concorrência ou da academia.

Ao afirmar que o jornalista tem a “obrigação de dar uma roupagem diferente” aos temas para torná-los interessantes, enfatiza-se a influência do enquadramento e consequentemente dos sujeitos que o constroem. Neste sentido, os critérios de noticiabilidade funcionam não apenas como parâmetros de escolha ou filtros de seleção, mas como elementos de formatação das abordagens, contribuindo na elaboração de um modo de apresentação justificador da veiculação, encaixando os fatos às demandas noticiosas.

Entretanto, não há como estabelecer claramente um conceito de notícia que seja universal, fixo e imutável. Não apenas por ser a produção de notícias um processo contextual, mas por ser determinada pelos objetivos e valores dos indivíduos e organizações que as produzem. Ao invés de um conjunto geral de critérios o que se torna mais eficaz é a identificação de características e funções comuns.

Assim sendo, o que há são perspectivas distintas sobre notícia, definidas pelos valores e demandas das organizações de imprensa. Afinal há diferenças perceptíveis entre os critérios de escolha e modos de abordagem entre tipos de suportes, órgãos de imprensa, e até mesmo

entre produtos distintos de uma mesma empresa. O conceito de notícia para o rádio, TV, impresso e internet sofre influências não apenas das características de cada suporte, assim como do lugar de fala de cada empresa jornalística.

Partindo do pressuposto de que a produção de notícias é um processo intersubjetivo, o resultado final a ser apresentado ao público será construído tanto pela interpretação individual de cada “sujeito jornalista” como a negociação realizada entre este indivíduo e seus pares, dentro de um sistema institucional marcado pela concorrência e pelos constrangimentos hierárquicos.

Observando-se o caso das Afiliadas Globo, apesar de seguirem o mesmo conjunto de princípios e valores, os telejornais de uma mesma emissora apresentam linhas editoriais distintas. Neste exemplo, o que é avaliado como notícia para exibição no *Bom Dia Paraíba* pode não servir para o *JPB 1ª Edição*, como também não ser considerado relevante o suficiente para o telejornal do horário nobre, o *JPB 2ª Edição*. O contrato que cada produto midiático estabelecerá com seu público influenciará a escolha sobre o que será “ofertado” no cardápio informativo do dia. Os rótulos adotados pelas emissoras para cada telejornal definirá as expectativas a serem atendidas.

Ao se definir o *JPB 2ª Edição* como o jornal factual que apresentará um resumo dos fatos mais importantes do dia no estado, conseqüentemente cria-se filtros específicos que impedirão a exibição de temas considerados banais ou de menor abrangência. Por outro lado, ao se rotular os telejornais vespertinos como edições de serviço e comunidade, os problemas ou questionamentos presentes no dia-dia da cidade onde o telejornal está inserido também serão destacados, abrindo espaço para uma maior diversidade de assuntos e possibilidades de abordagem.

São instituídos filtros organizacionais, funcionando com definidores e prioridades e estabelecendo proibições e vetos, formatando assim o olhar dos indivíduos que participam das engrenagens da produção simbólica. A autonomia dos “operadores da notícia” nas escolhas editoriais é então limitada tanto pela organização a qual pertencem como pela relação que estabelecem com o público a qual se destinam. Apesar dos jornalistas não citarem em suas respostas a influência desses filtros organizacionais na definição do noticiário, essa influência pode ser percebida na observação das ações habituais e nos constrangimentos hierárquicos aos quais os jornalistas estão cotidianamente submetidos.

## 6.2 - A Ênfase na Ruptura

*Depois de ter escrito um belo obituário com a pessoa ainda viva, seu orgulho de redator é tão grande que mal consegue esperar que a pessoa caia morta para poder ver sua obra-prima impressa. Embora essa revelação possa mostrá-lo uma pessoa bem menos que romântica, seja dito em sua defesa que nisso ele não difere da maioria dos redatores de obituários; mesmo dentro dos padrões da Editoria de Notícias Locais, eles constituem um tipo muito especial. (TALESE, 2000. p. 484).*

O sujeito descrito por Gay Talese na epígrafe que abre este tópico era Alden Whitman. Figura anônima e como tal, aparentemente sem grande relevância. Whitman foi o jornalista responsável pela página de obituários do *New York Times* na década de 1960. Apesar da aura de fascínio que o nome do mais importante periódico norte-americano ainda causa nos jornalistas brasileiros, ser responsável pelos obituários não parece ser muito sedutor. De fato não era. Afinal, o jornal nunca publicava os créditos de quem o escrevia. Normas editoriais. Nem mesmo quando o personagem póstumo era famoso ou de importância incontestável ou quando o texto já tinha sido preparado com anos de antecedência.

É praxe no jornalismo ter sempre à mão um material pronto sobre a vida de alguém ilustre para ser publicado logo após a morte do homenageado. Rotinas, para evitar as surpresas do imponderável. Essa era a função repórter americano, personagem citado aqui. Mas o perfil de Whitman ilustra uma das imagens mais associadas ao estereótipo dos jornalistas: alguém que depende da morte e da tragédia para fazer seu trabalho. Não é por caso o título do perfil escrito por Talese para descrevê-lo como: “Sr. Má Notícia”. O prazer do “dever cumprido” ou a excitação diante das grandes coberturas são sentimentos contraditórios diante dos significados que atribuímos à morte em situações corriqueiras. Apesar dos exageros comuns a qualquer estereotipia, o fato é que os jornalistas mantêm uma relação de busca e fascínio pelas diversas formas de ruptura social: da tragédia ao êxtase. E esta é umas das injunções mais evidentes à cultura profissional dos operadores da notícia.

“*Bad news is good News*”. Essa talvez seja uma das definições mais difundidas entre os jornalistas e o público sobre os critérios de escolha dos fatos a serem noticiados. Ou pelo

menos, essa máxima expõe a característica mais facilmente reconhecível do sistema de relevâncias adotado pelos jornalistas na construção do noticiário. A ideia de que o fato negativo proporciona uma notícia mais relevante ou desperta maior interesse demonstra como o jornalismo guia suas escolhas por objetivos internos do campo.

Neste sentido, o enquadramento que enfatiza a negatividade dos acontecimentos se repete por considerar que este tipo de assunto é mais produtivo e, por conseguinte, capaz de obter melhores resultados perante a audiência, o mercado e a concorrência. As lentes do jornalismo, dessa forma, mantêm o foco direcionado para captar aquilo que é considerado negativo do ponto de vista do fato, no entanto positivo enquanto notícia. Mas como se dá essa relação no senso comum da redação? Os jornalistas de fato consideram que a ocorrência de fatos negativos são positivos para o trabalho na redação?

Na busca por respostas para estes questionamentos, buscou-se atacar o problema em duas frentes. Primeiro a partir da identificação, apresentação e análise de expressões adotadas pelos jornalistas no cotidiano na redação que demonstrem como essa categoria profissional percebe e interpreta os fatos negativos da realidade social urbana. Em um segundo momento, serão apontados dados que revelem o impacto desse tipo de informação no noticiário. A partir de um breve levantamento estatístico, pode-se perceber a dimensão que determinados temas negativos possuem em comparação com outros assuntos passíveis de cobertura. A pergunta aqui é: qual a proporção de temas negativos na cobertura jornalística?

O primeiro ponto a ser observado é que os jornalistas avaliam os fatos pelo potencial de serem usados na construção de um bom produto informativo, que atenda às demandas e características do tipo de narrativa que se pretenda mostrar. Cada tipo de programa e linha editorial possui então um enquadramento específico sobre a realidade social. Um formato de programação informativa regional que tem sido bastante disseminada pelo país é a exibição de programas setorializados na cobertura policial. Quando se opta pela proposta de produzir um programa de diário apenas com notícias policiais se limita o campo de visão sobre os fatos do cotidiano da cidade e conseqüentemente invertem-se os valores usados na interpretação dos acontecimentos.

Um dia tranquilo será considerado negativo para a figura de um editor de programas policiais. Para ele, um dia sem homicídios, acidentes, crimes e distúrbios seria um dia sem notícias. A ênfase nos fatos negativos, neste contexto, acaba sendo naturalizada e adotada sem maiores questionamentos. Em comparação a este tipo de programa televisivo, o formato do

telejornalismo adotado pelas Afiliadas Globo possui uma pauta mais ampla e diversificada. Entretanto a ênfase na ruptura ainda persiste por ser disseminada como prática recorrente no campo jornalístico. A editora-chefe *JPB 1ª Edição* durante o período da análise compara a linha editorial deste telejornal com a concorrência:

O *Primeira Edição* tem um desafio muito grande em relação aos outros, porque os outros tem uma linha editorial mais restrita. São programas policiais e acabou-se. A questão da linha editorial, não é que eles (os programas da concorrência) sejam mais fáceis de serem feitos, mas eles tem uma linha editorial mais resumida. E o *Primeira Edição* tem uma linha editorial muito ampla. Ele tem que dar de tudo. Ele tem que dar economia, tem que dar polícia, tem que dar social, dar cultura e ter um público mais abrangente.

Curado (2002) torna explícito esse tipo de organização da cobertura ao apontar as principais características que cada telejornal deve ter, dependendo-se do horário de exibição. Mas existe uma característica geral que é apontada como “receita” de estruturação da sequência de apresentação de notícias. Segundo a jornalista, a estrutura básica dos telejornais locais seria abrir com notícias “fortes” e encerrar com matérias leves. Esse é o padrão seguido pelas emissoras ligadas ao jornalismo da TV Globo.

Essa estrutura narrativa aponta para uma polarização entre bem e mal que busca apresentar uma representação equilibrada da realidade social. Tal estratégia de apresentação dos fatos parte do princípio simples de que “a vida seria assim” e por isso deveria ser representada pelo equilíbrio entre os aspectos positivos e negativos.

Entretanto, quando se considera que as notícias de abertura dos telejornais devem ser impactantes reforça-se a proeminência dos aspectos mais dramáticos dos acontecimentos. Enquanto as notícias amenas do último bloco cumprem a função de oferecer ao público um “final feliz” típico das narrativas ficcionais, os dramas da vida social são apresentados como o clímax do enredo, o acontecimento que terá a capacidade de chamar e prender a atenção do público. Vale lembrar que o telejornalismo está inserido no contexto das indústrias culturais e não foge regras de funcionamento desta instância de produção de sentidos.

Por este motivo, apesar de não ser a única opção no cardápio, os fatos negativos ainda surgem como o prato principal nos telejornais Globais, que apresentam a violência e as

desordens sociais dentro de uma estética “limpa” e mais amena. Evitam-se os exageros e a apresentação explícita de aspectos chocantes e degradantes. A atração pela curiosidade ao desagradável é evitada. Esse enquadramento fica evidente na relação entre repórteres e editores, pois caba a equipe de edição readequar o texto das matérias ao modo de abordagem defendido pela linha editorial.

Um exemplo disso foi o diálogo estabelecido entre uma das repórteres da TV Paraíba e o então editor do *JPB 1ª Edição*. A repórter pede para “passar o off” com o editor, ou seja, revisar o texto com ele antes da gravação. A matéria era sobre um assalto a residência. A jornalista com algo como “as marcas de sangue ainda estão no local”, sendo imediatamente questionada pelo editor, que pergunta se as imagens são “fortes”. A repórter relativiza e diz que seriam umas “marquinhas” de sangue, provocadas possivelmente quando o assaltante teria cortado a mão ao quebrar o vidro da casa. O editor então orienta, explicando que “a gente (leia-se Globo) não chama sangue, não É melhor você dizer as marcas do assalto ainda estão no local”. Com essa alteração, o editor poderia avaliar as imagens e ponderar se podem ser exibidas ou não. Caso as imagens fossem consideradas chocantes poderiam ser descartadas sem a necessidade de alterar o texto, exibindo-se em seu lugar as cenas dos cacos de vidros, portas danificadas ou qualquer outro dano. Se a repórter chama-se as imagens no texto, o sangue teria de ser mostrado e não poderia ser substituído. A ideia é mostrar o mesmo assunto, mas de acordo com um enquadramento mais leve, com o intuito de não provocar sensações incômodas ao telespectador.

Porém, os editores ainda dependem de fatos negativos para manter o padrão de noticiário a ser apresentado. A adoção desse formato como padrão impõe aos jornalistas a necessidade de atendê-lo ao buscar diariamente obter notícias que correspondam ao modelo, o que contribui para que direcionem o olhar para os eventos de ruptura. Esse tipo de atitude se evidencia na reação dos editores e produtores quando uma informação negativa chega a redação, o que é considerado por eles algo positivo. Um dos exemplos é o processo de produção dos quadros comunitários, como o “*Fala Aí*”. Curado (2002) e Vizeu (2000), apontam que este tipo de segmento costuma ser chamado de “VT Problema”. Esse enfoque já demonstra que este tipo de abordagem é uma das características elementares deste tipo de formato jornalístico.

Ao ser questionada sobre os critérios de escolhas dos bairros que serão mostrados no quadro, a coordenação de produção aponta qual o tipo de localidade possui as características

necessárias para a realização do quadro. Segundo a jornalista, deve ser um bairro que “tenha problemas legais para mostrar e feche vivo”. Pode-se dizer que a ideia contraditória e paradoxal de “problema legal” refere-se aos valores-notícia. Dito de outra forma, deve ser um problema passível de ser facilmente entendido e explicado em uma reportagem relativamente curta e de acordo com a gramática televisual.

Por outro lado, deve ser algo que possua notabilidade, ou seja, de fácil percepção. Além disso, para ser considerado relevante, tem que ser um problema que cause impacto na vida das pessoas e possa ser mostrado em imagens na TV, critério relativo ao produto. A frase mais comum nas redações de TV é o veredicto de que “tem que render imagens”.

Como o formato do quadro é composto por várias entradas ao vivo, a equipe de produção explica que tem de ser um lugar onde “feche vivo”, ou seja, não adiantaria fazer um VT sobre determinado bairro que não pudesse ser mostrado nos links durante o telejornal. Afinal, este é considerado o diferencial do quadro. Se a estrutura da TV não consegue receber o sinal do carro de externa, então esta localidade não pode ser escolhida para este segmento do *JPB*. Se não é possível realizar entradas “Ao Vivo”, a matéria pode até ser produzida, mas será exibida como matéria factual sem estar atrelada ao quadro. O vivo, dessa forma, se configura como uma injunção técnica, pois a escolha do bairro a ser mostrado depende de aspectos tecnológicos e estruturais, como também se relaciona com o formato do quadro (critério relativo ao produto), pois sem a entrada ao vivo o quadro não possuiria sentido.

Essa ênfase nos problemas também pode ser percebida nos relatos de outros jornalistas. Na semana de reestrela do quadro, um dos repórteres passa à equipe de produção uma sugestão sobre uma rua com problemas estruturais. O jornalista afirma que seria interessante mostrar a situação desta localidade e avalia: “Só não sei se fecha VIVO, mas *a rua lá é um desastre, muito bom*” (grifo nosso).

A associação entre um fato negativo como algo positivo é comum e constante nas conversas da redação. Muitas vezes os jornalistas “se pegam” usando expressões desse tipo e ao perceberem a contradição interna da frase realizam uma auto-censura, explicando em que sentido a empregaram. Isso acontece, geralmente, quando eles percebem a presença de alguém que não é jornalista na redação. Quando estão apenas entre a “tribo”, esse tipo de expressão não causa tanto espanto e é até considerada normal, em um ambiente onde todos compreendem o sentido por estarem vivendo o mesmo contexto.

No início da observação participante, a presença do pesquisador era um fator inibidor. Certa vez, um dos produtores chegou a comentar com os colegas “cuidado que ele vai botar isso na tese”. O alerta se referia as conversas informais dos jornalistas na redação. Com o decorrer da visitas consecutivas, a presença do pesquisador não era mais sentida como estranha, o que deixava a equipe à vontade em sua rotina de trabalho.

Esta forma particular de perceber a realidade é transmitida pelos jornalistas mais experientes aos novatos na profissão. Foi possível coletar um exemplo disto ao acompanhar a conversa entre um integrante da equipe de produção e uma estagiária recém-chegada ao jornalismo da TV Cabo Branco. Ao passar instruções sobre o processo de produção do *Fala Aí* a jornalista experiente orienta: “Quanto mais problema melhor!” e prossegue: “Aí você vê né, o *Fala Aí* é com vários problemas de um lugar ou com um problemão, tipo um buraco que está engolindo as casas”. Além do critério temático dos problemas da comunidade, há ainda as injunções técnicas.

Esse sistema de relevâncias é disseminado e reproduzido pelos jornalistas mais jovens que apresentam a tendência a adotar como padrão de comportamento o jeito de atuar já consolidado nas rotinas produtivas. Outro estagiário, responsável pela ronda telefônica, em alguns momentos costumava se empolgar ao receber uma novidade da área policial, como aconteceu quando da ocorrência de um tiroteio no bairro São José em João Pessoa.

No contexto do telejornalismo local, a noção do que é “matéria forte” é relativa às particularidades regionais. Uma demonstração disso foi apresentada pelo chefe de redação da TV Cabo Branco, que afirmou ter sido obrigado a rever o seu conceito de notícia ao sair de um grande centro, como Porto Alegre, para vir trabalhar no jornalismo paraibano<sup>64</sup>:

Lá a morte, infelizmente, se tornou uma coisa irrelevante. Aqui a gente ainda noticia. Ainda é uma notícia o cara brigar num bar ali num sei aonde, em Mangabeira, por que não é tão comum. (...) Se me tirarem daqui agora pra São Paulo eu vou querer ficar doido querendo noticiar tudo que é morte lá, ou vice-versa. Você vem de lá, como é o caso que eu vim (sic) de um centro maior, tive que aprender um pouco os moldes daqui pra dar relevância pra essas coisas. Por que senão, o cara matou outro? Tá! E daí? Não, pô! Tem que dar, tem que dar!

---

<sup>64</sup> Entrevista realizada em 18 de março de 2009 em uma das ilhas de edição da TV Cabo Branco.



Assim como aponta a chefia de redação, no contexto regional fatos de relevância menor acabam ocupando o espaço comumente destinado aos acontecimentos mais graves, e mostrados de acordo com os mesmos tipos de enquadramentos.

É o que fica claro na análise da reportagem exibida pelo *JPB 1ª Edição* do dia 27 de março de 2009, sobre um pequeno assalto a uma casa no município de Lagoa Seca, localizado a cerca de oito quilômetros de Campina Grande. A matéria foi o tema que abriu a escalada da versão do telejornal exibida para a região de Campina Grande. A frase usada na escalada dizia: “Três homens armados invadem casa de aposentada no município de Lagoa Seca.” Não se tratava de um tema de grandes proporções, mas a equipe ressaltou o fato das vítimas serem pessoas idosas, enquadrando-o de tal forma a relacioná-lo com os critérios de noticiabilidade que conferissem legitimidade à decisão de exibir a reportagem. Se este mesmo fato tivesse ocorrido em noutro contexto dificilmente teria sido noticiado, seja num noticiário de uma cidade maior ou até mesmo no mesmo telejornal caso houvesse outras opções. Abaixo a íntegra da cabeça da matéria:

VIOLÊNCIA NA ZONA RURAL DE LAGOA SECA./  
 UMA APOSENTADA DE SETENTA E QUATRO ANOS TEM A  
 CASA INVADIDA POR TRÊS HOMENS ARMADOS E  
 ENCAPUZADOS.//

O caso ocupou a função da reportagem com o “factual forte” que deve abrir os telejornais de acordo com o padrão de edição do formato do *PRAÇATVI* das regras gerais de edição em telejornalismo<sup>65</sup>. O que será considerado factual forte é relativo ao contexto local, mas é sempre apresentado de acordo com a mesma retórica, o mesmo tipo de construção. Ao se usar a expressão genérica “violência em Lagoa Seca”, adota-se o mesmo tipo de abordagem usado comumente para crimes maiores, fazendo com que o roubo de um aparelho de TV na zona rural de um pequeno município seja mostrado com as mesmas estratégias discursivas adotadas, por exemplo, na cobertura de uma invasão de milícias no Rio de Janeiro.

Ao noticiar pequenos crimes com os mesmos enquadramentos que são atribuídos a grandes ocorrências de cidades maiores, o telejornalismo local com interferir na percepção construída pelo público, redimensionamento os fatos ao amplificar sua relevância na construção do noticiário. Isso se deve, em parte, ao fato de que para enfrentar a forte concorrência dos programas policiais, os telejornais vespertinos das afiliadas Globo se vêem obrigados a também enfatizar este tipo de cobertura. Sobre a audiência, ver gráfico a seguir.

---

<sup>65</sup> Ver paginação desta edição no espelho 34, nos anexos.

JORNAL DA PARAÍBA PUBLICIDADE PARAÍBA, DOMINGO, 1º DE NOVEMBRO DE 2009 9


DOS 40 PROGRAMAS DE MAIOR AUDIÊNCIA NA PARAÍBA, ADIVINHA QUANTOS SÃO DA TV CABO BRANCO...

**4**

CAMPEÃO DE AUDIÊNCIA	AUD.	SHARE %
JORNAL NACIONAL	49,7	74,8
VIVER A VIDA	48,0	75,4
JPB 2ª EDIÇÃO	47,9	76,0
CARAS & BOCAS	47,6	75,3
PARAÍSO	40,8	75,3
A GRANDE FAMÍLIA	32,9	67,2
VALE A PENA VER DE NOVO	32,4	79,2
FANTÁSTICO	30,8	56,2
MALHAÇÃO	27,3	69,8
CASSETA & PLANETA	25,9	56,8
VÍDEO SHOW	25,7	69,8
TELA QUENTE	24,6	66,8
DOMINGÃO DO FAUSTÃO	22,8	47,9
FUTEBOL QUARTA	21,9	52,4
AUTO ESPORTE	21,6	61,9
SESSÃO DA TARDE	20,8	64,5
AUTOMOBILISMO <sup>MAT</sup>	20,3	57,4
TEMPERATURA MÁXIMA	19,7	45,9
GLOBO NOTÍCIA <sup>VES</sup>	19,4	57,9
FUTEBOL VES	19,3	49,5
JORNAL HOJE	18,9	51,5
CALDEIRÃO DO HUCK	18,7	48,6
<b>JPB 1ª EDIÇÃO</b>	<b>18,3</b>	<b>38,1</b>
A TURMA DO DIDI	17,9	47,3
ESPORTE ESPETACULAR	17,9	54,1
TV GLOBINHO <sup>MAT</sup>	17,9	49,8
GLOBO RURAL DM	17,6	63,9
GLOBO ESPORTE	17,4	39,1
HANNAH MONTANA	17,1	48,4
TV GLOBINHO	16,8	55,6
TV XUXA	16,8	46,8
ESTRELAS	16,8	45,2
GLOBO REPÓRTER	16,3	46,3
GLOBO NOTÍCIA <sup>MAT</sup>	16,2	45,9
SHOW DE TERÇA FEIRA	15,9	47,7
ZORRA TOTAL	15,8	48,2
SESSÃO DE SÁBADO	15,7	44,5
MAIS VOCE	14,6	44,8
NO LIMITE	14,4	50,1
PARAÍBA NOTÍCIA	13,3	44,6

FONTE: Ibope Media Quiz  
 11 a 17 de setembro de 2009  
 João Pessoa-PB  
 Audiência e Share (%) domiciliar.

NEM PRECISAVA ADIVINHA. ESSA VOCÊ JÁ SABIA.



**TV CABO BRANCO**  
AFILIADA REDE GLOBO

LÍDER ABSOLUTA DE AUDIÊNCIA.

**Fig. 24** – Reprodução do informe publicitário da TV Cabo Branco veiculado no Jornal da Paraíba de 1 de Novembro de 2009. No destaque (grifo nosso), os índices de audiência do *JPB 1ª Edição* com 18,3 pontos e 38,1% de participação no horário. Apesar da boa pontuação, o telejornal é o programa com menor percentual participação dentre os 40 citados, o que aponta o bom desempenho da concorrência nesta faixa de horário. Dados referentes ao período de 11 a 17 de setembro de 2009, aferidos pela Pesquisa *Ibope Media Quiz*.

Além disso, é preciso atender a exigência do formato padrão do telejornalismo das afiliadas que necessita de “algo forte e impactante” para abrir cada edição. Em uma das visitas à redação, desta vez ocorrida em um dia de sábado, foi possível acompanhar um diálogo que evidencia a existência desse tipo de exigência. A produção informava a editora do plantão que havia encaminhado uma equipe para fazer imagens de carro que estaria se incendiando em um dos locais de maior movimentação da cidade em fins de semana. O acidente estaria acontecendo diante do maior shopping de João Pessoa, localizado no tradicional bairro de Manaíra. Ao receber a informação, a editora exclama: “que lindo, maravilha, já tenho minha manchete de hoje.” A equipe de produção então exclama: “essa daí só gosta de tragédia!”. De imediato, a editora replica: “Claro, minha manchete”. A avaliação positiva, obviamente, não se refere ao fato em si, mas ao produto noticioso que dele é extraído.

Como alguns espaços do telejornal já possuem temáticas pré-definidas precisam ser preenchidos com informações relacionadas a este tema. Assim sendo, quando se define que o bloco inicial será dedicado aos temas policiais, cria-se a necessidade de ocupá-lo diariamente mesmo que muitas vezes os fatos noticiados não sejam tão relevantes assim. Um exemplo é uma exigência comum feita pelos editores na redação de Campina Grande com relação à paginação do primeiro bloco<sup>66</sup>. Como as notícias da região entram no telejornal estadual, são precedidas por um breve diálogo entre os apresentadores de João Pessoa e Campina Grande. Do mesmo modo, no final da reportagem o apresentador de Campina Grande deve “devolver” a ancoragem do telejornal aos apresentadores dos estúdios em João Pessoa. Mas essa participação não pode ser aleatória e deve trazer alguma informação. Como a participação das reportagens de Campina Grande neste espaço tratam predominantemente de temas policiais, é comum ver os editores solicitando à equipe de apuração que consigam “alguma nota policial” para compor o bloco.

A relevância do tema é aqui relativizada pela necessidade de “equilibrar” o modo como o telejornal é apresentado, buscando-se informações que atendam as demandas internas por notícias em uma determinada editoria. Aplicam-se, assim, os critérios de noticiabilidade referentes ao produto. Em um desses casos acompanhados durante a pesquisa, a produtora argumentava “tá fraco de polícia hoje”. Esse tipo de expressão é recorrente e indica a sensação de que a tranquilidade, neste contexto, é encarada como algo negativo.

---

<sup>66</sup> Paginar; Espécie de diagramação eletrônica. O editor-chefe prevê o que abre e fecha o jornal e separa as matérias por blocos”. (BISTANE E BACELLAR, 2005. p. 135).

### 6.3 - O Telejornalismo e o Discurso dos Especialistas

Dentre os sujeitos que possuem fala no telejornalismo enquanto fontes de informação, é possível distinguir pelo menos três tipos básicos distintos: os especialistas, as autoridades e o sujeito comum. É interessante observar que os dois primeiros aparecem com um discurso autorizado sobre os temas pautados, ou seja, cumprem a função de avaliar o problema apresentado ou orientar os espectadores. Às autoridades e especialistas é atribuída a responsabilidade pela definição da interpretação final sobre o tema da matéria. Já que os jornalistas se sentem impedidos de se posicionar em suas matérias devido aos valores da imparcialidade que ainda circundam a legitimidade social da profissão, procuram sujeitos considerados credenciados para opinar e explicar os fatos. E esse credenciamento se fundamenta numa visão hierarquizada da sociedade e explicita as ligações ideológicas do jornalismo com o modelo social vigente.

Neste sentido, os especialistas e autoridades cumprem a função de fornecer uma “assinatura” de responsabilidade sobre a informação divulgada. Essa estratégia surge com a ideologia da “objetividade e distanciamento”, que passa a se tornar hegemônica a partir dos anos 20 e 30 do século passado. Com a consolidação do paradigma da objetividade, torna-se comum o que Pereira Júnior, (2006, p. 54) chama de “Voz Imparcial”, procedimento que passa a ser adotado como norma de relação com as fontes nas mídias noticiosas. Esse preceito ordena que “é preciso atribuir tudo a alguém, nunca cacifar um raciocínio como seu, sob pena de contaminar os fatos com subjetividade do autor”, (op. cit).

Um exemplo disso é a forma de abordagem para temas delicados, quando é comum a produção orientar os repórteres com avisos do tipo “não fale isso no seu texto, deixa na fala do entrevistado para não se comprometer”. Essa construção narrativa ao atribuir funções para as fontes especializadas, também faz com o jornalista desempenhe o personagem do narrador isento e desinteressado, quando na verdade a própria escolha das fontes e a forma como são tratadas ou questionadas determinam o ponto de vista sob o qual os fatos serão contados. Mas em outros contextos menos conflitantes, o discurso dos especialistas surge com valor de autoridade inclusive sobre os temas banais do cotidiano. Esta é uma estratégia narrativa bastante comum no telejornalismo, principalmente em matérias de comportamento ou em

programas que possuem segmentos específicos para o público feminino ou temas relativos ao lar e a família. Neste contexto, os especialistas exerceriam uma função “didática” e “instrutiva”, mas na verdade apresentam uma tentativa de reger os fatos do cotidiano por meio do discurso da técnica e da razão funcional. É comum vermos manchetes em telejornais vespertinos como “aprenda a varrer a casa com uma especialista em postura” ou então “um psicólogo ensina como lidar com os filhos adolescentes”, entre outros tantos exemplos comuns e já repetitivos. O discurso técnico instrumental é apresentado pelo jornalismo com peso de autoridade e isso se relaciona diretamente com a ideologia da objetividade.

O que ocorre na construção das narrativas do telejornalismo é que os “personagens” das matérias são divididos em diferentes “performances socioculturais” (MOTTA, 2007). A idéia de narrativa será aqui entendida como “formas de relações que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres com interesses, desejos, vontades e sob os constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e de poder.” (p. 146). Os rótulos que definem os papéis dos personagens nos “créditos”<sup>67</sup> das matérias não são definições aleatórias sobre os sinais da personalidade dos sujeitos, mas na verdade são as rubricas sobre o papel dos personagens na narrativa a ser contada. Comparando-se com as linguagens ficcionais, os créditos no telejornalismo desempenham uma função parecida daquela exercida pela lista de personagens apresentada nos textos teatrais, onde os nomes e papéis definidos para cada “*persona*” são apresentados em uma lista antes do início do primeiro ato. Os papéis desempenhados são referenciais, são índices de leitura. Relacionam-se não com uma autodefinição do sujeito, mas com os recortes narrativos escolhidos por quem conta a história.

Por isso, no telejornalismo são creditadas não apenas as profissões ou cargos exercidos pelos sujeitos ouvidos nas reportagens como “médico”, “prefeito”, “estudante”, “pesquisador” dentre outros. Além das especializações relativas à profissão, cargo ou formação, estão presentes definições circunstanciais usadas para nortear a leitura do espectador por meio da definição clara do papel narrativo do sujeito que tem “voz” no jornalismo. São rubricas do tipo: “pai da vítima”, “testemunha”, “acusado”, “delegado responsável pelo caso”, “advogado de defesa”, “relator do processo”, “namorada de uma celebridade”, “campeão de uma modalidade esportiva”, “líder da oposição” entre outros tantos exemplos possíveis.

---

<sup>67</sup> Crédito: “Identificação, escrita na tela, do entrevistado ou dos locais onde foi feita a reportagem.” (MACIEL, 1995, p. 106)

Essa categorização dos sujeitos está presente não apenas no momento de finalização e edição do produto jornalístico, mas desde sua concepção e elaboração da pauta. Isso ocorre até mesmo em situações onde não é possível determinar a figura de um líder oficial ou representante instituído. Por exemplo, ao realizarem coberturas de protestos populares os jornalistas costumam chegar perguntando pelo “líder do movimento”, mesmo quando se trata de manifestações espontâneas ou sem a coordenação de grupos organizados. Procura-se um sujeito representativo do todo. Neste sentido, os créditos não apenas informam a identidade de quem está falando, mas a função por ele exercida na narrativa ou no desenrolar dos fatos narrados, uma função que é estipulada e determinada na relação entre quem fala e quem edita e reconstrói a fala.

Com relação às fontes, o telejornalismo trabalha com papéis bem definidos: “Quem entende de saúde é médico, farmacêutico entende de remédio”. Essa foi a avaliação da chefia de redação ao saber que a produção havia chamado uma farmacêutica para a entrevista de estúdio do quadro Saúde sobre automedicação, a ser exibido no dia 10 de março. A entrevista já estava marcada, mas durante a reunião de pauta realizada após a edição do dia 09 de março a chefia pediu pra desmarcar e procurar um médico que pudesse falar do assunto. Para tentar convencer a chefia de manter a escolha da entrevistada, a equipe de produção expõe apenas questões operacionais e não discute se o ponto de vista adotado pela chefia estava correto ou não. A jornalista responsável pela produção do quadro argumenta que é difícil marcar com médico em cima da hora, pois eles geralmente possuem uma agenda complicada e não costumam desmarcar outras atividades para participar de matérias pra televisão, como fazem vários profissionais de outras áreas.

Mesmo assim a ordem foi dada e a jornalista se vê obrigada a desmarcar com a farmacêutica. A dúvida não chegou ao chefe de redação por acaso. Quando a estagiária informou a coordenadora de produção que a entrevista estava confirmada para constar do relatório de produção, a coordenadora levantou o questionamento: “mas ela pode falar de doença?”. A estagiária argumentou que sim, pois trataria das reações que a combinação errada de medicamentos poderia causar no organismo, bem como os efeitos das substâncias usadas e informaria quais medicamentos precisam ou não de prescrição médica. A coordenadora de produção entende e parece concordar, mas leva a questão para a hierarquia superior, a chefia de redação. E a coordenadora argumenta com a estagiária: “Eu entendo, mas é melhor a gente checar logo pra evitar problemas. Vai que ele queira derrubar e veja isso só amanhã. É melhor a gente procurar um médico logo do que ter que fazer isso em cima da hora, Sabe como é,

né?” E assim o fato chega até a chefia de redação que delibera. Vetada a farmacêutica, a procura por um médico que se encaixe no perfil desejado pela produção começa, mas sem muitos resultados.

Desde o início da manhã do dia 10, a produção continuou ligando para consultórios e clínicas, na tentativa de encontrar algum “especialista” em auto-medicação em qualquer área da medicina. Até as 9h45 a busca continua, mas o telejornal entrará no ar ao meio-dia. Não há mais tempo. A chefia de redação então autoriza a vinda da farmacêutica, mas reorienta completamente a pauta exatamente para o mesmo formato que tinha sido sugerido pela produtora no dia anterior. Mas para isso, a chefia foi consultar outra fonte: *a Folha* de S. Paulo. Uma matéria publicada em uma edição de domingo do jornal paulistano foi usada como referência. “Vamos ver como eles fizeram”, dizia o jornalista ao verificar que lá os mesmos critérios tinham sido adotados, a exposição do problema de um usuário de medicamentos, a avaliação de um médico e a explicação de um farmacêutico.

Deste relato, duas inferências podem ser feitas. A primeira se refere à forma como o jornalismo categoriza e divide os outros campos sociais por meio da atribuição de funções, refletindo os valores da modernidade sob os quais foi forjada a ideologia da profissão. Por outro lado, a influência de duas forças de organização da percepção dos “operadores da notícia”: as pressões hierárquicas e a influência da concorrência ou dos outros órgãos de imprensa. Um tema descartado por ser considerado irrelevante ou inoportuno poder ser coberto em tom de urgência caso o principal concorrente assim o faça, ou então, como foi o caso da escolha da entrevista, a forma de abordagem adotada por um órgão de imprensa considerado de “referência” será seguido enquanto modelo.

Produtos jornalísticos que possuem *status* perante os pares no campo jornalístico possuem a prerrogativa de poderem “abrir precedentes” ou até mesmo quebrar as regras tidas até então como invioláveis. Vejamos, por exemplo, a forma como as afiliadas reorganizam a estética de seus programas informativos por meio das inovações implementadas em telejornais de rede, lugar legitimado pela abrangência para quebrar regras antes ditadas pela própria rede a qual pertencem. Um exemplo disso é a aproximação dos telejornais locais da TV Globo a temas populares anteriormente descartados da cobertura, como o problema do desaparecimento de pessoas ou a cobertura mais constante de temas policiais.

Mas além das funções sociais, o telejornal adota critérios relativos às performances pessoais das fontes diante das câmeras. Diferente, por exemplo, do contexto do jornalismo

impresso onde apenas a legitimidade da fonte já tem peso suficiente para influenciar sua consulta pelos repórteres. Para uma gravação de televisão a adequação a gramática da linguagem televisual influi na seleção dos sujeitos que terão espaço e voz nos concorridos segundos de visibilidade nas sonoradas de uma reportagem audiovisual. Um exemplo disso pode ser extraído da discussão na redação ocorrida na quarta-feira, dia 12 de março, sobre a escolha do médico a ser entrevistado na bancada do *JPB 1ª Edição* para o *Quadro Saúde*, a ser exibido na terça-feira seguinte. Como a entrevista é ao vivo os jornalistas defendem que a fonte deve ser alguém que possua desenvoltura e consiga de adaptar ao contexto de um estúdio de TV. Uma entrevista gravada, com a possibilidade de edição, não inspira tantos cuidados, mas se uma entrevista se quatro minutos for considerada “enfadonha” poderia fazer com que alguns espectadores mudassem de canal. Motivos suficientes para causar arrepios em qualquer produtor de TV. Além disso, o médico terá de interagir não apenas com os apresentadores, mas também com as perguntas encaminhadas ao vivo, o que exigirá dele capacidade de improvisação e respostas rápidas, já que a pauta da entrevista será alterada durante o programa.

A coordenadora de produção indica o nome de dois médicos que ela conhece e que são especialistas no tema. A reportagem e a entrevista serão sobre a cirurgia bariátrica, usada para o emagrecimento em pacientes com obesidade mórbida. O gancho para a escolha do fato foi a informação de que o SUS, Sistema Único de Saúde, anunciou que iria oferecer o procedimento gratuitamente. Mas outro aspecto aproxima a coordenadora de produção dessa pauta, como ela própria alertou ao pesquisador: “acho que você não sabem mas eu sou bariátrica”. Os nomes indicados por ela são de médicos que já a atenderam. A partir da descrição deles, os jornalistas avaliam as características pessoais de cada um definir quem será a opção preferencial. O repórter escalado para a matéria demonstra preferência por um dos nomes citados por “ser melhor no vídeo e falar bem”, enquanto o outro médico é definido com alguém que “é engajado, mas acanhadinho”. A produtora escalada para o quadro recebe a determinação e começa a manter contatos com o “especialista bom de vídeo”. O outro médico fica como segunda opção por não se adequar as características da linguagem televisual.

Apesar da aparente frieza desta classificação fundamentada na estética e capacidade de oratória, este tipo de escolha possui uma lógica própria dentro do campo jornalístico. Não adiantaria trazer um especialista que não fosse compreendido pelo público e que não conseguisse informar e manter acessa a atenção do público. Por isso, o sistema de relevâncias dos jornalistas de TV considera com ênfase à adequação ao suporte e sua gramática própria.



#### **6.4 - Fontes “Amigas”: onde a captação das notícias não envolve o cotidiano**

Mas qual o lugar ocupado pelo homem comum no discurso jornalístico? Será que o papel por ele desempenhado é definido por características pessoais ou então por atribuições sócio-funcionais? Pela observação em campo e análise do material exibido nos telejornais, é possível afirmar que o homem comum aparece com duas funções narrativas predominantes. A primeira delas é a ilustração e personificação do problema ou representação de um grupo social. O indivíduo surge como testemunho, exemplo ou relato particular que confere verossimilhança a um problema coletivo. Já na segunda função, a presença do homem comum é destacada como signo de identificação com o público, espelho no qual se criam vínculos simbólicos entre as instâncias de emissão e recepção por meio da sensação de proximidade.

Entretanto, a forma como o processo de coleta de informações se organiza no jornalismo cria algumas barreiras para que essa aproximação possa ser efetivada de forma plena. A estrutura de captação de fatos noticiáveis encontra-se distribuída prioritariamente nos eixos considerados potencialmente mais produtivos e por isso está “sintonizada” na frequência das fontes oficiais, como órgãos governamentais e jurídicos, centrais de atendimento a emergências, equipes de fiscalização ou policiamento. Por outro lado, essa mesma estrutura de captura recebe o assédio constante dos “definidores primários”, com quem estabelecem uma relação de colaboração e até dependência mútua.

Os definidores primários são sujeitos ou organizações que fornecem cotidianamente material informativo para as redações, atuando de forma estratégica na tentativa de obter espaços de visibilidade midiática. Por conhecerem as rotinas produtivas e os critérios de noticiabilidade adotados pelos jornalistas, essas fontes se profissionalizam na função de alimentar os órgãos informativos com aquilo que eles mais almejam encontrar, seja oferecendo imagens espetaculares, organizando manifestações de grande dimensão pública ou apresentando denúncias e dossiês sobre casos polêmicos. A isca é preparada de acordo com o paladar daquele que se deseja atrair. Mas essa aproximação vai além dos casos extremos e se expressa num contato constante para oferta de informações com antecedência, contribuindo para a organização da agenda de cobertura dos jornalistas.

Um dos efeitos da atuação das fontes profissionais é o silenciamento de setores da sociedade que não estão “capacitados” para o estabelecimento de relações com a instância midiática, por não se encaixarem enquanto fornecedores constantes de material noticioso e não dominarem a gramática televisual e as regras do sistema de relevâncias do campo jornalístico. Se a estrutura do jornalismo encontra-se direcionada para instituições constituídas com credibilidade social e se por outro lado os jornalistas são bombardeados cotidianamente com *releases* e convites para entrevistas ou acontecimentos preparados para os holofotes da mídia, então qual espaço restará para segmentos comunitários ou sem representatividade institucional consolidada?

Todavia, como vimos anteriormente, o jornalismo também precisa em certa medida deste tipo de fontes, nem que seja apenas para ilustrar um dado estatístico ou informação oficial. O problema é que no “tabuleiro do xadrez jornalístico” (TRAQUINA, 2005), esses sujeitos não dominam as regras do jogo. Além disso, encontram-se excluídos das zonas de movimentação da estrutura jornalística que não consegue dar conta de encontrá-los com facilidade quando se precisa.

Mas como discutimos no decorrer da análise, a produção de notícias é um processo intersubjetivo formado na negociação constante entre fontes, jornalistas e as organizações às quais são pertencentes. Se a estrutura institucional do jornalismo não está direcionada para coletar os dados provenientes do cotidiano da população, recorre-se então às relações pessoais estabelecidas na esfera particular da vida dos sujeitos jornalistas. Para compreender melhor como isto ocorre, recorreremos a uma analogia entre a “rede noticiosa” e os “lugares do cotidiano” propostos por Balandier (1984).

Considerando o indivíduo como eixo central da experiência cotidiana, o sociólogo francês traçou uma categorização entre “centro e periferia do cotidiano” a partir de coordenadas espaciais e temporais. Os aspectos mais próximos dos sujeitos e mais presentes na constituição de sua rotina são considerados pertencentes ao centro do cotidiano, como o lar, a família, a sexualidade. É o espaço da vida privada, da intimidade e das relações mais intensas. Em contrapartida, os locais públicos ou ambientes eletivos e que são usados e partilhados por um número maior de pessoas seriam a periferia do cotidiano. Isso porque apesar de fazer parte da experiência cotidiana, estão distantes das particularidades dos indivíduos que apenas circulam nestes ambientes sem criar vínculos emocionais mais efetivos ou constituir relações sociais mais consistentes.

Associando esta “cartografia do cotidiano” com a organização espacial da rede noticiosa do jornalismo, percebe-se que a estrutura de coletas de informações não contempla os espaços da vida cotidiana ao enfatizar os lugares de ação pública. Como estes lugares também ainda não foram atingidos pela profissionalização dos definidores primários, os jornalistas não possuem referências concretas quando precisam encontrar um “personagem” que se encaixe em um perfil médio de comportamento ou que não possua vínculo com nenhuma organização social de representação. Isso faz com que os “amigos e parentes” dos jornalistas sejam por vezes convocados para se tornarem fontes em matérias de comportamento, por exemplo. Como não há um referencial institucionalizado que garanta um vínculo rápido e eficaz com o cidadão comum, os jornalistas recorrem à própria rede de interações cotidianas para encontrar personagens para suas matérias “humanizadas”. Para entender melhor essa reflexão, observemos alguns exemplos empíricos.

Na segunda-feira, 16 de março, o *Bom Dia Brasil* exibiu uma matéria que contou com a participação da equipe de produção da TV Cabo Branco. Era uma matéria de comportamento sobre os custos de um casamento e contava com a participação de várias praças pelo país. A coordenadora de produção de João Pessoa ficou sabendo desta pauta apenas no sábado à tarde, quando uma das produtoras do *Bom Dia Brasil* ligou pedindo um personagem para ilustrar o VT. Segundo a coordenadora de produção, é comum os jornalistas da rede fazerem uma ronda pelas afiliadas quando não conseguem encontrar um personagem nos locais onde atuam. Pra agilizar o processo, os produtores dos telejornais de rede informam às redações das afiliadas sobre o perfil específico que estão procurando e solicitam, caso seja possível, que produzam o material com este personagem.

No caso da matéria sobre os custos das cerimônias de casamento, o interesse da produtora do *Bom Dia Brasil* foi despertado por uma notícia antiga que ela encontrou na internet, informando que uma igreja de João Pessoa aplicava multas para as noivas que se atrasassem na cerimônia e que essa cobrança era estipulada em contrato. A equipe de redação de João Pessoa conhecia o caso e repassou algumas informações à produtora da Globo Rio, mas o mais importante era conseguir marcar com alguém que tivesse casado nesta igreja e pudesse mostrar um documento que comprovasse a cobrança da multa contratual. O caminho mais óbvio, procurar a própria igreja para encontrar alguém, era inviável porque a administração da paróquia se negava a falar e colaborar com a produção da matéria por considerá-la negativa para a arquidiocese.

Como encontrar um casal com um perfil tão específico em uma tarde de sábado, para realizar as gravações ainda durante o plantão de fim de semana? A coordenadora de produção começou então a perguntar a todos na redação se “conhecem alguém que casou na igreja de Tambaú” ou se “possuem algum amigo que possa indicar alguém que casou recentemente”. Por coincidência, uma das estagiárias se lembra de uma colega da faculdade de jornalismo que se casou recentemente, mas não tinha certeza se era na igreja tema da matéria e tenta confirmar a informação por telefone. Após uma breve ligação telefônica entre amigas de universidade, a pauta se torna viável. Um vínculo de amizade conseguiu localizar o casal com o perfil que estava sendo procurado.

A sonora foi gravada no domingo e gerada no mesmo dia para o Rio de Janeiro, onde a matéria foi finalizada por editores e repórteres de lá. O fato de a matéria ter ido ao ar em rede nacional conferiu valor de noticiabilidade ao tema já tão conhecido localmente. Na segunda-feira, logo após a exibição no *Bom Dia Brasil*, a coordenadora de produção sugere que o caso da igreja seja repercutido localmente com um enfoque distinto daquele usado pela matéria nacional. Ao invés de focar apenas nos custos, mostrar as alegações da igreja para estabelecer este tipo de contrato. A clássica agenda das fontes usuais volta a ser consultada, mas nem precisava ir tão longe. O assessor de imprensa da arquidiocese da Paraíba também é jornalista atuante no mesmo grupo de comunicação.

É relativamente comum, por exemplo, ver estudantes de jornalismo e até jornalistas já atuantes como personagens em matérias que não possuem relação direta com a profissão. Nestes casos aparecem em matérias sobre o lar, a educação dos filhos, capacitação profissional e outros assuntos relacionados a comportamento e temas cotidianos. A escolha não se dá pela profissão, formação ou classe social, mas pela proximidade com os “operadores da notícia” que trazem para as telas as histórias de vida de seus amigos ou conhecidos mais próximos. Isso se dá pela impossibilidade do jornalista “sondar” os hábitos pessoais e a intimidade de várias pessoas desconhecidas ou de seu público. O mundo da vida privada está distante das estruturas de captação de informações da rede noticiosa.

Entretanto, uma das consequências da busca por fontes em redes de relacionamento pessoal é a uniformização de perfil dos sujeitos com voz no jornalismo. É o que já demonstrava uma pesquisa realizada nos Estados Unidos na década de 1970 por Herbert Gans sobre as decisões editoriais no telejornalismo e nas revistas semanais. O estudo analisou o

comportamento de jornalistas das duas principais emissoras norte-americanas, *CBS* e *NBC* e das revistas *Times* e *Newsweek*. Alguns apontamentos são pertinentes para a discussão:

Os repórteres designados para cobrir um problema social novo ou um novo estilo de vida frequentemente começam telefonando para seus amigos, pedindo-lhes alguns nomes de amigos ou conhecidos que possam servir de fontes. Nesse processo, os repórteres inevitavelmente selecionam fontes de *status* social equivalente, o que ajuda a explicar, em parte, por que tanto artigos e reportagens de revistas sejam sobre pessoas de classe média. (Essas pessoas) provavelmente não terão dificuldade para se comunicar com os repórteres, com quem podem até ter um amigo comum; as pessoas de *status* social mais baixo frequentemente não sabem lidar com os profissionais e, já para começar, temem ser rejeitadas. (GANS apud MORETZSOHN, 2007. p. 135)

Essa barreira é estrutural, porém não é intransponível. Muitas vezes é o público que toma a iniciativa de tentar estabelecer um diálogo. Assim como afirma uma das jornalistas ouvidas na pesquisa, “o povão é a fonte que às vezes nos salvam”, referindo-se a colaboração popular com sugestões usadas em dias com poucas notícias ou então na ajuda popular durante a realização de outras matérias já pautadas. Temas singulares chegam às redações pelas mãos do público e por diversas vezes se tornam um diferencial diante das pautas iguais difundidas pela ação dos definidores primários.

Mas nem todos os jornalistas possuem a mesma sensibilidade para identificar quando novos enfoques surgem da banalidade do cotidiano. Alguns ainda reagem com descrédito ao atenderem ligações de cidadãos comuns que buscam contar seus problemas. “Esse cara não entende de notícia”, dizem alguns apressados jornalistas temendo perder tempo com fatos irrelevantes. Tal postura pode novas abordagens em seu nascedouro.

A questão é que não existem instâncias de contato direto com essas fontes do senso comum, até por que não possuem instrumentos institucionais de relação com a mídia e não dominarem os “saberes” específicos de acesso ao campo jornalístico, não se constituindo assim como fontes profissionais. Quando precisam encontrar personagens para ilustrar reportagens sobre temas genéricos, os jornalistas ainda assim recorrem às fontes oficiais e ao auxílio sempre solícito dos definidores primários. Se não houver um vínculo anterior entre jornalistas e fontes ou iniciativas do próprio público para relatar uma história de foro íntimo, não há como “coletar” fatos tão individuais usando-se apenas a rede noticiosa da estrutura

burocrática do jornalismo. A seguir dois exemplos distintos de possibilidades de superação dessa barreira. O primeiro trata da adoção de uma postura dialógica por parte dos jornalistas. Em seguida, discute-se o caminho adotado por determinados segmentos sociais que ao perceberem a lógica da ênfase na ruptura, típica do jornalismo, promovem fatos deste tipo para chamar a atenção das mídias aos seus problemas ou bandeiras ideológicas.

### **6.5 - Alternativas possíveis: a adoção de uma postura dialógica**

Na quarta-feira 25 de março de 2009, a observação participante saiu da redação e de fato foi a “campo” com os repórteres. Era a primeira reportagem a ser produzida para a reestreia do quadro “*Fala Ai*” em Campina Grande. Em João Pessoa, o quadro tinha voltado ao ar na semana anterior, tendo sido planejado com bastante antecedência. Já em Campina Grande, a ordem veio de última hora. Após o novo formato ter sido elaborado e aplicado na TV Cabo Branco, chegava à redação da TV Paraíba a determinação de segui-lo. A solicitação foi dada na segunda-feira dia 23 e cabia à equipe de produção colocar o novo quadro no ar, com reportagens e entradas ao vivo, em apenas dois dias. Obviamente isso não foi possível, ficando a estréia apenas para o dia 1º de abril.

Com a saída do pesquisador da redação, percebe-se que novos sujeitos entram em cena nas interações que compõem o processo de produção de notícias. Os primeiros são os componentes da própria equipe de reportagem. O contato com o repórter cinematográfico e o assistente de produção revela outros olhares que interferem e compõem o contexto por meio do qual as notícias são produzidas. Se a observação participante tivesse ficado restrita apenas à redação, não haveria a possibilidade de observar a atuação particular destes outros agentes do processo de produção. Isso porque nas emissoras analisadas, os cinegrafistas e assistentes não são considerados como integrantes do departamento de jornalismo, respondendo diretamente ao departamento de operações técnicas. Por isso, não “habitam” o espaço da redação e não ocupam espaços com poder de decisão editorial, seja na definição da pauta de cobertura ou das estratégias de abordagem. Entretanto, opinam ativamente e nas gravações de

reportagens externas interagem não apenas com o repórter, mas com as fontes. Atuam no processo de apuração, mas sem o poder de veto ou escolha.

O carro de reportagem saiu da emissora por volta das 9h40 da manhã, com o pesquisador e os três membros da equipe de reportagem: repórter, cinegrafista e assistente. Todos discutem a pauta. A presença do pesquisador foi autorizada pela chefia de redação. A reportagem será sobre os problemas estruturais do bairro das Malvinas. Durante o percurso até o bairro, cinegrafista e assistente relatam que costumam sugerir muitas matérias desse tipo, com enfoque “comunitário”. Segundo eles, não costumavam ser atendidos com frequência. Muitos dos problemas relatados são vividos por eles na experiência cotidiana, já que também moram em bairros com problemas de infra-estrutura.

No percurso relatam as ocasiões em que sugeriram VT's de comunidade e não foram atendidos. Afirmam que a equipe de produção não dava atenção às sugestões de pauta, justificando que não era um tipo de assunto que pudesse ser tratado na linha editorial da rede. Agora a TV é que vem à procura da comunidade. Contradições internas. Aliás, essa mudança de paradigmas foi ressaltada pela jornalista que está à frente da Editoria Regional<sup>68</sup>, função cuja responsabilidade é definir a política editorial da emissora, readequando-a quando necessário. Quanto à implantação de quadros com temas comunitários, a editora regional ressalta a busca pela aproximação com segmentos da sociedade que não estavam incluídos na pauta de cobertura dos temas cotidianos:

O jornalismo aqui há um tempo atrás, eu acho que ele era muito frio, sabe, era muito assim, era muito salto alto, muito distante das pessoas. Então o que acontece: acha que tem IBOPE, que tem número e se senta no número, e fica longe. Fica com um tipo de jornalismo muito elitizado, que não é! A gente tem que fazer um jornalismo de boa qualidade, bom gosto, mas que as pessoas entendam! (enfática). Que as pessoas se vejam representados nele! Pô, se você for fazer jornalismo pro teu amigo, né? Eu acho que essa mudança de mentalidade, assim de linha, ela vai de encontro a essas mudanças de quadro também. Quanto mais você mostra as dificuldades que a pessoa tem de ir pro trabalho, tem que andar não sei quanto pra pegar o ônibus, problema de iluminação numa rua escura onde você tem uma filha que já foi assaltada, isso tudo a gente vai mostrando e se tiver resultado, né? Se de repente o poder vai lá, se compromete e resolve ou se compromete a resolver, a população sente basicamente o quê? Pô, eu posso confiar nesse papel da imprensa, que é o papel de utilidade pública, de serviço público.

---

<sup>68</sup> Entrevista preliminar realizada em dezembro de 2008.

Não podemos afirmar ao certo o que teria motivado esta mudança de paradigma. Seja pelo cumprimento do “dever social do jornalista” ou simplesmente como uma estratégia editorial de estabelecimento de uma nova relação com o público. Ou até mesmo como uma nova fórmula de enfrentamento da concorrência. O fato é que o jornalismo televisual tem se aproximado cada vez mais de assuntos antes considerados irrelevantes enquanto notícia, por estarem relacionados a problemas corriqueiros de cidadãos comuns. Se não havia ruptura ou notoriedade, não era noticiável.

Desde a adoção de um perfil mais “comunitário” para os telejornais vespertinos das afiliadas Globo em todo o país, a relação foi aos poucos sendo invertida<sup>69</sup>. Agora são os jornalistas destas emissoras que recorrem à população como fonte de informação. Para tanto, práticas já consolidadas nas rotinas produtivas precisam ser readequadas para atender às novas demandas. É o que pode ser observado na observação do processo de apuração na primeira reportagem para a reestréia do quadro *Fala Aí* em Campina Grande, acompanhado durante a pesquisa de campo.

A pauta foi marcada para ser realizada na sede da rádio comunitária do bairro das Malvinas. O contato era com o presidente da rádio. Entretanto a equipe foi recebida pelo assessor de imprensa da pequena emissora. O repórter começa a apuração perguntando: “quais são as maiores dificuldades daqui?”. O assessor então passa a elencar vários problemas, alguns difíceis de serem mostrados na televisão. As dificuldades citadas vão desde a falta de uma agência dos correios na região até problemas para emissão de documentos. Muitos dos problemas citados pelo assessor são de cunho político, relacionados diretamente aos posicionamentos da entidade por ele representada. Em síntese, a proposta do assessor de imprensa foge do foco pretendido pelo repórter, que então opera os enquadramentos pertinentes ao quadro e pergunta de forma mais específica, pedindo para que a fonte citasse os problemas de infra-estrutura mais emergenciais.

A dissonância de intencionalidades foi provocada por uma contradição surgida desde o início da pauta: a escolha das fontes ainda se deu de acordo com a lógica da busca por “fontes oficiais”, apesar de se tratar de uma reportagem sobre questões comunitárias. Quem relatava

---

<sup>69</sup> De acordo com Tourinho (2009, p. 120): “A partir de 1998, a mudança no conteúdo se intensificou nos telejornais regionais. A ideia era apostar em assuntos cada vez mais comunitários: prestação de serviços, solução de problemas de bairros, ofertas de emprego, defesa do consumidor, etc. Cidadania era a palavra de ordem a partir daí. O jornalismo comunitário ganhava força em todo o país.”



os problemas da “comunidade”, representando-a, era também um profissional do campo jornalístico. E como fonte profissional, já trazia consigo abordagens prontas para serem repassadas aos jornalistas, obviamente de acordo com os interesses da entidade que representa. De acordo com a direção de jornalismo da emissora, tenta-se evitar o uso político das reportagens sobre problemas comunitários. Este é um dos motivos pelos quais estes segmentos do telejornal costumam ser tirados do ar em períodos eleitorais, principalmente pela possibilidade de interferência nas entradas ao vivo. Em entrevista, a Editora regional tornou explícita a orientação repassada às equipes de reportagem na condução das matérias:

É assim, você primeiro deixa que a população fale. Não é você ficar fazendo o papel do orador. É um espaço que a população tem pra reclamar. A orientação da gente é muito clara. Primeiro: Evitar a manipulação política. Do líder comunitário, do vereador daquela área que vai e que promete. Então é assim, *a gente bota pessoas espertas, nossos repórteres são, pra ler nas entre linhas, né?* E mostrar claro pra população e isso é legal porque a população reconhece que você tá ali como aliado, né? Pra que ela consiga resolver os problemas dela. Então tanto o produtor como o repórter quando chega são super bem recebidos. (Itálico nosso).

Outra recorrência pode ser identificada na fala da editora regional. Trata-se da ideia de que a intuição e perspicácia fazem parte do processo de produção de notícias. A esperteza e a astúcia, saberes típicos do modo de conhecimento do senso comum, são apontados como características necessárias ao repórter no estabelecimento de relações com as fontes. Nessa perspectiva, ressalta-se o caráter contextual e relacional do processo de negociação entre fontes e jornalistas.

Tal qual nas interações cotidianas, esta relação também se estabelece no campo do jogo, do lúdico. Por exemplo, em telejornalismo é comum repórteres e cinegrafistas estabelecerem códigos que indicam modos de comportamento para lidar com fontes inoportunas sem criar maiores constrangimentos. É o que pode ser observado entre os membros da TV Paraíba. Quando alguém da equipe de reportagem diz que vai fazer uma “chapa treze”, todos já sabem que se trata de encenar a gravação de uma entrevista com o equipamento desligado, apenas para satisfazer o desejo da fonte “narcisista”, sem causar discussões e nem atrapalhar o processo de produção com a gravação de material desnecessário. Jornalistas de outras emissoras ou de outras regiões do país provavelmente realizam operações parecidas, mesmo que usem outras expressões como código. São “senhas” compartilhadas pelos membros da equipe, mas que não estão explícitas em manuais ou livros.

Trata-se de um comportamento tácito, mas compreendido pelos membros, sendo assim realizada de forma quase automática. Repórter, cinegrafista e assistente “encenam” juntos como se de fato estivessem gravando, mesmo que essa ação não tenha sido combinada previamente. Essa “astúcia” surge das interações estabelecidas no dia-dia do trabalho na rua, sendo transmitida pela ação cotidiana em resposta às demandas que surgem das interações entre diferentes fontes e colegas de profissão.

No caso específico da estreia do quadro *Fala Aí*, vários líderes comunitários com vinculação partidária e possíveis candidatos foram ao local onde estava instalada a estrutura do link para as entradas as vivo, na feira do bairro. Mesmo assim, apenas moradores e representantes dos órgãos públicos citados nas reportagens foram ouvidos. Mesmo no caso da gravação da reportagem, marcada com o assessor da rádio comunitária, ninguém da rádio foi entrevistado para equipe. A presença do assessor foi usada apenas para estabelecer a ponte entre a redação e os moradores.

Essa necessidade de se recorrer aos definidores primários mesmo em matérias com enfoques comunitários ocorre devido às dificuldades que os jornalistas sentem quando necessitam localizar informantes que não estão atrelados às instituições sociais e por isso estão fora do eixo de atuação da rede de captação de notícias. A estrutura burocratizada das rotinas produtivas precisa de intermediários e este será o papel exercido pelas assessorias de imprensa.

No caso específico da produção em telejornalismo, essa burocratização se torna mais evidente devido à intensa divisão de tarefas no processo produtivo. O modelo racionalizado adotado pelas emissoras de TV é montado com o objetivo de maximizar os resultados das equipes de reportagem, garantindo um fluxo de informações contínuo e regular. Como a estrutura de uma equipe de reportagem em televisão é cara e complexa, devido ao ônus da operação dos equipamentos e locomoção da equipe, não há espaço para averiguações preliminares. Assim sendo, todas as marcações e contatos com fontes já devem ser feitos antes da realização da reportagem, agilizando o processo.

O objetivo é garantir que os prazos sejam cumpridos e atender às demandas por material informativo suficiente. Esta necessidade de planejamento e racionalização provoca uma relação de maior dependência com os definidores primários e com as fontes profissionais, já que os repórteres não realizam uma pesquisa de campo para a seleção dos informantes. Esta seleção é feita ainda na redação, pela equipe de produção. Fechados no

relativo isolamento da redação, os produtores recorrem às fontes já conhecidas, localizadas rapidamente em uma breve consulta à agenda com os informantes já habituais.

Esse foi o caminho escolhido pela equipe de produção ao marcar com o assessor de imprensa da rádio comunitária. Ele seria uma espécie de “guia”, situando o repórter ao apresentá-lo aos moradores da região. Ao ser interpelado pelo repórter, o assessor da rádio comunitária aponta os problemas de infra-estrutura mais emergenciais. Destaca a situação do canal de saneamento básico instalado no bairro, mas que não possui obras de urbanização em suas margens. Segundo o assessor, no local não há calçadas e nem meio-fio, mas há excesso de mato e lixo nas margens, provocando riscos de acidentes e incomodando os moradores das casas próximas. Um problema visível, explícito e facilmente identificável pelas imagens das câmeras de televisão. O repórter então encontra o que procurava: as imagens que evidenciariam os problemas cotidianos dos moradores.

O assessor de imprensa promete levar à equipe até um ponto do bairro onde este tipo de problema apareça de forma mais crítica. Ele informa que deficiências estruturais podem ser percebidas por toda a região e afirma que é só andar pelo bairro para encontrar vários outros lugares com situação crítica de infra-estrutura. A equipe então se descola, seguindo as orientações do assessor de imprensa que também mora na região. Durante o caminho a equipe encontra vários lugares problemáticos. Sugere-se ao cinegrafista que faça imagens, mas como estava chovendo a equipe decide que seria melhor deixar para fazer tudo em um local só, diminuindo os riscos de expor o equipamento à chuva sem necessidade. A racionalização do processo produtivo faz com que a atenção da equipe se direcione apenas aos problemas mais relevantes e às imagens mais espetaculares.



**Fig. 25:** Imagens da rua onde foi realizada a reportagem de reestreaia do quadro *Fala Aí* em Campina Grande. Além da seriedade dos prejuízos, o principal critério de escolha do local foi a necessidade de abordar problemas facilmente perceptíveis visualmente, passíveis de serem rapidamente identificados pelo público. Imagens: Reprodução de TV.

É interessante perceber que nesse tipo de matéria não se trata de um levantamento completo dos problemas que atingem a população do lugar, mas sim a apresentação de uma pequena amostragem, mas que seja forte ou incisiva o bastante para representar o todo. Não é uma escolha estatística ou científica. A idéia de amostra aqui é diferente. Enquadra-se aquilo que é mais aparente, que salta aos olhos, ou melhor, às lentes das câmeras. Trabalha-se com um enquadramento que se baseia naquilo que está no campo do visível, do aparente. O que não pode ser mostrado de forma explícita fica à margem do quadro de referência do repórter de TV e isso ocorre devido à influência dos valores intrínsecos ao campo jornalístico e as características inerentes ao suporte e à linguagem da televisão. Ou seja, relacionando-se essa constatação com os valores clássicos da objetividade jornalística, o repórter provaria ao público que suas afirmações não são subjetivas (não seriam deduções, mas fatos) ao explicitar suas provas, colocando-se como um observador que media a observação do público. Mas o que se pretende com a apresentação das imagens é atribuir credibilidade a informação mostrando-a como algo evidente, e como tal, teoricamente incontestável.

Nessa mesma perspectiva, a linguagem audiovisual do telejornalismo exige a obtenção de imagens que sejam significativas, atraentes e que surpreendam o público. Acreditam os jornalistas que não fornecer tais imagens seria frustrar uma expectativa do espectador, quebrando-se assim um “pacto implícito” entre os sujeitos envolvidos no processo comunicativo. Isso fica evidente em uma conversa entre pesquisador e repórter, antes de localizar o lugar onde a matéria seria realizada e antes mesmo de encontrar a fonte que conduziria a equipe no bairro.

O repórter discute a escolha do bairro e pergunta sobre o motivo da escolha do bairro das Malvinas para a reestrela do quadro. A sugestão foi da coordenação de produção para aproveitar o fato de o bairro ter aniversariado neste mês e pelo fato de ser o mais populoso de Campina. A chefia de redação concordou e ponderou: “Não podemos enfatizar muito o aniversário por que já passou (critério de atualidade), mas seria um gancho, algo como “no mês de aniversário das Malvinas, o *JPB* mostra os problemas do bairro”. Vale lembrar que o aniversário foi na semana passada e o quadro será exibido na semana seguinte. Ao ouvir o relato, o repórter questiona a escolha e opina afirmando que o bairro possui uma estrutura boa e que existiriam outros lugares com problemas mais sérios e mais interessantes de serem mostrados, principalmente na estrela. Ele argumenta, “se mostrar um pouquinho de mato e um lixinho sem importância, não vai chamar a atenção, principalmente em uma estrela. As pessoas vão pensar: é só isso aí? Se for só isso tem em todo o lugar”.

Com esse argumento, o repórter enfatiza a necessidade de causar impacto, principalmente por ser a apresentação do novo formato. Mas um impacto que deve ser sempre buscado nas próximas matérias. Devido a essa visão pré-estabelecida sobre o bairro, a equipe começa o VT desestimulada e acreditando que este primeiro bairro não vai render o esperado. Essa idéia é reforçada pelo cinegrafista e auxiliar que relatam experiências pessoais que consideram mais significativas. O motorista e assistente técnico da equipe de reportagem diz: “tem de ir lá perto de casa, lá sim a situação é complicada, não tem calçamento, tem muito lixo e falta ônibus”. Movidos por esta expectativa negativa, a equipe se surpreende com o que encontra ao chegar ao local indicado pelo assessor de imprensa. Trata-se de um cenário caótico de lixo, esgoto, canais com barreiras de proteção ruindo, mato, animais, calçamento quebrado e lixo, muito lixo. Estava chovendo. Uma das ruas encontradas estava interditada há cerca de seis meses, devido a obras inacabadas no calçamento.

O repórter se anima quando vê o cenário caótico de falta de estrutura, abre um sorriso e diz “que ótimo!”. Ele percebe que comemorou por encontrar algo ruim e se justifica: “ótimo pra gente, por que pra eles a gente sabe que não é!”. A ocorrência deste tipo de contradição foi percebida de forma recorrente durante toda a pesquisa, demonstrando ser uma reação comum entre os jornalistas. Indica assim alguns dos valores que fundamentam as escolhas editoriais realizadas por meio de um sistema de relevâncias que enfatiza aquilo que traz efeitos danosos ou fora do comum. Enfatiza-se a transgressão e não a ordem.

Obviamente, sabe-se que os jornalistas ao fazerem afirmações desse tipo, não estão comemorando a existência de tragédias ou dilemas humanos, ou neste caso da falta de estrutura, mas sim a capacidade destes fatos se tornarem um produto jornalístico. O fato é ruim, mas a notícia é “boa”, no sentido de ser um produto mais vendável com este tipo de embalagem. Caberia então aqui discutir as implicações éticas e o impacto social dessa visão na forma como o público passa a perceber a sua própria realidade tendo como parâmetro o discurso jornalístico. Porém, voltemos ao relato do processo de produção da reportagem.

O carro da emissora para em um lugar com estrutura extremamente precária. Várias crianças aparecem durante a gravação. Elas saíam da escola e foram atraídas pela presença da câmera e do “rapaz que aparece na TV”, como diziam com tom de curiosidade ao apontar a chegada do repórter. Os moradores, ao verem a equipe da televisão, procuram o repórter para reivindicar os problemas do bairro, principalmente ao perceberem que é este o tema da matéria.

Dentre as várias crianças, muitas atrapalham a reportagem, mas um menino chama a atenção do repórter pela sinceridade e desenvoltura ao relatar os problemas do lugar onde vive. Esse menino também reclama e demonstra conhecer o bairro, citando as ruas pelo nome, coisa que muitos dos adultos não conseguiam. O repórter decide entrevistá-lo, mas ao ter a idéia titubeia e se questiona: “pode entrevistar criança?”. Todos da equipe opinam afirmando que a criança deveria ser entrevistada e posteriormente a produção poderia localizar a mãe da criança e pedir-lhe autorização para o uso da fala na matéria. Isso não foi preciso, pois a edição do jornal considerou que o menino não aparecia em situação de risco ou em contexto degradante. Assim sendo, a autorização não seria necessária. O menino impressionou ao narrar o próprio cotidiano, relatando os problemas que enfrenta no caminho da escola e os problemas que a mãe dele enfrenta, seja nas ruas enlameadas, seja no atendimento no posto de saúde.



**Fig. 26:** Cenas das entrevistas com os moradores do bairro que participaram da reportagem gravada no dia 25 de março de 2009. Nenhuma das participações estava marcada previamente. Todas surgiram das interações entre repórter e moradores no decorrer da execução da reportagem, inclusive a entrevista com o menino que chamou a atenção do repórter por se interessar em explicar os problemas do lugar onde vive. Imagens: reprodução de TV.

O repórter chegou ao bairro praticamente sem pauta, apenas com a indicação de um contato e sem um problema específico e concreto para mostrar. Conversando com as pessoas ele conseguiu informações e relatos que potencialmente poderiam render um VT “riquíssimo”, segundo expressão dele próprio. E de fato renderam. Os moradores convidam o repórter para entrar em suas casas, mostram seus problemas e as formas que encontram para enfrentá-los, como o uso de sacos com areia para impedir a entrada de água em suas casas. O repórter gravou várias sonoras e os anotou os contatos de mais moradores para o vivo.

Durante o retorno para a emissora, o repórter relata situações típicas das rotinas de produção. Ao ser indagar sobre o quadro “*Fala Aí*”, o pesquisador afirma que este tipo de pauta é difícil de ser produzida na redação e que só acontece mesmo com o repórter na rua por que as pessoas procuram o repórter para falar. O repórter concorda, mas pondera. Diz que nesse tipo de pauta sim, nessas situações isso funciona, mas que não deve ser adotado como

prática de produção: “É porque já avisei a produção que tem que ter cuidado com isso por que às vezes os meninos (produtores) pautam um VT, não conseguem um personagem e então colocam na pauta “faz um fala povo”. Não é bem assim, nem sempre funciona. Uma coisa é chegar à comunidade, outra é pegar alguém na rua pra falar de um assunto que ele nem conhece”. Discutimos o exemplo de um VT sobre inadimplência. Como fazer um *fala povo* para tratar de cheques sem-fundos ou da taxa de juros no crédito pessoal? Quem aceitaria ser pego de surpresa na rua para falar de algo que não conhece ou de um tema de certa forma comprometedor?

Quanto ao *Fala Aí*, a atenção e paciência demonstradas por este repórter na relação com as fontes se mostrou fundamental para a condução da reportagem e até mesmo para que a equipe economizasse tempo e tornasse o VT mais completo. A equipe fez várias imagens de uma rua que está com obras de calçamento interditadas e inacabadas desde outubro. Vários moradores da região pediam que a equipe fosse a uma rua paralela que estaria em uma situação pior, mas apresentando os mesmo problemas. O repórter explicava que não “renderia” para a reportagem pegar imagens iguais em ruas diferentes, mas anotou o nome das ruas danificadas para citá-las no texto, o que de fato foi feito.

Já apressados, cinegrafista e auxiliar insistiam para a equipe ir embora e argumentavam que deveriam procurar um problema diferente noutro lugar. O repórter concordava, mas os moradores não entendiam e pensavam que uma só rua seria citada. Alguns começavam a demonstrar insatisfação. O jornalista teve a sensibilidade de perceber isso, perceber essa reação dos moradores e argumentar explicando o formato do quadro, dizendo que ele citaria o nome das outras ruas e que não era só a matéria, já que na semana seguinte a emissora montaria uma estrutura de transmissão “ao vivo” e nessa ocasião outros problemas seriam abordados. Estabelece-se uma relação de vínculo e não de conflito ou oposição.

Os moradores que cercavam o repórter entenderam e começaram a se dispersar, pois perceberam que o trabalho da equipe estava terminando ali, pelo menos por enquanto. Uma senhora insistia e gritava chamando a equipe enquanto via os equipamentos da UPJ serem guardados no carro de reportagem. Ela era dona de um pequeno comércio e por estar um pouco distante não ouviu a explicação dada aos demais moradores. Entretanto, o repórter decide ir até lá apenas para conversar com ela, e mais uma vez explicar o contexto e pegar o contato dela para a entrada ao vivo, caso ela demonstrasse interesse em participar. Só que

conversando com a comerciante, o repórter obteve informações sobre outros problemas, como um esgoto que invade a casa dela quando chove e sobre uma vizinha dela que espera desde novembro para mostrar um exame à médica do posto de saúde do bairro, mas que não consegue. Cinegrafista e auxiliar já estavam no carro e demonstravam certa impaciência, pois acreditavam que precisavam procurar outro lugar com “problemas diferentes”.

Entretanto o repórter já havia percebido que era possível fechar o VT ali mesmo e chama a equipe que reluta a vir, mas acabam atendendo meio a contragosto, ao serem informados que se tratava de outro problema. A equipe foi convidada a entrar na casa e o repórter pede à comerciante que mostre o problema explicando o que ocorre quando chove. A cena exibida na reportagem mostrava, em plano sequencia<sup>70</sup>, o repórter entrando no quintal da casa e sendo guiado pela moradora que relata as dificuldades do próprio cotidiano. De acordo com a avaliação da equipe, o material “rende muito bem”, acima do esperado e decide-se encerrar a matéria ali mesmo. Se o repórter tivesse se deixado levar pela impaciência e não pela sensibilidade, teria prejudicado o próprio trabalho e tornado tudo mais complexo e demorado.

No caso dos quadros sobre os problemas das comunidades periféricas, é possível perceber que jornalismo se insere no cotidiano da cidade de duas formas principais: o enquadramento da ênfase na ruptura e a auto-inserção como vetor de mudanças e modificações no cotidiano. Dito de outra forma e com exemplos tirados do *Fala Aí*, pode-se afirmar que quando o TJ produz um VT com ênfase nos problemas, procura identificar e mostrar os aspectos que afetam o transcorrer do cotidiano e impedem que a rotina dos moradores ocorra em um padrão. Enfatiza-se o anormal, mas que ele seja comum ou de fácil identificação.

Já quando se monta uma estrutura de entradas ao vivo e leva serviços ao bairro ou coloca frente a frente autoridades e populares em uma situação de confronto e cobrança, o telejornalismo coloca-se como fator de mudança no transcorrer cotidiano. Agora o próprio jornalismo produziria a ruptura: seja arrumando um emprego, achando um parente desaparecido, oferecendo serviços de saúde ou estipulando datas para que a estrutura do bairro seja melhorada. Neste contexto o telejornalismo atribui a si próprio o papel alterar a ordem e “provocar” o surgimento da novidade a ser noticiada. Entretanto, o que ficou evidente neste caso foi o estabelecimento de vínculos entre repórteres e fontes durante o

---

<sup>70</sup> Cena apresentada sem cortes, geralmente usando-se movimentos de câmeras para acompanhar a ação.



trabalho de campo na gravação das reportagens. Sem o estabelecimento de relações de confiança, mesma que efêmeras, a colaboração dos moradores não seria viável e não se efetivaria. Foi possível observar que o repórter adotou uma postura dialógica, ouvindo as solicitações dos moradores e avaliando o que seria considerado relevante de acordo com os critérios de noticiabilidade adotados no telejornal ao qual se destinava a matéria.

Mesmo assim, ao perceber que determinados problemas não se encaixavam no enfoque da matéria, o repórter tentou explicar aos moradores os motivos pelos quais não seria possível tratar de todos os problemas narrados. As regras do sistema de relevâncias do campo jornalístico foram explicitadas às fontes, tornando a relação mais clara e compreensível àqueles que não estão acostumados ao modo de funcionamento das mídias. Esta postura não apenas possibilita a aproximação mais transparente entre fontes e jornalistas, mas neste caso demonstrou contribuir para o processo produtivo de informações, já que permite estabelecer novas alternativas que vão além da influência dos definidores primários.

#### **6.6 - Protestos Urbanos: A Interferência do “Olhar” da Câmera ou a lógica de *Timisoara***

Quando falamos em campo jornalístico, tratamos de uma noção difícil de ser delimitada. Quais os sujeitos que compõe esse campo de forças? Ao partir do pressuposto de que o público e as fontes também participam dessa arena de relações e conflitos, perceberemos que sua abrangência é mais ampla e vai além dos muros das redações. A influência é mútua e a autonomia dos jornalistas é relativa. Como sujeitos em constante negociação de sentidos, todos os indivíduos carregam valores, bagagem cultural e principalmente intencionalidades distintas.

Com o “contato” frequente, seja como espectador ou fonte de informação, sujeitos de outros de campos sociais conseguem apreender a lógica própria do jornalismo e entender as regras do jogo. A ênfase na ruptura, descrita no tópico anterior, também é percebida e até usada pelo senso comum, mesmo que de forma não sistematizada. As brincadeiras em torno da profissão revelam isso. Quantas vezes os jornalistas não são rotulados de “carniceiros” ou

expressões ainda mais grosseiras por estarem cobrindo uma tragédia. Até por que as tragédias mobilizam o jornalismo de tal forma que provocam uma disputa entre jornalistas concorrentes, que por vezes se amontoam em torno dos pais de uma vítima ou disparam freneticamente os *flashes* de suas câmeras ao primeiro sinal das lágrimas de um entrevistado.

Os repórteres cinematográficos já naturalizaram a ação de aproximar a imagem com um *zoom*<sup>71</sup> ao primeiro sinal de choro. Ao entrarem na profissão, receberam a instrução de que quando há emoção a imagem deve ser a mais próxima possível, fechada em *close-up*<sup>72</sup> ou em plano detalhe<sup>73</sup> para ressaltar a espontaneidade das emoções. Com o tempo, o toque no anel de regulação do *zoom* se torna automático, onde as lentes se tornam a extensão de um olhar direcionado ao que é ligado ao campo das sensações explícitas. E isto é percebido pelo homem comum.

Dessa forma, não são apenas os “definidores primários” que detém o poder de interferir na profissão jornalística. Entretanto, monopolizam o acesso aos instrumentos técnico-profissionais de acesso às mídias, usado por assessorias de imprensa e organizações governamentais ou não para estabelecer relações constantes com a instância de emissão midiática. O que ocorre é que os sujeitos que não possuem acesso aos “meios de produção da informação” por vezes sentem a necessidade de também obter visibilidade e muitas vezes optam pela estratégia de provocar situações de distúrbios ou atos de ruptura no meio social. Busca-se atrair os jornalistas oferecendo justamente o que eles procuram. E os impactos desse “pacto velado” devem ser discutidos e avaliados pelos dois pólos envolvidos na “produção do acontecimento”.

Chamaremos aqui esse tipo de comportamento de “lógica de Timisoara”, aqui classificada como tipo de ruptura específica, onde agentes sociais que não possuem a legitimidade dos “definidores primários” percebem e entendem a lógica do campo jornalístico e usam essa percepção para provocar manifestações passíveis de cobertura e muitas vezes

---

<sup>71</sup> Efeito óptico de aproximação ou distanciamento de personagens e detalhes. Serve para dramatizar ou esclarecer aspectos particulares do fato mostrado. Ao contrário do que apontam Paternostro (1999) e Maciel(1995), não se trata de um “movimento de câmera”, mas um efeito óptico produzido por uma objetiva de distância focal variável. De acordo com Watts (1990. p. 269), “A distância focal é a distância entre a objetiva e o tubo captador de imagens da câmera de vídeo. O efeito de aproximação, ou “*zoom-in*” é obtido com o aumento da distância focal. Já a diminuição da distância focal da lente dá ao espectador a impressão de que está se afastando do elemento filmado.

<sup>72</sup> *Close-up*: “Um plano fechado na cabeça e ombros de uma pessoa” (DANCYGER, 2003. p. 459).

<sup>73</sup> Plano detalhe, também chamado de “Primeiríssimo Plano”: “Um *close* muito fechado do rosto, podando o alto da cabeça. Também é a cena que mostra detalhe de um objeto”. (WATTS, 1990. 273).

criadas apenas para as câmeras de televisão. Recorremos à comparação com o caso extremo da Revolução da Romênia em 1989, quando ficou evidente que a presença das câmeras alterou não apenas o transcorrer dos fatos, mas transformou a ação dos agentes sociais em performance. Os romenos tomaram as ruas de Bucareste e Timisoara não para promover a revolução no espaço público, mas para torná-la acontecimento midiático diante das câmeras de TV. Trata-se aqui da televisão substituindo o espaço de atuação de uma sociedade por meio da imagem e da informação. Isso ocorre devido a sua característica de auto-referência da TV, onde a informação veiculada pela imagem se sobrepõe ao acontecimento. (BAUDRILLARD, 1997).

Apesar de relembrar o caso romeno não adotaremos metodologicamente às teorias proposta na análise de Baudrillard. Não se trata aqui de elevar as manifestações públicas de pequeno porte ocorridas regionalmente ao patamar de “simulação” tal qual propunha Baudrillard sobre os efeitos da presença da televisão. Entretanto, ao adotarmos uma perspectiva fenomenológica que ressalta a intersubjetividade no processo de produção de notícias, interessa-nos demonstrar as intencionalidades dos sujeitos envolvidos, inclusive às fontes de informação ou que se apresentam como “protagonistas” dos fatos midiáticos por meio da performance diante das câmeras e dos olhos da imprensa. O que nos interessa aqui não é o ponto de vista adotado por Baudrillard, mas a comparação traçada por ele ao considerar que assim como na antropologia a presença do etnólogo interfere o comportamento dos sujeitos da cultura que pretende compreender, a TV também interfere na realidade que busca mostrar. Mas essa influência ocorre de maneira distinta. Ao se inserir em uma sociedade, a televisão “se torna o espaço estratégico do acontecimento” (p. 148).

E os jornalistas percebem e refletem sobre isso. Durante o período de apenas um mês de pesquisa de campo, foram registradas várias ocorrências de protestos urbanos, tanto em João Pessoa quanto em Campina Grande. A chegada desse tipo de informação às redações provoca reações distintas em alguns jornalistas. Dependendo-se do contexto, das experiências e a forma como cada profissional percebia a própria função do jornalismo. Enquanto alguns viam os protestos com desconfiança, outros, principalmente os focas, recebiam essas informações com entusiasmo e excitação.

O primeiro dia de observação participante já seria significativo para o entendimento desta relação conflituosa. A produção recebe a informação de que estaria ocorrendo um problema de trânsito nas proximidades da rodoviária de João Pessoa, onde um protesto de

motoristas de ônibus estaria interrompendo o fluxo. O presidente do sindicato da categoria ligou para a redação e foi atendido por um dos estagiários, que está há pouco tempo na redação. Ao ouvir a “notícia” de que estaria havendo um protesto, o jornalista novato não questiona a fonte e desliga rapidamente a ligação sem coletar informações mais detalhadas. Já exaltado pela sensação de urgência provocada pelos fatos repentinos, o novato na redação passa a história para a coordenadora de produção que pede mais informações para poder decidir se encaminha uma equipe de reportagem ao local ou não.

A informação passada pelo sindicato foi de que os manifestantes não estavam permitindo que os ônibus da linha para Santa Rita, cidade da região metropolitana de João Pessoa, passassem próximo ao Terminal de Integração, ponto de convergência de praticamente todas as linhas de ônibus urbanos da cidade. A coordenação de produção quer saber a localização exata do protesto e a dimensão dos transtornos causados para saber se rende produzir VT ou não. Como era no terminal de integração, a produção especula que tal paralisação deveria estar causando grandes dificuldades aos usuários de transportes coletivos, pois se trata de um lugar de grande movimentação e que concentra as linhas que vão do centro para todas as regiões da cidade. Provavelmente um congestionamento de ônibus provocaria transtornos não só para os usuários, como também impediria o fluxo de outros tipos de automóveis. A expectativa era que um fato dessas proporções renderia “boas imagens e sonoras”.

Diante disso, a coordenação de produção decide mandar uma equipe de reportagem direto pra lá mesmo sem ter nenhuma confirmação oficial sobre o que estava acontecendo. O objetivo era não perder o transcorrer dos fatos. A coordenação de produção ordena, “manda a repórter pra lá e a gente vai checando daqui”. Para isso vai ser necessário derrubar um dos VT’s que estão sendo produzidos e essa decisão é negociada com a editora-chefe do telejornal. A coordenadora de produção pergunta: “Derruba emprego?” e a editora “Derruba não, adia!”. Trata-se da reportagem para o quadro “*Emprego à Vista*” que é exibido as segundas no *JPB-1*. Entretanto esse VT de hoje era pra “gaveta”, ou seja, pra não era pra ser usado hoje e sim ser reservado para ser exibido em outra data, provavelmente na próxima semana ou até mesmo depois. São VT’s atemporais que tratam de temas ou problemas comuns. Decisão tomada, o VT da gaveta do quadro de emprego é derrubado e a equipe é deslocada para o problema dos ônibus.

O estagiário que não pegou todas as informações necessárias no primeiro telefonema fica encarregado de apurar o caso. Entretanto todas as fontes vinculadas ao sindicato estão com os telefones desligados. Logo após informarem a imprensa sobre o “suposto” tumulto, as fontes de informação fecharam as vias de contato. Em seguida, a repórter chega ao local aproximado onde estaria acontecendo o suposto protesto e liga pra redação informando que não achou nada. A coordenação de produção pede pra que a equipe de reportagem continue procurando, enquanto a produção tenta checar mais informações. Os telefones dos representantes do sindicato continuam desligados e a repórter volta a afirmar que não tem nada de diferente acontecendo por lá, está tudo normal e o fluxo do trânsito está sem alterações. Sem mudanças, sem notícia. Diante disso a coordenação de produção pede pra a repórter sair de lá para voltar a produzir o VT do quadro de emprego.

A coordenadora aproveita o caso para explicar ao pesquisador que o “factual derruba”, ou seja, tem força pra modificar a capa de pauta e forçar a produção a readequar equipes e horários de acordo com a urgência dos factuais, como casos policiais, acidentes, protestos ou outros fatos que não possam ser previstos. A pauta do dia estava voltando à previsão inicial, mas a tranquilidade na redação não permaneceria por muito tempo.

Por volta das 10h15, outra informação “factual” chega à redação para mais uma vez modificar a previsão de pauta. Um funcionário da Polícia Militar liga pra redação e é atendido pela coordenadora de produção. A fonte já é conhecida e sempre colabora com a produção, ligando para passar informações. Posteriormente, a jornalista comenta que de fato é preciso criar um vínculo com as fontes para manter uma relação de colaboração.

A ligação era sobre uma manifestação popular que estaria acontecendo diante da Assembléia Legislativa. Experiente, a coordenadora recebe a informação, recolhe os dados, mas não confirma se a TV vai fazer a cobertura do acontecimento e diz: “Tô sabendo, mas vou ver se encaixo na previsão”, afirma a jornalista informando que já tinha a informação do protesto. A atitude dela demonstra que se estabelece entre fontes e jornalistas uma relação de negociação. Um dos produtores comemora a informação do protesto exclamando “bom demais”. A coordenadora de produção decide não pautar o protesto nesse primeiro instante, mas ela explica que mesmo ainda não entrando na previsão de pauta, a produção costuma realizar um acompanhamento constante desse tipo de caso. Dito de outra forma, as informações continuam a ser apuradas, pois um fato novo pode mudar a amplitude do fato e “forçar” a cobertura do evento.

É interessante como alguns critérios de noticiabilidade são relativos. Uma das jornalistas mais experientes da redação comenta com os estagiários que esse tipo de caso deve ser tratado com cuidado e sem afobação. De acordo com o conselho, o ideal seria esperar o desenrolar da história para evitar uso político e assim só cobrir o caso quando se tiver certeza que de o fato é mesmo relevante. O motivo para tanto zelo, de acordo com a jornalista, é que alguns protestos são preparados em função da televisão e a simples presença das câmeras poderia incentivar o protesto ou ampliar os danos causados por esse tipo de ação. A jornalista operou aqui o critério de protetividade. De acordo com Wolf (1988. p. 191), esse é um dos critérios relativos ao público e consiste na “não noticiabilidade de fatos ou pormenores de acontecimentos cuja cobertura informativa (se presume) provocaria traumas ou ansiedade no público ou feriria a sua sensibilidade ou os seus gostos”. Neste caso específico, se a exibição da reportagem poderia incentivar novos “distúrbios”.

Um exemplo da aplicação dos “critérios de protetividade” é a proibição explícita que a Rede Globo impõe ao departamento de jornalismo de suas emissoras e afiliadas quanto à divulgação de casos de suicídio. Casos desse tipo, determina a linha editorial da Globo, jamais deveriam ser noticiados para não incentivar que pessoas com tendência suicida cometam o ato para aparecer na televisão ou então causar comoção pública. A única exceção é quando o suicídio é cometido por uma autoridade importante ou por uma personalidade conhecida, mesmo assim a abordagem deve, em tese, ser extremamente cuidadosa. Outro exemplo é a recomendação para se evitar a divulgação de valores em grandes assaltos. De acordo com a orientação da Rede Globo, os valores devem ser suprimidos para não incentivar o crime, mas em casos de grande repercussão acabam sendo divulgados ao se operar com os critérios relativos à concorrência, evitando-se a sensação de que a não divulgação dos valores seria provocada por um “furo<sup>74</sup>” da concorrência. Imagens de sangue, corpos mutilados ou situações extremamente chocantes devem são evitadas para não causar mal-estar no público espectador.

Entretanto, a situação muda quando chega aos ouvidos da chefia de redação a informação de que um protesto do MST, Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, estava acontecendo em frente à Assembléia Legislativa da Paraíba. O jornalista automaticamente pergunta se já tem equipe de reportagem da emissora acompanhando o caso e questiona porque o VT não está sendo produzido. O pedido é em tom de urgência e se transforma

---

<sup>74</sup> Furo: no jargão jornalístico designa a informação publicada em primeira mão.

rapidamente em ordem: “vamos fazer, tem que ter alguém lá!”. Com isso a produção se vê obrigada a deslocar mais uma vez as equipes e derrubar um VT que estava na capa de pauta e assim poder cobrir mais esse protesto.

Se compararmos a reação e as decisões da produção nos dois casos de protesto ocorridos nesta mesma manhã, percebe-se que no caso dos funcionários de empresas de ônibus falou mais alto a possibilidade de transtornos no trânsito e no cotidiano dos usuários, fazendo com que a produção se apressasse em deslocar equipes para o local. Entretanto, no segundo caso houve duas posturas distintas. Uma primeira, mais cautelosa, onde um possível uso da TV para a propagação de uma causa política inibiria a cobertura do evento. Contudo, outro ponto de vista considerou o fato de o protesto está sendo realizado no centro do poder político do Estado e em um lugar de grande movimentação. Afinal tratava-se da praça onde estão sediados os três poderes no estado, o Palácio do Poder Executivo, a Assembléia Legislativa e a sede do judiciário estadual. Além disso, o fato estava sendo promovido por um movimento social de grande visibilidade nacional, o que poderia provocar o interesse dos editores dos telejornais de rede. Para a chefia, os transtornos e a importância do lugar e dos envolvidos justificaria por si só a cobertura do evento.

Diante disso, um VT sobre a sujeira no rio Jaguaribe foi derrubado para deslocar a equipe até o protesto na praça dos três poderes. Já próximo das onze horas da manhã, a coordenação de produção coordena as equipes e as reorganiza para maximizar racionalmente os resultados do trabalho. Uma repórter chegou, mas como ainda tinha que fechar o texto para a matéria entrar no ar ao meio-dia, a produção decide mandar para o local a equipe sem repórter, apenas com o cinegrafista para flagrar e registrar o que estivesse acontecendo.

Outro repórter chega e é encaminhado ao local. Agora são duas câmeras e um repórter no Caso do MST. Como o jornal está prestes a entrar no ar, os editores pedem ao repórter que faça um *stand-up*<sup>75</sup> no local. A ideia era exibir o boletim com as imagens feitas anteriormente pelos cinegrafistas. Por telefone, a coordenadora de produção checa o material com o cinegrafista que relata não ter sido possível gravar imagens da ação dos integrantes do MST, apenas dos danos provocados. O flagra foi perdido. A matéria completa sobre o protesto foi

---

<sup>75</sup> *Stand-up*: Estilo de apresentação das notícias no telejornalismo, usado predominantemente em *flashes* e boletins. Caracteriza-se pela forma de participação do repórter, que neste caso aparece em primeiro plano e permanece na tela durante todo o tempo de transmissão do boletim, geralmente produzido no local do acontecimento. Pode ser gravado ou “ao vivo”. É um recurso usado geralmente quando não se tem imagens ou sonoras suficientes para uma reportagem completa ou quando não há como editar o material a tempo para cumprir os prazos de fechamento do telejornal, já que o *stand-up* já chega à redação no formato de exibição.

exibida no telejornal noturno. Entretanto, a oscilação entre a espera cautelosa e a urgência da cobertura provocou alterações na forma como o caso foi abordado. Essa diferença de perspectiva não foi causada, como diriam alguns jornalistas, por questões de intuição. Tratava-se da adoção de critérios distintos escolhidos sobre pontos de vista opostos de cada um dos “operadores da notícia” envolvidos na cobertura.

Mas há casos em que o contexto do fato provoca na comunidade jornalística uma situação de consenso. Uma situação de unanimidade pôde ser percebida no dia seguinte, dez de março. O alvo dos manifestantes era o arcebispo da Paraíba, Dom Aldo Pagotto. Organizações não-governamentais, sindicatos e grupos de defesa aos direitos humanos protestaram contra as então recentes decisões e declarações do líder católico, consideradas preconceituosas por alguns movimentos sociais. Neste caso outros critérios foram operados pelos jornalistas, como atualidade, abrangência, importância, notoriedade e concorrência. Sim, o critério de concorrência também estava presente, pois a expectativa era que todos os órgãos de imprensa da cidade estariam presentes. Neste jogo de espelhos exerce-se uma pressão interna no campo jornalístico, proporcionando nos jornalistas a percepção automática da relevância do fato simplesmente por já estar sendo acompanhado pela imprensa local. Cientes disso, os promotores da manifestação assumiram a função de “definidores primários” e articularam com antecedência a divulgação do protesto com a imprensa. A ruptura estava programada.

Na quarta-feira, dia 11 de março, outra manifestação popular foi acompanhada pelas equipes de reportagem. Mas dessa vez, a origem do fato era distinta. Não se tratava de uma manifestação planejada, mas a reação a uma decisão judicial. Logo no início da manhã, a redação da TV Cabo Branco recebeu a informação de que a polícia militar estava realizando uma operação para cumprir o mandado de reintegração de posse de um galpão pertencente a CBTU, Companhia Brasileira de Trens Urbanos. O galpão da empresa federal fica localizado no centro histórico de João Pessoa, nas proximidades do acesso ao Terminal de Integração. Uma das editoras que recebeu a ligação informou aos companheiros de redação: “Expulsaram o povo e colocaram na praça”.

Vários moradores estavam precariamente alojados na Praça Antenor Navarro, ponto conhecido pela realização de eventos culturais e localizado em uma área protegida pelo instituto do patrimônio histórico. Para os jornalistas, a simples imagem das famílias “acampando” no local e dos confrontos com a polícia já justificavam a cobertura. Mais do que



isso. No dia em que nenhuma ocorrência policial de destaque foi detectada pela equipe da redação na cidade de João Pessoa, o caso da expulsão das famílias que estavam abrigadas no galpão da CBTU foi a notícia do dia, abrindo a edição do telejornal como o fato mais impactante. A seguir, vejamos como o caso foi mostrado no *JPB 1ª Edição*:

Em Campina Grande, a cobertura de protestos estava se tornando ainda mais constante. E os jornalistas percebiam isso, o que provocava questionamentos internos sobre até que ponto a presença da imprensa não estaria estimulando esse tipo de ação ou, por outro, se esta não seria uma forma do jornalismo dar espaço aos “movimentos populares”. A discussão é controversa, mas pertinente. Vejamos os exemplos empíricos.

No dia 23 de março, uma das editoras de texto da TV Paraíba recebe a ligação de que estaria acontecendo um protesto no distrito de São José da Mata. A informação era que alunos da rede estadual de ensino tinham interditado a estrada que dá acesso ao local para reclamar sobre a falta de professores. A reportagem foi feita e os estudantes e diretores da escola ouvidos pelos repórteres. Ao verem as imagens, jornalistas comentam que para alguns estudantes o protesto parecia uma “festa” e a presença da câmera acentuava esta sensação. Muitos estudantes foram entrevistados, mas os editores colocaram no ar apenas duas sonoras. A maioria das falas dos estudantes demonstrava que alguns deles nem sabiam direito o motivo da manifestação e nem quem teria dado início à manifestação.

Por volta das 11h da manhã, o editor responsável pela finalização da matéria pede à equipe de produção que ligue para a assessoria de imprensa do governo do estado para saber se eles já estão sabendo do protesto e se há uma resposta oficial. O editor pondera a necessidade de uma nota-pé<sup>76</sup>: “Se bem que tem a fala da diretora, mas eles (os alunos) falam que a culpa é do governador por ele ter entrado”. Decide-se manter a cautela e buscar a versão oficial do governo que será repassada em nota-pé. Por tratar de um tema localizado em Campina Grande, a reportagem não é exibida no bloco estadual. Mas de toda forma os manifestantes conseguiram obter espaço de visibilidade para tratar de um tema que poderia até ser considerado comum e corriqueiro para o campo jornalístico, mas que ganhou relevância ao se relacionar o problema já existente com um fato de ruptura abrupta.

Às 11h40, a repórter que realizou a cobertura do protesto dos estudantes vê no monitor o início do texto de outro repórter e percebe que o assunto também era um protesto. Das três equipes de reportagem que fazem a cobertura da região de Campina Grande, duas estavam

---

<sup>76</sup> Nota-pé: nota sem imagens inserida logo após a exibição de uma matéria, complementando-a.

simultaneamente cobrindo ocorrências de protestos. Este segundo caso só foi exibido no *JPB 2ª Edição* e se referia a manifestação de populares contra um homem que estava sendo acusado de crimes de pedofilia em uma pequena cidade do interior. Ainda sem saber o tema central da matéria e percebendo apenas que se tratava de mais um protesto, a repórter alerta: “Enquanto a gente der cabimento, não vai mais parar de ter protesto. Eles fazem só pra TV ir. Quando a gente saiu eles pararam tudo, a TV Itararé chegou tarde e não pegou mais nada.”

O que a repórter relatava é que percebeu que toda a movimentação tinha sido preparada para atrair a imprensa. Após a gravação das imagens, toda a movimentação passou a ser desarticulada pelos próprios manifestantes sem a necessidade de intervenção da polícia. O palco do protesto não era apenas a praça pública, já que na verdade a ação dos manifestantes estava direcionada para câmera. A interrupção do trânsito de fato prejudicaria alguns poucos motoristas da região, já que se tratava de uma área de zona rural. Mas esse pequeno transtorno não teria, por si só, dimensão suficiente de causar preocupações ao governo do estado, que possivelmente nem chegasse a percebê-lo. Apenas ao tomar amplitude social por meio da exibição midiática, as reivindicações teriam alguma possibilidade de serem ouvidas.

Ao retornar à redação, a repórter relata que viu a chegada da equipe de reportagem de uma emissora concorrente, que conseguiu fazer a matéria e a exibiu no mesmo dia, apesar da impressão da repórter da TV Paraíba de que a concorrente “chegou tarde e não pegou mais nada”. Apesar de não ser possível afirmar com certeza, não é difícil imaginar que pelo menos parte da movimentação foi retomada com a presença de uma nova câmera.

Assim como consideram Vizeu, Porcello e Mota (2006), o telejornalismo insere-se e formata-se em um novo espaço da “praça pública”, ou seja, o lugar de ação política e cenário da ação dos sujeitos sociais passa a ser a tela e não só a rua, a cidade. Ou como aponta Becker (2006. p. 65) o telejornalismo atua como “instrumento regulador da experiência pública e privada”, mediando não apenas a construção de identidades e percepções sobre a realidade social, mas também modificando os instrumentos de ação política, já que a visibilidade passa a exercer uma função de atribuição de valor. Já no dia 26 de março, uma quinta-feira, uma estagiária da produção exibe uma reação diferente ao relatar sobre a possibilidade de reação de mais um protesto: “tomara que aconteça!”, brinca a novata na redação. Como vimos anteriormente, este tipo de reação é recorrente quando se considera que um fato pode ser potencialmente produtivo enquanto notícia, mesmo que negativo em si. Uma das editoras mais uma vez alerta: “a gente tem de tomar cuidado com esses protestos, a gente está fazendo

demais!”. A estagiária diz ter recebido a orientação de cobrir esse tipo de evento, “mas focando os danos causados e não no protesto em si”.

É interessante observar que os critérios de noticiabilidade são de fato relativos, entretanto a palavra da chefia sempre é usada pela equipe como fio condutor e mais do que isso, como critério de “desempate”, definição. Produtores e editores discutem intensamente a abordagem das pautas e se rendem ou não, mas a hierarquia define o que é notícia e qual a melhor abordagem, sem sofrer maiores questionamentos. Mesmo quando os jornalistas não concordam com a decisão, expressam essa opinião, mas seguem o que lhes foi pedido. Em casos como estes, são orientados a consultar a chefia que deverá se responsabilizar por ponderar e decidir de acordo com a linha editorial da emissora.

Mas as divergências de opiniões são expressas nas relações entre os jornalistas na redação, que neste dia continuaram a discutir os impactos deste tipo de cobertura. Os argumentos são indicativos interessantes das inquietações vividas pelos “operadores da notícia” ao procederem escolhas, além de tornar mais claras os valores e posições ideológicas que as fundamentam. Pouco tempo depois, na passagem entre uma pauta e outra, um repórter entrega à equipe de produção um panfleto que ele recebeu na rua informando sobre a realização de mais um protesto que já tem data e local marcados: seria na manhã do dia seguinte, na BR-230, estrada que liga Campina Grande à João Pessoa. Enquanto isso, a jovem estagiária volta a defender a cobertura incessante deste tipo de caso, argumentando que “o povo está estão cansado dos problemas e que tem mesmo que protestar”.

Fica evidente que num processo de construção coletivo de significados e enquadramentos, os diversos “autores” do relato noticioso nem sempre se vêem representados nas mensagens que eles próprios produziram. Esses dilemas os fazem lembrar que, na verdade, produzem um discurso sem autor, construído por um “narrador institucional”, ou dito de outra forma, interpretam o mundo e falam sobre ele a partir de uma estrutura organizacional que produz previamente padrões de abordagem e seleção operados pelos sujeitos que a compõem. A técnica e os padrões editoriais de cada empresa ou grupo constroem a personalidade de “um narrador” que não é um sujeito, mas um coletivo de “subjetividades” organizado em torno de uma estrutura industrial direcionada para a finalidade pragmática de produzir conteúdo informativo. Em seus micro-espacos de atuação cada sujeito tem espaço da se expressar e interferir no processo de re-significação do mundo, porém não alteram o modo de funcionamento da engrenagem onde estão inseridos.

## 6.7 - Os Filtros Organizacionais: a definição de abordagens em casos polêmicos

Quando os jornalistas realizam a cobertura de determinados tipos de acontecimentos com os quais já estão acostumados a lidar, os enquadramentos e abordagens são aplicados de forma praticamente automática, sem muitos questionamentos. Os repórteres não sentem a necessidade de pedir muitas orientações às chefias quando se sentem à vontade com um assunto. Por outro lado, costuma recorrer à discussão coletiva na redação quando percebem que se trata de um tema polêmico ou de difícil explicação para o público. Ou então, quando são obrigados a usar e explicar um termo ou conceito com o qual não possuem afinidade ou que possui controvérsias quanto ao uso. A possibilidade de comprometimento da emissora em questões jurídicas ou que afetem à credibilidade do órgão de imprensa também são fatores que promovem o envolvimento mais próximo das instâncias hierárquicas responsáveis por zelar pela linha editorial.

Casos com este nível de complexidade podem ser considerados pouco comuns, mas sempre há pendências e dúvidas da equipe que necessitam da interferência direta dos editores e da chefia de redação. Um caso específico reuniu todos os aspectos complicadores citados anteriormente, e envolveu boa parte da equipe em um processo de elaboração cuidadosa da forma como a história seria contada e explicada.

Tudo começou como se fosse mais uma pauta sobre violência urbana. Às sete horas da manhã do dia 12 de março, uma das repórteres foi deslocada para cobrir o enterro de um jovem que foi morto na noite anterior em frente à escola onde estudava, no bairro de Mangabeira em João Pessoa. O principal suspeito era outro adolescente, aluno da mesma instituição de ensino. O motivo do crime teria sido a irritação do assassino que se sentia ridicularizado com as brincadeiras feitas pela vítima. A dúvida na redação era se seria possível caracterizar este caso como *Bullying*<sup>77</sup>. A expressão inglesa é usada para designar a perseguição e violência sofrida por alunos em ambiente escolar. Se a polícia considerasse que o assassinato tinha sido cometido durante um assalto ou por qualquer outra motivação alheia ao ambiente escolar, a classificação como *Bullying* perderia o sentido.

---

<sup>77</sup> Do verbo em língua inglesa *bully*, que significa tyrannizar, ameaçar, intimidar, maltratar.

Essa definição se tornava mais importante por que no final do ano anterior foram noticiados vários casos de *Bullying* por toda a imprensa em João Pessoa, o que tornou o tema uma pauta comum nas conversas cotidianas apesar do conceito ainda ser obscuro para a grande população e até mesmo para os jornalistas. Mas geralmente, as denúncias partiam de pais de alunos ou do próprio Ministério Público, que realizou ações de combate ao *Bullying* em diversas escolas da capital paraibana.

Outro diferencial é que a maioria dos casos noticiados anteriormente se referia a escolas particulares e envolvia adolescentes de classe média alta. Dessa vez, o problema estaria atingindo um colégio público da periferia localizado em uma área de grande densidade demográfica. Para contextualizar o caso, a produção solicitou imagens de arquivo ao CEDOC<sup>78</sup> da emissora. Começam aí os questionamentos sobre a forma correta de abordar o tema.

A editora do *JPB* questiona o uso das imagens de arquivo, pois para ela uma sonora<sup>79</sup> com um promotor explicando o que é *Bullying* já resolveria, já que ele poderia dizer se realmente esse caso pode ser considerado *Bullying* por ter atuado no combate a casos semelhantes. Por volta das dez horas da manhã a repórter continuava no cemitério. Por telefone ela, informava que o corpo da vítima ainda não havia chegado e perguntou à produção qual o encaminhamento, se a equipe deveria esperar ou voltar para a redação sem o material caso estivesse prevista a realização de outra reportagem. A ordem foi para esperar o corpo de toda forma. Com isso, a repórter que estava acompanhando o caso ficou retida mais tempo do que era esperado e ficou impossibilitada de entrevistar o promotor em tempo hábil para a sonora ser exibida ainda no telejornal do meio-dia.

Como se tratava de um tema delicado envolvendo adolescentes, as fontes apresentavam certa resistência ao convite para avaliar a ocorrência. A coordenadora de produção começa a articular a operação para realização da entrevista e mantém os primeiros contatos com a promotora responsável pelo caso do dia, mas ela se nega a falar e não admite que este caso seja tratado como *bullying*, o que já estava sendo feito por boa parte da imprensa local. Os jornalistas partiam do princípio de que a emissora não podia deixar de citar o caso, mas também não poderia afirmar que seria classificado como *bullying* sem uma

---

<sup>78</sup> CEDOC: Centro de Documentação. “Composto pelo arquivo de imagens e pesquisa de texto”. (PATERNOSTRO, 1999. p. 138)

<sup>79</sup> Sonora: “Termo usado nas redações de telejornalismo para indicar a entrevista de reportagem, a fala do entrevistado”. (MACIEL, 1995. P. 113).

confirmação oficial. A coordenadora de produção argumenta que se toda a imprensa está noticiando como *bullying*, isso deveria ser tratado de alguma forma na matéria, nem que seja para esclarecer e, se for o caso, desmentir esta versão. A equipe de produção pensa em como fazer isso sem a fala da promotora do caso e sem fazer com que a emissora assumisse um posicionamento na polêmica.

Ao discutir a relação entre jornalistas e fontes, Lage (2005. p. 57) alerta que “o resultado de uma consulta à fonte depende basicamente da intenção que essa fonte atribui ao repórter”. Neste caso, se considerarem a imprensa uma ameaça ou não possuírem uma relação de confiança, as fontes serão parcimoniosas nas respostas ou simplesmente se negarão a colaborar e fornecer informações. É o que ocorre com a promotora que foi designada para o caso do assassinato no colégio de Mangabeira. Como boa parte da imprensa já havia designado o crime com o rótulo de *bullying*, a promotora considerou irresponsável ou impertinente a presença da imprensa e se negou a falar, mesmo que para esclarecer a interpretação que ele julgava errônea. Por outro lado, veremos que outras fontes que já tinham colaborado com os jornalistas da redação em coberturas anteriores, irão colaborar mesmo não podendo fornecer todas as informações necessárias. O vínculo criado anteriormente contribui para o estabelecimento de colaboração entre fontes e jornalistas. Agentes de outros campos sociais se vêem envolvidos na teia de inter-relações da produção de notícias.

A produção então decide ouvir outro promotor que já tinha sido responsável por outros processos relativos a *bullying* na cidade. Obviamente, ele não poderia falar sobre o caso de hoje por não ter tido acesso oficial às informações da ocorrência e para não interferir no trabalho de uma colega. Mas para ele as perguntas seriam simples: “Promotor, o que é *Bullying*? Quando um caso de violência pode ser considerado *Bullying*? Quais as características?”

Como a repórter do caso está no cemitério, a coordenação de produção passa esse encaminhamento para outra repórter que não estava cobrindo o caso, pois a pauta que ela fazia já estava em fase de conclusão. A repórter, por telefone, questiona e argumenta que ficaria difícil para ela assumir a pauta por não ter informações sobre o caso. Todavia, a produtora informa que isso não vai atrapalhar, pois o próprio promotor já disse por telefone que não pode falar de um assunto que ele não tem acesso ao inquérito, investigado por uma colega. Seria apenas uma explicação geral sobre o *bullying*. Esse encaminhamento, que parece ser o único possível, causa insegurança na repórter e gera questionamentos na redação: “Será

que apenas essa resposta resolveria a polêmica nesse VT?”. Mesmo assim, a estratégia é seguida pelas duas equipes de reportagem envolvidas na cobertura do caso.

A repórter que estava no cemitério chega à redação por volta das onze horas da manhã e parece estar em dúvida se o caso que está acompanhando é mesmo *bullying* ou não. Isso porque a sonora com o promotor, que explicaria isso, ainda estava sendo feita por outra repórter, que por sua vez também não sabe do contexto acompanhado pela equipe de reportagem no bairro onde o crime aconteceu. O ideal, obviamente, seria que uma mesma repórter fizesse as duas partes da matéria, mas isso não pôde ser feito. Esperar a conclusão da cobertura do enterro para só depois fazer a sonora inviabilizaria a produção e edição do material em tempo hábil para ser exibido ao meio-dia. O *deadline*<sup>80</sup> não permitiria. Assim a produção preferiu dividir as tarefas para maximizar o tempo e viabilizar a exibição de um material mais completo e contextualizado já no *JPB 1ª Edição*.

A repórter que cobriu o enterro argumenta que a divisão de tarefas estaria dificultando a elaboração do texto e diz: “Não sei se é *bullying* ou não, não sei onde encaixo essa sonora (promotor)”. A dificuldade dela é puxar no texto uma fala sobre a qual não tem informações sobre a resposta do entrevistado. Às onze horas e dez minutos, a fita com a sonora do promotor chega à redação. A repórter responsável por fechar o texto pede explicações sobre o caso à colega que fez a entrevista, mas ambas parecem confusas. A coordenação de produção explica o foco proposto quando ficou decidido ouvir o promotor. Após entregar a fita, a repórter que entrevistou o promotor vai direto para fechar o texto do primeiro VT produzido por ela durante a manhã, sobre a paralisação dos médicos vinculados à prefeitura. A repórter do caso pega a fita e vai assistir a sonora do promotor em uma das ilhas de edição para conseguir entender como fechar o texto. As dúvidas da jornalista persistem mesmo assim, mesmo faltando pouco tempo para o jornal ir ao ar e esta matéria estava prevista para abrir a edição do dia.

Às 11h15 a chefia de redação intervém diretamente e começa a discutir o encaminhamento do VT com a repórter. É o chefe de redação quem possui a atribuição de decidir sobre questões polêmicas. Trata-se de um caso polêmico não apenas por despertar a curiosidade e a discussão pública, mas por provocar controvérsias internas na redação. Questionamentos que dividem opiniões na equipe, onde produtores, repórteres e editores

---

<sup>80</sup> *Deadline*: “Prazo de fechamento do jornal: prazo final de entrega das matérias prontas para ir ao ar”. (PATERNOSTRO, 1999. P. 140).

discordam e apresentam diferentes pontos de vista sobre a melhor abordagem para o assunto. É uma das funções da chefia de redação resolver essas polêmicas internas definindo qual a abordagem que será conferida ao tema e se responsabilizando pelo material que vai ao ar. Mesmo que não exista a concordância por parte da equipe, a decisão é seguida.

A discussão toma uma abrangência maior e passa a envolver vários integrantes da equipe de redação. A pressão do fechamento torna o debate ainda mais tenso, já que faltam apenas trinta minutos para o telejornal ir ao ar. A sonora do promotor que deveria solucionar a controvérsia, na verdade trouxe ainda mais polêmica. As duas repórteres discutem com o chefe de redação e apresentam o resultado das apurações realizadas simultaneamente. A editora-chefe do telejornal acompanha e opina sobre tudo, mas acompanha o debate da mesa onde está localizado o terminal de computador usado para fazer a paginação do telejornal. Ela não pode deixar de lado suas atribuições operacionais se não comprometeria toda a edição do jornal.

Agora a dúvida é a seguinte: O promotor disse que não poderia afirmar publicamente se o caso era *bullying* por uma questão ética, pois a responsabilidade sobre o caso era de outra promotora. Ele não podia se posicionar publicamente, mas em *off*<sup>81</sup> disse que pelas informações obtidas por meio da imprensa, acreditava que não era *bullying*. Na sonora, o promotor descreveu as características do *bullying*. Só que as características citadas pelo promotor são exatamente as mesmas citadas pelas testemunhas e familiares da vítima que foram entrevistados pela equipe de reportagem. Se a sonora tivesse sido feita pela mesma repórter que fez a apuração na escola e com os familiares, isso poderia ter sido discutido diretamente com o promotor. A repórter poderia questioná-lo, deixando-o a par do que foi relatado pelos envolvidos no caso.

Entretanto o material foi produzido separadamente e isso gerou uma contradição: o promotor define *bullying* da mesma forma que as vítimas descreveram o fato. Só que em *off* o promotor afirmou ter uma opinião contrária e que não poderia se envolver. Como fechar esse VT de forma lógica sem causar constrangimentos para as fontes e sem impelir a TV a adotar um posicionamento sobre o caso, mantendo a objetividade? O chefe de redação pondera e demonstra como o caso é complicado: “Se nem o cara concorda com o conceito dele! Tem que ter cuidado na edição pra não conduzir a fala dele.” Isso porque o uso das duas sonoras

---

<sup>81</sup> “*Em off*” ou “*off the record*”: “Informação obtida de uma fonte que não quer se identificar”. (BISTANE e BACELLAR, 2005. p. 135):



juntas daria a impressão de que o caso era mesmo *bullying* e que este seria o posicionamento do promotor. A repórter que gravou com o promotor teme que a fonte pense que a TV manipulou a fala na edição. Mas a repórter que manteve contato com as testemunhas argumenta: “Se ele (promotor) ver a sonora (das testemunhas) vai ver que é *bullying!*”. A editora do jornal concorda com este argumento, enquanto conclui a paginação do jornal.

O produtor que marcou a sonora com o promotor, aponta que ele disse por telefone que era *bullying*, mas que não queria se meter com a opinião da promotora. Percebe-se que a “manipulação” também ocorre em sentido inverso: ao estar com a repórter para gravar a fala, o promotor defende uma opinião diferente daquela demonstrada por telefone. Isto já pode ser considerado uma forma da fonte tentar conduzir a abordagem que a repórter vai conferir a matéria. E de fato consegue, pois ela é única jornalista da redação que expressa certo receio em colocar as sonoras juntas por achar que isso vai tornar a fala do promotor afirmativa. Assim, percebem-se restrições externas que também influenciam as decisões tomadas na redação, afinal trata-se de uma autoridade judicial.

Por fim, decide-se então que nem na cabeça, nem no texto a TV irá se posicionar ao dizer se o caso é *bullying* ou não. A dúvida, neste caso faz parte da notícia apresentada, pois ainda não há uma definição sobre um caso que ainda está sendo investigado. A fala do promotor é associada no VT não como uma avaliação do caso, mas sim como uma explicação geral sobre o *bullying* que poderia ajudar o público a entender o caso e tirar suas próprias conclusões a partir das falas dos familiares das vítimas. O *off* deixou claro que a promotora do caso afirma que não é *bullying*. Entretanto, o VT de fato dá a entender que este caso pode ser categorizado neste tipo de crime, mas omitir qualquer uma das sonoras seria uma manipulação muito mais incisiva do que exibi-las. É o que acreditam os jornalistas que decidiram por exibir a sonora. A noção clássica de que todos os lados devem ser mostrados foi usada pelos jornalistas neste caso. A “fonte oficial” que não quis se pronunciar foi substituída pela figura do “especialista”. As demais fontes tinham um caráter testemunhal, que tornavam o VT verossímil e aparentemente mais consistente.

Mal a pendência tinha sido resolvida e antes mesmo do *JPB 1ª Edição* entrar no ar, a produção já começava a elaborar uma forma de repercutir o caso no telejornal seguinte. Já que este foi considerado o tema do dia, deveria ser tratado com destaque no principal telejornal da emissora, o *JPB 2ª Edição*. A confluência contextual de vários valores de noticiabilidade e a forma como o caso vinha se desenrolando publicamente, proporcionou a sensação quase

unânime na redação que este deveria ser o assunto de maior destaque e como tal tinha de ser acompanhado com uma cobertura específica. A mesma repórter que fez a matéria e ouviu familiares e testemunhas foi escalada para “suitar”<sup>82</sup> a matéria, trazendo uma nova abordagem.

O encaminhamento desse novo VT foi decidido em uma conversa entre a coordenadora de produção e o editor do *JPB 2ª Edição*. Já às 11h40, a coordenadora de produção manteve o primeiro contato telefônico com o editor do telejornal da noite. A coordenadora explicou o que foi produzido sobre o caso e descreveu a matéria que estava pronta para ser exibida em seguida no *JPB1*. Para a suíte, o editor solicitou a fala de uma psicóloga analisando o problema da violência das escolas. A produção então procura de última hora uma psicóloga que aceite marcar para fazer uma fala em pleno horário de almoço, comentando um caso que provavelmente só tomou conhecimento pela mídia. Neste caso, não é o envolvimento com o caso que a credenciaria como fonte, mas o fato de ser reconhecida pela função social como “especialista no comportamento humano”, e como tal estaria legitimada para analisar de forma distanciada e objetiva o crime e o contexto mais amplo da violência escolar. A “objetividade” na ideologia do campo jornalístico se expressava nas escolhas retóricas e nas estratégias de construção da narrativa.

Após receber às orientações do editor, às 11h47, a coordenadora de produção discute com a repórter a nova abordagem que deverá ser aplicada ao mesmo tema. Ao chamá-la, a produtora diz que vai explicar a “tese” do editor sobre um VT com o tema “banalização da violência”, suitando o assassinato na escola. Ao ouvir a “tese”, a repórter se preocupa com o horário e a operacionalização da matéria: “Mas tu vai conseguir isso pra agora?”. A coordenadora de produção, responsável pela racionalização de todo o processo, argumenta que só tem esse horário pra fazer e que está tentando achar e convencer um psicólogo que fale sobre o tema.

O psicólogo falaria sobre as motivações de quem comete esse tipo de crime. Mas, o editor quer ainda outro “especialista”, segundo ele “alguém da área criminal” para falar sobre as penalidades quanto a crimes cometidos por adolescentes. O VT deveria trazer também um levantamento de outros casos semelhantes e imagens de arquivo. Um dos produtores reclama

---

<sup>82</sup> Suíte: “nome dado às reportagens de acompanhamento de determinado assunto jornalístico enquanto ele continua se desenvolvendo. A suíte vai atualizando as informações e sempre dá um relato sucinto dos fatos que lhe deram origem”. (MACIEL, 1995. p. 113). “Suitar”, no jargão jornalístico, significa a ação de produzir uma matéria com esta função de atualizar um tema já noticiado.

da determinação do editor do *JPB 2ª Edição* para usar as imagens de arquivo. Isso porque essas imagens já estavam selecionadas no CEDOC da emissora para serem usadas em uma reportagem que estava sendo produzida para o quadro “*Eu Quero Justiça*”, do *JPB 1ª Edição*. O produtor do quadro reclama e solicita que as imagens não sejam exibidas para que possam manter a atualidade na veiculação do quadro. Mas, mais uma vez, o factual fala mais alto. O tema do dia tem sempre prioridade total e as imagens são usadas.

A coordenadora de produção comenta com a repórter sobre outros casos mostrados pelo *JPB*, como o do Jardel, de 18 anos considerado o “terror” do Alto do Mateus, bairro periférico da cidade de João Pessoa. Na segunda-feira anterior, a emissora exibiu reportagens sobre a prisão de Jardel e os vários telejornais usaram a mesma expressão para defini-lo como o “terror do Alto do Mateus”. O rótulo era originário da forma como o acusado era chamado pelos policiais que já o conheciam e que se propagou pelo senso comum por meio da divulgação midiática. O acusado tinha comemorado o aniversário de 18 anos no mês anterior e foi preso pela primeira vez após completar a maior idade penal, mas já havia sido detido várias vezes enquanto menor, sempre sendo solto novamente.

Neste momento, a presença do pesquisador acaba interferindo no processo de construção da abordagem. Ao lado da coordenadora de produção, o pesquisador faz um comentário sobre a matéria, informando que pela lei a justiça poderia considerar o acusado como réu primário e receberá todos os benefícios dessa classificação, pois quando alguém faz 18 anos à ficha policial seria “zerada”, como se nunca tivesse crime nenhum. A afirmação dos pesquisador era que Jardel seria considerado réu primário, apesar das inúmeras prisões e a coordenadora de produção duvida um pouco da intervenção. Com razão, afinal o pesquisador não é especialista no assunto. Não são os especialistas quem tem voz no telejornalismo? Por outro lado, a jornalista demonstra certa indignação com o que ouviu. Sentimento similar aquele que provavelmente seria sentido por parte do público do telejornal ao ver a matéria sobre o tema. Contudo, a repórter concorda com as afirmações do “forasteiro na redação” e argumenta para a coordenadora de produção: “Mas é claro que ele tem a ficha limpa, sabe por quê? Menor não comete crime, comete infração. Menor não é preso, é apreendido. Se ele nunca foi “preso” e nunca “cometeu crime” como é que ele vai ter a ficha suja?”.

A coordenadora de produção se mostra ainda mais indignada e determina que esses aspectos do tema devem ser abordados no VT. A repórter, que também demonstra certa indignação, se empolga com a matéria e promete usar os mesmos argumentos dela na

passagem e de fato faz isso. A mesma informação sobre as expressões indicadas pela justiça para o tratamento dos menores, como “infração” e “apreendido”, é relatada na aparição da repórter que usou a mesma argumentação para explicar a forma como a justiça trata os adolescentes suspeitos de terem cometido algum “ato infracional similar a crime”, como nomeia a linguagem jurídica em vigor.

É interessante observar que essa abordagem também se relaciona com o cotidiano do trabalho da repórter. Ela enfatiza justamente um dos aspectos legais que mais interferem no seu trabalho, pois a preocupação com esses termos jurídicos é algo constante em sua rotina de trabalho no momento da produção dos textos factuais sobre a participação de menores em casos de violência. Este é mais um aspecto externo que formata parte da produção jornalística: a imposição de aspectos jurídicos que de certa forma, censuram e formatam o texto jornalístico.

A repórter manteve na reportagem o tom “objetivo”, “imparcial” e “impessoal” exigidos para a linguagem jornalística, mas também usou a pauta para se expressar de alguma forma, tanto que fez questão de repetir na passagem a argumentação usada na redação para discutir o tema de forma espontânea. O “sujeito jornalista” também consegue deixar marcas de sua subjetividade no discurso que produz, apesar do domínio da técnica da construção objetiva do texto jornalístico e do controle externo de instituições de controle, como neste caso a justiça e a legislação de proteção aos adolescentes. Aliás, o domínio da técnica de linguagem possibilita ao jornalista uma autonomia relativa por conhecer as regras do campo e assim poder prever estrategicamente o desenrolar da história. Se a repórter, por exemplo, não tivesse encontrado um especialista que desse respaldo técnico e objetivo à opinião expressa por ela, jamais poderia expressá-la individualmente na reportagem.

Enquanto o *JPB 1ª Edição* ainda está no ar, a produção continuava tentando localizar os “especialistas” exigidos para o VT que tratava da “tese” da violência e intolerância entre jovens. A coordenadora de produção tenta convencer uma psicóloga a gravar uma sonora sobre o tema daqui a meia hora ou no máximo quarenta minutos. Ao explicar a ideia da matéria para a psicóloga a ideia da matéria, a jornalista usa argumentos que indicam que a tese da matéria partiu de observações empíricas, como “Percebemos que os jovens hoje estão tão intolerantes, não é?”. Do outro lado da linha a psicóloga diz algo que concorda com a tese do VT e a jornalista sente que a hipótese terá confirmação. Observa-se aqui um diálogo entre diferentes tipos de conhecimentos e como o jornalismo se posiciona entre eles: A tese do

senso comum levantada pelo jornalista é confirmada pela especialista, porta-voz do conhecimento científico. Estabelece-se uma relação entre formas distintas de conhecimento da realidade social na construção do conhecimento jornalístico, que de certa forma contribui para a compreensão que o público irá construir sobre a realidade que o cerca no cotidiano. Vale lembrar, que o jornalismo costuma se posicionar como representante legítimo do público. Tal “função social” é um dos pilares legitimadores do modo de ação dos jornalistas, que se colocam ora como “fiscais” da sociedade e em outros momentos como representantes, perguntando aquilo que em tese “o público quer saber”.

Como o prazo para se realizar as marcações necessárias para esta pauta é mínimo, vários produtores tentam conseguir os personagens, cada um com sua agenda de telefones ligando para vários contatos em suas baias de trabalho. A coordenadora de produção comenta que a participação de vários produtores para a produção do VT VIOLÊNCIA/JOVENS se constitui como “É o mutirão da pauta!”.

Desde quando a primeira informação sobre o caso chegou à redação da emissora, vários “sujeitos jornalistas” interferiram na formatação das lentes usadas para observar e interpretar o fato a ser veiculado como notícia. Desde o produtor da noite que conseguiu detectar o caso por meio da consulta às fontes policiais na constante ronda telefônica. E até o editor do *Bom Dia Paraíba* que ainda de casa viu a notícia nos portais e ligou para a redação solicitando que alguma equipe de reportagem fosse encaminhada ao local para cobrir o caso e trazê-lo já no primeiro telejornal no início da manhã. Essa primeira abordagem, factual e objetiva, influenciou o tratamento conferido à pauta que seria encaminhada para as equipes de reportagem da manhã. Havia a sensação de que era necessário ir além do factual e trazer algo novo, explicando mesmo que superficialmente a classificação conferida pela legislação para esse tipo de fato e, por outro lado, enfatizando o caráter dramático do caso com a presença de amigos e familiares.

Ao descrever a forma como a informação circula entre os diferentes meios de comunicação como se fosse refletida num grande jogo de espelhos, Bordieu (1997, p. 32) explica que “para saber o que se vai dizer, é preciso saber o que os outros disseram”. Neste sentido, não apenas os jornalistas da equipe da TV Cabo Branco participaram da formatação da abordagem conferida pela emissora em seus telejornais, mas até mesmo a concorrência interferiu na interpretação construída coletivamente e expressa nos telejornais. O principal ponto polêmico da matéria do *JPB 1ª Edição* não começou na redação do telejornal, mas

surgiu da divulgação de informações desencontradas sobre o caso em diversos portais e emissoras de rádio. O choque de informações entre as fontes oficiais consultadas e a classificação já divulgada pelos demais órgãos de imprensa causou instabilidade. Provocou-se assim a necessidade de se tentar chegar a um consenso provisório que pudesse explicar ao público quem de fato tinha razão, ou pelo menos municiar os expectadores de informações que contribuem para o entendimento do fato ao invés de torná-lo mais confuso. Se vários órgãos de imprensa já tinham classificado o crime como *Bullying*, a ideia é que não seria possível simplesmente não citar essa hipótese. Isso ocorre porque os meios noticiosos utilizam os próprios concorrentes como fonte de informação, mesmo que duvidem de suas abordagens e refaçam todo o processo de apuração.

Neste processo complexo, cada jornalista que “toca” de alguma forma na informação que está sendo processada nas engrenagens das rotinas produtivas deixa marcas de sua subjetividade na interpretação do fato. Entretanto, a rigidez do modelo organizacional que estrutura a produção de notícias possui a função de apagar essas marcas e apresentar um relato coeso, consistente e pretensamente objetivo. Alguns sujeitos possuem maior poder de seleção e enquadramento, seja por definir os padrões a serem adotados pelos demais membros da equipe em suas escolhas ou então por terem a atribuição e o poder de cortar ou reelaborar as mensagens informativas construídas por outros jornalistas.

A hierarquia organizacional se expressa na linha de produção do jornalismo, promovendo uma divisão desigual do poder de expressão na construção de abordagens. Mas isso não significa que os extratos da base da pirâmide não tenham capacidade de influir no resultado final, até por que nesta complexa trama de negociações também existe dependência entre as chefias e os jornalistas com atribuições mais limitadas. Muitas das informações só chegam até as instâncias de controle e gestão por meio da atuação dos jornalistas do “chão de fábrica”, como se costuma dizer na linguagem cotidiana das redações. E estes “operadores da notícia” também exercem escolhas e definem seleções de enquadramentos, apesar de terem o comportamento regulado por padrões pré-estabelecidos.

Apesar de não adotarmos as noções teóricas de Foucault como fundamento de análise, é plausível relacionar essa distribuição assimétrica de capacidade de ação com a noção de poder proposta pelo filósofo francês. Primeiro por que esta capacidade de escolha e definição de prioridades é determinada pela diferença de lugar dos sujeitos no processo produtivo, o que se relaciona diretamente com o sistema de diferenciações que “permite agir sobre a ação dos

outros” (REVEL, p. 67). Para Foucault, esse sistema configura-se como “a condição de emergência e efeito das relações de poder”. Aqui, poder pode ser entendido como capacidade de ação sobre a ação dos outros e nesse sentido o grau de racionalização interfere na forma como o poder é exercido. Racionalização expressa em indicadores como eficácia dos instrumentos, custo econômico e política, obtenção de resultados considerados eficazes, dentre outros. Criam-se “modalidades instrumentais de poder” que atuarão tanto na institucionalização do poder, como definição de regulamentos, hábitos, normas, lugares de atuação, sistema de vigilância e controle.

A análise apenas do conteúdo expresso na mensagem comunicativa que vai ao ar não seria capaz de identificar a interferência dos múltiplos sujeitos atuantes. Incluindo aí, a participação efetiva das fontes que apesar de estarem vinculadas a outros espaços de atuação social, passam a fazer parte do campo jornalístico ao participarem de alguma forma da produção de sentidos. Mesmo quando se nega a contribuir com o fornecimento de informações, a fonte interfere na forma como o fato será relatado, assim como ocorreu no caso narrado anteriormente onde a polêmica surgia da diferença de pontos de vista manifestos pela promotora do caso que nega a falar, do promotor que concorda em opinar e das testemunhas do crime.

A coesão do relato é um dos fatores que garantem a sua verossimilhança. Apesar de muitas vezes os fatos serem realmente ambíguos e contraditórios, se o relato jornalístico também for confuso proporcionará a sensação no público de que a notícia não é crível. Quebraria-se assim o contrato de confiança que garante o fechamento do circuito da produção de sentido. Por isso, as lacunas da história precisam ser preenchidas. Mesmo que não haja respostas para as perguntas, se faz necessário explicar por que as dúvidas existem. O caminho mais comum adotado pelos jornalistas para se eximirem da necessidade de explicar as ambiguidades é justamente simplificá-las no enquadramento binário. São os “dois lados da história”, apresentados como os únicos extremos possíveis. Uma história com mais do que duas versões seria complicada demais para ser entendida em um VT de um minuto e meio. Por isso os jornalistas realizam escolhas mesmo quando pensam ter conseguido evitar o posicionamento, afinal a definição dos pontos de vista a serem mostrados jamais é aleatória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação das interações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no processo de produções de notícias possibilitou a obtenção de algumas inferências e apontamentos. Além disso, foi possível comprovar algumas das hipóteses que provocaram as inquietações que nortearam a pesquisa. Essa constatação se deu por meio da identificação de práticas e aspectos recorrentes no cotidiano do trabalho dos jornalistas nas redações observadas durante a pesquisa de campo.

A primeira hipótese a ser discutida refere-se ao aspecto relacional das rotinas produtivas. Foi possível perceber e entender a trama de negociações que compõem a produção de notícias em todas as etapas do processo. As negociações são aqui compreendidas enquanto práticas simbólicas e constituem uma das principais características do campo jornalístico. As notícias são produzidas em um ambiente organizacional formado por diversas maneiras de interação, estabelecidas entre os vários sujeitos envolvidos no processo.

Considerar o jornalismo com um campo de negociações é um dos eixos centrais das abordagens *etno-construcionistas* sobre as notícias. Traquina (2005a, p. 184) destaca que “esta teoria encara o processo de produção de notícias como um processo interativo, onde diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação constante”. Tais negociações ocorrem em vários sentidos. Sejam entre jornalistas e fontes, jornalistas e público, mas também entre os próprios jornalistas envolvidos na construção das abordagens.

A reunião de pauta se constitui como o momento onde o processo de negociação se torna mais evidente. É onde as tensões, contradições e divergências internas vem à tona. A análise da atuação dos jornalistas durante estes encontros de trabalho demonstrou que apesar das escolhas não serem individuais, cada sujeito busca interferir à sua maneira na definição das abordagens a partir da posição que ocupa no ambiente da redação. A hierarquia do jornalismo se reflete de forma clara nas relações que se estabelecem nas reuniões de pauta. Aliás, a definição de quem vai “ter voz” nessas reuniões também é uma demarcação hierárquica. Entretanto, as discussões e divergências não estão concentradas apenas na mesa dos editores e da chefia.



Foi possível observar que os jornalistas envolvidos costumam apresentar questionamentos e opiniões durante as interações cotidianas no espaço de trabalho. E isso ocorre não apenas nas reuniões de pauta. Por exemplo, os produtores geralmente discutem com a equipe de reportagem para encontrar e definir a melhor forma de se realizar uma reportagem. Estes profissionais interferem assim na formatação das abordagens, mesmo que ambos não tenham participado da reunião de pauta que definiu o encaminhamento da matéria e tenham de seguir as determinações provenientes dessa reunião. Percebe-se desse modo que são negociações contínuas e integradas. Editores, repórteres, produtores e cinegrafistas estão em constante interação em um processo que envolve tensões e discordâncias. A coesão apresentada pelo produto final, o telejornal, ao ser veiculado esconde as contradições internas do processo de produção, apagando as marcas dos sujeitos que o construíram. Por outro lado, o estabelecimento desta trama de interações reforça a noção de que a produção de notícias se configura como um processo intrinsecamente intersubjetivo, ou seja, construído no encontro e na relação entre os sujeitos e suas diversas formas de percepção e concepções de mundo. No caso do espaço das redações, esta relação é mediada pelas regras internas do campo jornalístico e pelas pressões e estímulos provenientes da estrutura organizacional das empresas jornalísticas.

Os próprios jornalistas percebem isso de forma empírica, o que ficou evidente nas discussões para a definição das escalas de reportagem. Em muitos casos, editores e produtores relacionavam os temas das matérias com a personalidade e o perfil profissional de cada repórter. O objetivo era definir qual profissional se encaixaria melhor a cada tipo de cobertura, desempenhando-a de acordo com as expectativas dos editores do telejornal. Acredita-se que com isso seria possível maximizar o resultado do trabalho aproveitando as características de cada jornalista. Na definição da escala dos repórteres, muitos dos critérios adotados são subjetivos, mas paradoxalmente possuem funções claras na racionalização e planejamento do processo produtivo. Por exemplo, geralmente os editores preferem que as mulheres repórteres produzam as matérias sobre comportamento e relacionamento. Isso porque o “senso comum da redação” acredita que as mulheres sejam mais sensíveis. Mais do que isso, os jornalistas acreditam que o público compartilha dessa mesma opinião e considerará a presença das mulheres mais adequada, pois os editores acreditam que os espectadores vão partir do mesmo pressuposto. Tenta-se entrar em sintonia com o senso comum. Quando se trata de reportagens factuais ou polêmicas, os critérios adotados são outros. Os editores e coordenadores de produção procuram escalar repórteres considerados

mais “espertos” e perspicazes, características relacionadas pelos jornalistas à agilidade na apuração e elaboração do texto.

Os repórteres preferidos são geralmente aqueles que conseguem resolver os problemas relativos às reportagens sem precisar fazer muitas solicitações aos produtores, atuando com maior segurança e autonomia. Para obter essa maior “autonomia”, se faz necessário que o repórter se sinta seguro para tomar decisões, sem a consulta constante à redação. Isso ocorre quando este “operador da notícia” naturaliza e apreende para si os valores e procedimentos pertencentes à linha editorial da empresa onde atua. Essa naturalização se dá por meio das interações cotidianas do fazer jornalístico.

Ao entrar para a profissão, o jornalista geralmente não recebe orientações precisas de seus colegas de redação ou uma cartilha com as normas e diretrizes da linha editorial. Pelo contrário, essas regras passam a ser conhecidas pelo surgimento de demandas específicas na rotina da redação ou por meio da observação da atitude dos jornalistas mais experientes. É interessante observar como a rapidez inerente à produção jornalística reflete-se na formação dos próprios profissionais, já que raramente foram observadas pausas para orientações aos jornalistas novatos ou estagiários. Muitas vezes só percebem as diretrizes da linha editorial de forma empírica, por meio da dialética entre erros e acertos, bem como de suas consequências explícitas em constrangimentos e gratificações simbólicas.

Ao direcionar o olhar para as interações estabelecidas no ambiente de produção jornalística, esta pesquisa possibilitou visualizar de forma mais clara o papel da argumentação no processo de definição de noticiabilidade e construção de abordagens. Como processo coletivo, é por meio da comunicação que se estabelece a construção de sentidos. Em várias situações relatadas, evidenciou-se que a argumentação entre os membros da equipe da redação é uma prática definidora das escolhas editoriais.

A argumentação se expressa de formas distintas a partir das injunções impostas pelos papéis hierárquicos desempenhados na redação. Argumentos que são entendidos como “ordens” ao serem preferidos pelas chefias, sendo absorvidos e acatados sem maiores questionamentos por parte dos demais membros da equipe. Por outro lado, essa discussão flui de forma mais equilibrada quando ocorre entre os profissionais que ocupam posições similares ou equivalentes. As opiniões divergentes se expressam de forma mais aberta, permitindo a visualização dos diversos pontos de vista dissonantes, ampliando as possibilidades de abordagem. Neste sentido, os pontos de discordância são férteis e

possibilitam o surgimento de novas perspectivas, mesmo que ainda tipificadas e previsíveis dentro dos modelos pré-estabelecidos das narrativas telejornalísticas. Entretanto, alternativas surgem no encontro entre diferentes pontos de vista que se tornam explícitos por meio da linguagem e da interação.

Neste sentido, relativiza-se a ideia de que os critérios de noticiabilidade possam ser adotados de maneira universal por toda a comunidade jornalística. De fato são compartilhados e conhecidos pelos membros do campo jornalístico, mas aplicados sempre de forma contextual e relativa. Além disso, foi possível observar que os critérios de noticiabilidade são usados em vários casos como parâmetros usados para fundamentar o modo como um fato será transformado em notícia e não apenas para realizar a seleção das notícias. Dito de outra forma, são usados para “encaixar” determinados fatos nos padrões pré-estabelecidos de enquadramento jornalístico. Os valores notícia não se impõem por si só aos jornalistas, mas são as ferramentas por meio das quais os fatos serão lapidados para tomar a forma esperada pelos quadros relativamente fixos das lentes do jornalismo. Mais do que “filtrar” os fatos noticiáveis, os valores notícia servem para “modelar” ou “formatar” a modo de apresentação narrativa dos fatos escolhidos para compor o noticiário. Assim sendo, não atuam apenas para definir a seleção dos fatos, mas também a escolha de quais aspectos serão ressaltados sobre cada assunto tratado enquanto notícia. Isso porque os jornalistas são impelidos a realizar várias escolhas referentes a cada etapa das rotinas produtivas.

Por exemplo, é o que acontece quando um jornalista diz que um fato pode não ser novidade e nem mesmo ter grande abrangência, mas ao ser relacionado com um critério de noticiabilidade legitimado pelo campo jornalístico passa a ser percebido como relevante e digno de se tornar público. O “gancho” jornalístico não está necessariamente atrelado às características do fato narrado, mas da perspectiva pela qual o narrador observa e conta a história. Ao perceber “ganchos jornalísticos” em fatos da banalidade do cotidiano, os operadores da notícia passam a encaixá-los nas fórmulas narrativas intrínsecas ao campo jornalístico.

Por outro lado, quando a lógica do “gancho jornalístico” é apropriada pelas fontes pode ser tornar uma eficiente “isca” para fisgar os jornalistas. É esta a estratégia usada principalmente pelas assessorias de imprensa e demais tipos de definidores primários, aqui compreendidos como as fontes profissionais especializadas em oferecer notícias pré-formatadas às redações. Usando uma metáfora bastante conhecida no mundo do jornalismo

que relaciona o processo de edição com a formatação de um cardápio, pode-se afirmar que os definidores primários ao identificar quais os ingredientes “preferidos” dos jornalistas na construção do menu informativo, pré-determinam as opções não apenas dos jornalistas como também do próprio público. Paradoxalmente, os primeiros filtros da produção de notícias são externos ao ambiente da redação. Afinal, só conseguirá se tornar notícia aquela informação que, antes disso, conseguir chegar à redação e for percebida como tal.

As fontes profissionais, capacitadas para a relação estratégica com os operadores da notícia, constituem-se como um núcleo de influência proeminente, mas não o único. Segmentos que não possuem instrumentos técnicos adequados também apreendem de forma empírica as normas implícitas do sistema de relevâncias dos jornalistas. Assim sendo, apesar de não produzirem *releases* ou boletins informativos, preparam manifestações e acontecimentos em torno de um determinado tipo de encenação, preparado para oferecer aos jornalistas as imagens e narrativas que procuram. Quando o homem comum percebe, por meio da perspicácia cotidiana, que o jornalismo enfatiza a ruptura, a transgressão e o inusitado, então passam a organizar e promover acontecimentos com estas características, para assim atrair os jornalistas. E isso é percebido pelos profissionais nas redações, que se veem impelidos a lidar cotidianamente com as diversas intencionalidades das fontes, que também não são imparciais e desinteressadas.

Percebe-se assim que o campo de forças do jornalismo é formatado pela tensão entre diferentes intencionalidades expressas pelos sujeitos que se inserem neste espaço de trocas simbólicas. Os diferentes tipos de fontes também entram na arena com expectativas sobre a relação com os jornalistas e interagem com estes profissionais de acordo com uma imagem pré-concebida sobre eles. Aspectos subjetivos como vaidade, status, poder, confiança e desconfiança, dentre outros fatores, compõem o cenário onde são construídos os vínculos entre fontes e jornalistas.

Quanto à relação com as fontes, a primeira observação a ser destacada refere-se aos procedimentos e critérios adotados pelos jornalistas para determinar quais tipos de fontes deverão ser consultadas e obter espaço de visibilidade no noticiário. A forma como a captação de notícias está organizada promove uma aproximação do jornalismo com as fontes oficiais ou especializadas. Essa característica está diretamente relacionada com os aspectos ideológicos que fundamentam e legitimam a atuação do jornalismo, como a noção de objetividade e imparcialidade. Em consequência disto, a rede de captação das notícias

apresenta lacunas quanto à cobertura de temas relativos ao cotidiano e a rotina dos cidadãos comuns. Isso ocorre principalmente, dentre outros motivos, porque os segmentos populares não possuem condições de estabelecer relações regulares e institucionais com o campo jornalístico. Como a estrutura de captação de notícias é predominantemente burocrática, não consegue dar conta de criar vínculos com indivíduos alheios às instituições sociais formais, como o estado, as empresas ou sindicatos e entidades representativas de classe ou associações não governamentais.

Ao abordar temas como saúde, vida doméstica e familiar ou então produzir as chamadas matérias de comportamento, o telejornalismo precisa buscar indivíduos que possuam histórias particulares condizentes com os temas abordados. São os chamados “personagens”, pessoas comuns que ilustram as narrativas jornalísticas com seus relatos particulares de experiências ou situações. Entretanto, a estrutura burocrática de captação de notícias não está preparada para abranger o particular e individual e por isso os jornalistas sentem constantes obstáculos na obtenção de fontes com perfis adequados aos papéis pr-estabelecidos pelas narrativas jornalísticas. Percebemos nestes casos que os jornalistas costumam recorrer à rede de relacionamentos pessoais para compor e complementar o leque de fontes, principalmente quando se trata de fontes testemunhais que relatem experiências de vida vinculadas a alguma tema mais amplo abordado na reportagem.

A imbricação entre vida particular e profissional se acentua no contexto das rotinas dos trabalhadores da notícia. Estes profissionais relatam de forma recorrente que estabelecem relações e vínculos nos espaços da vida privada sempre tendo em mente a busca por pautas e possíveis fontes. Muitos deles afirmam que costumam observar a realidade com “um olhar diferenciado”, um olhar jornalístico. Usando-se mais uma vez os termos do próprio jargão do ofício, usam o “faro jornalístico” mesmo quando estão fora da redação e da jornada de trabalho. Isso provoca, segundo o relato dos próprios jornalistas, a sensação de que o trabalho é ininterrupto, invadindo outros lugares da vida cotidiana dos operários da notícia.

Outro ponto discutido na análise se refere à autonomia dos jornalistas nas escolhas editoriais que definirão o que será, ou não, publicado como notícia sobre o cotidiano da cidade. Foi possível identificar que estas escolhas são formatadas e influenciadas por diversos fatores que compõem o ambiente organizacional de uma redação. A pressão do tempo, a estrutura hierárquica da redação, as questões técnicas e estruturais, a exigências da linguagem televisiva, as diretrizes impostas pela linha editorial e questões relativas à concorrência e

imagem do público. Estas são as injunções mais explícitas que interferem na construção de uma percepção particular do jornalismo sobre a realidade social.

Os critérios de relevância utilizados durante as rotinas produtivas são construídos e partilhados coletivamente. São difundidos entre os profissionais do jornalismo por meio de um processo de aprendizagem e modificação. Os critérios adotados na seleção e formatação das notícias são relativos e contextuais, assim como as escolhas provenientes da aplicação destes critérios. Aliás, muitos dos jornalistas entrevistados demonstraram não possuir uma visão clara sobre os critérios adotados por eles próprios no processo de seleção de notícias. Apesar de operarem cotidianamente com os valores notícia, não apresentaram uma organização sistemática dos diferentes critérios possíveis de aplicação nas rotinas produtivas. Apesar do jornalismo se constituir enquanto uma técnica e uma profissão, muitos destes “operadores da notícia” consideraram a escolha das notícias enquanto um processo “intuitivo” e não necessariamente racional. Essa classificação demonstra a aproximação entre o modo de conhecimento adotado pelo jornalismo e os saberes constituintes do senso comum, caracterizados por serem assistemáticos e intuitivos. Entretanto, a adoção desta postura no processo de produção das notícias pode dificultar o estabelecimento de parâmetros concretos que norteiem a atuação no trabalho jornalístico.

A hipótese de que o jornalismo produz um conhecimento específico com relações entre outros tipos de conhecimento pode ser comprovada. Para tanto, foi possível perceber a relação que o campo do jornalismo estabelece com outros campos sociais e outros tipos de saberes. Com relação à linguagem e aos modos narrativos, o telejornalismo fundamenta no senso comum. Este é o parâmetro. Adotado pelos jornalistas para contar suas histórias. Entretanto, para legitimar as informações presentes no noticiário, o telejornalismo baseia-se nos conhecimentos técnico-científicos. Em muitos dos casos apresentados, percebe-se que a estratégia discursiva do jornalismo busca explicar os aspectos cotidianos por meio da linguagem do senso comum, mas buscando explicá-los aos olhos da ciência e dos discursos dos especialistas.

Quanto à relação dos jornalistas com o tempo, dois aspectos centrais e interdependentes podem ser destacados. O primeiro ponto refere-se à pressa constante e o fetiche com o presente. Muito já se discutiu nos estudos sobre o campo do jornalismo sobre a influência da pressão exercida pelos apertados prazos de fechamento das edições. Este é um aspecto constitutivo do modo como se comportam os jornalistas, bem como da estrutura das

rotinas produtivas. A correria típica do ambiente da redação proporciona a sensação de que o tempo se esvai mais rapidamente na ampulheta dos editores de telejornais. O ritmo acelerado do jornalismo reflete-se diretamente no processo de apuração das informações e se torna um fator constitutivo do modo de conhecimento do jornalismo. Neste sentido, mais uma vez aproxima-se dos mecanismos de apreensão do real senso comum, pois também se vê impelido à interpretação os fatos na rapidez do desenrolar dos acontecimentos.

Entretanto, quando se trata de telejornalismo outras nuances podem ser percebidas e demonstram que neste contexto a relação dos jornalistas com o tempo se torna ainda mais complexa. A primeira delas é que o tempo do trabalho na redação é demarcado pelo ritmo de fluxo da grade de programação. Ao terem de lidar com vários prazos de fechamento que se sucedem no decorrer do dia, os jornalistas de TV passam a adotar a grade de programação da emissora em que atuam como parâmetro de tempo. É o fluxo ininterrupto da programação que determina a ação nas rotinas produtivas.

Isso pode ser percebido, por exemplo, nas diversas temporalidades que dividem em grupos os membros de uma redação de telejornalismo. Para ilustrar, observemos o caso do *JPB 1ª Edição*. Até o término da exibição do telejornal, a equipe de edição se vê totalmente direcionada a tarefa de colocar o jornal no ar em tempo hábil. Enquanto isso, as equipes de reportagem continuam na rua produzindo material para o telejornal seguinte, atendendo às demandas da previsão de cobertura da emissora. Já os produtores se vêem impelidos a atuarem em uma temporalidade distinta, enfatizando a construção de uma previsão que garanta o planejamento das coberturas futuras. O dia de “amanhã” se torna uma preocupação proeminente para os profissionais da notícia encarregados pela racionalização do sistema produtivo e maximização dos resultados da cobertura. Essas várias temporalidades se cruzam no decorrer das rotinas produtivas, gerando alguns conflitos e contradições, pois nem sempre é possível atender ao mesmo tempo às demandas imediatas e ainda assim prever às necessidades futuras.

O modo como o jornalismo de TV organiza a estrutura de captação de notícias e os valores intrínsecos ao campo jornalístico fazem com que se enfatizem os temas que representem uma ruptura ao ciclo de repetições da vida cotidiana. A morte, a festa, o inusitado e a infração se constituem como os aspectos preferenciais do jornalismo, principalmente quando proporcionam as condições para que se construam narrativas espetaculares sobre os fatos. Por outro lado, alguns movimentos podem ser percebidos no sentido de tentar retratar

determinadas situações que compõem a rotina dos espectadores, buscando uma aproximação com os aspectos da vida cotidiana. A linha editorial do jornal analisado enfatiza este tipo de abordagem ao direcionar a cobertura para temas de serviço e abrir espaço para questões mais amenas e reportagens sobre comportamento. A vida doméstica, o mundo do trabalho, questões afetivas e familiares e cuidados com a saúde e corpo são alguns dos temas que não se caracterizam pelo conceito clássico de notícia enquanto algo novo ou extraordinário. Trata-se aqui de um conteúdo informativo que busca criar vínculos de identificação com o público espectador, ou pelo menos, com a imagem presumida (VIZEU, 2005) que os jornalistas possuem sobre o próprio público. Esta imagem, apesar de não ser passível de comprovação, é um dos fundamentos adotados pelos profissionais da notícia para guiarem suas ações e decisões.

Ao considerarmos o campo jornalístico um lugar de constantes negociações, notamos que outros campos perpassam a arena do jornalismo estabelecendo relações de diversos tipos, seja de mútua cooperação ou de contradição. Um exemplo disso é a relação dos jornalistas com as fontes, por vezes tensa e outras tantas capazes de criar vínculos e colaborações constantes. As fontes constituem “os nós” que fazem com que a teia de captação de informações do jornalismo se estenda por diversas esferas da vida social.

Em contrapartida, o traçado desta rede noticiosa nos apresenta sinais indicativos dos aspectos ideológicos que fundamentam a prática do jornalismo, bem como a perspectiva adotada por este grupo para construir e disseminar interpretações sobre a realidade. É o que demonstra, por exemplo, a atuação das chamadas fontes profissionais que conseguem garimpar espaços privilegiados no campo do jornalismo ao lançarem a isca fácil das notícias prontas. Cabe então discutir a implicação destes desequilíbrios, principalmente em relação à forma como os grupos sociais que não possuem acesso privilegiado à mídia são mostrados nas telas de TV. Ao adotar enquadramentos pré-definidos para interpretar a realidade social, os jornalistas usam tipificações que contribuem para a realização do trabalho nas rotinas produtivas. Entretanto, se expõe ao risco de apresentar narrativas simplificadoras e até previsíveis. Um caminho possível para se evitar a monotonia das histórias pasteurizadas é a adoção de uma postura sensível para a percepção das nuances particulares de cada fato social, como chegou a ser observado em alguns casos aqui relatados. Quando os jornalistas conseguem encaixar seus modelos estéticos e editoriais aos acontecimentos da vida social, e não o contrário, torna-se possível abrir espaços de diálogo com as fontes e identificação com seus públicos. Assim, o papel comunicativo da informação telejornalística poderá ser viável.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. B. **O Povo Fala**: um cineasta na área de jornalismo da TV brasileira. São Paulo: SENAC, 2002.
- BALANDIER, G. Essai d'identification du quotidien. In: **Cahiers internationaux de sociologie**, vol. 74. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1983. Disponível em: <[http://classiques.uqac.ca/contemporains/balandier\\_georges/essai\\_identification\\_quotidien/essai\\_identification\\_quotidien.pdf](http://classiques.uqac.ca/contemporains/balandier_georges/essai_identification_quotidien/essai_identification_quotidien.pdf)>. Acesso em 31 de agosto de 2009.
- BAUDRILLARD, J. Televisão/Revolução: O Caso Romênia. In: PARENTE, André (org). **Imagem máquina**: a era das novas tecnologias do virtual. São Paulo: Editora 34, 1997.
- BECKER, B. 500 anos do descobrimento nos noticiários da TV. In: VIZEU, A. PORCELLO, F. MOTA, C. (orgs.). **Telejornalismo**: a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.
- BERGER, P; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Mendes. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BISTANE, L; BACELLAR, L. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BONNER, W. **Jornal Nacional**: Modo de Fazer. São Paulo: Globo, 2009.
- BORDIEU, P. **Sobre Televisão**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- CRESPI, F.; FORNARI, F. **Introdução à Sociologia do Conhecimento**. Bauru: EDUSC, 2006.
- CORCUFF, P. **As Novas Sociologias**: Construções da Realidade Social. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2001.
- CURADO, O. **A Notícia na TV**: O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.
- DANCYGER, K. **Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo**: História, Teoria e Prática. Tradução de Maria Angélica Marques Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- DUARTE, E. B. **Televisão**: Ensaios Metodológicos. Porto Alegre, RS: Sulina, 2004.
- DUARTE, E. Por uma epistemologia da comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo (Org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge ; BARROS, Antônio. (org.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- NEVEU, É. **Sociologia do Jornalismo**. Tradução e Daniela Dariano. São Paulo: Loyola, 2006.

FAUSTO NETO, A. Mutações nos discursos jornalísticos: da ‘construção da realidade’ a ‘realidade da construção’. In: FELIPPI, Ângela ; SOSTER, Demétrio; PICCININ, Fabiana. (org.) **Edição em Jornalismo: Ensino, teoria e prática**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

FECHINE, Y. **Televisão e presença: Uma abordagem semiótica da transmissão direta**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FIRMINO, F. **RJ-Móvel: redação móvel da Rede Globo**. 2007. Disponível em: <<http://jornalismomovel.blogspot.com/2008/04/rj-mvel-redao-mvel-da-rede-globo.html>>. Acesso em 09/03/2010.

FONSECA JR, W. Análise do Conteúdo. In: DUARTE, Jorge ; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GADINI, S. L. Em Busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. In: **Revista Famecos**. Nº 33, Agosto. Porto Alegre: Edipucrs, 2007. p. 79-88. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/33/gadini.pdf>>. Acesso em: 27/08/2009.

\_\_\_\_\_. **Uma Perspectiva Teórica Construcionista nos Estudos em Jornalismo: ensaio para discutir a produção jornalística contemporânea**. São Paulo: FNPJ, 2008. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=283&cf=12>>. Acesso em: 13/08/2009.

GEERTZ, C. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

GENRO FILHO, A. **O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GUESSER, A. H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. In: **Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 1, nº1, agosto-dezembro. Florianópolis: UFSC, 2003. p. 149-168. Disponível em: <[http://www.emtese.ufsc.br/h\\_Adalto.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/h_Adalto.pdf)>. Acesso em: 23/06/2008.

HERSCOVITZ, H. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (orgs.) **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HOHLFELDT, A. Hipóteses Contemporâneas de Pesquisa em Comunicação. In: HOHLFELDT, A. MARTINO, L. FRANÇA, V. (Org.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ORTEGA, F; HUMANES, M. L. **Algo más que periodistas: sociología de una profesion**. Barcelona: Ariel, 2000.

INVOLUÇÃO Televisada. **Imprensa**. São Paulo, nº 244, abril de 2009.

JOST, F. **Seis Lições sobre Televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KOTSCHO, R. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Ática, 2003.

LAGE, N. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LAGO, C. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (orgs.) **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LINS, F. **Identidade Regional nas Vinhetas dos Telejornais**: uma análise da representação visual na TV Panorama. Intercom: 2007. Disponível em: <[https://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/a/ad/50-Identidade\\_regional\\_-\\_Flavio.pdf](https://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/a/ad/50-Identidade_regional_-_Flavio.pdf)>. Acesso: 22 de jan. de 2010.

MACIEL, P. **Jornalismo de Televisão**: Normas Práticas. Porto Alegre: Sagra – DC Luzatto, 1995.

MAFFESOLI, M. **A Conquista do Presente**. Tradução de Alípio de Souza Filho. Natal: Argos, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Conhecimento Comum**: compêndio de sociologia compreensiva. Tradução de Aluizio Ramos Trinta. Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Mistério da Conjunção**: Ensaios sobre Comunicação, Corpo e Socialidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Ritmo da Vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARQUES, C. TV Cabo Branco Lidera última pesquisa Ibope. **Jornal da Paraíba**, Paraíba, 1 Nov. 2009. Geral, p. 7.

MARQUES, F. **Interpretação de Produtos Culturais**: Contributos de uma abordagem etnometodológica aos estudos da comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/marques-ester-abordagem-etnometodo.pdf>>. Acesso em 28 de agosto de 2009.

MARTINS, G. **Estudo de Caso**: Uma Estratégia de Pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATTELART, A; MATTELART, M. História das Teorias da Comunicação. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2008.

MIÈGE, B. O Pensamento Comunicacional. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.

MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2002.

MEDITSCH, E. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?**. Conferência proferida nos Cursos de verão da Arrábida, Portugal, 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em 12 de agosto de 2008.

MINIAURÉLIO: O Dicionário da Língua Portuguesa. 6 ed. Curitiba: Positivo, 2005.

**MICHAELIS:** Pequeno dicionário inglês-português, português-inglês. São Paulo: Companhia Melhoramentos: 2002.

MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos:** Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MOTA, C.L. Discursos da periferia nas notícias locais da TV. **Anais do 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor.** Aracaju-SE: UFS, 2007.

MOTTER, P. O uso político das concessões das emissoras de rádio e televisão no governo Sarney. In: O Enredo Eleitoral. **Revista Comunicação e Política**, Vol. 1, nº1, Agosto-novembro. Rio de Janeiro: Cebela, 1994.p.89-115.

NOBLAT, R. **A Arte de Fazer um Jornal Diário.** São Paulo: Contexto, 2006.

PAIS, J. M. **Vida Cotidiana:** Enigmas e Revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PARK, R. A Notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, C; MAROCCO, B. **A Era Glacial do Jornalismo:** Teorias Sociais da Imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PATERNOSTRO, V. I. **O Texto na TV:** Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, L. H. M. Jornalista para quê e para quem? **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo.** Vol. 1, nº 2, agosto-novembro. Brasília: FNPJ, 2007. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=7>>. Acesso em: 21 de março de 2009.

PEREIRA JÚNIOR, L. C. **A Apuração da Notícia:** Métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Vozes, 2006

PEREIRA, W. A Comunicação e a Cultura do Cotidiano. In: **Revista Famecos.** Nº 32, Abril. Porto Alegre: Edipucrs, 2007. p. 66-70. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/32/wellington\\_pereira.pdf](http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/32/wellington_pereira.pdf)>. Acessado em 27/08/2008.

\_\_\_\_\_. **O Trabalho de Sísifo:** Jornalismo e Vida Cotidiana. João Pessoa: Manufatura, 2004.

PICCININ, F. O telejornal de "intermezzo": questões sobre a TV e o jornalismo em transição. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO - SBPJOR, 5, Aracaju-SE, 2007. **Anais...** Aracaju-SE: SBPJOR, 2007.

PIGNATARI, D. **Signagem da Televisão.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

PINHEIRO, R. **Inserção da Rede Globo no Mercado de Televisão Pernambucano.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). Recife: UFPE, 2007.

RATTON JR, J. L. **Senso Comum, Linguagem, ação e ordem:** uma introdução à etnometodologia. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/eso/revista4/ratton.html>>. Acesso em: 23/06/2010.

REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil: Um Perfil Editorial**. 2.ed. São Paulo: Summus, 2000.

REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SCHUTZ, A. **El Problema de La Realidad Social**. 2 ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

SILVA, C. F. As regras do jogo e o jogo das regras. In: VOTRE, S. J. (Org.). **Representação social do esporte e da atividade física: ensaios introdutórios**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto / INDESP, 1998. p. 29-51. Disponível em: <<http://www.geocities.com/aotil/lavie.html>>. Acesso em : 23/06/2008.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2002.

SOARES, M. **A interiorização da notícia nas emissoras afiliadas à Rede Globo na Paraíba**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social). Campina Grande: UEPB, 2005

TALESE, G. Sr. Má notícia. In: **Fama & Anonimato**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOURINHO, C. **Jornalismo regional e Optativo na Rede Globo: programa Paineis de Domingo**. Vitória: Espaço Livros, 2007.

\_\_\_\_\_. **Inovação no Telejornalismo: o que você vai ver a seguir**. Vitória: Espaço Livros, 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo 1: Por que as notícias são como são**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo 2: A tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, I. Etnografia da Comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Mundo dos Jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

TV PARAÍBA. Departamento de Marketing. **Seu Guia para um bom planejamento de mídia: pesquisa de audiência**. Campina Grande: 2007.

TEDESCO, J. C. **Paradigmas do Cotidiano: Introdução à Constituição de um Campo de Análise Social**. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNESC; Passo Fundo:UPF, 2003.

TÉTU, J. A Informação Local: Espaço Público e suas Mediações. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. (orgs.) **O Jornal da Forma ao Sentido**. Tradução de Sérgio Grossi Porto. Brasília, DF: Paralelo 15, 1997.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. (org.) **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VIZEU, A; CORREIA, J. A Construção do Real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. (Org.) **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIZEU, A. **Decidindo o que é Notícia**: Os bastidores do telejornalismo. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf>>. Acesso em 15 de abril de 2009.

\_\_\_\_\_. **O Lado Oculto do Telejornalismo**. Florianópolis, SC: Calandra, 2005.

\_\_\_\_\_. O newsmaking e o trabalho de campo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (orgs.) **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Telejornalismo**: o Conhecimento do Cotidiano. COMPÓS, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/estudos2005.htm>>. Acessado em 12/01/2008.

VIZEU, A. PORCELLO, F. MOTA, C. (orgs.). **Telejornalismo**: a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.

WATIER, P. **Uma Introdução à Sociologia Compreensiva**. Tradução de Débora de Castro Barros. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

WATTS, H. **On Câmera**: o curso de produção de filme e vídeo da BBC. Tradução de Jairo Tadeu Longhi. São Paulo: Summus, 1990.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1987.

YORKE, I. **Jornalismo Diante das Câmeras**. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1998.

**ANEXOS A**

**Audiência TV Cabo Branco - Fonte: Jornal da Paraíba em 1 de novembro de 2009**

INDISCUTÍVEL/ Pesquisa realizada de 11 a 17 de setembro revela que a afiliada da Rede Globo na capital detém a audiência durante todo o dia

# TV Cabo Branco lidera última pesquisa Ibope

■ CAROL MARQUES

Uma liderança indiscutível. Assim foi o resultado da TV Cabo Branco na última pesquisa do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), realizada no período de 11 a 17 de setembro. A afiliada da Rede Globo em João Pessoa detém as maiores médias de audiência durante 100% do dia, superando-se em relação ao ano passado, quando já havia alcançado a marca superlativa de 97%.

Dos 40 programas mais assistidos na cidade, todos são da emissora. Durante os três turnos, os números impressionam. Pela manhã, de cada cem televisores ligados, 50 estão sintonizados na TV Cabo Branco. Já à tarde são 56 e à noite esse número chega a quase 70.

Entre os programas mais vistos pela população pessoense, destacam-se Vale a Pena Ver de Novo, com 79,2% de parti-

cipação. Isso significa que de cada cem aparelhos ligados em sua faixa horária, quase 80 assistem à reprise da novela Alma Gémea.

A segunda atração de maior participação é o telejornal local JPB 2ª edição, comandado pela apresentadora Edilane Araújo. O tradicional boa-noite é visto em 76 de cada centena de televisores sintonizados. O terceiro lugar, por sua vez, ficou com a novela das 20h, *Viver a Vida*, mais um sucesso do escritor Manoel Carlos, que atingiu acima de 75 aparelhos.

Para o superintendente da TV Cabo Branco, Guilherme Lima, a liderança já era aguardada. "Há anos temos sido líderes de audiência na capital paraibana, mas é sempre motivo de orgulho e satisfação quando esse resultado se mantém o dia inteiro, sem exceção. O esforço cotidiano da nossa equipe justifica os números obtidos", comemorou.

*Segundo o Ibope, dos 40 programas mais assistidos na cidade, todos são da emissora*



APRESENTADORES | Rejane Negreiros (Bom Dia Paraíba), Kako Marques (Globo Esporte), Edilane Araújo (JPB 2ª Edição) e Carla Visani (JPB 1ª Edição e PB Comunidade)

## Telejornais conquistam credibilidade e preferência

Conquistando cada vez mais credibilidade e preferência, os telejornais da TV Cabo Branco tiveram um resultado excepcional na mais recente pesquisa do Ibope. Todos os programas superam largamente a concorrência e se confirmaram como líderes absolutos.

A preferência na manhã já começa em alta. O telejornal matutino Bom Dia Paraíba, apresentado por Rejane Negreiros, é transmitido em cerca de 53 televisores de cada cem ligados. Em seguida, por volta das 8h, o resumo dos últimos acontecimentos no Paraíba Notícia é a atração escolhida em mais de 44% dos televisores. No horário do almoço o canal 7 também é líder absoluto, com o JPB 1ª edição, comandado por Carla Visani, e o Globo Esporte local, com Kako Marques.

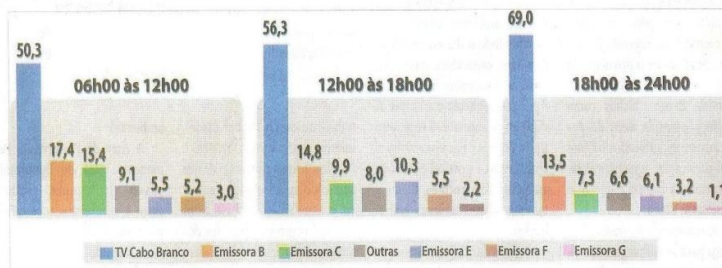
Segundo a editora-chefe da afiliada Globo, Ana Viana, a conquista da liderança se deve ao trabalho focado no conteúdo comunitário e na prestação de serviço. "É fundamental ter como meta a conscientização, a abertura de espaço para as reivindicações, a cobrança de atitudes e respostas

das autoridades em relação aos problemas da cidade. É isso que fazemos nos nossos telejornais: mostrar reportagens que ajudem a nos tornar mais dignos e críticos", afirma.

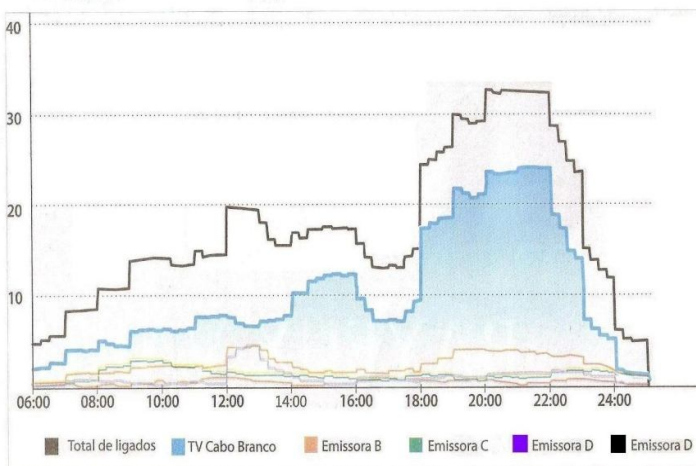
Aos domingos, o público continua sintonizado na afiliada global. Acima de 60 TVs ligadas exibem Carla Visani no programa Paraíba Comunidade. Mas é durante a semana que o telejornalismo local atinge seu ápice, com 76% dos aparelhos ligados transmitindo o JPB 2ª edição. Um resultado que caracteriza praticamente uma unanimidade.

Ana Viana explicou que a equipe da emissora é coesa em relação ao objetivo diário do seu trabalho e isso agrada os telespectadores. "Fazemos jornalismo para que o cidadão tenha um canal de voz e aprenda a brigar por seus direitos e espaço na sociedade. Produtor, editor, repórter, cinegrafista, todos caminhamos no sentido de fazer um jornalismo de qualidade, levando aos lares de João Pessoa todos os ângulos da notícia", concluiu. (CM)

GRÁFICO DE PARTICIPAÇÃO DAS EMISSORAS NOS TURNOS DA MANHÃ, TARDE E NOITE



CURVA DE AUDIÊNCIA DOMICILIAR - SEGUNDA A DOMINGO



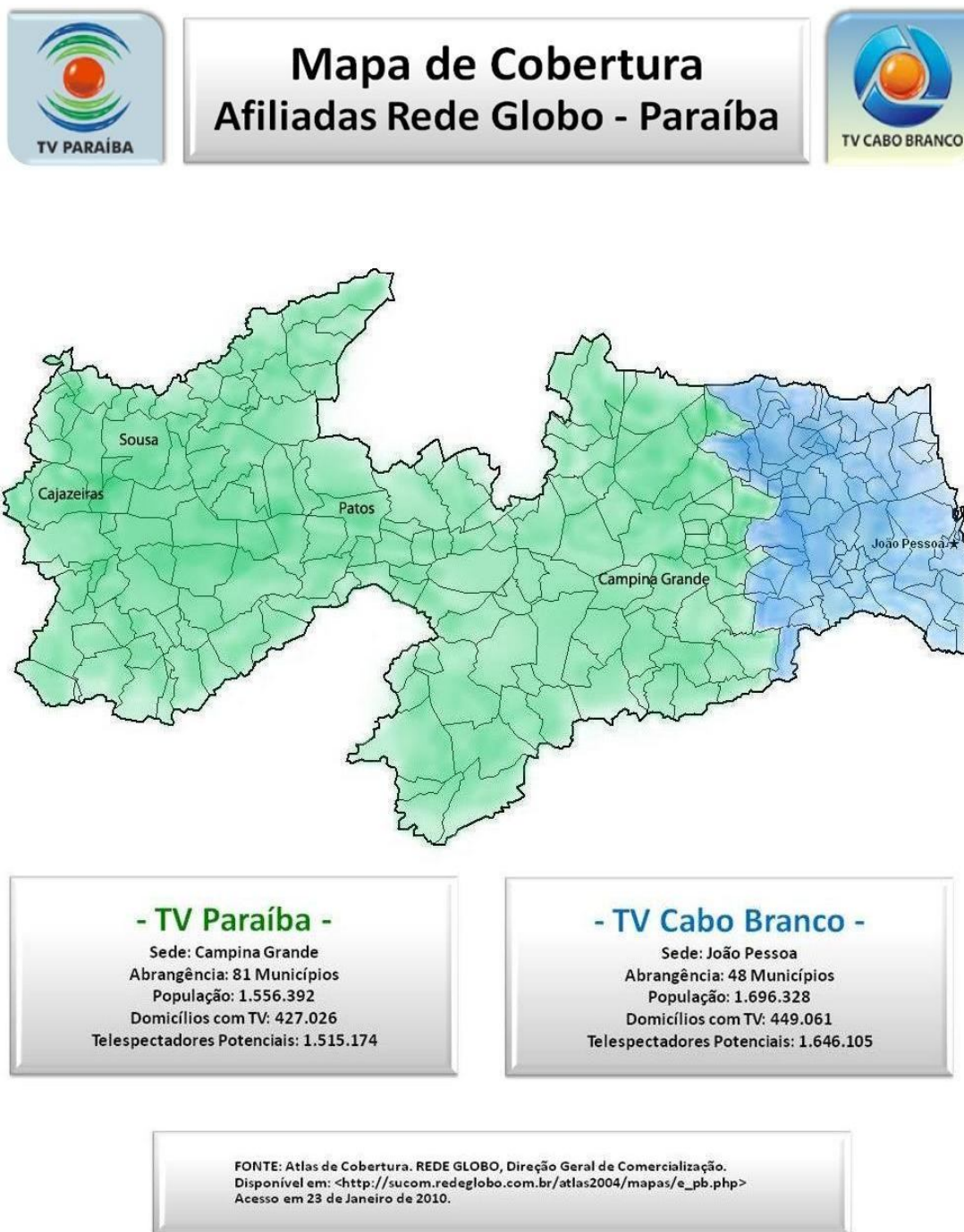
FONTE: Ibope Media Quiz - 11 a 17 de setembro de 2009 - João Pessoa-PB - Audiência e Share (%) domiciliar.

Fig. 27 – Reprodução de reportagem publicada no Jornal da Paraíba de 1 de Novembro de 2009.



**ANEXOS B**

**Mapa de Cobertura - TV Cabo Branco e TV Paraíba**



**Fig. 28** – Mapa de Cobertura das Emissoras Afiliadas Globo no Estado da Paraíba. O sinal das TV's Cabo Branco e Paraíba atinge 57,45% do estado, totalizando 129 municípios na área de cobertura. A Paraíba possui 223 municípios.

**ANEXOS C**

**Área de Cobertura - TV Cabo Branco**

Cobertura > PARAIBA > TV CABO BRANCO - CANAL 7 - JOÃO PESSOA					
Estados Cobertos	Mun.	População	DTV	Tel. Pot.	IPC %
PARAIBA	48	1.696.328	449.061	1.646.105	0,776
TOTAL	48	1.696.328	449.061	1.646.105	0,776
Municípios Cobertos		População	DTV	Tel. Pot.	
PB - ALAGOA GRANDE		27.673	7.114	26.696	
PB - ALHANDRA		17.926	4.315	16.534	
PB - ARACAGI		16.520	4.200	15.696	
PB - ARARUNA		18.526	4.583	17.736	
PB - BAIA DA TRAIÇAO		7.296	1.627	6.733	
PB - BANANEIRAS		20.713	5.006	19.718	
PB - BAYEUX		102.691	26.463	100.245	
PB - BELEM		18.313	4.973	17.834	
PB - BORBOREMA		5.159	1.283	4.986	
PB - CAAPORA		20.464	4.580	18.826	
PB - CABEDELO		53.517	14.759	51.977	
PB - CALDAS BRANDAO		5.347	1.394	5.055	
PB - CAPIM		5.616	1.281	5.264	
PB - CASSERENGUE		6.567	1.614	6.199	
PB - CONDE		19.670	4.941	18.821	
PB - CRUZ DO ESPIRITO SANTO		14.790	3.431	14.238	
PB - CUI TE DE MAMANGUAPE		6.025	1.481	5.615	
PB - CUI TEGI		7.519	1.804	7.142	
PB - DUAS ESTRADAS		3.937	969	3.685	
PB - GUARABIRA		58.146	15.454	56.717	
PB - INGA		18.295	4.689	17.356	
PB - ITABAIANA		26.339	7.050	25.201	
PB - ITAPOROCA		16.250	4.073	15.621	
PB - ITATUBA		9.867	2.375	9.336	
PB - JACARAU		13.563	3.327	12.259	
PB - JOAO PESSOA		725.471	204.036	715.902	
PB - LAGOA DE DENTRO		7.217	1.852	6.771	
PB - LUCENA		10.778	2.512	10.064	
PB - MAMANGUAPE		42.866	10.426	40.905	
PB - MARCACAO		7.000	1.586	6.389	
PB - MARI		22.048	5.808	21.073	
PB - MATARACA		7.470	1.581	6.724	
PB - MOGEIRO		11.766	2.986	11.164	
PB - NATUBA		9.570	2.224	8.982	
PB - PEDRAS DE FOGO		26.201	6.194	24.587	
PB - PILAR		11.421	2.889	10.720	
PB - PILOES		6.724	1.466	6.381	
PB - PIRPIRITUBA		10.772	2.792	10.472	
PB - PITIMBU		16.151	3.796	15.048	
PB - RIACHAO DO BACAMARTE		4.278	1.130	4.102	
PB - RIO TINTO		23.046	5.945	22.085	
PB - SANTA RITA		131.288	33.616	127.707	
PB - SAO JOSE DOS RAMOS		5.173	1.247	4.872	
PB - SAO MIGUEL DE TAIPU		6.285	1.488	5.946	
PB - SAPE		48.753	12.249	47.031	
PB - SERRARIA		6.514	1.516	6.104	
PB - SOBRADO		6.500	1.636	6.346	
PB - SOLANEA		28.307	7.300	27.240	

**Tabela 1** – Área de Cobertura da TV Cabo Branco.

Fonte: Atlas de Cobertura. REDE GLOBO, Direção Geral de Comercialização. Disponível em :

<[http://sucom.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/php/con\\_emissora.php?pexib=JP&puf=PB](http://sucom.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/php/con_emissora.php?pexib=JP&puf=PB)>. Acesso em 23 de janeiro de 2010. Observação: “DTV” = Domicílios com TV e “Tel. Pot” = telespectadores potenciais.

**ANEXOS D**

**Área de Cobertura - TV Paraíba**

Cobertura > PARAIBA > TV PARAÍBA - CANAL 3 - CAMPINA GRANDE					
Estados Cobertos	Mun.	População	DTV	Tel. Pot.	IPC %
PARAIBA	81	1.556.392	427.026	1.515.174	0,472
TOTAL	81	1.556.392	427.026	1.515.174	0,472
Municípios Cobertos		População	DTV	Tel. Pot.	
PB - AGUA BRANCA		9.639	2.365	8.952	
PB - ALAGOA NOVA		19.930	5.163	19.514	
PB - ALCANTIL		5.252	1.393	4.991	
PB - AMPARO		2.092	601	2.041	
PB - ARARA		12.881	3.715	12.445	
PB - AREIA		25.805	6.381	24.813	
PB - AREIAL		6.483	1.837	6.418	
PB - AROEIRAS		19.810	5.231	19.141	
PB - BARRA DE SAO MIGUEL		5.636	1.586	5.435	
PB - BELEM DO BREJO DO CRUZ		7.299	1.742	6.810	
PB - BOA VISTA		5.942	1.608	5.885	
PB - BOM SUCESSO		5.332	1.501	5.022	
PB - BOQUEIRAO		16.469	4.517	16.105	
PB - BREJO DO CRUZ		12.939	3.426	12.543	
PB - BREJO DOS SANTOS		5.937	1.648	5.737	
PB - CABACEIRAS		5.143	1.485	5.068	
PB - CACIMBA DE DENTRO		17.757	4.563	16.963	
PB - CAJAZEIRAS		58.268	16.710	57.019	
PB - CAMALAU		5.994	1.685	5.506	
PB - CAMPINA GRANDE		386.336	110.271	382.312	
PB - CATINGUEIRA		5.039	1.183	4.761	
PB - CATOLE DO ROCHA		28.661	7.826	27.978	
PB - CATURITE		4.640	1.317	4.608	
PB - CONCEICAO		18.110	4.544	16.996	
PB - CONDADO		6.956	1.857	6.732	
PB - COREMAS		15.802	4.167	14.997	
PB - CUBATI		6.590	1.813	6.340	
PB - CUIITE		20.963	5.761	20.021	
PB - DAMIAO		5.031	1.185	4.600	
PB - DESTERRO		8.246	2.245	8.059	
PB - EMAS		3.397	811	3.257	
PB - ESPERANCA		31.042	8.888	30.446	
PB - FAGUNDES		12.254	3.237	11.897	
PB - GADO BRAVO		8.508	2.019	8.160	
PB - GURJAO		3.114	887	3.080	
PB - IBIARA		6.345	1.643	5.883	
PB - ITAPORANGA		23.382	6.155	22.602	
PB - JERICO		8.154	1.990	7.642	

Tabela 2 – Área de Cobertura da TV Paraíba.

Atlas de Cobertura. REDE GLOBO, Direção Geral de Comercialização. Disponível em :

<[http://sucom.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/php/con\\_emissora.php?pexib=CPG&puf=PB](http://sucom.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/php/con_emissora.php?pexib=CPG&puf=PB)>. Acesso em 23 de janeiro de 2010. Observação: “DTV” = Domicílios com TV e “Tel. Pot” = telespectadores potenciais.

Cobertura > PARAIBA > TV PARAÍBA - CANAL 3 - CAMPINA GRANDE			
PB - JUAZEIRINHO	16.583	4.111	15.983
PB - JUNCO DO SERIDO	6.778	1.775	6.499
PB - JURU	10.619	2.561	9.913
PB - LAGOA SECA	25.913	6.930	25.515
PB - LIVRAMENTO	7.371	1.935	7.008
PB - MAE D'AGUA	4.154	1.045	3.905
PB - MALTA	5.840	1.572	5.541
PB - MARIZOPOLIS	6.501	1.688	6.235
PB - MASSARANDUBA	13.030	3.631	12.708
PB - MATINHAS	4.344	1.069	4.169
PB - MATUREIA	6.042	1.598	5.894
PB - MONTADAS	4.781	1.324	4.676
PB - MONTEIRO	31.286	9.360	30.289
PB - NOVA FLORESTA	10.462	2.950	10.182
PB - NOVA PALMEIRA	4.113	1.149	3.915
PB - PARARI	1.275	379	1.235
PB - PATOS	101.419	28.018	99.804
PB - PAULISTA	12.083	2.976	11.420
PB - PEDRA BRANCA	3.883	926	3.698
PB - PIANCO	16.564	4.443	15.847
PB - PICUI	19.486	5.358	18.743
PB - POCINHOS	16.639	4.472	16.140
PB - POMBAL	32.655	9.155	31.800
PB - PRINCESA ISABEL	20.139	5.342	19.401
PB - PUXINANA	13.421	3.770	13.274
PB - QUEIMADAS	40.545	11.440	40.046
PB - REMIGIO	17.535	4.846	17.118
PB - SANTA LUZIA	14.842	4.171	14.493
PB - SANTA TERESINHA	4.810	1.220	4.667
PB - SANTANA DOS GARROTES	7.870	1.842	7.105
PB - SAO BENTINHO	4.242	1.080	3.990
PB - SAO BENTO	30.555	7.769	29.707
PB - SAO JOSE DE PIRANHAS	19.668	4.980	18.291
PB - SAO MAMEDE	8.050	2.214	7.786
PB - SAO SEBASTIAO DE LAGOA DE ROCA	11.397	3.027	11.241
PB - SERRA BRANCA	12.902	3.939	12.506
PB - SERRA REDONDA	7.969	2.330	7.790
PB - SOLEDADE	13.717	3.683	13.352
PB - SOUSA	66.352	18.197	64.875
PB - SUME	17.186	5.294	16.683
PB - TAPEROA	15.338	3.925	14.463
PB - TEIXEIRA	14.270	3.838	13.998
PB - VARZEA	2.585	738	2.490

**Tabela 3** – Área de Cobertura da TV Paraíba.

Atlas de Cobertura. REDE GLOBO, Direção Geral de Comercialização. Disponível em :

<[http://sucom.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/php/con\\_emissora.php?pexib=CPG&puf=PB](http://sucom.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/php/con_emissora.php?pexib=CPG&puf=PB)>. Acesso em 23 de janeiro de 2010. Observação: “DTV” = Domicílios com TV e “Tel. Pot” = telespectadores potenciais.

**ANEXOS E**

**Lista de Emissoras Retransmissoras do Sinal da Rede Globo na Paraíba**



## Retransmissoras de TV

Nome	Grupo	UF	Município	Canal
TELEVISAO PARAIBA LTDA	Grupo São Braz	PB	Catolé do Rocha	3
TELEVISAO PARAIBA LTDA	Grupo São Braz	PB	Pombal	4
TELEVISAO PARAIBA LTDA	Grupo São Braz	PB	Monteiro	9
TELEVISAO PARAIBA LTDA	Grupo São Braz	PB	Sousa	9
TELEVISAO PARAIBA LTDA	Grupo São Braz	PB	Cajazeiras	12
PREFEITURA MUNICIPAL DE SAO FRANCISCO		PB	São Francisco	4
PREFEITURA MUNICIPAL DE ALAGOA GRANDE		PB	Alagoa Grande	11
PREFEITURA MUNICIPAL DE AREIA		PB	Areia	12
PREFEITURA MUNICIPAL DE AREIAL		PB	Areial	7
PREFEITURA MUNICIPAL DE BANANEIRAS		PB	Bananeiras	7
PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DE SANTA ROSA		PB	Barra de Santa Rosa	9
PREFEITURA MUNICIPAL DE BONITO DE SANTA FE		PB	Bonito de Santa Fé	7
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAJAZEIRAS		PB	Cajazeiras	4
PREFEITURA MUNICIPAL DE CONDADO		PB	Condado	10
PREFEITURA MUNICIPAL DE DONA INES		PB	Dona Inês	4
PREFEITURA MUNICIPAL DE ESPERANCA		PB	Esperança	12
PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARABIRA		PB	Guarabira	13
PREFEITURA MUNICIPAL DE IMACULADA		PB	Imaculada	13
PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNCO DO SERIDO		PB	Junco do Seridó	10
PREFEITURA MUNICIPAL DE LIVRAMENTO		PB	Livramento	4
PREFEITURA MUNICIPAL DE MALTA		PB	Malta	5
PREFEITURA MUNICIPAL DE PILAR		PB	Pilar	8
PREFEITURA MUNICIPAL DE POCINHOS		PB	Pocinhos	12
PREFEITURA MUNICIPAL DE QUEIMADAS		PB	Queimadas	7
PREFEITURA MUNICIPAL DE REMIGIO		PB	Remígio	5
PREFEITURA MUNICIPAL DE SERRA GRANDE		PB	Serra Grande	9
PREFEITURA MUNICIPAL DE SOLANEA		PB	Solânea	4
PREFEITURA MUNICIPAL DE SOLEDADE		PB	Soledade	7
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPEROA		PB	Taperoá	13
PREFEITURA MUNICIPAL DE TEIXEIRA		PB	Teixeira	8
TELEVISAO BAHIA LTDA	Rede Bahia	PB	Taperoá	12+
USINA SANTA MARIA S/A		PB	Areia	13
ASSOCIACAO MANTENEDORA DO SISTEMA DE TV DE ITABAIANA		PB	Itabaiana	11
AGICAM AGROINDUSTRIA DO CAMARATUBA S/A		PB	Rio Tinto	7
CITAM-CONSORCIO INTERMUNICIPAL DE TELEVISAO DA ALTA MOGIANA		PB	Sertãozinho	26

**Tabela 4** – Retransmissoras que compõe o sistema de retransmissão da Rede Globo no Estado da Paraíba. Reprodução do Portal Donos da Mídia. Extraído de: <<http://donosdamidia.com.br/rede/4023>>. Acesso em 23 de janeiro de 2010.

**ANEXOS F**

**Quadro Societário da TV Cabo Branco e TV Paraíba**

## - Quadro Societário da TV Cabo Branco:

**Perfil das Empresas - TELEVISAO CABO BRANCO LTDA**

CNPJ: 08843575000188  
 Presidente:  
 Endereço: RUA MONSENHOR WALFREDO LEAL - TAMBIA  
 E-mail:  
 Capital Social: 3.912.000,00  
 Reserva de Capital:  
 Total: 3.912.000,00

**Quadro Societário**

CNPJ / CPF	NOME	Qtd. Cotas	Vlr. Cotas
003.340.304-04	JOSE CARLOS DA SILVA JUNIOR	1	156.480,00
306.978.324-49	EDUARDO DE OLIVEIRA CARLOS DA SILVA	8	1.251.840,00
390.127.864-87	RICARDO DE OLIVEIRA CARLOS DA SILVA	8	1.251.840,00
839.908.954-00	ELIANE DE OLIVEIRA CARLOS DA SILVA FREIRE	8	1.251.840,00

**Conselho**

**Diretoria**

CNPJ / CPF	NOME	Cargo	INDICAÇÃO
306.978.324-49	EDUARDO DE OLIVEIRA CARLOS DA SILVA	GERENTE	
390.127.864-87	RICARDO DE OLIVEIRA CARLOS DA SILVA	GERENTE SUBSTITUTO	

**Fig. 28** – Fonte: Agência Nacional de Telecomunicações, Ministério das Comunicações.

<[http://sistemas.anatel.gov.br/siacco/\\_Novo\\_Siacco/Relatorios/PerfilDasEmpresas/tela.asp?acao=w&nomeentidade=TELEVISAO%20CABO%20BRANCO%20LTDA&indtiposociedade=Limitada&chave=08843575000188](http://sistemas.anatel.gov.br/siacco/_Novo_Siacco/Relatorios/PerfilDasEmpresas/tela.asp?acao=w&nomeentidade=TELEVISAO%20CABO%20BRANCO%20LTDA&indtiposociedade=Limitada&chave=08843575000188)>. Acesso em 23 de janeiro de 2010.

## - Quadro Societário da TV Paraíba:

**Perfil das Empresas - TELEVISAO PARAIBA LTDA**

CNPJ: 08584526000178  
 Presidente:  
 Endereço: RUA QUINZE DE NOVEMBRO - JEREMIAS  
 E-mail:  
 Capital Social: 1.272.000,00  
 Reserva de Capital:  
 Total: 1.272.000,00

**Quadro Societário**

CNPJ / CPF	NOME	Qtd. Cotas	Vlr. Cotas
003.340.304-04	JOSE CARLOS DA SILVA JUNIOR	1	50.880,00
306.978.324-49	EDUARDO DE OLIVEIRA CARLOS DA SILVA	8	407.040,00
390.127.864-87	RICARDO DE OLIVEIRA CARLOS DA SILVA	8	407.040,00
839.908.954-00	ELIANE DE OLIVEIRA CARLOS DA SILVA FREIRE	8	407.040,00

**Conselho**

**Diretoria**

CNPJ / CPF	NOME	Cargo	INDICAÇÃO
306.978.324-49	EDUARDO DE OLIVEIRA CARLOS DA SILVA	GERENTE	
390.127.864-87	RICARDO DE OLIVEIRA CARLOS DA SILVA	GERENTE SUBSTITUTO	

**Fig. 29** – Fonte: Agência Nacional de Telecomunicações, Ministério das Comunicações.

<[http://sistemas.anatel.gov.br/siacco/\\_Novo\\_Siacco/Relatorios/PerfilDasEmpresas/tela.asp?acao=w&nomeentidade=TELEVISAO%20PARAIBA%20LTDA&indtiposociedade=Limitada&chave=08584526000178](http://sistemas.anatel.gov.br/siacco/_Novo_Siacco/Relatorios/PerfilDasEmpresas/tela.asp?acao=w&nomeentidade=TELEVISAO%20PARAIBA%20LTDA&indtiposociedade=Limitada&chave=08584526000178)>. Acesso em 23 de janeiro de 2010.

**ANEXOS G**

**Reprodução dos Espelhos do *JPB-1* no período da Pesquisa de Campo.**

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
008	VT	SEQUESTRO/PARAIBANA = CARLA	JPA	asai	spau	00:15	00:35	00:50		CALB			✓	✓	
009	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 2 - CG	JPA	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12		CALB			✓	✓	
010	VT	REPERCUTE SEQUESTRO FAMILIA - PATOS	CGE	ADEF	spau	00:11	00:47	00:58		CALB			✓	✓	
011	VIVO	LINK/SERROTAO - CG	JPA	ADEF	spau	00:23	01:00	01:23		CSiq			✓	✓	
012	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 2 - CG	CGE	ADEF	spau	00:08	00:00	00:08		spau			✓	✓	
	NOTA	LINK/HOMICIDIO VALENTINA = WANESSA	JPA	ADEF	spau	00:14	00:25	00:39		JCle			✓	✓	
	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + VT (DO ESPORTE)	JPA	ADEF	spau	00:46	02:00	02:46		JCle			✓	✓	
013	VT	APREENSAO/ANIMAIS + DIVISAO	JPA	wand	spau	00:22	00:46	01:08		CALB			✓	✓	
014	NOTAP	NOTA PE APREENSAO ANIMAIS	JPA	SYB	spau	00:45	00:00	00:45		spau			✓	✓	
015	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ADEF	CSiq	00:14	00:00	00:14		CSiq			✓	✓	
		***** 2ºBloco *****						03:00							
016	VT	BURACOS/QUITÉS	CGE	MSoa	spau	00:17	01:24	01:41		CSiq			✓	✓	
017	NOTAP	PE ESTRADAS/QUITÉS	CGE	ADEF	spau	00:17	00:00	00:17		CSiq			✓	✓	
018	SONORLUIZ	COUDO/CASO MANUEL MATOS	ADEF		spau	00:19	00:28	00:47		CALB			✓	✓	
019	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ADEF	CSiq	00:15	00:00	00:15		JCle			✓	✓	
		***** 3ºBloco *****						05:52							
020	VT	ENCAMINHA/EMPREGO/DIOMAS	CGE	agar	spau	00:28	02:06	02:34		CALB			✓	✓	
021	ESTUD	ENTREVISTA/QUADRO/EMPREGO	CGE	ADEF	spau	00:11	03:00	03:11		MLan			✓	✓	
023	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ADEF	CSiq	00:07	00:00	00:07		JCle			✓	✓	
		***** 4ºBloco *****						04:35							
024	VT	ENCONTRO/MUNICIPIOS/MULHER	CGE	agar	spau	00:14	01:34	01:48		JCle			✓	✓	
025	VT	EXPOSIÇÃO/PERUANO-LAERTE	JPA	LCER	spau	00:15	02:05	02:20		CALB			✓	✓	
	NOTA	NOTA - PÉ	CGE	ADEF	spau	00:04	00:00	00:04		JCle			✓	✓	
027	NOTA	ENCERRAMENTO	CGE	ADEF	CSiq	00:23	00:00	00:23		spau			✓	✓	
006	VT	ACIDENTE/BR 230 - REEDITADO	CGE	agar	spau	00:11	00:30	00:41		JCle			✓	✓	
	ESTUD	PARAIBA AGORA - MANHÃ	CGE	ADEF	spau	00:20	00:00	00:20		EGOM			✓	✓	
	ESTUD	CHAMADA/IPB 1ª EDIÇÃO - A	CGE	ZDAV	CSiq	00:45	00:00	00:45		EGOM			✓	✓	
022	VT	EMPREGO/SOMMELIER	JPA	nev	spau	00:21	02:30	02:51		JCle			✓	✓	
	VIVO	DIA DAS SAB'S	CGE	ADEF	MSOa	00:00	00:00	00:00		JCle			✓	✓	
026	NOTAP	NOTA PE EXPOSIÇÃO PERUANO	JPA	ADEF	spau	00:20	00:00	00:20		JCle			✓	✓	

**Espelho 01:** JPB 1ª Edição - 09/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
		***** 1ºBloco *****						16:49							
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ADEF	CSiq	00:47	00:00	00:47		CSiq			✓	✓	
	VT	GOE/APRESENTA = WANESSA	JPA	wand	spau	00:21	01:43	02:04		CALB			✓	✓	
002	VIVO	LINK/CDRPO J. AMÉRICO = WANESSA	JPA	ADEF	spau	00:13	00:40	00:53		CALB			✓	✓	
003	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:10	00:00	00:10		CALB			✓	✓	
004	VT	HOMICIDIO/ARAXÁ - EM PROD	CGE	agar	spau	00:11	00:42	00:53		spau			✓	✓	
005	VT	ACIDENTE/MOTO/ALAGOA NOVA - EM PROD	CGE	SAmo	spau	00:07	01:13	01:20		CALB			✓	✓	
006	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:24	00:00	00:24		JCle			✓	✓	
007	VT	ACIDENTE/PRAIA DO SOL= CARLA	JPA	asai	spau	00:31	00:44	01:15		CALB			✓	✓	
008	VT	SEQUESTRO/PARAIBANA = CARLA	JPA	asai	spau	00:15	00:35	00:50		CALB			✓	✓	
009	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 2 - CG	JPA	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12		CALB			✓	✓	
010	VT	REPERCUTE SEQUESTRO FAMILIA - PATOS	CGE	ADEF	spau	00:11	00:47	00:58		CALB			✓	✓	
011	VIVO	LINK/SERROTAO - CG	JPA	ADEF	spau	00:23	01:00	01:23		CSiq			✓	✓	
012	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 2 - CG	CGE	ADEF	spau	00:08	00:00	00:08		spau			✓	✓	
	NOTA	LINK/HOMICIDIO VALENTINA = WANESSA	JPA	ADEF	spau	00:14	00:25	00:39		JCle			✓	✓	
	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + VT (DO ESPORTE)	JPA	ADEF	spau	00:46	02:00	02:46		JCle			✓	✓	
013	VT	APREENSAO/ANIMAIS + DIVISAO	JPA	wand	spau	00:22	00:46	01:08		CALB			✓	✓	
014	NOTAP	NOTA PE APREENSAO ANIMAIS	JPA	SYB	spau	00:45	00:00	00:45		spau			✓	✓	
015	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ADEF	CSiq	00:14	00:00	00:14		CSiq			✓	✓	
		***** 2ºBloco *****						03:00							
016	VT	BURACOS/QUITÉS	CGE	MSOa	spau	00:17	01:24	01:41		CSiq			✓	✓	
017	NOTAP	PE ESTRADAS/QUITÉS	CGE	ADEF	spau	00:17	00:00	00:17		CSiq			✓	✓	
018	SONORLUIZ	COUDO/CASO MANUEL MATOS	ADEF		spau	00:19	00:28	00:47		CALB			✓	✓	
019	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ADEF	CSiq	00:15	00:00	00:15		JCle			✓	✓	
		***** 3ºBloco *****						05:52							
020	VT	ENCAMINHA/EMPREGO/DIOMAS	CGE	agar	spau	00:28	02:06	02:34		CALB			✓	✓	
021	ESTUD	ENTREVISTA/QUADRO/EMPREGO	CGE	ADEF	spau	00:11	03:00	03:11		MLan			✓	✓	
023	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ADEF	CSiq	00:07	00:00	00:07		JCle			✓	✓	
		***** 4ºBloco *****						04:35							
006	VT	ACIDENTE/BR 230 - REEDITADO	CGE	agar	spau	00:11	00:30	00:41		JCle			✓	✓	
	ESTUD	PARAIBA AGORA - MANHÃ	CGE	ADEF	spau	00:20	00:00	00:20		EGOM			✓	✓	

**Espelho 02:** JPB 1ª Edição - 09/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1CG

Telejornal: 03 Data: 10/03/2009 Fado: 00:34:00 Tempo: 00:33:23 Diferença: 00:00:37 16:49:38

Código 339162

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Dk	Id
009	VIVO	ENTREVISTA/PM	JPA	ADEF	Cvis	00:12	01:25	01:37		mcri			✓	✓	
010	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE	JPA	ADEF	Cvis	00:11	01:55	02:06		mcri			✓	✓	
011	VT	HOMICÍDIO/RANGEL = HILD. + DIVISÃO	JPA	asai	Cvis	00:11	00:28	00:39		pava			✓	✓	
012	VT	CORRESPONDÊNCIAS/ATRASOS = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:39	02:13	02:52		pava			✓	✓	☺
013	NOTA	NOTA PE/CORREIOS	JPA	ADEF	Cvis	00:38	00:00	00:38		pava			✓	✓	
014	NOTA	RETORNO/FALA AI	JPA	ADEF	Cvis	00:30	00:00	00:30		mcri			✓	✓	
015	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21		mcri			✓	✓	
*****2º BLOCO*****															
016	VT	VINH. SAÚDE + SAÚDE/AUTOMEDICAÇÃO	JPA	asai	Cvis	00:18	01:11	01:29		mcri			✓	✓	
017	ESTUD	ENTREVISTA 1 /AUTOMEDICAÇÃO	JPA	Cvis	Cvis	00:06	03:22	03:28		mcri			✓	✓	
018	NOTA	NOTA PE/CHAT	JPA	ADEF	Cvis	00:08	00:00	00:08		mcri			✓	✓	
019	VIVO	LINK/AIDS = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:38	01:10	01:48		mcri			✓	✓	
020	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		mcri			✓	✓	
*****3º BLOCO*****															
*****3º BLOCO*****															
021	VT	MARANHÃO/SECRETARIADO = REJANE	JPA	wand	Cvis	00:10	00:37	00:47		mcri			✓	✓	
022	VIVO	LINK/REJANE	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:50	01:02		mcri			✓	✓	
023	VT	CIRURGIÕES/PARALISA = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:10	01:10	01:20		mcri			✓	✓	
024	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		mcri			✓	✓	
*****4º BLOCO*****															
025	VT	STAND UP/PRISÃO PM-RN	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:49	01:14		mcri			✓	✓	
027	VIVO	LINK/REJANE	JPA	ADEF	Cvis	00:08	01:00	01:08		mcri			✓	✓	
028	A DEF	ENCERRAMENTO	JPA	ZDAV	Cvis	00:19	00:20	00:39		mcri			✓	✓	

Ins | Sh Ins | Ctrl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 03: JPB 1ª Edição - 10/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1CG

Telejornal: 12 Data: 10/03/2009 Fado: 00:34:00 Tempo: 00:35:48 Diferença: 00:01:48 17:27:56

Código 339180

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Dk	Id
*****1º Bloco*****															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ADEF	CSiq	00:42	00:00	00:42		CALB			✓	✓	
002	VT	PRISÃO/JARDEL = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:14	01:27	01:41		CALB			✓	✓	☺
003	VIVO	LINK/SAIDINHA DE BANCO = WANESSA	JPA	ADEF	Cvis	00:21	01:30	01:51		CALB			✓	✓	☺
004	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:16	00:00	00:16		CALB			✓	✓	☺
005	VT	MP/CONSELHOS CRACK-	CGE	ADEF	spau	00:18	01:51	02:09		CSiq			✓	✓	☺
006	AUDIO	FUGA/PIANCÓ	CGE	ADEF	spau	00:12	00:39	00:51		CALB			✓	✓	
007	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:07	00:00	00:07		JCle			✓	✓	
008	VT	PLANO/SEGURANÇA = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:21	01:35	01:56		CALB			✓	✓	☺
009	VIVO	ENTREVISTA/PM	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:00	00:17		CSiq			✓	✓	☺
010	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE	JPA	ADEF	spau	00:11	02:00	02:11		JCle			✓	✓	☺
011	VT	HOMICÍDIO/RANGEL = HILD. + DIVISÃO	JPA	asai	Cvis	00:11	00:28	00:39		CALB			✓	✓	☺
012	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ADEF	CSiq	00:24	00:00	00:24		spau			✓	✓	
*****2º Bloco*****															
013	NOTA	NOTA/SEMENTES	CGE	ADEF	spau	00:26	00:00	00:26		spau			✓	✓	☺
014	VT	PRIME/INSCRIÇÕES	CGE	DHEL	spau	00:19	00:47	01:06		CALB			✓	✓	
015	VIVO	VIVO - DIA DAS SAB'S + SEMANA MULHER	CGE	ADEF	MSoa	00:24	02:30	02:54		spau			✓	✓	☺
016	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ADEF	CSiq	00:21	00:00	00:21		spau			✓	✓	
*****3º Bloco*****															
017	VT	SUADE/AUTOMEDICAÇÃO=SAITO	JPA	asai	spau	00:17	01:11	01:28		CALB			✓	✓	☺
018	VT	FISIOTERAPIA/MULHERES	CGE	MSoa	spau	00:18	01:50	02:08		CALB			✓	✓	
019	VT	SUADE/AFOGAMENTO	CGE	MVas	spau	00:27	06:37	07:04		spau			✓	✓	
020	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ADEF	CSiq	00:16	00:00	00:16		spau			✓	✓	
*****4º Bloco*****															
021	VT	STAND UP/PRISÃO PM-RN	JPA	ADEF	spau	00:27	00:49	01:16		CALB			✓	✓	☺
022	NOTA	NOTA/TELEMAR	CGE	ADEF	spau	00:28	00:00	00:28		CSiq			✓	✓	
023	VT	MARANHÃO/SECRETARIADO = REJANE	JPA	wand	spau	00:09	00:37	00:46		JCle			✓	✓	☺
024	VT	EMBRAPA/ÁFRICA/COOPERAÇÃO	CGE	MWAD	spau	00:20	01:05	01:25		CALB			✓	✓	☺
025	VT	ESPECIALISTA/SOMMELIER	JPA	nev	spau	00:21	02:30	02:51		CALB			✓	✓	☺

Ins | Sh Ins | Ctrl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 04: JPB 1ª Edição - 10/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:58	00:00	00:58		mcri			✓		
002	VT	PF/REINTEGRA CBTU = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:12	01:09	01:21		Cvis			✓		
003	NOTAP	PÉ/PREFEITURA	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		Cvis			✓		
004	VIVO	LINK/HOMICÍDIO CONDE = WANESSA	JPA	ADEF	Cvis	00:15	00:20	00:35		mcri			✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		mcri			✓		
006	VT	ESTELIONATO/LAGOA SECA - EM PROD	CGE	ADEF	Cvis	00:14	01:40	01:54		pava			✓		
007	VT	ACIDENTE/TEKEIRA = HERTA	CGE	HRia	Cvis	00:13	00:29	00:42		mcri			✓		
008	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:07	00:00	00:07		pava			✓		
009	VT	ASSEDIO/MORAL - REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:16	03:30	03:46		pava			✓		
010	VIVO	CHAMADA/GE + VT	JPA	ADEF	Cvis	00:10	02:10	02:20		mcri			✓		
011	VT	CRIMINOSO/PRISÃO + DIVISÃO - CARLA	JPA	asai	Cvis	00:11	00:50	01:01		mcri			✓		
111A	NOTA	NOTA/MACONHA	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:00	00:17		mcri			✓		
012	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14		Cvis			✓		
*****2º BLOCO*****															
016	NOTA	RETORNO/FALA AÍ	JPA	ADEF	Cvis	00:35	00:00	00:35		pava			✓		
014	VT	FITOTERÁPICOS/SUS = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:16	01:31	01:47		mcri			✓		
015	VIVO	LINK VIAGRA/PARAIBA = WANESSA	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:40	01:01		mcri			✓		
017	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:16	00:00	00:16		mcri			✓		
*****3º BLOCO*****															
020	VT	VOTAÇÃO/ASSEMBLEIA = CARLA	JPA	LCER	Cvis	00:15	01:31	01:46		mcri			✓		
018	NOTA	ASSEMBLEIA/DELEGADOS	JPA	ADEF	Cvis	00:58	00:00	00:58		mcri			✓		
022	VT	SACDAS/CAMPANHA USO = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:13	01:37	01:50		mcri			✓		
024	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14		mcri			✓		
*****4º BLOCO*****															
019	VT	MARANHÃO/SEGURANÇA = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:46	00:00	00:46		Dcii			✓		
025	VT	NC/FEIRA DE LIVROS	JPA	ADEF	Cvis	00:08	00:25	00:33		mcri			✓		
026	VT	MÚSICA/COMUNITÁRIA = CARLA	JPA	asai	Cvis	00:12	00:50	01:02		pava			✓		
027	VT	DIGITALIZAÇÃO/BIBLIOTECA/CORDEL	CGE	spau	Cvis	00:17	01:56	02:13		mcri			✓		
27A	VT	CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:00	00:00		Dcii			✓		
27A	VT	ANOEZINHOS/FORRO/CARRO	CGE	MSoa	Cvis	00:23	02:44	03:07		mcri			✓		

Espelho 05: JPB 1ª Edição - 11/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º bloco*****															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ADEF	CSiq	00:32	00:00	00:32		spau			✓		
002	VT	PF/REINTEGRA CBTU = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:12	01:09	01:21		CALB			✓		
003	NOTAP	PÉ/PREFEITURA	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		EGOM			✓		
004	VIVO	LINK/HOMICÍDIO CONDE = WANESSA	JPA	ADEF	Cvis	00:15	00:30	00:45		CALB			✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:13	00:00	00:13		CALB			✓		
006	VT	ESTELIONATO/LAGOA SECA - EM PROD	CGE	ADEF	spau	00:14	01:40	01:54		CSiq			✓		
007	VT	ACIDENTE/TEKEIRA = HERTA	CGE	HRia	spau	00:13	00:29	00:42		CALB			✓		
008	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:07	00:00	00:07		CALB			✓		
009	VT	ASSEDIO/MORAL - REJANE	JPA	Rneg	spau	00:16	03:30	03:46		CALB			✓		
010	VIVO	CHAMADA/GE + VT	JPA	ADEF	spau	00:25	02:00	02:25		JCle			✓		
011	VT	CRIMINOSO/PRISÃO + DIVISÃO	JPA	asai	spau	00:11	00:50	01:01		CALB			✓		
012	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ADEF	CSiq	00:14	00:00	00:14		EGOM			✓		
*****2º bloco*****															
013	VT	INSCRIÇÕES/AQUEIROS	CGE	ADEF	spau	00:09	00:29	00:38		CALB			✓		
014	VT	CONTAS EM ATRASO.	JPA	viei	spau	00:23	02:13	02:36		CALB			✓		
015	NOTA	NOTA PÉ/CORREIOS	JPA	ADEF	spau	00:37	00:00	00:37		spau			✓		
016	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ADEF	CSiq	00:21	00:00	00:21		spau			✓		
*****3º bloco*****															
017	VIVO	VIVO/UFMG	CGE	ADEF	spau	00:14	03:00	03:14		CALB			✓		
018	VT	MULHER/FUNDAÇÃO - MARCOS	CGE	MVas	spau	00:39	04:17	04:56		CALB			✓		
019	VT	MÚSICA/COMUNITÁRIA = CARLA	JPA	asai	spau	00:13	00:50	01:03		CALB			✓		
020	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ADEF	CSiq	00:14	00:00	00:14		spau			✓		
*****4º bloco*****															
021	NOTA	ASSEMBLEIA/DELEGADOS	JPA	ADEF	spau	00:49	00:30	01:19		spau			✓		
022	VT	VOTAÇÃO/ASSEMBLEIA = CARLA	JPA	LCER	spau	00:15	01:31	01:46		CALB			✓		
022	VT	DIGITALIZAÇÃO/BIBLIOTECA/CORDEL	CGE	spau	spau	00:17	01:56	02:13		CALB			✓		
023	VT	ANOEZINHOS/FORRO/CARRO	CGE	MSoa	spau	00:30	02:44	03:14		spau			✓		
024	ADEF	PÉ/ANOEZINHOS	CGE	ADEF	spau	00:23	00:00	00:23		mcri			✓		

Espelho 06: JPB 1ª Edição - 11/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correo Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1

Telefonal: 03    Data: 12/03/2009    Fade: 00:35:00    Tempo: 00:33:03    Diferença: 00:01:57    16:56:08

Código 339460

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fila	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:58	00:00	00:58		mcrl			✓		
003	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		pava			✓		
004	VT	ARROMBAMENTO/PADARIA - EM PROD	CGE	ADEF	Cvis	00:13	00:57	01:10		pava			✓		
005	VT	HOMICIDIO/PATOS	CGE	ADEF	Cvis	00:07	00:22	00:29		pava			✓		
006	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:24	00:00	00:24		mcrl			✓		
007	VIVO	VINH. DESAP. + DESAPARECIDOS -JP	JPA	viel	Cvis	00:25	01:09	01:34		marc			✓		
008	VIVO	VIVO/DESAPARECIDOS - CG	CGE	ADEF	Cvis	00:01	01:54	01:55		mcrl			✓		
009	ESTUD	CHAMADA/GE	JPA	ADEF	Cvis	00:11	02:00	02:11		kmar			✓		
010	VT	HABILITAÇÃO/MUTIRÃO + DIVISÃO	JPA	Rneg	Cvis	00:19	01:16	01:35		mcrl			✓		
011	VIVO	LINK/FAMILIAS NA PRAÇA + VT (IMAGENS)	JPA	ADEF	Cvis	00:20	00:54	01:14		mcrl			✓		
012	NOTA	RETORNO/FALA AÍ	JPA	ADEF	Cvis	00:24	00:00	00:24		mcrl			✓		
013	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:23	00:00	00:23		mcrl			✓		
		*****2º BLOCO*****													
017	NOTA	DIÁRIO OFICIAL.SOLDADOS	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		pava			✓		
019	VT	PRISÃO/TRÁFICO - CARLA	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:28	00:39		mcrl			✓		
014	VT	CRISE/SAÚDE = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:17	01:08	01:25		mcrl			✓		
14A	NOTA	PÉ/PAGAMENTO MÉDICOS	JPA	ADEF	Cvis	00:30	00:00	00:30		mcrl			✓		
025	VT	ANIVERSÁRIO/RECIFE/OLINDA	JPA	ADEF	Cvis	00:32	04:00	04:32		mcrl			✓		
020	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21		mcrl			✓		
		*****3º BLOCO*****													
002	VT	JOVEM ENTERRO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:13	01:39	01:52		mcrl			✓		
018	VT	ASSEMBLEIA/GERAL/DELEGADOS	CGE	MVas	Cvis	00:14	01:03	01:17		mcrl			✓		
023	NOTA	MARANHÃO/CHINESES	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		mcrl			✓		
021	VIVO	LINK/DOVS DE CHOCOLATE + VT (IMAGENS)	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:51	01:05		mcrl			✓		
027	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:09	00:00	00:09		mcrl			✓		
		*****4º BLOCO*****													
024	STAND	CÂMARA/SESSÃO = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:08	01:02	01:10		mcrl			✓		
028	VT	PEGADAS DINOSAURIOS = REEDITADO	CGE	ADEF	Cvis	00:24	02:27	02:51		mcrl			✓		
031	VT	JOVENS/INCLUSÃO = GAVETA JPB1	JPA	viel	Cvis	00:00	01:30	01:30		mcrl			✓		
022	VT	IMPOSTO/RENDA - CG	CGE	MWAD	Cvis	00:00	02:14	02:14		mcrl			✓		

Usuário: Rmelo    Easynews    Mensagem:    Iniciar    Easynews - TV Cabo B...

Espelho 07: JPB 1ª Edição - 12/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correo Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1CG

Telefonal: 12    Data: 12/03/2009    Fade: 00:35:00    Tempo: 00:32:41    Diferença: 00:02:19    18:12:24

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fila	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
		*****1º BLOCO*****													
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ADEF	CSiq	00:35	00:00	00:35		spau			✓		
002	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:10	00:00	00:10		CALB			✓		
003	VT	ARROMBAMENTO/PADARIA - EM PROD	CGE	ADEF	spau	00:13	00:57	01:10		CALB			✓		
004	VT	HOMICIDIO/PATOS	CGE	ADEF	spau	00:07	00:22	00:29		CALB			✓		
005	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:25	00:00	00:25		CSiq			✓		
006	VIVO	VINH. DESAP. + DESAPARECIDOS -JP	JPA	viel	spau	00:25	01:00	01:25		JClc			✓		
007	ADEF	VIVO/DESAPARECIDOS	CGE	ADEF	spau	00:00	01:50	01:50		CALB			✓		
008	ESTUD	CHAMADA/GE	JPA	ADEF	spau	00:11	02:00	02:11		JClc			✓		
009	VT	HABILITAÇÃO/MUTIRÃO + DIVISÃO	JPA	Rneg	spau	00:19	01:16	01:35		CALB			✓		
010	NOTA	NOTA/CIRETRAN	CGE	ADEF	spau	00:19	00:00	00:19		DHEL			✓		
011	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ADEF	CSiq	00:19	00:00	00:19		JClc			✓		
		*****2º BLOCO*****													
012	NOTA	DIÁRIO OFICIAL.SOLDADOS	JPA	ADEF	spau	00:13	00:00	00:13		spau			✓		
013	VT	ASSEMBLEIA/GERAL/DELEGADOS - INÉDITO	CGE	MVas	spau	00:17	01:03	01:20		CALB			✓		
014	VT	DIA/RIM - EM PROD - SIUSK	CGE	ADEF	spau	00:14	02:30	02:44		CSiq			✓		
015	NOTAP	PÉ/RINS - CRÉDITOS	CGE	ADEF	spau	00:08	00:00	00:08		spau			✓		
016	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ADEF	CSiq	00:12	00:00	00:12		spau			✓		
		*****3º BLOCO*****													
017	VT	DIREITO/CIDADÃO/IMPOSTO/RENDA	CGE	MWAD	spau	00:18	02:14	02:32		CALB			✓		
018	NOTAP	PÉ/DIREITO CIDADÃO	CGE	ADEF	spau	00:14	00:00	00:14		spau			✓		
021	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ADEF	CSiq	00:19	00:00	00:19		spau			✓		
		*****4º BLOCO*****													
020	NOTA	MARANHÃO/CHINESES	JPA	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12		JClc			✓		
VT	CRISE/SAÚDE = WANESSA	JPA	wand	spau	00:17	01:08	01:25		JClc			✓			
NOTA	PÉ/PAGAMENTO MÉDICOS	JPA	ADEF	spau	00:30	00:00	00:30		JClc			✓			
022	NOTA	CONCERTO/SINFÔNICA	JPA	ZDAV	spau	00:12	00:00	00:12		JClc			✓		
VT	GAV/15 ANOS	CGE	ADEF	spau	00:06	00:34	00:40		CALB			✓			
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fila	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
ESTUD	CHAMADA	JPB 1ª EDIÇÃO - A	CGE	ADEF	CSiq	00:42	00:00	00:42		EGOM			✓		
ESTUD	PARAIBA	AGORA- MANHÃ	CGE	ADEF	spau	00:16	00:00	00:16		EGOM			✓		

Ins | Sh Ins | Ctl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo    Easynews    Mensagem:    Iniciar    Easynews - TV Cabo B...

Espelho 08: JPB 1ª Edição - 12/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).



Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:55	00:00	00:55		mcrl			✓		
002	VT	HOMICÍDIOS/MADRUGADA = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:10	01:05	01:15		pava			✓		
003	VT	CRIME/RONDA = CARLA - ÉRIKA	JPA	LCEr	Cvis	00:13	00:32	00:45		pava			✓		
004	NOTA	NOTA PÉ/CRIME RONDA	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		pava			✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:06	00:00	00:06		pava			✓		
006	VT	HOMICÍDIO/ARARA	CGE	ADEF	Cvis	00:18	01:14	01:32		pava			✓		
007	VT	PROTESTO/PIANCÓ = HERTA	JPA	ADEF	Cvis	00:26	02:49	03:15		mcrl			✓		
008	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:16	00:00	00:16		pava			✓		
009	VT	NC/ARLINDA/ATENDIMENTO - CARLA	JPA	nev	Cvis	00:11	00:31	00:42		pava			✓		
010	NOTAP	PÉ/ESTADO	JPA	ADEF	Cvis	00:09	00:00	00:09		pava			✓		
011	ESTUD	CHAMADA/GE	JPA	ADEF	Cvis	00:08	01:46	01:54		mcrl			✓		
012	VT	NC/IMAGENS/ASSALTO + DIVISAO	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:19	00:33		mcrl			✓		
013	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		mcrl			✓		

Espelho 09: JPB 1ª Edição - 13/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ADEF	CSiq	00:53	00:00	00:53		CALB			✓		
002	VT	HOMICÍDIOS/MADRUGADA = VIEIRA	JPA	viei	spau	00:10	01:05	01:15		CSiq			✓		
003	VT	CRIME/RONDA = CARLA - ÉRIKA	JPA	LCEr	spau	00:14	00:32	00:46		CALB			✓		
004	NOTA	NOTA PÉ/CRIME RONDA	JPA	ADEF	spau	00:13	00:00	00:13		JClc			✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:07	00:00	00:07		CALB			✓		
006	VT	HOMICÍDIO/ARARA	CGE	ADEF	spau	00:18	01:14	01:32		spau			✓		
007	VT	PROTESTO/PIANCÓ = HERTA	JPA	ADEF	spau	00:27	02:49	03:16		CALB			✓		
008	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:16	00:00	00:16		JClc			✓		
009	VT	NC/ARLINDA/ATENDIMENTO - CARLA	JPA	nev	spau	00:11	00:31	00:42		CALB			✓		
010	NOTAP	PÉ/ESTADO	JPA	ADEF	spau	00:09	00:00	00:09		CSiq			✓		
011	ESTUD	CHAMADA/GE	JPA	ADEF	spau	00:08	02:00	02:08		JClc			✓		
012	VT	NC/IMAGENS/ASSALTO + DIVISAO	JPA	ADEF	spau	00:14	00:19	00:33		CSiq			✓		
013	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ADEF	CSiq	00:16	00:00	00:16		CALB			✓		

Espelho 10: JPB 1ª Edição - 13/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espeho - JPB1

Telejornal: 03 Data: 14/03/2009 Fade: 00:28:00 Tempo: 00:28:23 Diferença: 00:00:23 17:01:59

Código 340130

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Eara	00:41	00:03	00:44		mcrl			✓		
002	VT	HOMICÍDIOS/RENASCER	JPA	wand	Eara	00:11	01:22	01:33		mcrl			✓		
003	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Eara	00:13	00:00	00:13		mcrl			✓		
004	VT	OPERAÇÃO/ MINA DE PRATA	CGE	MVas	Eara	00:09	00:51	01:00		mcrl			✓		
005	VT	ASSALTO/ MERCADINHO	CGE	spau	Eara	00:15	00:56	01:11		mcrl			✓		
006	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Eara	00:18	00:00	00:18		mcrl			✓		
007	VT	NC/PRISÃO/ESTELIONATO = EDILANE GRAVA	JPA	ADEF	Eara	00:07	00:43	00:50		mcrl			✓		
008	NOTA	NOTA PÉ	JPA	ADEF	Eara	00:08	00:00	00:08		mcrl			✓		
009	VT	FISCALIZAÇÃO/CONSELHO + DIVISÃO	JPA	asai	Eara	00:15	01:08	01:23		mcrl			✓		
010	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Eara	00:08	00:08	00:16		mcrl			✓		
*****2º BLOCO*****															
011	VIVO	POESIA - MEMÓRIA 1	JPA	LCER	Eara	00:01	01:00	01:01		mcrl			✓		
012	NOTA	NOTA PÉ	ADEF	ADEF	Eara	00:11	00:00	00:11		mcrl			✓		
013	VT	ORÇAMENTO/SOLIDÁRIO	CGE	ADEF	Eara	00:11	01:10	01:21		mcrl			✓		
014	NOTA	CARDIOPATA/TRANSFERE	JPA	ADEF	Eara	00:22	00:00	00:22		mcrl			✓		
015	VT	RECEITA/PETIT GÂTEAU = REJANE	JPA	ADEF	Eara	00:23	03:10	03:33		mcrl			✓		
016	NOTAPÉ	RECEITA	JPA	ADEF	Eara	00:10	00:00	00:10		mcrl			✓		
017	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Eara	00:10	00:08	00:18		mcrl			✓		
*****3º BLOCO*****															
024	VIVO	POESIA - ATOS FALHOS	JPA	ADEF	Eara	00:01	00:13	00:14		mcrl			✓		
019	VT	MISSA/VAQUEIRO	CGE	DHEL	Eara	00:13	01:08	01:21		mcrl			✓		
020	VT	M&D/ANTES E DEPOIS/COZINHA = PARTE 1	JPA	Eara	Eara	00:17	03:50	04:07		mcrl			✓		
021	NOTAPÉ	ANTES E DEPOIS	JPA	ADEF	Eara	00:04	00:00	00:04		mcrl			✓		
21A	NOTA	NOTA COREÇÃO	ALA	ADEF	Eara	00:07	00:00	00:07		mcrl			✓		
023	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Eara	00:10	00:08	00:18		mcrl			✓		
*****4º BLOCO*****															
018	VIVO	POESIA - LUA ADVERSA	JPA	ADEF	Eara	00:01	00:14	00:15		mcrl			✓		

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espeho 11: JPB 1ª Edição - 14/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espeho - JPB1CG

Telejornal: 12 Data: 14/03/2009 Fade: 00:33:00 Tempo: 00:34:28 Diferença: 00:01:28 18:14:29

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º Bloco*****															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ADEF	CSiq	00:34	00:00	00:34		JCle			✓		
002	VT	HOMICÍDIOS/RENASCER	JPA	wand	MWAD	00:11	01:22	01:33		DHEL			✓		
003	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12		mcrl			✓		
004	VT	OPERAÇÃO/ MINA DE PRATA	CGE	MVas	MWAD	00:09	00:51	01:00		DHEL			✓		
005	VT	ASSALTO/ MERCADINHO	CGE	spau	spau	00:15	00:56	01:11		DHEL			✓		
006	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:18	00:00	00:18		JCle			✓		
007	VT	NC/PRISÃO/ESTELIONATO = EDILANE GRAVA	JPA	ADEF	spau	00:07	00:31	00:38		DHEL			✓		
008	NOTA	NOTA PÉ	JPA	ADEF	MWAD	00:08	00:00	00:08		EGDM			✓		
009	VT	FISCALIZAÇÃO/CONSELHO + DIVISÃO	JPA	asai	spau	00:15	01:08	01:23		DHEL			✓		
010	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ADEF	CSiq	00:17	00:00	00:17		JCle			✓		
*****2º Bloco*****															
011	VT	OPERAÇÃO/CAVALARIA	CGE	MVas	spau	00:18	00:55	01:13		DHEL			✓		
012	VT	RECEITA/PETIT GÂTEAU = REJANE	JPA	ADEF	spau	00:23	03:10	03:33		DHEL			✓		
014	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ADEF	CSiq	00:18	00:00	00:18		JCle			✓		
*****3º Bloco*****															
015	ESTUD	DIA/COMBATE/FUMO	CGE	ADEF	MWAD	00:18	02:10	02:28		DHEL			✓		
016	VT	M&D/ANTES E DEPOIS/COZINHA = PARTE 1	JPA	Eara	spau	00:17	03:50	04:07		MWAD			✓		
017	NOTAPÉ	ANTES E DEPOIS	JPA	ADEF	spau	00:04	00:00	00:04		JCle			✓		
018	NOTA	PASSAGEM 3 + VIVO	CGE	ADEF	CSiq	00:17	00:00	00:17		JCle			✓		
*****4º Bloco*****															
019	VT	M&D/COZINHA = PARTE 2	JPA	ADEF	spau	00:10	04:28	04:38		DHEL			✓		
020	NOTAPÉ	MISSA/VAQUEIRO	JPA	ADEF	spau	00:15	00:00	00:15		JCle			✓		
021	VT	MISSA/VAQUEIRO	CGE	DHEL	spau	00:14	00:39	00:53		JCle			✓		
022	VIVO	VIVO - CAPILÉ- REC	CGE	ADEF	MWAD	00:23	05:00	05:23		JCle			✓		
023	VT	DIA/POESIA	CGE	MVas	spau	00:14	02:28	02:42		JCle			✓		
024	NOTA	ENCERRAMENTO	CGE	ZDAV	CSiq	00:08	01:15	01:23		JCle			✓		
013	VT	NC/PRISÃO/ESTELIONATO = EDILANE GRAVA	JPA	ADEF	MWAD	00:07	00:31	00:38		EGDM			✓		
ESTUD	CHAMADA	JPB 1ª EDIÇÃO - ANTES DO JORNAL	CGE	ZDAV	CSiq	00:00	00:00	00:00		EGDM			✓		

Ins Sh Ins Ctl Ins F2 Move Sh F2 Busca F5 Cai F6 Pautas Alt F8 Marca F8 Imp Sh F8 Capa F9 Ok F10 Tempo F11 Checa

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar RUNDLL Easynews - TV Cabo B...

Espeho 12: JPB 1ª Edição - 14/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

**Easynews - TV Cabo Branco**

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

**Espelho - JPB1**

Telejornal: 03 Data: 16/03/2009 Fide: 00:30:00 Tempo: 00:31:08 Diferença: 00:01:08 17:05:03 Código 340403

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:56	00:00	00:56		Dcri			✓		
002	VT	ARROMBAMENTO/LOJA = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:14	01:24	01:38		Hild			✓		
003	VIVO	LINK/ASSALTO ÔNIBUS = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:15	01:00	01:15		Hild			✓		
004	VT	TIROTEIO/SÃO JOSÉ = CARLA	JPA	Rneg	Cvis	00:12	00:31	00:43		Hild			✓		
005	NOTA	PÉ/TENTATIVA SÃO JOSÉ	JPA	ADEF	Cvis	00:08	00:00	00:08		Cvis			✓		
006	NOTA	NOTA/TENTATIVA DE FUGA/PRESÍDIO	JPA	ADEF	Cvis	00:29	00:00	00:29		Dcri			✓		
007	VT	ACIDENTE/BARREIRA DO CB = HILD.	JPA	viei	Cvis	00:29	01:09	01:38		Dcri			✓		
008	NOTA	NOTA PÉ ACIDENTE	JPA	ADEF	Cvis	00:07	00:00	00:07		Dcri			✓		
009	VT	ACIDENTE/RECIFE = CARLA	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:29	00:40		Dcri			✓		
010	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19		Cvis			✓		
011	VT	ACIDENTE/ SOUSA = MONIQUE	CGE	ADEF	spau	00:07	00:36	00:43		Dcri			✓		
012	NOTA	PÉ ACIDENTE	SSA	ADEF	spau	00:05	00:00	00:05		gros			✓		
013	VT	ACIDENTE/VAQUEJADA = MICHELLE (INÉDITO)	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14		gros			✓		
014	NOTAP	PÉ/ACIDENTE	CGE	ADEF	spau	00:45	00:00	00:45		EGOM			✓		
015	VT	DESABAMENTO/SUMÉ	ADEF	ADEF	spau	00:18	01:22	01:40		Dcri			✓		
016	NOTA	PÉ/DESABAMENTO	CGE	ADEF	spau	00:26	00:00	00:26		Dcri			✓		
017	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		Dcri			✓		
018	VT	CHAMADA GESP + VT	JPA	Emad	Cvis	00:08	01:30	01:38		Emad			✓		
019	VT	BURACO/CAMBOINHA = HILD. + DIVISÃO	JPA	nev	Cvis	00:05	00:14	00:19		Cvis			✓		
020	NOTA	NOTA PÉ/BURACO	JPA	ADEF	Cvis	00:07	00:00	00:07		Cvis			✓		
021	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:15	00:00	00:15		HFer			✓		
*****2º BLOCO*****															
022	VT	INSEGURANÇA/COLINAS DO SUL = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:14	00:50	01:04		HFer			✓		
023	NOTA	NOTA PÉ/COLINAS DO SUL	JPA	ADEF	Cvis	00:30	00:00	00:30		HFer			✓		
024	VIVO	LINK/EMPREGO 1 = NERISSA	JPA	viei	Cvis	00:15	01:30	01:45		Dcri			✓		
025	VT	EMPREGO/BABÁ = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:00	01:52	01:52		Dcri			✓		
026	VIVO	LINK/EMPREGO 2 = NERISSA	JPA	ADEF	Cvis	00:16	00:30	00:46		Dcri			✓		
027	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		Dcri			✓		

**Espelho 13: JPB 1ª Edição - 16/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).**

**Easynews - TV Cabo Branco**

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

**Espelho - JPB1CG**

Telejornal: 12 Data: 16/03/2009 Fide: 00:29:00 Tempo: 00:29:59 Diferença: 00:00:59 18:15:21 Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:47	00:00	00:47		CSiq			✓		
002	VT	ARROMBAMENTO/LOJA = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:14	01:24	01:38		CSiq			✓		
003	VIVO	LINK/ASSALTO ÔNIBUS = VIEIRA	JPA	viei	spau	00:20	01:00	01:20		CSiq			✓		
004	VT	TIROTEIO/SÃO JOSÉ = CARLA	JPA	Rneg	spau	00:12	00:31	00:43		CALB			✓		
005	NOTA	NOTA/TENTATIVA DE FUGA/PRESÍDIO	JPA	ADEF	spau	00:29	00:00	00:29		CSiq			✓		
006	VT	ACIDENTE/BARREIRA DO CB = HILD.	JPA	viei	spau	00:29	01:09	01:38		CSiq			✓		
007	NOTA	NOTA PÉ ACIDENTE	JPA	ADEF	spau	00:09	00:00	00:09		CSiq			✓		
008	VT	ACIDENTE/RECIFE = CARLA	JPA	ADEF	spau	00:11	00:29	00:40		JCle			✓		
009	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:09	00:00	00:09		CALB			✓		
010	VT	ACIDENTE/ SOUSA	CGE	ADEF	spau	00:08	00:36	00:44		CSiq			✓		
011	NOTA	PÉ ACIDENTE	SSA	ADEF	spau	00:05	00:00	00:05		CSiq			✓		
012	VT	ACIDENTE/VAQUEJADA = MICHELLE (INÉDITO)	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14		CSiq			✓		
013	NOTAP	PÉ/ACIDENTE	CGE	ADEF	spau	00:45	00:00	00:45		CSiq			✓		
014	VT	DESABAMENTO/SUMÉ	ADEF	ADEF	spau	00:18	01:22	01:40		CALB			✓		
015	NOTA	PÉ/DESABAMENTO	CGE	ADEF	spau	00:26	00:00	00:26		CSiq			✓		
016	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:19	00:00	00:19		CSiq			✓		
017	VT	CHAMADA GESP	JPA	ADEF	spau	00:11	01:30	01:41		CSiq			✓		
018	VT	BURACO/CAMBOINHA = HILD. + DIVISÃO	JPA	nev	spau	00:05	00:14	00:19		CALB			✓		
019	NOTA	NOTA PÉ/BURACO	JPA	ADEF	spau	00:07	00:00	00:07		spau			✓		
020	VT	PASSAGEM 1	CGE	ADEF	CSiq	00:16	00:00	00:16		spau			✓		
*****2º BLOCO*****															
021	VT	INCÊNDIO/CASA ZÉPA	CGE	ADEF	spau	00:09	01:22	01:31		CALB			✓		
022	VIVO	PROTESTO/ESTUDANTES	CGE	ADEF	spau	00:13	02:00	02:13		CALB			✓		
023	NOTA	CASO/MARANATA	CGE	ADEF	CSiq	00:49	00:00	00:49		JCle			✓		
024	VT	HOMICÍDIO/CONCEIÇÃO =	CGE	ADEF	spau	00:09	00:37	00:46		CALB			✓		
024	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ADEF	CSiq	00:23	00:00	00:23		JCle			✓		

**Espelho 14: JPB 1ª Edição - 16/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).**

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPBI

Telefonal: 03 Data: 17/03/2009 Fado: 00:34:00 Tempo: 00:33:37 Diferença: 00:00:23 17:06:12

Código 340632

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º Bloco*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	01:04	00:00	01:04		Eara	✓		✓		
002	VIVO	VIVO/ASSALTO BB = WANESSA	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:40	00:52		gros	✓		✓		
003	NOTA	TIROTEIO/ALTO DO MATEUS	JPA	wand	Cvis	00:50	00:00	00:50		Gcos	✓		✓		
004	VT	HOMICIDIO/GEISEL = CARLA	JPA	asai	Cvis	00:08	00:47	00:55		Cvis	✓		✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		avia	✓		✓		
006	VT	ACIDENTE/ESPERANÇA - SANDRA	CGE	ADEF	spau	00:09	00:46	00:55		Dcri	✓		✓		
007	VT	IDOSOS/MOTORISTAS - CUIDADOS	CGE	MSoa	spau	00:40	02:28	03:08		pava	✓		✓		
008	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:48	00:00	00:48		Dcri	✓		✓		
009	VT	CHAMADA GE	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:35	00:52		Dcri	✓		✓		
010	VT	IMAGENS/CARRO/ALAGADO + DIVISÃO	JPA	wand	Cvis	00:09	00:21	00:30		avia	✓		✓		
011	VIVO	PREVISÃO/TEMPO+INFOS LAGOA	JPA	ADEF	Cvis	00:11	01:00	01:11		gros	✓		✓		
012	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:22	00:00	00:22		avia	✓		✓		
*****2º Bloco*****															
013	NOTA	MORTE/JORNALISTA JACINTO BARBOSA	JPA	ADEF	Cvis	00:16	00:00	00:16		avia	✓		✓		
014	VT	MUTIRÃO/PRESAS = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:11	01:17	01:28		Cvis	✓		✓		
015	NOTA	NOTA PÉ/MUTIRÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:15	00:00	00:15		avia	✓		✓		
016	VT	SAÚDE/LENTE DE CONTATO - VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:26	01:17	01:43		Cvis	✓		✓		
017	ESTUD	ENTREVISTA/LENTE DE CONTATO 1	JPA	Cvis	Cvis	00:08	04:00	04:08		Cvis	✓		✓		
018	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:15	00:00	00:15		avia	✓		✓		
*****3º Bloco*****															
019	VT	CONCURSO/IDENTIFICAÇÃO = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:20	01:45	02:05		avia	✓		✓		
020	ESTUD	ENTREVISTA/LENTE DE CONTATO 2	JPA	ADEF	Cvis	00:09	04:00	04:09		avia	✓		✓		
021	NOTA	NOTA PÉ/ENTREVISTA/CHAT	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		Cvis	✓		✓		
022	VT	CÂMARA/SESSÃO = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:11	01:17	01:28		Dcri	✓		✓		
023	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		Cvis	✓		✓		
*****4º Bloco*****															
024	VIVO	ASSALTO/AGÊNCIA/BB + IMAGENS AO VIVO	JPA	ADEF	Cvis	00:09	01:10	01:19		Dcri	✓		✓		
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
	VT	RECICLAGEM/ACORDO VERDE	JPA	Cvis	Cvis	00:18	04:15	04:33		Dcri	✓		✓		

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 15: JPBI 1ª Edição - 17/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Restaurar ababco

Espelho - JPBI CG

Telefonal: 12 Data: 17/03/2009 Fado: 00:35:00 Tempo: 00:36:08 Diferença: 00:01:08 18:16:04

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º Bloco*****															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:38	00:00	00:38		CSiq	✓		✓		
002	VIVO	VIVO/ASSALTO BB	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:40	00:54		CALB	✓		✓		
003	VT	HOMICIDIO/GEISEL = CARLA	JPA	asai	spau	00:08	00:47	00:55		CALB	✓		✓		
004	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:09	00:00	00:09		CALB	✓		✓		
005	VT	ACIDENTE/ESPERANÇA - EM PROD	CGE	ADEF	spau	00:09	00:46	00:55		CSiq	✓		✓		
006	VT	IDOSOS/MOTORISTAS - CUIDADOS	CGE	MSoa	spau	00:36	02:28	03:04		CALB	✓		✓		
007	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG - IMAGENS	JPA	ADEF	spau	00:41	00:00	00:41		CALB	✓		✓		
008	VT	CHAMADA GE	JPA	ADEF	spau	00:17	00:35	00:52		CSiq	✓		✓		
009	VT	IMAGENS/CARRO/ALAGADO + DIVISÃO	JPA	wand	spau	00:09	00:21	00:30		CALB	✓		✓		
010	NOTA	NOTA/CDMITE/CAIAZEIRAS	CGE	ADEF	spau	00:16	00:00	00:16	0	CSiq	✓		✓		
011	NOTA	PASSAGEM 1 + VIVO	CGE	ADEF	CSiq	00:17	00:00	00:17		CSiq	✓		✓		
*****2º Bloco*****															
014	VIVO	VIVO/ENCONTRO PREFEITOS - ELANE	CGE	ADEF	spau	00:35	02:00	02:35		CALB	✓		✓		
012	VT	VISITA/PONTO A PONTO = NERISSA	JPA	nev	spau	00:10	01:14	01:24		JCle	✓		✓		
013	NOTAP	PÉ/VISITA	JPA	ADEF	spau	00:11	00:00	00:11		CALB	✓		✓		
015	VT	CONCURSO/IDENTIFICAÇÃO = WANESSA	JPA	wand	spau	00:20	01:45	02:05		CSiq	✓		✓		
016	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ADEF	CSiq	00:18	00:00	00:18		CALB	✓		✓		
*****3º Bloco*****															
017	VT	SAÚDE/HIV	CGE	MVas	spau	00:23	02:29	02:52		CSiq	✓		✓		
018	ENTRE	ENTREVISTA/SAÚDE	CGE	ADEF	spau	00:14	06:20	06:34		JCle	✓		✓		
019	VT	SAÚDE/LENTE DE CONTATO = VIEIRA	JPA	viei	spau	00:18	01:17	01:35		CALB	✓		✓		
020	NOTA	MORTE/JORNALISTA JACINTO BARBOSA	JPA	ADEF	spau	00:24	00:00	00:24		CSiq	✓		✓		
021	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ADEF	CSiq	00:11	00:00	00:11		JCle	✓		✓		
*****4º Bloco*****															
022	VT	MUTIRÃO/PRESAS = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:11	01:17	01:28		CALB	✓		✓		
023	NOTA	NOTA PÉ/MUTIRÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:16	00:00	00:16		JCle	✓		✓		
024	VT	CASA/BRASIL	CGE	ADEF	spau	00:16	00:34	00:50		CALB	✓		✓		
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
027	VT	COLEÇÃO/BOPECAS	CGE	DHEL	spau	00:13	02:45	02:58		JCle	✓		✓		
	ESTUD	PARAIBA AGORA - MANHÃ	CGE	ADEF	spau	00:23	00:00	00:23		spau	✓		✓		
	ESTUD	CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A	CGE	ADEF	CSiq	00:36	00:00	00:36		EGOM	✓		✓		

Ins Sh Ins Ctl Ins F2 Move Sh F2 Busca F5 Cai F6 Pautas Alt F8 Marca F8 Imp Sh F8 Capa F9 Ok F10 Tempo F11 Checa

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar RUNDLL Easynews - TV Cabo B...

Espelho 16: JPBI 1ª Edição - 17/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

**Espelho - JPBI**

Telejornal: 03 Data: 18/03/2009 Fade: 00:32:00 Tempo: 00:32:24 Diferença: 00:00:24 17:08:22

Código 341030

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:42	00:00	00:42		Dcri			✓		
002	VT	ASSALTO BANCO/REPERCUTE = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:13	01:28	01:41		Dcri			✓		
003	NOTA	NOTA PÉ/ASSALTO	JPA	ADEF	Cvis	00:20	00:00	00:20		gros			✓		
004	NOTA	ASSASSINATO/BAYEUX	JPA	ADEF	Cvis	00:22	00:00	00:22		avia			✓		
005	VT	APREENSÃO/CRACK = CARLA	JPA	Hid	Cvis	00:07	00:40	00:47		Dcri			✓		
006	NOTA	CRACK/NOTA PÉ	JPA	ZDAV	Cvis	00:04	00:00	00:04		Dcri			✓		
007	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:08	00:00	00:08		Dcri			✓		
008	VT	HOMICÍDIOS/ARAXÁ E BODOCONGÓ - EM PROD	CGE	Sámo	spau	00:12	00:50	01:02		avia			✓		
009	NOTA	NOTA ARRASTÃO/CAMPINA	CGE	ADEF	spau	00:22	00:00	00:22		Dcri			✓		
009	VT	SUÍTE/CADEIA AREIA = REEDITADO	CGE	ADEF	SYB	00:13	00:48	01:01		Dcri			✓		
010	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14		JCle			✓		
011	VT	CHAMADA GESP + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:37	00:48		Dcri			✓		
012	VIVO	LINK/FALAI RUA DO RIO (1)	JPA	Hid	Cvis	00:31	01:00	01:31		CALB			✓		
013	VT	VT/PRÉPARATIVOS FALAI - WANESSA	JPA	Rneg	Cvis	00:07	00:39	00:46		Dcri			✓		
014	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		Dcri			✓		
*****2º BLOCO*****															
015	VIVO	LINK/FALAI RUA DO RIO (2)	JPA	ADEF	Cvis	00:11	03:00	03:11		avia			✓		
016	VT	FALA A/RUA DO RIO = HILD.	JPA	Hid	Cvis	00:02	01:54	01:56		avia			✓		
017	STAND	CÂMARA/SESSÃO = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:11	00:45	00:56		Dcri			✓		
018	NOTA	NOTA/MARANHÃO E LULA	JPA	ADEF	Eara	00:16	00:00	00:16		Eise			✓		
019	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		Dcri			✓		
*****3º BLOCO*****															
020	VIVO	LINK/FALAI RUA DO RIO (3)	JPA	ADEF	Cvis	00:14	03:00	03:14		avia			✓		
021	VT	RECICLAGEM/ACORDO VERDE	JPA	Cvis	Cvis	00:17	02:37	02:54		avia			✓		
022	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:08	00:00	00:08		avia			✓		
*****4º BLOCO*****															
023	VT	COMANDO/PRF = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:16	00:55	01:11		Dcri			✓		
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
		NOTA			JPA	ZDAV	nev	00:00	00:00	Jvit			✓		
		VT			MCO	ADEF	Cvis	00:13	01:25	Dcri			✓		

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem: Iniciar Easynews - TV Cabo B...

**Espelho 17:** JPBI 1ª Edição - 18/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

**Espelho - JPBI CG**

Telejornal: 12 Data: 18/03/2009 Fade: 00:33:00 Tempo: 00:32:19 Diferença: 00:00:41 18:16:59

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º bloco*****															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ADEF	CSiq	01:01	00:00	01:01		CSiq			✓		
002	VT	ASSALTO BANCO/REPERCUTE = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:13	01:28	01:41		CALB			✓		
003	NOTA	NOTA PÉ/ASSALTO	JPA	ADEF	Cvis	00:20	00:00	00:20		DHEL			✓		
004	NOTA	ASSASSINATO/BAYEUX	JPA	ADEF	spau	00:22	00:00	00:22		JCle			✓		
005	VT	APREENSÃO/CRACK = CARLA	JPA	Hid	spau	00:08	00:32	00:40		CALB			✓		
006	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:08	00:00	00:08		CALB			✓		
007	VT	HOMICÍDIOS/ARAXÁ E BODOCONGÓ - EM PROD	CGE	Sámo	spau	00:11	00:50	01:01		CSiq			✓		
008	NOTA	NOTA ARRASTÃO/CAMPINA	CGE	ADEF	spau	00:22	00:00	00:22		Dcri			✓		
009	VT	SUÍTE/CADEIA AREIA = REEDITADO	CGE	ADEF	spau	00:19	00:48	01:07		CALB			✓		
010	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:13	00:00	00:13		spau			✓		
011	VT	CHAMADA GESP + DIVISÃO	JPA	ADEF	spau	00:11	00:35	00:46		JCle			✓		
012	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ADEF	CSiq	00:15	00:00	00:15		spau			✓		
*****2º bloco*****															
013	VT	FALTA/PROFESSORES	CGE	agar	spau	00:16	01:28	01:44		CALB			✓		
014	NOTA	ESTUDANTES/PROTESTO + IMAGENS + SONO	CGE	ADEF	spau	00:56	00:58	01:54		CALB			✓		
		NOTA	JPA	ADEF	spau	00:16	00:00	00:16		JCle			✓		
015	ARTE	DENGUE	CGE	ADEF	spau	00:10	00:37	00:47		CALB			✓		
016	NOTA	PASSAGEM 2 + VIVO	CGE	ADEF	CSiq	00:15	00:00	00:15		spau			✓		
*****3º bloco*****															
017	VT	FÓRUM /CALÇADOS SEBRAE	CGE	MVas	spau	00:11	02:07	02:18		CALB			✓		
018	VIVO	VIVO/FÓRUM CALÇADOS	CGE	ADEF	spau	00:01	03:00	03:01	0	spau			✓		
019	NOTA	SHOW/UFG	CGE	ADEF	spau	00:20	00:00	00:20		spau			✓		
020	VT	RECICLAGEM/ACORDO VERDE	JPA	Cvis	spau	00:16	02:37	02:53		CALB			✓		
021	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ADEF	CSiq	00:20	00:00	00:20		spau			✓		
*****4º bloco*****															
		VT	JPA	nev	spau	00:16	00:55	01:11		CALB			✓		
022	VT	CONFARIA/HUMOR = ADRIANA	JPA	asai	spau	00:16	01:25	01:41		CALB			✓		
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
		ESTUD			CGE	ADEF	spau	00:18	00:00	00:18			JCle		
		NOTA			CGE	ADEF	spau	00:15	00:00	00:15			EGOM		
		ESTUD			CGE	ZDAV	CSiq	00:36	00:00	00:36			spau		

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem: Iniciar Easynews - TV Cabo B...

**Espelho 18:** JPBI 1ª Edição - 18/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco  
 Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Telejornal: 03 Data: 19/03/2009 Fade: 00:32:00 Tempo: 00:32:47 Diferença: 00:00:47 17:09:02 Código 341222

Ord Tipo Retranca Mun Rep Loc Cab VT Mat Fita Usu Apv Obs Imp Ok Id

001	VT	GOLPE/PÁG.P/INTERNET	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18	Cvis						
002	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	01:01	00:00	01:01	Dcri						
003	NOTA	NOTA/ADVOGADO/MOLOTOV	JPA	viei	Cvis	00:31	00:00	00:31	gros						
004	VT	GOLPE/ EMPRÉSTIMOS = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:29	02:46	03:15	Dcri						
005	VIVO	LINK/VALBERTO LIRA = NERISSA	JPA	ADEF	Cvis	00:19	01:30	01:49	Dcri						
006	NOTA	ASSALTO/FARMÁCIA	JPA	ADEF	Cvis	00:16	00:00	00:16	avia						
007	NOTA	HOMEM/BALEADO	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21	avia						
008	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:09	00:00	00:09	Dcri						
009	VT	PRISÃO/ FORAGIDO DF =SYUSK	CGE	SAmo	spau	00:11	01:06	01:17	Dcri						
010	VT	PRISÃO/ FORAGIDO/BOQUEIRÃO = MICHELLE	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14	Dcri						
011	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:00	00:25	MLan						
012	NOTA	AGÊNCIA/BANCO DO BRASIL	JPA	ADEF	Cvis	00:39	00:00	00:39	gros						
013	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS (JP E CG)	JPA	nev	Cvis	00:23	02:00	02:23	JCLe						
014	VT	CHAMADA/ESPORTE = CARLA + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:34	00:45	Emad						
015	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19	Cvis						
016	VT	AVC/ DIAGNÓSTICO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:23	01:39	02:02	Dcri						
017	VIVO	TRÂNSITO/ALTERAÇÃO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:11	01:00	01:11	gros						
018	NOTA	NOTA/INTEGRAÇÃO ÔNIBUS	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21	Cvis						
019	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14	Dcri						
020	VT	PRISÃO/ FORAGIDO DF =SYUSK	CGE	SAmo	spau	00:11	01:06	01:17	Dcri						
021	VT	PRISÃO/ FORAGIDO/BOQUEIRÃO = MICHELLE	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14	Dcri						
022	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:00	00:25	MLan						
023	NOTA	AGÊNCIA/BANCO DO BRASIL	JPA	ADEF	Cvis	00:39	00:00	00:39	gros						
024	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS (JP E CG)	JPA	nev	Cvis	00:23	02:00	02:23	JCLe						
025	VT	CHAMADA/ESPORTE = CARLA + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:34	00:45	Emad						
026	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19	Cvis						
027	VT	AVC/ DIAGNÓSTICO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:23	01:39	02:02	Dcri						
028	VIVO	TRÂNSITO/ALTERAÇÃO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:11	01:00	01:11	gros						
029	NOTA	NOTA/INTEGRAÇÃO ÔNIBUS	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21	Cvis						
030	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14	Dcri						
031	VT	PRISÃO/ FORAGIDO DF =SYUSK	CGE	SAmo	spau	00:11	01:06	01:17	Dcri						
032	VT	PRISÃO/ FORAGIDO/BOQUEIRÃO = MICHELLE	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14	Dcri						
033	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:00	00:25	MLan						
034	NOTA	AGÊNCIA/BANCO DO BRASIL	JPA	ADEF	Cvis	00:39	00:00	00:39	gros						
035	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS (JP E CG)	JPA	nev	Cvis	00:23	02:00	02:23	JCLe						
036	VT	CHAMADA/ESPORTE = CARLA + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:34	00:45	Emad						
037	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19	Cvis						
038	VT	AVC/ DIAGNÓSTICO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:23	01:39	02:02	Dcri						
039	VIVO	TRÂNSITO/ALTERAÇÃO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:11	01:00	01:11	gros						
040	NOTA	NOTA/INTEGRAÇÃO ÔNIBUS	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21	Cvis						
041	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14	Dcri						
042	VT	PRISÃO/ FORAGIDO DF =SYUSK	CGE	SAmo	spau	00:11	01:06	01:17	Dcri						
043	VT	PRISÃO/ FORAGIDO/BOQUEIRÃO = MICHELLE	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14	Dcri						
044	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:00	00:25	MLan						
045	NOTA	AGÊNCIA/BANCO DO BRASIL	JPA	ADEF	Cvis	00:39	00:00	00:39	gros						
046	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS (JP E CG)	JPA	nev	Cvis	00:23	02:00	02:23	JCLe						
047	VT	CHAMADA/ESPORTE = CARLA + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:34	00:45	Emad						
048	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19	Cvis						
049	VT	AVC/ DIAGNÓSTICO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:23	01:39	02:02	Dcri						
050	VIVO	TRÂNSITO/ALTERAÇÃO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:11	01:00	01:11	gros						
051	NOTA	NOTA/INTEGRAÇÃO ÔNIBUS	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21	Cvis						
052	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14	Dcri						
053	VT	PRISÃO/ FORAGIDO DF =SYUSK	CGE	SAmo	spau	00:11	01:06	01:17	Dcri						
054	VT	PRISÃO/ FORAGIDO/BOQUEIRÃO = MICHELLE	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14	Dcri						
055	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:00	00:25	MLan						
056	NOTA	AGÊNCIA/BANCO DO BRASIL	JPA	ADEF	Cvis	00:39	00:00	00:39	gros						
057	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS (JP E CG)	JPA	nev	Cvis	00:23	02:00	02:23	JCLe						
058	VT	CHAMADA/ESPORTE = CARLA + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:34	00:45	Emad						
059	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19	Cvis						
060	VT	AVC/ DIAGNÓSTICO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:23	01:39	02:02	Dcri						
061	VIVO	TRÂNSITO/ALTERAÇÃO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:11	01:00	01:11	gros						
062	NOTA	NOTA/INTEGRAÇÃO ÔNIBUS	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21	Cvis						
063	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14	Dcri						
064	VT	PRISÃO/ FORAGIDO DF =SYUSK	CGE	SAmo	spau	00:11	01:06	01:17	Dcri						
065	VT	PRISÃO/ FORAGIDO/BOQUEIRÃO = MICHELLE	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14	Dcri						
066	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:00	00:25	MLan						
067	NOTA	AGÊNCIA/BANCO DO BRASIL	JPA	ADEF	Cvis	00:39	00:00	00:39	gros						
068	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS (JP E CG)	JPA	nev	Cvis	00:23	02:00	02:23	JCLe						
069	VT	CHAMADA/ESPORTE = CARLA + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:34	00:45	Emad						
070	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19	Cvis						
071	VT	AVC/ DIAGNÓSTICO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:23	01:39	02:02	Dcri						
072	VIVO	TRÂNSITO/ALTERAÇÃO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:11	01:00	01:11	gros						
073	NOTA	NOTA/INTEGRAÇÃO ÔNIBUS	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21	Cvis						
074	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14	Dcri						
075	VT	PRISÃO/ FORAGIDO DF =SYUSK	CGE	SAmo	spau	00:11	01:06	01:17	Dcri						
076	VT	PRISÃO/ FORAGIDO/BOQUEIRÃO = MICHELLE	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14	Dcri						
077	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:00	00:25	MLan						
078	NOTA	AGÊNCIA/BANCO DO BRASIL	JPA	ADEF	Cvis	00:39	00:00	00:39	gros						
079	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS (JP E CG)	JPA	nev	Cvis	00:23	02:00	02:23	JCLe						
080	VT	CHAMADA/ESPORTE = CARLA + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:34	00:45	Emad						
081	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19	Cvis						
082	VT	AVC/ DIAGNÓSTICO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:23	01:39	02:02	Dcri						
083	VIVO	TRÂNSITO/ALTERAÇÃO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:11	01:00	01:11	gros						
084	NOTA	NOTA/INTEGRAÇÃO ÔNIBUS	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21	Cvis						
085	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14	Dcri						
086	VT	PRISÃO/ FORAGIDO DF =SYUSK	CGE	SAmo	spau	00:11	01:06	01:17	Dcri						
087	VT	PRISÃO/ FORAGIDO/BOQUEIRÃO = MICHELLE	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14	Dcri						
088	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:00	00:25	MLan						
089	NOTA	AGÊNCIA/BANCO DO BRASIL	JPA	ADEF	Cvis	00:39	00:00	00:39	gros						
090	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS (JP E CG)	JPA	nev	Cvis	00:23	02:00	02:23	JCLe						
091	VT	CHAMADA/ESPORTE = CARLA + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:34	00:45	Emad						
092	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19	Cvis						
093	VT	AVC/ DIAGNÓSTICO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:23	01:39	02:02	Dcri						
094	VIVO	TRÂNSITO/ALTERAÇÃO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:11	01:00	01:11	gros						
095	NOTA	NOTA/INTEGRAÇÃO ÔNIBUS	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21	Cvis						
096	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14	Dcri						
097	VT	PRISÃO/ FORAGIDO DF =SYUSK	CGE	SAmo	spau	00:11	01:06	01:17	Dcri						
098	VT	PRISÃO/ FORAGIDO/BOQUEIRÃO = MICHELLE	CGE	MWAD	spau	00:12	01:02	01:14	Dcri						
099	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:00	00:25	MLan						
100	NOTA	AGÊNCIA/BANCO DO BRASIL	JPA	ADEF	Cvis	00:39	00:00	00:39	gros						
101	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS (JP E CG)	JPA	nev	Cvis	00:23	02:00	02:23	JCLe						
102	VT	CHAMADA/ESPORTE = CARLA + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:34	00:45	Emad						
103	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19	Cvis						
104	VT	AVC/ DIAGNÓSTICO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:23	01:39	02:02	Dcri						
105	VIVO	TRÂNSITO/ALTERAÇÃO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:11	01:00	01:11	gros						
106	NOTA	NOTA/INTEGRAÇÃO ÔNIBUS	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21	Cvis						
107	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14	Dcri						
108															

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espeho - JPB1

Telejornal: 03 Data: 20/03/2009 Fide: 00:30:00 Tempo: 00:30:25 Diferença: 00:00:25 17:09:56

Código 341584

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1 BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	01:06	00:00	01:06		Dcri			✓		
002	NOTA	SÃO JOSÉ/TIROTEIO	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19		Goos			✓		
003	VT	ASSALTO /PESSOENSES = HILDEBRAND	JPA	ADEF	Cvis	00:13	01:21	01:34		avia			✓		
004	NOTA	NOTA PÉ/ASSALTO	JPA	ZDAV	Cvis	00:11	00:00	00:11		avia			✓		
005	NOTA	ALTERNATIVO/ASSASSINADO	JPA	ZDAV	Cvis	00:16	00:00	00:16		avia			✓		
008	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:10	00:00	00:10		Dcri			✓		
009	VT	HOMICÍDIO/CONCEIÇÃO = SYUSK	CGE	SAmo	spau	00:12	00:43	00:55		Dcri			✓		
STAND SAIDINHA/BANCO															
AUDIO PRISÃO/PREFEITO															
010	VT	APREENSÃO/QUADRILHA = MICHELLE	CGE	ADEF	Cvis	00:11	00:30	00:41	0	Dcri			✓		
011	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG + imagens	JPA	ADEF	Cvis	00:56	00:00	00:56		avia			✓		
012	ESTUD	CHAMADA GE = KAKO	JPA	Emad	Cvis	00:12	02:00	02:12		avia			✓		
013	VT	INTERDIÇÃO/ BR = CARLA + DIVISÃO	SRT	SREP	Cvis	00:08	00:30	00:38		avia			✓		
014	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:00	00:17		Dcri			✓		
*****2 BLOCO*****															
016	VT	INSS/RESTITUIÇÃO = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:15	00:58	01:13		Dcri			✓		
017	VIVO	CONCURSO/POLÍCIA = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:15	02:30	02:45		Dcri			✓		
020	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14		Dcri			✓		
*****3 BLOCO*****															
*****3 BLOCO*****															
022	VT	VISITA/MARANHÃO/BSA	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:48	01:07		HFer			✓		
023	NOTA	NOTA MARANHÃO	JPA	ZDAV	Cvis	00:34	00:00	00:34		HFer			✓		
025	VT	CHARGE/PBTV	JPA	ADEF	Cvis	00:01	01:01	01:02		Cvis			✓		
026	NOTA	NOTA/BOLSA FAMÍLIA	JPA	ADEF	Cvis	00:30	00:00	00:30		HFer			✓		
027	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19		Dcri			✓		
*****4 BLOCO*****															
028	VT	VITÓRIA/MERCADO CENTRAL = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:10	01:59	02:09		Dcri			✓		
27A	NOTA	NOTA/BAIRRO S. JOSÉ/ATUALIZA	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:00	00:17		Dcri			✓		

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espeho 21: JPB 1ª Edição - 20/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espeho - JPB1CG

Telejornal: 12 Data: 20/03/2009 Fide: 00:35:00 Tempo: 00:36:48 Diferença: 00:01:48 18:18:18

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1 BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:36	00:00	00:36		CSiq			✓		
002	VT	ASSALTO /PESSOENSES = HILDEBRAND	JPA	ADEF	Cvis	00:13	01:21	01:34		CALB			✓		
003	NOTA	NOTA PÉ/ASSALTO	JPA	ZDAV	Cvis	00:13	00:00	00:13		CSiq			✓		
004	NOTA	ALTERNATIVO/ASSASSINADO	JPA	ZDAV	Cvis	00:23	00:00	00:23		CSiq			✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:09	00:00	00:09		CSiq			✓		
006	VT	HOMICÍDIO/CONCEIÇÃO	CGE	SAmo	spau	00:11	00:43	00:54		CSiq			✓		
007	NOTA	NOTA/ OPERAÇÃO MINA DE PRATA	CGE	ADEF	spau	00:29	00:00	00:29		CSiq			✓		
008	STAND	SAIDINHA/BANCO	CGE	ADEF	spau	00:11	00:30	00:41	0	spau			✓		
009	AUDIO	PRISÃO/PREFEITO	CGE	HRia	spau	00:15	00:46	01:01		CALB			✓		
010	VT	APREENSÃO/QUADRILHA = MICHELLE (INÉDI)	CGE	ADEF	spau	00:17	01:39	01:56		spau			✓		
011	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:57	00:00	00:57		CALB			✓		
012	ESTUD	CHAMADA GE = KAKO	JPA	Emad	Cvis	00:11	02:00	02:11		EGOM			✓		
013	VT	INTERDIÇÃO/ BR = CARLA + DIVISÃO	SRT	SREP	Cvis	00:09	00:30	00:39		EGOM			✓		
014	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	CSiq	00:15	00:00	00:15		spau			✓		
*****2 BLOCO*****															
015	VT	LIXÃO/SANTO ANTÔNIO	CGE	MVas	spau	00:17	01:18	01:35		avia			✓		
016	NOTA	PÉ/LIXO	CGE	ADEF	spau	00:24	00:00	00:24		JCle			✓		
017	VT	CONCERTO/ELETRDOMÉSTICOS	CGE	ADEF	spau	00:18	01:21	01:39		CALB			✓		
018	VT	CAMPANHA/ANTICRISE	CGE	ADEF	spau	00:14	01:19	01:33		CALB			✓		
019	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	CSiq	00:16	00:00	00:16		CSiq			✓		
*****3 BLOCO*****															
025	VT	PERIGOS/MOTOS	CGE	MSoa	spau	00:33	03:32	04:05		CSiq			✓		
021	NOTA	ENCONTRO/PREFEITOS CARIRI	JPA	ADEF	MSoa	00:26	00:00	00:26		CSiq			✓		
020	VT	CHARGE/PBTV	JPA	ADEF	spau	00:01	01:01	01:02		CALB			✓		
MARANHÃO BRASÍLIA = (BRASÍLIA)															
023	NOTA	NOTA MARANHÃO	JPA	ZDAV	spau	00:21	00:00	00:21		JCle			✓		
024	VT	INSS/RESTITUIÇÃO = VIEIRA	JPA	viei	spau	00:10	00:58	01:08		ZDAV			✓		

Ins Sh Ins Ctrl Ins F2 Move Sh F2 Busca F5 Cai F6 Pautas Alt F8 Marca F8 Imp Sh F8 Capa F9 OK F10 Tempo F11 Checa

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar RUNDLL Easynews - TV Cabo B...

Espeho 22: JPB 1ª Edição - 20/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande)

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1

Telejornal: 03 Data: 21/03/2009 Fado: 00:31:00 Tempo: 00:30:25 Diferença: 00:00:35 17:19:52

Código 341452

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1 BLOCO*****															
		05:30													
	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:50	00:00	00:50		Eise					
	VT	VIOLÊNCIA/CENTRO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:13	01:24	01:37		Eise					
		NOTAPÉ/VIOLÊNCIA	JPA	ADEF	Cvis	00:05	00:00	00:05		Eise					
	NOTA	ABERTURA/BLOCO 1 = CG	JPA	ADEF	Cvis	00:09	00:00	00:09		Eise					
	NOTA	NOTA/ACIDENTE	CGE	ADEF	Cvis	00:29	00:00	00:29		Eise					
	VT	PRISÃO/SANTO ANTÔNIO + DIVISÃO	CGE	agar	SAmo	00:07	00:20	00:27		Eise					
	VT	DELEGACIA/SHOPPING = HILDE	JPA	Hld	Cvis	00:15	01:11	01:26		Eise					
		NOTAPÉ/DELEGACIA	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:00	00:17		Eise					
	PASSA	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:10	00:00	00:10		Eise					
*****2 BLOCO*****															
		08:44													
	VT	ÁGUA HOMENAGEM 1 (Praia)	JPA	ADEF	Cvis	00:01	00:30	00:31		Eise					
	VT	CONVIVÊNCIA/FALTA D'ÁGUA = LAERTE	JPA	LCER	Cvis	00:14	02:04	02:18		Eise					
	VIVO	LINK/ÁGUA DESPERDÍCIO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:13	02:30	02:43		Eise					
	VT	CHAMA/GIRO COMÉRCIO PRAIAS = CARLA	JPA	ADEF	Cvis	00:10	00:31	00:41		Eise					
	VT	CÂMARA/MANGABEIRA = HILDE	JPA	Hld	Cvis	00:12	02:01	02:13		Eise					
	PASSA	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		Eise					
*****3 BLOCO*****															
		06:58													
	VT	ÁGUA HOMENAGEM 2 (Açudes)	JPA	ADEF	Cvis	00:01	00:30	00:31		Eise					
	VIVO	LINK ÁGUA 2 = NERISSA	JPA	ADEF	Cvis	00:18	02:30	02:48		Eise					
	VT	RECEITA/CUSCUZ PAULISTA = HILD	JPA	ADEF	Cvis	00:23	02:50	03:13		Eise					
		NOTAPÉ/RECEITA	JPA	ADEF	Cvis	00:09	00:00	00:09		Eise					
	PASSA	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:00	00:17		Eise					
*****4 BLOCO*****															
		09:13													
	VT	ÁGUA HOMENAGEM 3 (Cachoeira)	JPA	ADEF	Cvis	00:01	00:34	00:35		Eise					
	VT	M&D/JUNHAS = EDILANE	JPA	Eara	Cvis	00:16	05:06	05:22		Eise					
		NOTAPÉ/MDDA	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		Eise					
	VT	VICTOR E LÉO/FÁS = HILDEBRAND	JPA	Hld	Cvis	00:12	01:33	01:45		Eise					

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Easynews - TV Cabo B...

Espelho 23: JPB 1ª Edição - 21/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1CG

Telejornal: 12 Data: 21/03/2009 Fado: 00:33:00 Tempo: 00:33:18 Diferença: 00:00:18 18:19:00

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1 BLOCO*****															
		03:53													
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:46	00:00	00:46		spau					
002	VT	VIOLÊNCIA/CENTRO = NERISSA	JPA	nev	spau	00:11	01:24	01:35		lalv					
02A		NOTAPÉ/VIOLÊNCIA	JPA	ADEF	spau	00:05	00:00	00:05		lalv					
003	NOTA	ABERTURA/BLOCO 1 = CG	JPA	ADEF	Cvis	00:08	00:00	00:08		spau					
004	NOTA	NOTA/ACIDENTE	CGE	ADEF	spau	00:29	00:00	00:29		spau					
005	VT	PRISÃO/SANTO ANTÔNIO + DIVISÃO	CGE	agar	SAmo	00:07	00:20	00:27		lalv					
006	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	spau	CSiq	00:23	00:00	00:23		spau					
*****2 BLOCO*****															
		08:44													
007	VT	ÁGUA HOMENAGEM 1 (Praia)	CGE	ADEF	spau	00:01	00:30	00:31		spau					
008	VT	PROTESTO/AGENTES (PATOS)	CGE	HRia	spau	00:08	00:58	01:06		spau					
08A	NOTA	NOTA PE - PROTESTO	CGE	ADEF	CSiq	00:14	00:00	00:14		lalv					
009	VT	CONVIVÊNCIA/FALTA D'ÁGUA = LAERTE	CGE	LCER	spau	00:13	02:04	02:17		spau					
010	ESTUD	ENTREVISTA/RECURSOS HÍDRICOS	CGE	ADEF	SAmo	00:17	04:00	04:17		CALB					
011	NOTA	PASSAGEM 2 + (SOM BANDA AO VIVO)	CGE	spau	CSiq	00:19	00:00	00:19		spau					
*****3 BLOCO*****															
		10:17													
012	VT	ÁGUA HOMENAGEM 2 (Açudes)	CGE	ADEF	spau	00:01	00:30	00:31		lalv					
013	VT	COMÉRCIO/PÁScoa	CGE	ADEF	spau	00:13	01:45	01:58		spau					
014	VT	RECEITA/CUSCUZ PAULISTA = HILD	JPA	ADEF	spau	00:24	02:50	03:14		spau					
015		NOTAPÉ/RECEITA	CGE	ADEF	spau	00:08	00:00	00:08		spau					
016	VT	VINHETA/SOM DA PARAIBA	CGE	ADEF	spau	00:00	00:05	00:05		spau					
017	VIVO	VIVO/HUACK (1)	CGE	ADEF	spau	00:19	03:00	03:19		CALB					
018	VT	CHAMA/GIRO COMÉRCIO PRAIAS = CARLA	CGE	ADEF	spau	00:10	00:36	00:46		spau					
019	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	spau	CSiq	00:16	00:00	00:16		spau					
*****4 BLOCO*****															
		10:24													
020	VT	ÁGUA HOMENAGEM 3 (Cachoeira)	CGE	ADEF	spau	00:01	00:34	00:35		spau					
021	VT	M&D/JUNHAS = EDILANE	CGE	Eara	spau	00:16	05:06	05:22		lalv					
022		NOTAPÉ/MDDA	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		lalv					
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
	VT	VENDA/PE/PE	CGE	spau	SAmo	00:13	01:36	01:49		lalv					
	ESTUD	CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - ANTES DO JORNAL	CGE	ZDAV	CSiq	00:00	00:00	00:00		spau					
	VT	ENCERRAMENTO + IMAGENS DA SEMANA	CGE	ADEF	spau	00:21	01:00	01:21		lalv					

Ins | Sh Ins | Ctrl Ins | F2 Move | SH F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | SH F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Easynews - TV Cabo B...

Espelho 24: JPB 1ª Edição - 21/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).



Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1

Telejornal: 03 Data: 23/03/2009 Fide: 00:29:00 Tempo: 00:30:29 Diferença: 00:01:29 17:14:51

Código 341928

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:48	00:00	00:48		avia			✓		
002	VT	TENTATIVA HOMICÍDIO/ CACIQUE = REJANE	RIT	Rneg	Cvis	00:15	00:52	01:07		Dcri			✓		
003	VT	VIOLÊNCIA/CRANÇA = CARLA	CBD	nev	Cvis	00:19	01:15	01:34		Eara			✓		
004	NOTA	NOTA PÉ/VIOLÊNCIA/CRANÇA	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		avia			✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		spau			✓		
006	VT	PERSEGUIÇÃO/ASSALTANTES	CGE	ADEF	Cvis	00:22	02:29	02:51		Dcri			✓		
007	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:26	00:00	00:26		Dcri			✓		
008	VT	ALHANDRA/PRISÕES = NERISSA	ALH	nev	Cvis	00:10	00:37	00:47		avia			✓		
009	VT	ACIDENTE/REPERCUSSÃO = CARLA	JPA	ADEF	Cvis	00:18	01:30	01:48		gros			✓		
010	NOTAP	NOTA PÉ	JPA	ADEF	Cvis	00:46	00:00	00:46		riun			✓		
011	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 2 CG	CGE	ADEF	Cvis	00:07	00:00	00:07		Dcri			✓		
012	VT	ACIDENTE/TEIXEIRA - INÉDITO	CGE	ADEF	spau	00:09	00:40	00:49		Dcri			✓		
013	VT	ACIDENTE/GURJÃO/MORTE = CG	CGE	SAmo	spau	00:11	00:46	00:57		Rneg			✓		
014	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 2 CG	CGE	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12		spau			✓		
015	VT	CUIDADOS/CARRO/VIAGEM = HILD	JPA	Hid	Cvis	00:36	00:59	01:35		Dcri			✓		
016	NOTA	CUIDADOS/CARROS/NOTA PÉ	JPA	ZDAV	Cvis	00:07	00:00	00:07		spau			✓		
017	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	Emad	Cvis	00:16	02:00	02:16		kmar			✓		
018	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:15	00:00	00:15		Dcri			✓		
*****2º BLOCO*****															
019	VIVO	LINK/EMPREGO 1	JPA	nev	Cvis	00:15	01:30	01:45		Dcri			✓		
020	VT	EMPREGO/BALCONISTA = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:10	02:05	02:15		nev			✓		
021	VIVO	LINK/EMPREGO 2	JPA	ADEF	Cvis	00:26	01:00	01:26		avia			✓		
022	ARTE	CONCURSOS UFCC - CARLA	CGE	ADEF	Cvis	00:09	00:39	00:48		Dcri			✓		
024	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		Cvis			✓		
*****3º BLOCO*****															
026	VT	RUÁ/CALCAMENTO = CARLA	JPA	SREP	Cvis	00:16	00:41	00:57		avia			✓		
027	NOTA	NOTA PÉ/CALCAMENTO	JPA	ADEF	Cvis	00:29	00:00	00:29		Dcri			✓		

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Easynews - TV Cabo B...

Espelho 25: JPB 1ª Edição - 23/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1CG

Telejornal: 12 Data: 23/03/2009 Fide: 00:30:00 Tempo: 00:30:21 Diferença: 00:00:21 18:20:04

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º bloco*****															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:52	00:00	00:52		agar			✓		
002	VT	TENTATIVA HOMICÍDIO/ CACIQUE = REJANE	RIT	Rneg	spau	00:17	01:00	01:17		EGOM			✓		
003	VT	VIOLÊNCIA/CRANÇA = CARLA	CBD	nev	Cvis	00:20	01:15	01:35		CSiq			✓		
004	NOTA	NOTA PÉ/VIOLÊNCIA/CRANÇA	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		CSiq			✓		
005	NOTA	NOTA HOMICÍDIOS/STA RITA	JPA	ADEF	Cvis	00:33	00:00	00:33		CSiq			✓		
006	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:08	00:00	00:08		CSiq			✓		
007	VT	PERSEGUIÇÃO/ASSALTANTES EM PROD	CGE	ADEF	spau	00:22	02:29	02:51		avia			✓		
008	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:26	00:00	00:26		JCie			✓		
009	VT	ALHANDRA/PRISÕES = NERISSA	ALH	nev	spau	00:10	00:37	00:47		EGOM			✓		
010	VT	ACIDENTE/REPERCUSSÃO = CARLA	JPA	ADEF	spau	00:18	01:30	01:48		EGOM			✓		
011	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 2 CG	CGE	ADEF	spau	00:07	00:00	00:07	0	CSiq			✓		
012	VT	ACIDENTE/TEIXEIRA - INÉDITO	CGE	ADEF	spau	00:11	00:40	00:51	0	CSiq			✓		
013	VT	ACIDENTE/GURJÃO/MORTE	CGE	SAmo	spau	00:17	00:46	01:03		CALB			✓		
014	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 2 CG	CGE	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12		CSiq			✓		
015	VT	CUIDADOS/CARRO/VIAGEM = HILD	JPA	Hid	Cvis	00:35	00:59	01:34		EGOM			✓		
016	NOTA	CUIDADOS/CARROS/NOTA PÉ	JPA	ZDAV	spau	00:07	00:00	00:07		EGOM			✓		
017	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	ADEF	spau	00:16	02:00	02:16		CSiq			✓		
018	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	CSiq	00:11	00:00	00:11		JCie			✓		
*****2º bloco*****															
019	VT	PROTESTO/ESTUDANTES	CGE	ADEF	spau	00:19	01:27	01:46		CALB			✓		
020	VT	LAGOA/FEDENTINA = ADRIANA	JPA	asai	spau	00:24	01:28	01:52		spau			✓		
021	NOTAP	PÉ/FEDENTINA	JPA	ADEF	spau	00:23	00:00	00:23		spau			✓		
022	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	CSiq	00:14	00:00	00:14		JCie			✓		
*****3º bloco*****															
023	VT	EMPREGO/COSTURA (falta arte)	CGE	MVas	spau	00:16	02:04	02:20		spau			✓		
024	NOTA	NOTA PÉ/ENC. EMPREGO - COSTURA	CGE	ADEF	spau	00:10	00:00	00:10		MLan			✓		
025	ARTE	CONCURSOS UFCC	CGE	ADEF	spau	00:10	00:36	00:46		spau			✓		

Ins | Sh Ins | Ctl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Easynews - TV Cabo B...

Espelho 26: JPB 1ª Edição - 23/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1

Telefonia: 03 Data: 24/03/2009 Fade: 00:35:30 Tempo: 00:35:30 Diferença: 00:00:00 17:15:37 Código: 342183

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
10:49															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:56	00:00	00:56		pava			✓		
002	VT	MORTE/OVERDOSE = NERISSA	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:34	00:48		Dcri			✓		
003	VT	PRISÃO/GUERREIRO = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:11	01:23	01:34		avia			✓		
004	NOTA	NOTA PE/PRISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:08	00:00	00:08		Dcri			✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		avia			✓		
006	VT	CAPTURA/FUGITIVO/SERROTÃO	CGE	SAmo	spau	00:15	01:03	01:18		avia			✓		☺☺☺
007	VT	HOMICÍDIO/ PATOS	CGE	HRia	spau	00:05	00:23	00:28		avia			✓		☺☺☺
008	VT	INSEGURANÇA/SOUSA = MONIKE	CGE	ADEF	spau	00:10	01:40	01:50		avia			✓		☺☺☺
009	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		Dcri			✓		
010	NOTA	NOVIDADES/CACIQUE	JPA	ADEF	Cvis	00:47	00:00	00:47		Dcri			✓		
011	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	Emad	Cvis	00:14	02:00	02:14		Dcri			✓		
012	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:22	00:00	00:22		Dcri			✓		
*****2º BLOCO*****															
08:58															
019	VIVO	CÂMARA/SESSÃO = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:17	01:00	01:17		Dcri			✓		
013	VT	TJ/CARRDS = HILDEBRANDO	JPA	Hid	Cvis	00:16	01:03	01:19					✓		
014	VT	SAÚDE/TUBERCULOSE = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:17	02:02	02:19		avia			✓		
015	ESTUD	SAÚDE/ENTREVISTA 1	JPA	Cvis	Cvis	00:15	03:30	03:45		avia			✓		
017	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		Dcri			✓		
*****3º BLOCO*****															
00:00															
*****3º BLOCO*****															
10:26															
018	ESTUD	SAÚDE/ENTREVISTA 2	JPA	ADEF	Cvis	00:05	03:30	03:35		Dcri			✓		
024	VIVO	DOM ALDO/DECISÃO = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:16	00:40	00:56		Dcri			✓		
020	VT	RICARDO/INTEGRAÇÃO = CARLA	JPA	wand	Cvis	00:14	00:32	00:46		Dcri			✓		☺☺☺
021	NOTA	NOTA/ACÓRDÃO/PUBLICADO	JPA	ADEF	Cvis	00:36	00:00	00:36		avia			✓		
022	NOTA	ENCONTRO/GOVERNADORES	JPA	ADEF	Cvis	00:35	00:00	00:35		JCLe			✓		
016	VT	PRODUÇÃO/PIMENTA QUIXABA	CGE	ADEF	Cvis	00:16	02:25	02:41		Dcri			✓		☺☺☺
22A	VT	JORNAL HOJE/CHAMADA	JPA	ZDAV	Cvis	00:04	01:01	01:05		Dcri			✓		
023	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		Dcri			✓		
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 27: JPB 1ª Edição - 24/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1CG

Telefonia: 12 Data: 24/03/2009 Fade: 00:36:00 Tempo: 00:35:58 Diferença: 00:00:02 18:20:42 Código: Easy news 4.0

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
***** 1º bloco *****															
10:38															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:55	00:00	00:55		CSiq			✓		
002	VT	MORTE/OVERDOSE = NERISSA	JPA	ADEF	Cvis	00:10	00:34	00:44		CSiq			✓		
003	VT	PRISÃO/GUERREIRO = VIEIRA	JPA	viei	spau	00:10	01:31	01:41		CSiq			✓		
004	NOTA	NOTA PE/PRISÃO	JPA	ADEF	spau	00:09	00:00	00:09		CSiq			✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:11	00:00	00:11		CSiq			✓		
006	VT	CAPTURA/FUGITIVO/SERROTÃO	CGE	SAmo	spau	00:15	01:03	01:18		CSiq			✓		☺☺☺
007	VT	HOMICÍDIO/ PATOS	CGE	HRia	spau	00:05	00:23	00:28		CSiq			✓		☺☺☺
008	VT	INSEGURANÇA/SOUSA = MONIKE	CGE	ADEF	spau	00:10	01:40	01:50		avia			✓		☺☺☺
009	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:10	00:00	00:10		JCLe			✓		☺☺☺
010	NOTA	NOVIDADES/CACIQUE	JPA	ADEF	spau	00:46	00:00	00:46		JCLe			✓		☺☺☺
011	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	ADEF	spau	00:11	02:00	02:11		avia			✓		☺☺☺
012	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	CSiq	00:15	00:00	00:15		JCLe			✓		☺☺☺
***** 2º bloco *****															
08:39															
013	VT	PRODUÇÃO/PIMENTA QUIXABA	CGE	ADEF	spau	00:18	02:20	02:38	0	CALB			✓		
013	VT	CISTERNAS/PBCOM - MICHELLE	CGE	ADEF	spau	00:14	02:55	03:09		CALB			✓		
015	VT	PRÍETO/MULHERES ENCARCERADAS	CGE	ADEF	spau	00:13	01:05	01:18		CALB			✓		
016	NOTA	NOTA/ACÓRDÃO/PUBLICADO	JPA	ADEF	spau	00:36	00:00	00:36		spau			✓		
	NOTA	ENCONTRO/GOVERNADORES	JPA	ADEF	spau	00:35	00:00	00:35		JCLe			✓		
017	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	CSiq	00:23	00:00	00:23		spau			✓		
***** 3º bloco *****															
11:39															
018	VT	SAÚDE/AVC	CGE	MVas	spau	00:18	01:30	01:48		CALB			✓		
019	ENTRE	ENTREVISTA/SAÚDE AVC	CGE	ADEF	spau	00:13	03:30	03:43		JCLe			✓		
014	VT	SAÚDE/TUBERCULOSE = REJANE	JPA	Rneg	spau	00:13	02:02	02:15		JCLe			✓		
020	VT	HU/CANCER	CGE	MSoa	spau	00:08	01:22	01:30		avia			✓		☺☺☺
022	VT	WILLIAM CARTUNISTA = CARLA	JPA	asai	spau	00:12	01:50	02:02		JCLe			✓		☺☺☺
023	NOTA	NOTA PE/EXPOSIÇÃO	JPA	ADEF	spau	00:03	00:00	00:03		avia			✓		
024	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ZDAV	CSiq	00:18	00:00	00:18		spau			✓		
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id

Ins | Sh Ins | Ctrl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checka

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar RUNDLL Easynews - TV Cabo B...

Espelho 28: JPB 1ª Edição - 24/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

**Easynews - TV Cabo Branco**  
 Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

**Espelho - JPB1**

Telemail: 03 Data: 25/03/2009 Fide: 00:30:00 Tempo: 00:31:33 Diferença: 00:01:33 17:16:24

Código 342503

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
13:53															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:53	00:00	00:53		Dcri					
002	VT	ACIDENTE/LUCENA = HILDEBRANDO	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:16	00:28		pava					
003	NOTA	ACIDENTE/NOTA PÉ	JPA	ZDAV	Cvis	00:05	00:00	00:05		pava					
004	VT	ACIDENTES/CINTO DE SEGURANÇA = REJANE	JPA	nev	Cvis	00:36	02:37	03:13		HFer					15
005	NOTA	ACIDENTE/AVANOTA PÉ	JPA	ZDAV	Cvis	00:15	00:00	00:15		pava					
006	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:10	00:00	00:10		pava					
007	VT	ACIDENTE/SOUSA - MONIK	CGE	ADEF	spau	00:11	00:23	00:34		Dcri					15
008	VT	PASSEATA/CF = HERTA	CGE	ADEF	spau	00:12	01:12	01:24		pava					15
009	VT	HOMICÍDIO/PUMINANA = MARCOS	CGE	MVas	spau	00:10	00:55	01:05		pava					15
010	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19		pava					
011	VT	PRISÃO/QUADRILHA = ADRIANA	JPA	asai	Cvis	00:19	01:05	01:24		pava					15
012	VT	PROTESTO/ESTUDANTES UEPB = CARLA	JPA	nev	Cvis	00:08	00:52	01:00		pava					
013	NOTA	NOTA PÉ/PROTESTO	JPA	ADEF	Cvis	00:28	00:00	00:28		Dcri					
014	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:11	02:00	02:11		Dcri					
015	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:24	00:00	00:24		Dcri					
*****2º BLOCO*****															
04:32															
017	VT	ABERTURA/BANCO DE OLHOS = WANESSA	JPA	wand	Cvis	00:16	01:47	02:03		Dcri					15
016	VT	MORTE/CHEF PARAIBANO	JPA	ADEF	Cvis	01:00	00:00	01:00		Dcri					
018	VIVO	SEGURO/DESEMPREGO = VIEIRA (com conversa)	JPA	ADEF	Cvis	00:16	01:00	01:16		Dcri					
019	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		Dcri					
*****3º BLOCO*****															
00:00															
*****3º BLOCO*****															
08:00															
020	VT	BESSA/PEDRAS = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:15	01:45	02:00		pava					
021	NOTA	NOTA/PARTICIPAÇÃO	JPA	ADEF	Cvis	00:49	00:00	00:49		Cvis					
022	VT	CONCURSO/CIVIL SUSPENDE = HILD.	JPA	Hid	Cvis	00:20	01:31	01:51		HFer					
023	NOTAPÉ	CONCURSO CIVIL	JPA	ADEF	Cvis	00:26	00:00	00:26		Dcri					
025	VIVO	UFBB/CURSOS = VIEIRA	JPA	ADEF	Cvis	00:16	01:00	01:16		Dcri					
024	VT	COLÉGIO/ SECRETÁRIO	JPA	nev	Cvis	00:12	01:06	01:18		HFer					
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
026	NOTA	PALESTRA/GRÁTIS	JPA	ADEF	Cvis	00:26	00:00	00:26		Dcri					
		ESTUD CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:00	00:00		Cvis					

Usuário: R Melo Easynews Mensagem: [ ]

Iniciar Easynews - TV Cabo B... [PT]

**Espelho 29:** JPB 1ª Edição - 25/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

**Easynews - TV Cabo Branco**  
 Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

**Espelho - JPB1CG**

Telemail: 12 Data: 25/03/2009 Fide: 00:30:00 Tempo: 00:31:28 Diferença: 00:01:28 18:21:21

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º Bloco*****															
13:31															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:45	00:00	00:45		CSiq					
002	VT	ACIDENTE/LUCENA = HILDEBRANDO	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:16	00:28		CALB					
003	NOTA	ACIDENTE/NOTA PÉ	JPA	ZDAV	Cvis	00:05	00:00	00:05		CSiq					
004	VT	ACIDENTES/CINTO DE SEGURANÇA = REJANE	JPA	nev	Cvis	00:36	02:37	03:13		CALB					15
005	NOTA	ACIDENTE/AVANOTA PÉ	JPA	ZDAV	spau	00:15	00:00	00:15		CSiq					
006	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:09	00:00	00:09		JCLe					
007	VT	ACIDENTE/SOUSA - MONIK	CGE	ADEF	spau	00:13	00:23	00:36		spau					
008	VT	PASSEATA/CF	CGE	ADEF	spau	00:12	01:12	01:24		CALB					15
009	VT	HOMICÍDIO/PUMINANA	CGE	MVas	spau	00:10	00:55	01:05		CSiq					
010	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:20	00:00	00:20		spau					
011	VT	PRISÃO/QUADRILHA = ADRIANA	JPA	asai	spau	00:19	01:05	01:24		CSiq					
012	VT	PROTESTO/ESTUDANTES UEPB = CARLA	JPA	nev	spau	00:08	00:52	01:00		CSiq					
013	NOTA	NOTA PÉ/PROTESTO	JPA	ADEF	spau	00:28	00:00	00:28		CSiq					
014	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	ADEF	spau	00:11	02:00	02:11		CSiq					
015	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	CSiq	00:08	00:00	00:08		JCLe					
*****2º Bloco*****															
03:49															
016	VT	AFTOSA/VISITAS	CGE	MVas	spau	00:15	01:18	01:33		spau					
017	NOTAPÉ	PÉ/VISITAS	CGE	ADEF	spau	00:09	00:00	00:09		pava					
018	VT	PESCARIA/BOQUEIRÃO - REEDITADO	CGE	agar	spau	00:13	01:35	01:48		spau					15
019	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	CSiq	00:19	00:00	00:19		JCLe					
*****3º Bloco*****															
07:20															
		NOTA CHAMADA/JH	CGE	ADEF	spau	00:06	00:57	01:03	0	JCLe					
020	VT	VIVO - JACINTA	CGE	ADEF	CSiq	00:18	02:00	02:18		CSiq					
021	ENTRE	ENTREVISTA/THOMPSON MARIZ	CGE	ADEF	CSiq	00:12	03:30	03:42		JCLe					
022	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ZDAV	CSiq	00:17	00:00	00:17		spau					
*****4º Bloco*****															
06:48															
023	VT	GIRO NE COMERCIO PRAIAS = NATAL	NTL	ADEF	spau	00:21	02:29	02:50		spau					15
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
		VT LANÇAMENTO/COMUNICURTAS (INÉDITO)	CGE	MSoa	spau	00:08	00:53	01:01		JCLe					15
		ESTUD CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A	CGE	ADEF	CSiq	00:30	00:00	00:30		spau					
		ESTUD PARAIBA AGORA - MANHÃ	CGE	ADEF	spau	00:26	00:00	00:26		spau					

Ins | Sh Ins | Ctrl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F8 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: R Melo Easynews Mensagem: [ ]

Iniciar Easynews - TV Cabo B... [PT]

**Espelho 30:** JPB 1ª Edição - 25/03/2009, versão exibida pela TV Paraiba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1

Telemar: 03 Data: 26/03/2009 Fade: 00:36:00 Tempo: 00:35:24 Diferença: 00:00:36 17:17:51

Código 342886

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
12:19															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:56	00:00	00:56		HFer			✓		
002	VT	GOLPE/LOJA/CONVENIÊNCIA = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:20	01:37	01:57		HFer			✓		
003	NOTA	NOTA PÉ/GOLPE LOJA	JPA	ADEF	Cvis	00:07	00:00	00:07		Cvis			✓		
004	NOTA	ASSASSINATO/CRUZ DAS ARMAS	JPA	nev	Cvis	00:19	00:00	00:19		gros			✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		Dcri			✓		
006	VT	CHEFE PEQUIM/MORTE = MONIKE (INÉDITO)	CGE	wand	spau	00:14	02:42	02:56		Dcri			✓	😊	
007	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		Dcri			✓		
008	VT	ACIDENTE/ MOTO - HILD.	JPA	SREP	Cvis	00:04	00:14	00:18		Dcri			✓		
008A	NOTA	NOTA PÉ/ACIDENTE MOTO	JPA	ADEF	Cvis	00:08	00:00	00:08		Dcri			✓		
009	VT	ACIDENTE/BR 230 = ADRIANA	JPA	asai	Cvis	00:12	00:56	01:08		Cvis			✓		
010	NOTA	ACIDENTE/NOTA PÉ	JPA	ZDAV	Cvis	00:03	00:00	00:03		Cvis			✓	😊	
011	NOTA	ACIDENTES/ESTRADAS	JPA	ADEF	Cvis	00:27	00:00	00:27		Hild			✓		
012	VT	DROGAS/PRISÃO = CARLA	JPA	asai	Cvis	00:22	00:40	01:02		Hild			✓	😊	
014	VT	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	Emad	Cvis	00:12	02:00	02:12		Cvis			✓		
015	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:00	00:17		Dcri			✓		
*****2º BLOCO*****															
04:06															
018	VT	APREENSÃO/ IBAMA	CGE	MSoa	Cvis	00:14	01:23	01:37		Dcri			✓	😊	
019	NOTAP	PÉ-IBAMA	CGE	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		Dcri			✓	😊	
017	VIVO	LINK NOTIFICAÇÃO/CORREIOS	JPA	nev	Cvis	00:20	01:30	01:50		Dcri			✓		
19A	VT	NOTA/PAGAMENTO PREFEITURA	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		Dcri			✓		
020	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:16	00:00	00:16		Dcri			✓		
*****3º BLOCO*****															
06:00															
*****3º BLOCO*****															
06:03															
021	VT	VIAGEM/SEGURO = MICHELLE	CGE	ADEF	Cvis	00:12	02:50	03:02		Dcri			✓	😊	
022	NOTA	SAÚDE/BEBÊ CARDIOPATA	JPA	ADEF	Cvis	00:29	00:00	00:29		Cvis			✓		
023	VT	COMBATE/CRIMES = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:23	01:28	01:51		Dcri			✓		
024	NOTA	NOTA/CONCURSO DA POLÍCIA	JPA	ADEF	Cvis	00:27	00:00	00:27		Hild			✓		
025	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14		Dcri			✓		
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
013	VIVO	VHINHETA + LINK/DESAPARECIDOS = JP	JPA	nev	Cvis	00:02	01:30	01:32		Dcri			✓		
	ESTUD	CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:00	00:00		Hild			✓		

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 31: JPB 1ª Edição - 26/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1CG

Telemar: 12 Data: 26/03/2009 Fade: 00:39:00 Tempo: 00:38:56 Diferença: 00:00:04 18:22:00

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º Bloco*****															
11:41															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:41	00:00	00:41		spau			✓		
002	VT	GOLPE/LOJA/CONVENIÊNCIA = REJANE	JPA	Rneg	spau	00:21	01:37	01:58		CALB			✓		
003	NOTA	NOTA PÉ/GOLPE LOJA	JPA	ADEF	spau	00:07	00:00	00:07		JCie			✓		
004	NOTA	ASSASSINATO/CRUZ DAS ARMAS	JPA	nev	spau	00:19	00:00	00:19		JCie			✓		
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:11	00:00	00:11		CALB			✓		
006	VT	CHEFE PEQUIM/MORTE = MONIKE (INÉDITO)	CGE	wand	spau	00:14	02:42	02:56		CALB			✓	😊	
007	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:17	00:00	00:17		spau			✓		
008	VT	ACIDENTE/BR 230 = ADRIANA	JPA	asai	spau	00:12	00:56	01:08		CALB			✓		
009	NOTA	ACIDENTE/NOTA PÉ	JPA	ZDAV	spau	00:03	00:00	00:03		JCie			✓		
010	NOTA	ACIDENTES/ESTRADAS	JPA	ADEF	spau	00:27	00:00	00:27		JCie			✓		
011	VT	DROGAS/PRISÃO = CARLA	JPA	asai	spau	00:22	00:40	01:02		CALB			✓		
013	VT	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	Emad	spau	00:12	02:00	02:12		JCie			✓		
014	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	CSiq	00:20	00:00	00:20		JCie			✓		
*****2º Bloco*****															
07:51															
015	VT	DIREITO/CIDADÃO	CGE	ADEF	spau	00:16	02:50	03:06		spau			✓		
017	ENTRE	ENTREVISTA/ CIEE	CGE	ADEF	SÁmo	00:16	04:00	04:16		CALB			✓		
018	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	CSiq	00:29	00:00	00:29		JCie			✓		
*****3º Bloco*****															
08:39															
	NOTA	MORTE/MULUNGU	CGE	ADEF	spau	00:29	00:00	00:29	0	JCie			✓		
019	VT	GIRO NE COMÉRCIO PRAIAS = SALVADOR	SDR	ADEF	spau	00:27	03:10	03:37		CALB			✓		
020	NOTA	NOTA PÉ/GIRO PRAIAS	JPA	ADEF	spau	00:03	00:00	00:03		spau			✓		
021	VIVO	VIVO / TEATRO SESC	CGE	ADEF	SÁmo	00:19	03:30	03:49		JCie			✓		
022	NOTA	NOTA/ORQUESTRA SINFÔNICA	JPA	ADEF	spau	00:19	00:00	00:19		spau			✓		
023	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ZDAV	CSiq	00:22	00:00	00:22		spau			✓		
*****4º Bloco*****															
10:45															
	NOTA	CHAMANDA/ JORNAL HOJE	CGE	ADEF	spau	00:06	00:54	01:00		JCie			✓		
	VT	ECONOMIA/ÁGUA/PATOS - HERTA	PTS	Hria	spau	00:16	04:27	04:43		JCie			✓		
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
016	VT	BALCONISTA/OPORTUNIDADES = NERISSA	JPA	nev	spau	00:10	02:05	02:15		JCie			✓	😊	
012	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS = JP E CG giu	JPA	nev	spau	00:25	01:00	01:25		JCie			✓		
	VT	ATROPELAMENTO/BR - em prod	CGE	SÁmo	spau	00:00	00:00	00:00		JCie			✓		

Ins Sh Ins Ctl Ins F2 Move Sh F2 Busca F5 Cai F6 Pautas Alt F8 Marca F8 Imp Sh F8 Capa F9 Ok F10 Tempo F11 Checa

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar RUNDLL Easynews - TV Cabo B...

Espelho 32: JPB 1ª Edição - 26/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espeho - JPBI

Telejornal: 03 Data: 27/03/2009 Fade: 00:38:00 Tempo: 00:38:01 Diferença: 00:00:01 17:19:00

Código 343040

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:53	00:00	00:53		Dcri					
002	VT	PRISÃO/ALENTINA = CARLA	JPA	Hild	Cvis	00:14	00:17	00:31		Dcri					
003	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 = CG	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		Dcri					
004	VT	TRÁFICO/FEIRA - ALAN	CGE	agar	spau	00:11	01:22	01:33		Dcri					
005	VT	ASSALTO/LAGOA SECA = CG	CGE	SAmo	spau	00:11	01:12	01:23		Dcri					
006	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		Dcri					
007	VT	GOLPE/CONTINUA = CARLA	JPA	LCER	Cvis	00:13	01:16	01:29		Dcri					
008	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	Emad	Cvis	00:08	02:00	02:08		Emad					
009	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		Dcri					
*****2º BLOCO*****															
010	VIVO	LINK/GRAFITI = NERISSA (1)	JPA	nev	Cvis	00:17	02:00	02:17		Dcri					
011	VT	MINISTÉRIO/SONEGACÃO	JPA	ZDAV	Cvis	00:07	00:26	00:33		Dcri					
019	VT	BIDDIESEL/PRODUÇÃO = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:23	01:35	01:58		Dcri					
016	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		Dcri					
*****3º BLOCO*****															
*****3º BLOCO*****															
012	VT	PRDJOVEM/INSCRIÇÕES = HILD.	JPA	Hild	Cvis	00:13	01:46	01:59		Dcri					
013	NOTAPÉ	PRO JOVEM	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19		Dcri					
017	VT	OUTDOOR/RECLAMAÇÃO = CARLA	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:41	00:58		Dcri					
018	VIVO	LINK/OUTDOORS = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:16	02:00	02:16		Dcri					
014	VT	SAPATEIROS/RECLAMAÇÕES- CARLA	JPA	SREP	Cvis	00:10	00:34	00:44		HFer					
015	NOTA	SAPATEIROS/NOTA PÉ	JPA	ZDAV	Cvis	00:16	00:00	00:16		Dcri					
021	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14		Dcri					
*****4º BLOCO*****															
*****4º BLOCO*****															
022	VIVO	LINK/GRAFITI = NERISSA (2)	JPA	ADEF	Cvis	00:09	01:30	01:39		Dcri					
023	VT	TEATRO/PROGRAMAÇÃO = CARLA	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:25	00:36		Dcri					
024	NOTAPÉ	TEATRO	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		Cvis					
025	VT	GIRO NE COMÉRCIO PRAIAS = ARACAJU	AJU	ADEF	Cvis	00:27	02:25	02:52		HFer					
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
		ESTUD	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:00	00:00		HFer					
		VT	JPA	ADEF	Cvis	00:00	02:00	02:00		Dcri					

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espeho 33: JPBI 1ª Edição - 27/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espeho - JPBI CG

Telejornal: 12 Data: 27/03/2009 Fade: 00:39:00 Tempo: 00:39:08 Diferença: 00:00:08 18:22:35

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º Bloco*****															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:48	00:00	00:48		spau					
002	VT	PRISÃO/ALENTINA = CARLA	JPA	Hild	spau	00:14	00:17	00:31		JCie					
003	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:14	00:00	00:14		spau					
004	VT	TRÁFICO/FEIRA - em prod	CGE	agar	spau	00:11	01:22	01:33		spau					
005	VT	ASSALTO/LAGOA SECA	CGE	SAmo	spau	00:11	01:12	01:23		spau					
006	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:19	00:00	00:19		JCie					
007	VT	GOLPE/CONTINUA = CARLA	JPA	LCER	spau	00:13	01:16	01:29		CALB					
008	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	Emad	spau	00:08	02:00	02:08		JCie					
009	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	CSiq	00:21	00:00	00:21		spau					
*****2º Bloco*****															
*****2º Bloco*****															
010	VT	MINISTÉRIO/SONEGACÃO	JPA	ZDAV	MSoa	00:07	00:26	00:33		Dcri					
011	VT	TRANSITO/TERCEIRIZADO - PATOS	CGE	ADEF	spau	00:09	02:28	02:37		spau					
012	VT	CAPELANIA/EVANGÉLICA	CGE	spau	spau	00:11	02:11	02:22		spau					
	VT	BALCONISTA/OPORTUNIDADES = NERISSA	JPA	nev	spau	00:10	02:05	02:15		JCie					
	ADEF	CHAMADA/JORNAL HOJE	CGE	ADEF	spau	00:06	00:58	01:04		JCie					
013	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	CSiq	00:13	00:00	00:13		spau					
*****3º Bloco*****															
*****3º Bloco*****															
014	VT	GIRO NE COMÉRCIO PRAIAS = ARACAJU	AJU	ADEF	spau	00:21	02:25	02:46		spau					
015	NOTA	NOTA PÉ/GIRO	JPA	ADEF	spau	00:09	00:00	00:09		spau					
016	VT	E DA FAMÍLIA/QUADRO = REJANE	JPA	Rneg	spau	00:35	04:20	04:55		spau					
	NOTA	NOTA PÉ/E DA FAMÍLIA	JPA	ADEF	spau	00:16	00:00	00:16		JCie					
017	NOTA	PASSAGEM 3 + VIVO	CGE	ZDAV	CSiq	00:22	00:00	00:22		spau					
*****4º Bloco*****															
*****4º Bloco*****															
018	VT	PONTAL/MODA/ACESSÓRIOS = MACEIÓ	JPA	ZDAV	spau	00:14	02:15	02:29		JCie					
019	VT	ORQUESTRA/APRESENTAÇÃO = ADRIANA	JPA	asai	spau	00:14	02:20	02:34		JCie					
020	ARTE	AGENDA/CULTURAL	CGE	ADEF	spau	00:12	00:52	01:04	0	JCie					
021	VIVO	VIVO/PRAÇA - FLORES E TEATRO	CGE	ADEF	spau	00:26	05:00	05:26		JCie					
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
		ESTUD	CGE	spau	CSiq	00:32	00:00	00:32		spau					
		NOTA	CGE	ADEF	spau	00:38	00:00	00:38		spau					
		NOTA	CGE	ADEF	spau	00:00	00:00	00:00		JCie					

Ins Sh Ins Ctl Ins F2 Move Sh F2 Busca F5 Cai F6 Pautas Alt F8 Marca F8 Imp Sh F8 Capa F9 Ok F10 Tempo F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espeho 34: JPBI 1ª Edição - 27/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1

Telejornal: 03 Data: 28/03/2009 Fade: 00:35:00 Tempo: 00:35:12 Diferença: 00:00:12 17:21:39

Código 342127

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1 BLOCO*****															
002	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:57	00:00	00:57		Hid			✓		
003	VT	PF/PRISÃO/POLICIAL ROD -LAERTE	JPA	LCER	Hid	00:15	01:26	01:41		HFer			✓		
004	STAND	INVASÃO/SÃO JOSÉ -ADRIANA	JPA	asai	Hid	00:09	00:42	00:51		HFer			✓		
005	NOTA	INVASÃO/NOTA PE	JPA	ZDAV	Hid	00:11	00:00	00:11		Dcri			✓		
006	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Hid	00:09	00:00	00:09		HFer			✓		
007	VT	ASSALTO/SALÃO+DIVISÃO	CGE	MVas	MWAD	00:14	00:31	00:45		Dcri			✓		
008	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Hid	00:13	00:08	00:21		Hid			✓		
*****2 BLOCO*****															
009	VT	PRAÇAS/INSEGURANÇA -LAERTE	JPA	LCER	Hid	00:17	01:20	01:37		HFer			✓		
010	NOTA	PRAÇA/NOTA PE	JPA	ZDAV	Hid	00:14	00:00	00:14		HFer			✓		
013	VT	INSA/SEGURANÇA ALIMENTAR	CGE	SÁmo	Hid	00:13	01:44	01:57		HFer			✓		
13A	VT	CARNES/VALIDADE -WANESSA	JPA	wand	Eara	00:18	01:48	02:06		HFer			✓		
012	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Hid	00:16	00:08	00:24		HFer			✓		
*****3 BLOCO*****															
*****3B BLOCO*****															
014	VT	APREENSÃO/CARANGUEJO	JPA	asai	Hid	00:15	01:13	01:28		HFer			✓		
015	NOTA	APREENSÃO/NOTA PE	JPA	ZDAV	Hid	00:05	00:00	00:05		HFer			✓		
016	VT	GIRO NE COMÉRCIO PRAIAS = RECIFE	RCE	ADEF	Hid	00:22	02:22	02:44		HFer			✓		
16A	NOTA	CONCURSO/POLÍCIA CIVIL	JPA	ADEF	Hid	00:19	00:00	00:19		HFer			✓		
16B	VT	CHAMADA/JORNAL HOJE	JPA	ADEF	Cvis	00:06	00:40	00:46		HFer			✓		
16C	NOTA	HOMICÍDIO/TAMBAUZINHO	JPA	ADEF	Hid	00:17	00:00	00:17		HFer			✓		
018	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Hid	00:16	00:08	00:24		HFer			✓		
*****4 BLOCO*****															
019	VT	IRON MAIDEN/FÁS-LAERTE	JPA	LCER	Hid	00:23	02:30	02:53		Hid			✓		
020	VT	ESPECIAL /IRON MADEN-RECIFE	RCE	ZDAV	Hid	00:19	13:19	13:38		HFer			✓		
021	A DEF	ENCERRAMENTO+IMAGENS DA SEMANA	JPA	ZDAV	Hid	00:11	01:14	01:25		HFer			✓		

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Espelho 35: JPB 1ª Edição - 28/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1CG

Telejornal: 12 Data: 28/03/2009 Fade: 00:37:00 Tempo: 00:37:14 Diferença: 00:00:14 18:23:59

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1 BLOCO*****															
002	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	MWAD	00:34	00:00	00:34		MWAD			✓		
003	VT	PF/PRISÃO/POLICIAL ROD -LAERTE	JPA	LCER	MWAD	00:10	01:26	01:36		MLan			✓		
004	STAND	INVASÃO/SÃO JOSÉ -ADRIANA	JPA	asai	spau	00:09	00:42	00:51		JCLe			✓		
005	NOTA	INVASÃO/NOTA PE	JPA	ZDAV	spau	00:11	00:00	00:11		JCLe			✓		
006	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:10	00:00	00:10		MLan			✓		
007	VT	ASSALTO/SALÃO + divisão	CGE	MVas	MWAD	00:13	00:31	00:44		JCLe			✓		
008	VT	ASSALTO/LOCADORA	CGE	MWAD	MWAD	00:08	00:42	00:50		MWAD			✓		
009	NOTA	NOTA-PE/ ASSALTO LOCADORA	CGE	ADEF	MWAD	00:13	00:00	00:13		JCLe			✓		
010	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	MWAD	00:16	00:00	00:16		JCLe			✓		
*****2 BLOCO*****															
011	VT	INSA/SEGURANÇA ALIMENTAR	CGE	SÁmo	MWAD	00:11	01:44	01:55		MWAD			✓		
012	ESTUD	ACADEMIA/ LETRAS	CGE	ADEF	MWAD	00:12	03:30	03:42		JCLe			✓		
013	NOTA	PASSAGEM 2 + VIVO	CGE	ZDAV	MWAD	00:21	00:00	00:21		JCLe			✓		
*****3 BLOCO*****															
014	VT	GIRO NE COMÉRCIO PRAIAS = RECIFE	RCE	ADEF	spau	00:22	02:22	02:44		MWAD			✓		
015	VIVO	VIVO/ JHONNY PEOPLE	CGE	SÁmo	MWAD	00:16	03:00	03:16		JCLe			✓		
016	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ZDAV	MWAD	00:18	00:00	00:18		MWAD			✓		
*****4 BLOCO*****															
017	VT	IRON MAIDEN/FÁS-LAERTE	JPA	LCER	spau	00:23	02:12	02:35		JCLe			✓		
018	VT	ESPECIAL /IRON MADEN-RECIFE	RCE	ZDAV	MWAD	00:18	13:19	13:37		MLan			✓		
019	VIVO	VIVO/2 JHONNY	CGE	ADEF	spau	00:12	02:00	02:12		JCLe			✓		
020	NOTA	ENCERRAMENTO + IMAGENS DA SEMANA	CGE	ZDAV	MWAD	00:09	01:00	01:09		MWAD			✓		

Ins Sh Ins Ctrl Ins F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Espelho 36: JPB 1ª Edição - 28/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1

Telejornal: 03 Data: 30/03/2009 Fade: 00:33:00 Tempo: 00:33:41 Diferença: 00:00:41 16:53:44

Código 343623

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1ª BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:48	00:00	00:48		avia					
005	VT	PEDÓFILO/ PRISÃO = CARLA	JPA	asai	Cvis	00:28	01:55	02:23		Dcri					
006	NOTA	NOTA PE/DENÚNCIA/PEDOFILIA	JPA	ADEF	Cvis	00:20	00:00	00:20		Dcri					
004	NOTA	ASSASSINATO/BAYEUX	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14		Dcri					
007	NOTA	PRISÃO/TRAFICANTES	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		Cvis					
008	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:11	00:00	00:11		Cvis					
009	VT	PRISÃO/QUADRILHA = SYUSK	CGE	SÁmo	spau	00:11	01:16	01:27		avia					
010	VT	HOMICIDIO/SOUSA AGRICULTOR	CGE	MFei	spau	00:05	00:55	01:00		avia					
011	NOTA	NOTA/ASSALTO	SSA	ADEF	spau	00:26	00:00	00:26		avia					
012	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:45	00:00	00:45		avia					
013	ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	kmr	Cvis	00:09	02:00	02:09		kmr					
014	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:16	00:00	00:16		Cvis					
*****2ª BLOCO*****															
002	VT	DETRAN/DEMORA = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:20	01:14	01:34		HFer					
003	NOTA	DETRAN NOTA PE	JPA	ZDAV	Cvis	00:12	00:00	00:12		Dcri					
015	VT	VH-ENC EMPREGO/ REFRIGERAÇÃO	CGE	MVas	Cvis	00:23	02:03	02:26		Dcri					
016	NOTA	NOTA PE/EMPREGO	JPA	ADEF	Cvis	00:07	00:00	00:07		Dcri					
017	VIVO	LINK/EMPREGO	JPA	viei	Cvis	00:10	01:40	01:50		Dcri					
018	VT	CONCURSO/POD CIVIL = HILD.	JPA	asai	Cvis	00:12	01:22	01:34		Dcri					
019	NOTA	CONCURSO NOTA PE	JPA	ADEF	Cvis	00:06	00:00	00:06		Cvis					
020	STAND	STAND UP/PROTESTO CUT = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:07	00:35	00:42		Dcri					
022	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:08	00:21		Cvis					
*****3ª BLOCO*****															
*****3ª BLOCO*****															
023	NOTA	ASSALTO/FARMÁCIA	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21		Cvis					
024	VT	ESGOTO/ MANDACARU = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:23	01:58	02:21		Dcri					
24A	NOTA	NOTA PE/CAGIPA	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19		Dcri					
025	VT	ANIMAIS/ APREENSÃO-HILD.	JPA	SREP	Cvis	00:03	00:27	00:30		Cvis					
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
028	NOTA	PESQUISA NOTA PE	JPA	ZDAV	Cvis	00:00	00:00	00:00		HFer					
	ESTUD	CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:00	00:00		Cvis					

Ins Sh Ins | Ctl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem: Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 37: JPB 1ª Edição - 30/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB11U

Telejornal: 12 Data: 30/03/2009 Fade: 00:33:00 Tempo: 00:34:18 Diferença: 00:01:18 17:04:05

Código 343472

Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id	
VT	PRISÃO/QUADRILHA = SYUSK	CGE	SÁmo	spau	00:11	01:16	01:27		CSiq						
VT	HOMICIDIO/SOUSA AGRICULTOR	CGE	MFei	spau	00:05	00:55	01:00		CALB						
NOTA	NOTA/ASSALTO	SSA	ADEF	spau	00:26	00:00	00:26		CSiq						
ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 CG	CGE	ADEF	spau	00:44	00:00	00:44		CSiq						
ESTUD	CHAMADA/ESPORTE + DIVISÃO	JPA	ADEF	CSiq	00:09	02:00	02:09		CSiq						
NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	CSiq	00:18	00:00	00:18		CSiq						
*****2ª Bloco*****															
VT	HOMICIDIO/SOUSA MARIDO	CGE	MFei	spau	00:10	00:46	00:56		CALB						
VT	MACONHA/PRESÍDIO M SANTO - CG	CGE	SÁmo	spau	00:08	01:08	01:16		CALB						
VT	PESQUISA/IBGE = HILD.	JPA	Hild	CSiq	00:21	01:03	01:24		CALB						
ENTRE	PRESIDENTE / FEDERAÇÃO APAES	CGE	ADEF	spau	00:33	04:00	04:33		CALB						
NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	CSiq	00:18	00:00	00:18		spau						
*****3ª Bloco*****															
VT	VINHETA/EMPREGO	CGE	ADEF	CSiq	00:00	00:08	00:08		CSiq						
VT	ENC.EMPREGO/ REFRIGERAÇÃO/ MEIO AMBIEN	CGE	MVas	spau	00:30	02:03	02:33		CALB						
ARTE	ARTE - SINE	CGE	ADEF	spau	00:06	00:31	00:37		EGOM						
VT	CONCURSO/POD. CIVIL = HILD.	JPA	asai	spau	00:12	01:22	01:34		EGOM						
NOTA	CONCURSO NOTA PE	JPA	ADEF	spau	00:06	00:00	00:06		EGOM						
NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ZDAV	CSiq	00:10	00:00	00:10		spau						
*****4ª Bloco*****															
VT	CAMARÁ VERSÃO FINAL GLOBO RURAL=LAERTIA	LCER	CSiq	00:20	05:00	05:20		CALB							
NOTAP	NOTA PE BARRAGEM CAMARÁ	JPA	ADEF	spau	00:54	00:00	00:54		CSiq						
VT	CAMINHADA/ PENITENCIAL - CG	CGE	SÁmo	spau	00:12	01:55	02:07		CALB						
VT	CAVALGADA/SÃO JOSÉ DA MATA	CGE	MWAD	spau	00:12	01:56	02:08		CALB						
NOTA	ENCERRAMENTO	CGE	ZDAV	CSiq	00:17	00:00	00:17		CSiq						
Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id	
NOTAP	NOTA PE BARRAGEM CAMARÁ GLOBO RURAL	JPA	ADEF	spau	00:37	00:00	00:37		EGOM						
NOTA	DETRAN NOTA PE	JPA	ZDAV	Cvis	00:12	00:00	00:12		EGOM						
VT	DETRAN/DEMORA = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:20	01:14	01:34		EGOM						
ESTUD	PARAIBA AGORA - MANHÃ	CGE	ADEF	spau	00:03	00:00	00:03		spau						
ESTUD	CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A	CGE	ZDAV	CSiq	00:29	00:00	00:29		spau						
A DEF	PARAIBA AGORA/ALE ESTA	CGE	spau	spau	00:07	00:00	00:07		spau						

Sh Ins | Ctl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem: Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 38: JPB 1ª Edição - 30/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB1

Telemar: 03 Data: 31/03/2009 Fade: 00:35:00 Tempo: 00:37:17 Diferença: 00:02:17 16:54:45

Código 343828

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	01:09	00:00	01:09		mcri					
002	VT	MEDICAMENTOS/PREÇOS = HILD.	JPA	Hild	Cvis	00:33	01:26	01:59		mcri					
003	NOTA	NOTA PE	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14		mcri					
004	NOTA	FIES/INSCRIÇÕES	JPA	ADEF	Cvis	00:28	00:00	00:28		avia					
005	VT	HOMICIDIO/B. INDUSTRIAS = CARLA	JPA	asai	Cvis	00:12	00:24	00:36		mcri					
006	NOTA	POLICIA BAYEUX = MICHELLE	BYX	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21		mcri					
007	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:15	00:00	00:15		avia					
008	VT	INSEGURANÇA/QUITÉ	CGE	agar	Cvis	00:13	01:58	02:11		avia					
009	NOTA	NOTA PE/ QUITÉ	CGE	AMot	spau	00:14	00:00	00:14		avia					
010	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:24	00:00	00:24		mcri					
011	ESTUD	CHAMADA/GE + VT + DIVISÃO	JPA	kmar	Cvis	00:07	02:00	02:07		kmar					
012	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:24	00:00	00:24		mcri					
*****2º BLOCO*****															
013	VT	JULGAMENTO/ MÉDICO = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:19	02:19	02:38		mcri					
014	VT	CHAMADA/EU QUERO JUSTIÇA	JPA	ADEF	Cvis	00:23	00:50	01:13		avia					
015	NOTA	NOTA PE/JUSTIÇA	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:00	00:17		mcri					
016	NOTA	NOTA/CONCURSO/PM	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:00	00:25		avia					
017	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21		mcri					
*****3º BLOCO*****															
025	NOTA	PAGAMENTO ESTADO + VINHT. SAÚDE	JPA	ADEF	Cvis	00:17	00:00	00:17		mcri					
021	VT	TOC/EXEMPLOS - HILD.	JPA	Hild	Cvis	00:28	02:11	02:39		avia					
022	ESTUD	SAÚDE/ENTREVISTA	JPA	Cvis	Cvis	00:20	05:00	05:20		mcri					
032	NOTA	NOTA PE	JPA	ADEF	Cvis	00:10	00:00	00:10		mcri					
027	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14		mcri					
*****4º BLOCO*****															
018	VT	UPI/PACOTE = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:15	02:19	02:34		mcri					
019	ENTRE	ENTREV./ECONOMISTA	JPA	Cvis	Cvis	00:21	05:30	05:51		mcri					
034	VT	PREPARATIVOS/SHOW IRON - BIANKA	JPA	ADEF	Cvis	00:00	01:06	01:06		mcri					
026	VT	CHAMADA/JH	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:50	00:50		mcri					

Ins | Sh Ins | Ctrl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 39: JPB 1ª Edição - 31/03/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Espelho - JPB11 L

Telemar: 12 Data: 31/03/2009 Fade: 00:34:00 Tempo: 00:34:09 Diferença: 00:00:09 17:05:55

Código

Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id	
VT	MEDICAMENTOS/PREÇOS = HILD.	JPA	Hild	Cvis	00:33	01:26	01:59		CALB						
NOTA	NOTA PE	JPA	ADEF	spau	00:14	00:00	00:14		spau						
NOTA	FIES/INSCRIÇÕES	JPA	ADEF	Cvis	00:28	00:00	00:28		MLan						
VT	HOMICIDIO/B. INDUSTRIAS = CARLA	JPA	asai	Cvis	00:12	00:24	00:36		CSiq						
NOTA	POLICIA BAYEUX = MICHELLE	BYX	ADEF	Cvis	00:21	00:00	00:21		RMEI						
ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 CG	JPA	ADEF	Cvis	00:15	00:00	00:15		CALB						
VT	INSEGURANÇA/QUITÉ	CGE	agar	spau	00:13	01:58	02:11			OK					
NOTA	PE/INSEGURANÇA QUITÉ	CGE	ADEF	spau	00:31	00:00	00:31		CSiq						
ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 CG	CGE	ADEF	spau	00:23	00:00	00:23		avia						
ESTUD	CHAMADA/GE + VT + DIVISÃO	JPA	kmar	Cvis	00:07	02:00	02:07		EGOM						
NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	CSiq	00:19	00:00	00:19		CSiq						
*****2ºbloco*****															
VT	ROUBO VEICULOS/ORIENTAÇÕES	CGE	SAmo	spau	00:14	01:42	01:56		CALB						
STAND	CASO/MARANATA/AUDIÊNCIA	CGE	SAmo	spau	00:14	00:39	00:53		CALB						
VIVO	VIVO/INSA	CGE	SAmo	spau	00:19	02:30	02:49		CALB						
VT	PROIBIÇÃO/DUAS FACULDADES (INÉDITO)	CGE	ADEF	spau	00:21	02:29	02:50		CALB						
NOTA	NOTA PAGAMENTO ESTADO - GIU	JPA	ADEF	spau	00:09	00:00	00:09		EGOM						
NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	CSiq	00:17	00:00	00:17		CSiq						
*****3ºbloco*****															
VT	VINHETA/SAÚDE	CGE	ADEF	spau	00:00	00:05	00:05		lalv						
VT	SAÚDE/PLASTICAS	CGE	MVas	spau	00:19	02:41	03:00		CALB						
ENTRE	ENTREVISTA/ CIRURGIA PLÁSTICA	CGE	ADEF	spau	00:09	04:00	04:09		CALB						
STAND	PRÉ/GRAVADO/DIA NUTRIÇÃO	CGE	MSoa	spau	00:14	01:34	01:48		CALB						
NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ZDAV	CSiq	00:10	00:00	00:10		CSiq						
*****4ºbloco*****															
NOTA	NOTA/CONCURSO/PM	JPA	ADEF	spau	00:26	00:00	00:26		lalv						
VT	UPI/PACOTE = VIEIRA	JPA	viei	spau	00:15	02:14	02:29		EGOM						
VT	PROJETO/GRAFITAGEM (CATOLÉ DO ROCHA)	CRD	MFei	spau	00:17	02:32	02:49		lalv						
NOTA	ENCERRAMENTO	CGE	ZDAV	CSiq	00:16	00:00	00:16		spau						
Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id	
NOTA	GABARITO/CONCURSO DA PC	JPA	ADEF	spau	00:00	00:00	00:00		lalv						
VT	UPI/PACOTE - VIEIRA	JPA	viei	spau	00:00	02:19	02:19		EGOM						

Sh Ins | Ctrl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 40: JPB 1ª Edição - 31/03/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).



Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Easynews

Telejornal: 03 Data: 01/04/2009 Fade: 00:41:00 Tempo: 00:40:27 Diferença: 00:00:33 16:55:50

Código 344036

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1ª BLOCO*****															
001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:58	00:00	00:58		mcri					
002	VT	MORTE/MENORES = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:19	01:00	01:19		mcri					
003	NOTA	PRISÃO/CASAL	JPA	ADEF	Cvis	00:24	00:00	00:24		mcri					
004	VT	HOMICÍDIO/ TIBIRI = ADRIANA	SRT	asai	Cvis	00:11	00:40	00:51		mcri					
004A	NOTA	NOTA/ TIBIRI	JPA	AMot	Cvis	00:02	00:00	00:02		mcri					
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		mcri					
006	VT	APREENSÃO/DROGA	CGE	DHEL	Cvis	00:09	01:20	01:29		avia					
007	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		mcri					
008	VIVO	NOTA CHAMA KAKO	JPA	kmar	Cvis	00:24	01:00	01:24		mcri					
009	VT	INTER X QUEIMADENSE	JPA	Emad	kmar	00:17	02:26	02:43		mcri					
010	ARTE	ARTE CLASSIFICAÇÃO VIVO	JPA	kmar	kmar	00:06	01:31	01:37		mcri					
011	VIVO	FALA POVO SELEÇÃO + KAKO DEVOLVE	JPA	kmar	kmar	00:12	01:45	01:57		mcri					
012	VT	LAUREANO/ CAMPANHA + DIVISÃO	JPA	nev	Cvis	00:13	01:49	02:02		lalv					
013	NOTA	PÉ/LAUREANO	JPA	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18		mcri					
014	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19		mcri					
*****2ª BLOCO*****															
015	NOTA	MATRÍCULA/ESCOLA + VINHT. EQJ	JPA	ADEF	Cvis	00:24	00:00	00:24		mcri					
016	VT	EQJ/ EXTERMINIO	ITB	LCEP	Cvis	00:20	05:17	05:37		mcri					
017	VIVO	LINK/EQJ = LAERTE	JPA	LCEP	Cvis	00:18	01:30	01:48		mcri					
018	VT	JULGAMENTO/MÉDICO =CARLA	JPA	nev	Cvis	00:19	01:02	01:21		mcri					
019	VIVO	LINK/EU QUERO JUSTIÇA MÉDICO	JPA	ADEF	Cvis	00:08	00:27	00:35		mcri					
021	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14		mcri					
*****3ª BLOCO*****															
022	NOTA	ENERGIA BARATA/MUNICÍPIOS- Patrícia	JPA	ADEF	Cvis	00:39	00:00	00:39		mcri					
023	VT	LEI/MULTA/ÁGUA	CGE	MWAD	Cvis	00:12	01:32	01:44		mcri					
024	NOTAP	PÉ/ÁGUA	CGE	ADEF	Cvis	00:08	00:00	00:08		mcri					
025	VT	ASSEMBLEIA/SESSÃO = CARLA	JPA	LCEP	Cvis	00:22	02:13	02:35		mcri					
*****3ª BLOCO*****															
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
ESTUD CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A															
VT	VT	CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:00	00:00		Cvis					
VT	VT	AÇÃO/BARREIRA	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:00	00:00		Gcos					

Ins | Sh Ins | Cnt Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 41: JPB 1ª Edição - 01/04/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Easynews

Telejornal: 12 Data: 01/04/2009 Fade: 00:39:00 Tempo: 00:38:27 Diferença: 00:00:33 16:59:34

Código

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
***** 1ª Bloco *****															
001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:54	00:00	00:54		JCLe					
002	VT	MORTE/MENORES = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:17	01:00	01:17		ZDAV					
003	NOTA	PRISÃO/CASAL	JPA	ADEF	Cvis	00:32	00:00	00:32		EGOM					
004	VT	HOMICÍDIO/ TIBIRI = ADRIANA	SRT	asai	Cvis	00:13	00:40	00:53		avia					
005	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12		CALB					
006	VT	APREENSÃO/DROGA	CGE	DHEL	spau	00:09	01:20	01:29		CALB					
007	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12		mcri					
008	VIVO	NOTA CHAMA KAKO	JPA	kmar	Cvis	00:22	01:00	01:22		mcri					
009	VT	INTER X QUEIMADENSE	JPA	Emad	Cvis	00:18	00:00	00:18		CALB					
010	ARTE	ARTE CLASSIFICAÇÃO VIVO	JPA	kmar	Cvis	00:06	01:00	01:06		EGOM					
011	VIVO	FALA POVO SELEÇÃO + KAKO DEVOLVE	JPA	kmar	Cvis	00:12	01:00	01:12		EGOM					
012	VT	LAUREANO/ CAMPANHA + DIVISÃO	JPA	nev	spau	00:13	01:49	02:02		spau					
013	NOTA	PÉ/LAUREANO	JPA	ADEF	Cvis	00:19	00:00	00:19		JCLe					
015	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	spau	CSiq	00:08	00:00	00:08		JCLe					
***** 2ª Bloco *****															
014	VIVO	VIVO FALA AÍ (1) + VT	CGE	ADEF	spau	00:39	02:00	02:39		JCLe					
016	NOTA	NOTA/ E AGORA PREFEITO?	CGE	ADEF	spau	00:36	00:00	00:36		CSiq					
017	VT	LIXO/PICO DO JABRE - REEDITADO	CGE	HRia	spau	00:14	02:23	02:37		spau					
018	VIVO	VIVO/FALAI MALVINAS (2) + VT	JPA	ADEF	spau	00:16	05:00	05:16		spau					
019	VT	ASSEMBLEIA/SESSÃO = CARLA	JPA	LCEP	spau	00:22	02:13	02:35		spau					
020	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	spau	00:20	00:00	00:20		spau					
***** 3ª Bloco *****															
021	NOTA	NOTA/AFTOSA	JPA	ADEF	spau	00:33	00:00	00:33		spau					
022	VT	LEI/MULTA/ÁGUA	CGE	MWAD	spau	00:13	01:32	01:45		spau					
023	NOTAP	PÉ/ÁGUA	CGE	ADEF	spau	00:07	00:00	00:07	0	JCLe					
024	VIVO	VIVO/FALAI RUA DO RIO (3) + ENTREVIS	JPA	ADEF	spau	00:15	03:00	03:15		JCLe					
025	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ZDAV	CSiq	00:17	00:00	00:17		JCLe					
***** 4ª Bloco *****															
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
JULGAMENTO/MÉDICO = CARLA															
VT	VT	JULGAMENTO/MÉDICO = CARLA	JPA	nev	spau	00:20	01:02	01:22		JCLe					
SHDW/IRON MAIDEN = RECIFE															
VT	VT	SHDW/IRON MAIDEN = RECIFE	JPA	ADEF	spau	00:15	02:17	02:32		JCLe					

Ins | Sh Ins | Cnt Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: Rmelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 42: JPB 1ª Edição - 01/04/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

**Easynews - TV Cabo Branco** | Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

**Espelho - JPB1** | Restaurar abaixo

Telemail: 03 | Data: 02/04/2009 | Fade: 00:36:00 | Tempo: 00:36:28 | Diferença: 00:00:28 | 16:56:58 | Código: 344392

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****1º BLOCO*****															
001	ESCALA	ESCALADA	JPA	ADEF	Cvis	00:57	00:00	00:57		mcri			✓	✓	
002	VT	ASSALTO/RESTAURANTE = VIEIRA	JPA	viei	Cvis	00:19	01:18	01:37		mcri			✓	✓	
003	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		avia			✓	✓	
004	VT	ARROMBAMENTO /CASA - CG	CGE	SAmo	Cvis	00:18	00:58	01:16		avia			✓	✓	
005	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:28	00:00	00:28		mcri			✓	✓	
006	VT	NC/CASO MANOEL MATOS - CARLA	JPA	ADEF	Cvis	00:26	00:18	00:44		mcri			✓	✓	
007	NOTA	PE/MANUEL MATOS	JPA	ADEF	Cvis	00:38	00:00	00:38		mcri			✓	✓	
008	NOTA	ASSALTOS/LUCENA	JPA	ADEF	Cvis	00:25	00:20	00:45		mcri			✓	✓	
009	VIVO	VINHTL DESAP. + LINK/DESAPARECIDOS JP	JPA	ADEF	Cvis	00:14	01:00	01:14		mcri			✓	✓	
010	VIVO	DESAPARECIDOS/ CAMPINA	CGE	SAmo	Cvis	00:01	01:24	01:25		mcri			✓	✓	
011	NOTA	NOTA CHAMA KAKO	JPA	kmar	Cvis	00:15	00:00	00:15		mcri			✓	✓	
012	NOTA	NOTA VOLTA GE	JPA	kmar	Cvis	00:15	00:00	00:15		mcri			✓	✓	
013	ESTUD	COMENTÁRIO ELIMINATÓRIAS	JPA	ADEF	kmar	00:11	02:00	02:11		mcri			✓	✓	
014	VT	AUTO SEGUNDA	JPA	wand	kmar	00:25	01:34	01:59		avia			✓	✓	
015	ARTE	ARTE GRUPOS	JPA	Emad	kmar	00:09	00:19	00:28		mcri			✓	✓	
016	NOTA	KAKO DEVOLVE + DIVISÃO	JPA	Emad	kmar	00:30	00:00	00:30		mcri			✓	✓	
017	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13		mcri			✓	✓	
*****2º BLOCO*****															
018	VT	CRECHE/INTERDIÇÃO = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:25	02:30	02:55		mcri			✓	✓	
019	NOTA	NOTA PE	JPA	ADEF	Cvis	00:16	00:00	00:16		avia			✓	✓	
020	NOTA	NOTA/FISCAL/CIDADÃ	JPA	ADEF	Cvis	00:34	00:00	00:34		mcri			✓	✓	
021	VIVO	LINK/JPVA = NERISSA	JPA	ADEF	Cvis	00:06	01:00	01:06		mcri			✓	✓	
022	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12		mcri			✓	✓	
*****3º BLOCO*****															
023	VT	ASSALTOS/JP = NERISSA	JPA	nev	Cvis	00:09	01:23	01:32		mcri			✓	✓	
024	VT	GALERIAS/PATOS	CGE	ADEF	Cvis	00:06	01:40	01:46		pava			✓	✓	
025	VT	AUTISMO/DIA = REJANE	JPA	Rneg	Cvis	00:18	03:21	03:39		mcri			✓	✓	
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
*****4º BLOCO*****															
026	ESTUD	CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A	JPA	ADEF	Cvis	00:00	00:00	00:00		Cvis			✓	✓	
027	VT	DPVAT/INDENIZA = GAVETA JPB1	JPA	Hld	Cvis	00:00	01:30	01:30		mcri			✓	✓	

Ins | Sh Ins | Ctrl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checka

Usuário: Rmelo | Easynews | Mensagem: | Iniciar | Easynews - TV Cabo B... | PT

Espelho 43: JPB 1ª Edição - 02/04/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

**Easynews - TV Cabo Branco** | Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

**Espelho - JPB11L** | Restaurar abaixo

Telemail: 12 | Data: 02/04/2009 | Fade: 00:37:00 | Tempo: 00:37:32 | Diferença: 00:00:32 | 17:00:48 | Código: 344480

Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
***** 1º Bloco *****															
001	ESCALA	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:48	00:00	00:48		CSiq			✓	✓	
002	VT	ASSALTO/RESTAURANTE = VIEIRA	JPA	viei	spau	00:20	01:18	01:38		EGOM			✓	✓	
003	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:11	00:00	00:11		CSiq			✓	✓	
004	VT	ARROMBAMENTO /CASA - em prod	CGE	SAmo	spau	00:18	00:58	01:16		CSiq			✓	✓	
005	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:29	00:00	00:29		mcri			✓	✓	
006	VT	NC/CASO MANOEL MATOS - CARLA	JPA	ADEF	spau	00:19	00:18	00:37		CSiq			✓	✓	
007	NOTA	PE/MANUEL MATOS	JPA	ADEF	Cvis	00:38	00:00	00:38		CSiq			✓	✓	
008	NOTA	ASSALTOS/LUCENA + VINHT. DESAP.	JPA	ADEF	Cvis	00:26	00:20	00:46		CSiq			✓	✓	
009	VIVO	LINK/DESAPARECIDOS JP = NERISSA	JPA	ADEF	spau	00:14	02:00	02:14		CSiq			✓	✓	
010	VIVO	DESAPARECIDOS/ CAMPINA	CGE	SAmo	spau	00:00	01:30	01:30		mcri			✓	✓	
011	NOTA	NOTA CHAMA KAKO	JPA	kmar	Cvis	00:10	00:00	00:10		CSiq			✓	✓	
012	NOTA	NOTA VOLTA GE	JPA	kmar	Cvis	00:22	00:00	00:22		CSiq			✓	✓	
013	ESTUD	COMENTÁRIO ELIMINATÓRIAS	JPA	ADEF	Cvis	00:11	02:00	02:11		CSiq			✓	✓	
014	VT	AUTO SEGUNDA	JPA	wand	Cvis	00:25	01:34	01:59		CSiq			✓	✓	
015	ARTE	ARTE GRUPOS	JPA	Emad	Cvis	00:09	00:19	00:28		EGOM			✓	✓	
016	NOTA	KAKO DEVOLVE + DIVISÃO	JPA	Emad	Cvis	00:30	00:00	00:30		EGOM			✓	✓	
017	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	CSiq	00:14	00:00	00:14		CSiq			✓	✓	
***** 2º Bloco *****															
018	NOTA	NOTA/HEPATITE	CGE	ADEF	spau	00:21	00:00	00:21		CSiq			✓	✓	
019	VT	GALERIAS/PATOS	CGE	ADEF	spau	00:08	01:40	01:48		CSiq			✓	✓	
020	NOTA	NOTA/FISCAL/CIDADÃ	JPA	ADEF	spau	00:35	00:00	00:35		CSiq			✓	✓	
021	VT	AULAS/CATOLÉ DE BOA VISTA	CGE	DHEL	spau	00:14	01:18	01:32		JCLe			✓	✓	
022	NOTA	PE/CATOLÉ DE BOA VISTA	CGE	ADEF	spau	00:17	00:00	00:17		JCLe			✓	✓	
023	VT	CRECHE/INTERDIÇÃO = REJANE	JPA	Rneg	spau	00:27	02:30	02:57		spau			✓	✓	
024	NOTA	NOTA PE	JPA	ADEF	spau	00:13	00:00	00:13		spau			✓	✓	
026	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	CSiq	00:15	00:00	00:15		spau			✓	✓	
***** 3º Bloco *****															
027	VT	REPERCUSSÃO/AVENEZIANO	CGE	ADEF	spau	00:11	01:21	01:32		JCLe			✓	✓	
Ord	Tipo	Retranca	Mun	Rep	Loc	Cab	VT	Mat	Fita	Usu	Apv	Obs	Imp	Ok	Id
***** 4º Bloco *****															
028	VT	JEJUM/QUARESMA = ADRIANA	JPA	asai	spau	00:11	02:27	02:38		JCLe			✓	✓	
029	VT	CHAMADA/JH	JPA	ADEF	spau	00:00	00:50	00:50		JCLe			✓	✓	

Ins | Sh Ins | Ctrl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checka

Usuário: Rmelo | Easynews | Mensagem: | Iniciar | Easynews - TV Cabo B... | PT

Espelho 44: JPB 1ª Edição - 02/04/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Easynews

Telemail: 03 Data: 03/04/2009 Fade: 00:30:00 Tempo: 00:30:32 Diferença: 00:00:32 16:57:55

Ord Tipo Retranca Mun Rep Loc Cab VT Mat Fita Usu Apv Obs Imp Ok Id

\*\*\*\*\*1ª BLOCO\*\*\*\*\* 13:53

001	ESCAL	ESCALADA	JPA	ASOU	Cvis	01:08	00:00	01:08	mcri					
002	VIVO	LINK/GOMINHO/COLETIVA + VT (IMAGENS)	JPA	ASOU	Cvis	00:22	03:04	03:26	mcri					
003	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:31	00:00	00:31	SYB					
004	VT	PONTE/UM ANO	CGE	ADEF	Cvis	00:12	01:54	02:06	Hid					
005	NOTAP	PÉ PONTE	CGE	ADEF	Cvis	00:18	00:00	00:18	Hid					
05A	VT	ACIDENTE/PEDRA	CGE	MVas	Cvis	00:12	00:42	00:54	mcri					
006	VT	ATROPELAMENTO/UFCG - EM PROD	CGE	ADEF	Cvis	00:09	01:25	01:34	mcri					
007	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12	mcri					
008	VT	HOMICÍDIO/MIRAMAR = CARLA	JPA	asai	Cvis	00:08	00:40	00:48	mcri					
009	NOTA	NOTA PE HOMICÍDIO MIRAMAR	JPA	ADEF	Cvis	00:10	00:00	00:10	mcri					
010	VT	PRISÃO/INVASÃO = CARLA	JPA	ZDAV	Cvis	00:09	00:34	00:43	Hid					
011	NOTA	NOTA PE PRISÃO/JOVEM	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13	EGOM					
012	ESTUD	CHAMADA/GE + VT = DIVISÃO	JPA	Emad	Cvis	00:10	01:27	01:37	mcri					
013	A DEF	PASSAGEM 1	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13	mcri					

\*\*\*\*\*2ª BLOCO\*\*\*\*\* 04:53

014	VT	PRESDS/SEMI-ABERTO = NERISSA	JPA	Aaqu	Cvis	00:15	01:29	01:44	mcri					
015	NOTA	MARÇA DA MAÇONHA	JPA	ADEF	Cvis	00:31	00:00	00:31	mcri					
016	VT	CHARGE NA TV	JPA	ADEF	Cvis	00:01	01:13	01:14	mcri					
017	VT	TOQUINHO/SHOW = CARLA	JPA	asai	Cvis	00:16	00:57	01:13	mcri					
018	A DEF	PASSAGEM 2	JPA	viei	Cvis	00:11	00:00	00:11	mcri					

\*\*\*\*\*3ª BLOCO\*\*\*\*\* 00:00

\*\*\*\*\*3ª BLOCO\*\*\*\*\* 08:04

22A	VT	VH - ENTREVISTA/RICARDO COUTINHO	JPA	ADEF	Cvis	00:19	03:01	03:20	Dcri					
22B	NOTA	NOTA PE/ RICARDO COUTINHO	JPA	ADEF	Cvis	00:14	00:00	00:14	mcri					
019	VT	ALUNDS/MISÃO - CONFIRMAR SECRETÁRIO	JPA	Aaqu	Cvis	00:26	01:29	01:55	mcri					
022	VT	AMIGOS DA ESCOLA/ÁGUA = REJANE	JPA	Aaqu	Cvis	00:13	02:14	02:27	gros					
024	A DEF	PASSAGEM 3	JPA	viei	Cvis	00:08	00:00	00:08	mcri					

\*\*\*\*\*4ª BLOCO\*\*\*\*\* 03:42

025	VT	LANÇAMENTO/LIVRO/AMAZAN	CGE	MVas	Cvis	00:16	01:33	01:49	mcri					
021	NOTAP	PÉ/ESCOLAS	CGE	ADEF	Cvis	00:12	00:00	00:12	mcri					

Ins Sh Ins Ctrl Ins F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 45: JPB 1ª Edição - 03/04/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

Easynews - TV Cabo Branco

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

Easynews

Telemail: 12 Data: 03/04/2009 Fade: 00:30:00 Tempo: 00:31:40 Diferença: 00:01:40 17:01:41

Ord Tipo Retranca Mun Rep Loc Cab VT Mat Fita Usu Apv Obs Imp Ok Id

\*\*\*\*\*1ª Bloco\*\*\*\*\* 13:02

001	ESCAL	ESCALADA	CGE	ZDAV	CSiq	00:45	00:00	00:45	CSiq					
002	VIVO	LINK/GOMINHO/COLETIVA + VT (IMAGENS)	JPA	ADEF	Cvis	00:23	02:00	02:23	EGOM					
003	ESTUD	ABERTURA/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:28	00:00	00:28	spau					
004	VT	PONTE/UM ANO	CGE	ADEF	spau	00:11	01:54	02:05	spau					
005	NOTAP	PÉ PONTE	CGE	ADEF	spau	00:18	00:00	00:18	spau					
006	VT	ACIDENTE/PEDRA	CGE	MVas	spau	00:12	00:42	00:54	spau					
007	VT	ATROPELAMENTO/UFCG - EM PROD	CGE	ADEF	spau	00:09	01:25	01:34	spau					
008	ESTUD	ENCERRAMENTO/BLOCO 1 - CG	JPA	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12	spau					
009	VT	HOMICÍDIO/MIRAMAR = CARLA	JPA	asai	Cvis	00:08	00:40	00:48	CALB					
010	NOTA	NOTA PE HOMICÍDIO MIRAMAR	JPA	ADEF	Cvis	00:10	00:00	00:10	CSiq					
011	VT	PRISÃO/INVASÃO = CARLA	JPA	ZDAV	Cvis	00:09	00:34	00:43	CALB					
012	NOTA	NOTA PE PRISÃO/JOVEM	JPA	ADEF	Cvis	00:13	00:00	00:13	CSiq					
013	ESTUD	CHAMADA/GE + VT = DIVISÃO	JPA	ADEF	spau	00:10	02:00	02:10	CSiq					
014	NOTA	PASSAGEM 1	CGE	ZDAV	CSiq	00:19	00:00	00:19	spau					

\*\*\*\*\*2ª Bloco\*\*\*\*\* 04:21

016	NOTA	OPERAÇÃO/SCAN + IMAGENS	CGE	ADEF	spau	01:10	00:00	01:10	CALB					
017	VT	DEFESA/CIVIL/ESCOLA	CGE	ADEF	spau	00:18	02:09	02:27	CALB					
018	NOTAP	PÉ/ESCOLAS	CGE	ADEF	spau	00:12	00:00	00:12	JCle					
015	NOTA	ASSALTO/REMÍGIO	CGE	ADEF	spau	00:18	00:00	00:18	JCle					
019	NOTA	PASSAGEM 2	CGE	ZDAV	CSiq	00:14	00:00	00:14	spau					

\*\*\*\*\*3ª Bloco\*\*\*\*\* 06:02

020	VT	CHARGE NA TV	JPA	ADEF	spau	00:01	01:13	01:14	spau					
021	NOTA	MARÇA DA MAÇONHA	JPA	ADEF	spau	00:31	00:00	00:31	spau					
022	VT	PROCISSÃO/ENCERRO = CARLA	JPA	asai	spau	00:10	00:41	00:51	spau					
023	NOTA	PROCISSÃO/NOTA PÉ	JPA	ADEF	spau	00:19	00:00	00:19	spau					
024	VT	ESPECTÁCULO/NOVA JERUSALÉM = RECIFE	JPA	ADEF	spau	00:27	02:22	02:49	CALB					
025	NOTA	PASSAGEM 3	CGE	ZDAV	CSiq	00:18	00:00	00:18	spau					

\*\*\*\*\*4ª Bloco\*\*\*\*\* 08:15

002	ESTUD	PARAÍBA AGORA - MANHÃ + INF AGENDA	CGE	ADEF	spau	00:38	00:00	00:38	JCle					
002	VIVO	LINK/GOMINHO/COLETIVA + VT (IMAGENS)	JPA	ADEF	Cvis	00:00	02:00	02:00	EGOM					

Ins Sh Ins Ctrl Ins F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: RMelo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

Espelho 46: JPB 1ª Edição - 03/04/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

**Easynews - TV Cabo Branco**

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

**Espelho - JPB1**

Telefonal: 03 Data: 04/04/2009 Fade: 00:32:00 Tempo: 00:30:45 Diferença: 00:01:15 16:51:29

Ord Tipo Retranca Mun Rep Loc Cab VT Mat Fita Usu Apv Obs Imp Ok Id

07:56

001 ESCAL ESCALADA JPA ADEF Eara 00:45 00:03 00:48 mcri

002 VT ASSALTO/ POSTO = NERISSA JPA nev Eara 00:16 01:08 01:24 mcri

003 NOTA NOTA PE/ASSALTO JPA ADEF Eara 00:10 00:00 00:10 mcri

004 VT CÂMERAS/CIDADES JPA asai Eara 00:16 01:25 01:41 mcri

005 ESTUD ABERTURA/BLOCO 1 - CG JPA ADEF Eara 00:09 00:00 00:09 mcri

006 VT INCENDIO/FABRICA DE VELAS CGE DHEL Eara 00:11 01:05 01:16 mcri

007 NOTA PE/INCENDIO JPA ADEF Eara 00:05 00:00 00:05 mcri

008 VT APREENSÃO/IBAMA + DIVISÃO CGE MWAD Eara 00:13 01:50 02:03 mcri

009 A DEF PASSAGEM 1 JPA ADEF Eara 00:12 00:08 00:20 mcri

05:06

010 VT ASSALTO/REMIGIO = CG CGE ADEF Eara 00:11 01:34 01:45 mcri

011 VT MINISTRO/INAUGURA = LAERTE JPA LCER Eara 00:10 01:32 01:42 mcri

012 STAND PMDB/ELEIÇÃO JPA Rneg Eara 00:11 01:04 01:15 mcri

013 A DEF PASSAGEM 2 JPA ADEF Eara 00:16 00:08 00:24 mcri

00:00

06:06

014 VIVO LINK/ATIVIDADE FISICA = NERISSA JPA nev Eara 00:19 02:10 02:29 mcri

015 VT RECEITA/OVO DE PASCOA RECHEADO CGE DHEL Eara 00:17 02:10 02:27 RMEL

016 VT CHAMADA/JH JPA ADEF Eara 00:00 00:50 00:50 RMEL

017 A DEF PASSAGEM 3 JPA ADEF Eara 00:12 00:08 00:20 mcri

11:37

018 VIVO LINK/MURILLO GAN = NERISSA JPA nev Eara 00:24 01:39 02:03 mcri

019 VT M&D/JUNHAS PARTE 2 = EDILANE JPA Eara Eara 00:14 05:14 05:28 mcri

020 NOTAP PE/MODA JPA ADEF Eara 00:11 00:00 00:11 mcri

021 VT OPERA/APRESENTA JPA asai Eara 00:10 02:05 02:15 mcri

022 NOTA NOTA PE JPA ADEF Eara 00:08 00:00 00:08 mcri

023 A DEF ENCERRAMENTO + VT (IMAGENS) JPA CALB Eara 00:12 01:20 01:32 mcri

Ord Tipo Retranca Mun Rep Loc Cab VT Mat Fita Usu Apv Obs Imp Ok Id

VT CONDOMINIO CIDADÃO/AMPLIAÇÃO JPA Rneg Eara 00:00 00:00 00:00 RMEL

NOTA NOTA/ TURISTA/ VIOLENTADA JPA ADEF Eara 00:00 00:00 00:00 RMEL

NOTA APREENSÃO/DIRIGIDAS JPA ADEF Eara 00:21 00:00 00:21 RMEL

Usuário: R Melo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

**Espelho 47:** JPB 1ª Edição - 04/04/2009, versão exibida pela TV Cabo Branco (João Pessoa).

**Easynews - TV Cabo Branco**

Cadastros Consultas Espelho Correio Filiais Escala Acervo Oferta/Aproveitamento

**Espelho - JPB1LU**

Telefonal: 12 Data: 04/04/2009 Fade: 00:31:00 Tempo: 00:31:23 Diferença: 00:00:23 17:02:43

Ord Tipo Retranca Mun Rep Loc Cab VT Mat Fita Usu Apv Obs Imp Ok Id

07:55

001 ESCAL ESCALADA CGE ZDAV CSiq 00:33 00:20 00:53 lalv

002 VT ASSALTO/ POSTO = NERISSA JPA nev spau 00:16 01:08 01:24 lalv

003 NOTA NOTA PE/ASSALTO JPA ADEF spau 00:10 00:00 00:10 lalv

004 VT CÂMERAS/CIDADES JPA asai spau 00:15 01:25 01:40 lalv

005 ESTUD ABERTURA/BLOCO 1 - CG JPA ADEF spau 00:09 00:00 00:09 spau

006 VT INCENDIO/FABRICA DE VELAS CGE DHEL spau 00:11 01:05 01:16 spau

008 ESTUD PE/INCENDIO JPA ADEF spau 00:05 00:00 00:05 lalv

007 VT APREENSÃO/IBAMA + DIVISÃO CGE MWAD spau 00:13 01:50 02:03 spau

009 NOTA PASSAGEM 1 (MINISTRO INAUGURA) CGE ZDAV CSiq 00:15 00:00 00:15 spau

03:33

010 VT PROBLEMAS/ESTACIONAMENTO (JPB2) CGE ADEF spau 00:14 01:21 01:35 spau

011 VT MINISTRO/INAUGURA = LAERTE JPA LCER spau 00:10 01:32 01:42 spau

013 NOTA PASSAGEM 2 (AO VIVO) CGE ZDAV CSiq 00:16 00:00 00:16 JOLI

07:19

012 STAND PMDB/ELEIÇÃO CGE Rneg spau 00:11 01:04 01:15 lalv

014 VT RECEITA/OVO DE PASCOA + VINH. 50M PB CGE DHEL spau 00:17 02:18 02:35 spau

015 VIVO VIVO - AFRODITE (1) CGE ADEF spau 00:14 03:00 03:14 JOLI

017 NOTA PASSAGEM 3 (MODA E DESIGN) CGE ZDAV CSiq 00:15 00:00 00:15 spau

12:36

018 VT OPERA/APRESENTA JPA asai spau 00:11 02:05 02:16 spau

019 VT M&D/JUNHAS PARTE 2 = EDILANE JPA Eara spau 00:14 05:14 05:28 spau

020 NOTAP PE/MODA JPA ADEF spau 00:11 00:00 00:11 spau

021 VIVO VIVO - AFRODITE (2) CGE ADEF spau 00:06 03:00 03:06 JOLI

022 A DEF ENCERRAMENTO + VT (IMAGENS) JPA CALB spau 00:15 01:20 01:35 spau

Ord Tipo Retranca Mun Rep Loc Cab VT Mat Fita Usu Apv Obs Imp Ok Id

016 VT CHAMADA/JH CGE ADEF spau 00:05 00:50 00:55 lalv

VT PLANTAS/APARTAMENTO CGE MSOa spau 00:00 02:14 02:14 lalv

012 STAND PMDB/ELEIÇÃO CGE Rneg spau 00:00 00:30 00:30 lalv

ESTUD CHAMADA/JPB 1ª EDIÇÃO - A CGE spau CSiq 00:38 00:00 00:38 spau

Ins | Sh Ins | Ctl Ins | F2 Move | Sh F2 Busca | F5 Cai | F6 Pautas | Alt F8 Marca | F8 Imp | Sh F8 Capa | F9 Ok | F10 Tempo | F11 Checa

Usuário: R Melo Easynews Mensagem:

Iniciar Easynews - TV Cabo B...

**Espelho 48:** JPB 1ª Edição - 04/04/2009, versão exibida pela TV Paraíba (Campina Grande).

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)